

Casa de Oswaldo Cruz - FIOCRUZ
Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde

RODRIGO RAMOS LIMA

**“TERRA DE NINGUÉM OU A TERRA DE TODO MUNDO”?:
A OPOTERAPIA COMO RECOMENDAÇÃO PARA O TRATAMENTO DE
HOMOSSEXUAIS DETIDOS NO LABORATÓRIO DE ANTROPOLOGIA CRIMINAL DO
RIO DE JANEIRO
(1931-1951)**

Rio de Janeiro
2016

RODRIGO RAMOS LIMA

**“TERRA DE NINGUÉM OU A TERRA DE TODO MUNDO”?:
A OPOTERAPIA COMO RECOMENDAÇÃO PARA O TRATAMENTO DE
HOMOSSEXUAIS DETIDOS NO LABORATÓRIO DE ANTROPOLOGIA CRIMINAL DO
RIO DE JANEIRO
(1931-1951)**

Dissertação de mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre. Área de Concentração: História das Ciências.

Orientador: Prof. Dra.
Cristiana Facchinetti

Rio de Janeiro
2016

RODRIGO RAMOS LIMA

**“TERRA DE NINGUÉM OU A TERRA DE TODO MUNDO”?:
A OPOTERAPIA COMO RECOMENDAÇÃO PARA O TRATAMENTO DE
HOMOSSEXUAIS DETIDOS NO LABORATÓRIO DE ANTROPOLOGIA CRIMINAL DO
RIO DE JANEIRO
(1931-1951)**

Dissertação de mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre. Área de Concentração: História das Ciências.

BANCA EXAMINADORA

Prof. .Dra. Cristiana Facchinetti- Orientadora
(Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz)

Prof. Dr Flavio Edler
(Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz)

Prof. Dr. Diego Galeano
(Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura -Puc-Rio)

Suplentes:

Prof. Dr. Gilberto Hochman
(Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz)

Prof. Dr. Luis Ferla
(Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de São Paulo –Unifesp)

Rio de Janeiro
2016

L732t Lima, Rodrigo Ramos.
“Terra de ninguém ou a terra de todo mundo”?: a opoterapia como recomendação para o tratamento de homossexuais detidos no Laboratório de Antropologia Criminal do Rio de Janeiro (1931-1951) / Rodrigo Ramos Lima. – Rio de Janeiro: s.n., 2016.

213 f.

Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, 2016.

1. Gênero 2. Homossexualidade. 3. Hormônios. 4. Eugenia. 5. Opoterapia.

CDD 305.3

Dedico esse trabalho a todos (as) (es) que lutam contra os crimes de transfobia, homofobia, lesbofobia e bifobia.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a FIOCRUZ, em especial ao PPGHCS pela oportunidade concedida para que esse projeto fosse realizado. Por isso, agradeço imensamente ao estímulo recebido por parte de toda a equipe da secretaria acadêmica, como Sandro Hilário, Maria Cláudia, Cris Deivyson e Paulo Chagas. Igualmente me sinto honrado em ter recebido o suporte e motivação, por parte do grupo de funcionários alocados na Biblioteca da Casa de Oswaldo Cruz, sobretudo a Eliane Dias, Manoel Barata, Aline, Carlos, Adriane e por durante esses dois anos, terem tido paciência com minhas solicitações inúmeras;

Expresso aqui meus sentimentos de agradecimentos a orientadora desse projeto, a professora Dra Cristiana Facchinetti pela adesão ao projeto inicial da pesquisa, bem como as valiosas contribuições teóricas, metodológicas e edições para o desenvolvimento da pesquisa;

Aos membros da banca de qualificação, Ana Teresa Venâncio e Flávio Coelho Edler pela leitura cuidadosa e sugestões fornecidas;

A Eny, Olga Sofia e Vitor do Núcleo de Documentação e Acervo do Instituto Butantan e Laboratório de História da Ciência, pela disponibilidade e gentileza com o auxílio de fontes primárias, bem como ao Gustavo Tarelow da Biblioteca da Usp;

Ao professor Diego Galeano pelo diálogo e textos indicados;

Aos professores André Felipe, Dilene Nascimento, Dominichi Miranda, Magali Romero, Gilberto Hochman, Simone Kropf, Kaori Kodama, Lorelai Kury e Tamara Rangel pelas disciplinas fornecidas e que foram deveras vitais para a minha iniciação nos estudos em história das ciências e da saúde pública. Estendo meu votos de agradecimento ao professor Marcos Chor Maio por me alertar para o fato de não deixar que o presente trabalho fosse uma hagiografia de Leonídio Ribeiro;

Igualmente contribuíram as professoras Sandra Caponi e Têmis Gomes Parente, pelas sugestões concedidas à pesquisa, por ocasião do 14º Seminário Internacional de História das Ciências e da Tecnologia e do XVIII Simpósio Nacional de História da ANPUH;

A professora Maria Rachel Fróes da Fonseca por proporcionar memoráveis comunicações, através do Encontro às Quintas, onde pude assistir debates com pesquisadores como Kapil Raj, Alexandra Mirna Stern, Henrique Carneiro, Thimoty Leary, dentre tantos outros cientistas;

Ao professor Robert Wegner pela organização do curso de Eugenia, oferecido pela Casa de Oswaldo Cruz e que contou com a participação de nomes como Ana Carolina Vimieiro Gomes, Alexandra Stern, Jerry D'Avila, cujas discussões ali desenvolvidas vieram fortalecer ainda mais a presente investigação;

Agradeço a bibliotecária Georgina Gentil, da Biblioteca de Ciências Biomédicas do ICICT – Fiocruz;

Agradeço também a equipe de funcionários da Biblioteca de Ciências Biomédicas de Manguinhos pela atenção e gentileza durante a consulta de acervo de fontes;

Aos professores que me ensinaram a amar a ciência de Clio, Fernanda Polshuck, Eduardo Mistura, Cristiane Laidler, Gelsom Rozentino, Luis Resnik, Fernanda Martins, Célia Tavares, Daniela Calainho e Maria Letícia;

Agradeço aos meus amigos por compartilharem comigo dos melhores sentimentos de motivação, carinho e momentos memoráveis, durante esse período de solidão e imersão no mundo da pesquisa e escrita, sem os quais, esse trabalho não teria o ar de persistência e luta aguerrida: a todos do Diversitas UFF, em especial, Vinicius Coelho, Jonathan Mendes, Joubert Assumpção, Claudio Muniz, Victor Quintas, Tammy Maria, Raphaela Costa, muito obrigado por me ensinarem a lutar pela existência da diversidade e o poder da noção

de coletivo;

Esse agradecimento também estende-se aos amigxs que conheci através do ENUDSG, onde pude consolidar as pretensões de pesquisa aqui esboçadas e pude ensejar trocas intelectuais mais do que estimulantes, entre as quais destaco o apoio recebido por Stephanie Santana, Dário Neto, Rodrigo Reduzino e Márcio Caetano;

Agradeço imensamente a Jonathan Mendes pela leitura e revisão dos escritos iniciais;

A Denis Jogas pelos conselhos de amigo em horas de desespero com o rumo da pesquisa;

A Maurício Becerra e o compartilhar imigrante;

A Erika Carvalho, muito obrigado pela ajuda no início dessa etapa;

A Camilla Menegardo, Sheila Cruz, Bruna Camargo, Vivian Barria, Stephanie Santana, Jefferson Espíndola, Jorge Santana, Diego Dezidério, Barbara Tainan, Gilberto Gaertner, Cristiana Veloso, Bruno César, Amanda Índia, Leonardo Fontainha, Maria Lúcia Pucú, Aline Bittencourt, Gustavo Dirk, André Queiroz, Clara Luz do Sol e Raquel Pontes;

A Mãe Márcia D'Oxum por me conceder a benção, carinho e incentivos que lembram as cantigas de tempos antigos; A minhas irmãs e irmãos de *illo tempore* compartilhados, em especial a Adelaine Neves por ser a companheira de momentos de alegrias, lutas e juventude. Aos meus irmãos Carlos André, Breno Santos, Mariza, Wellington, Cláudio, Guacira, Arethuza, Valéria, Camila, Celina, Zilvan, Marcos, Camila, Raoni, Pâmela, Amendoim. E a Rádio Axé, Alan, Nicole, Diego, Patrícia, Flávia, Ricardo, Awrá;

As companheiras (os) de turma, cujo apoio, amizades e incentivos foram fundamentais: Josie, Larissa, Mariana, Gisele, Rachel, Lissandra, Maria Cecília, Aline, Leandro, Daniel, Otto, Pedro, Anderson, Luiz e Roberto;

A Renilson Beraldo, amigo que o universo me concedeu e que com uma paciência infinitesimal ouviu meus pensamentos e tornou-se um companheiro de cafés e discussões históricas memoráveis;

A Rodrigo Maia pelos cafés, debates e por compartilhar sua biblioteca comigo;

Tadeu Ribeiro e Éric Bruno, obrigado pela ajuda nas traduções;

A Érico Muniz, pelos conselhos, auxílios e fraternidade;

A Alcidesio de Oliveira Júnior, pelos diálogos, sugestões e fornecimento de fontes primárias valiosas;

A Tatiana Moreira por me motivar e dividir, algumas vezes, sua escrivania;

A minha irmã Franciele Ramos, muito obrigado pelo suporte, cuidados e incentivos ;

Ao meu sobrinho Luiz Gustavo e meu irmão Luiz Fernando, razões do meu despertar;

Ao meu Pai Luiz Carlos por ser aquele que me ensinou a refletir sobre a importância do conhecimento e na busca por novos horizontes;

A minha mãe Ivete Ramos pelo carinho, atenção e por me apoiar na pesquisa;

Aos meus familiares como um todo, muito obrigado pelo incentivo de sempre!!!;

A CAPES pela bolsa fornecida durante esses dois anos;

A você que deseja ler esse estudo, Gratidão!!!

Tudo se desarticulava, sombrio pessimismo anuviava as almas, tínhamos a impressão de viver numa bárbara colônia alemã. Pior: numa colônia italiana. Mussolini era um grande homem, e escritores nacionais celebravam nas folhas as virtudes do óleo de rícino. A literatura fugia da terra, andava num ambiente de sonho e loucura, convencional, copiava figurinos estranhos, exibia mamulengos que os leitores recebiam com bocejos e indivíduos sagazes elogiavam demais. O romance abandonava o palavrão, adquiria boas maneiras, tentava comover as datilógrafas e as mocinhas das casas de quatro mil e quatrocentos. Uma beatice exagerada queimava incenso defumando letras e artes corrompidas, e a crítica policial farejava quadros e poemas, entrava nas escolas, denunciava extremismos. Um professor era chamado à delegacia: — “Esse negócio de africanismo é conversa. O senhor quer inimizar os pretos com a autoridade constituída.” O Congresso apavorava-se, largava bambo as leis de arrocho – e vivíamos de fato numa ditadura sem freio. Esmorecida a resistência, dissolvidos os últimos comícios, mortos ou torturados operários e pequeno-burgueses comprometidos, escritores e jornalistas a desdizer-se, a gaguejar, todas as poltronices a inclinar-se para a direita, quase nada poderíamos fazer perdidos na multidão de carneiros.

(Graciliano Ramos – *Memórias do Cárcere*)

RESUMO

A investigação tratou das controvérsias em torno da opoterapia, terapêutica recomendada ao tratamento endocrinológico de pessoas homossexuais. Neste trabalho analisamos as prisões de 195 homossexuais, detidos, por volta de 1930, nas dependências do Laboratório de Antropologia Criminal, anexo ao Instituto de Identificação da Polícia Civil do Rio de Janeiro. Tais presos, identificados como “pederastas passivos” foram colocados à disposição do médico legista Dr. Leonídio Ribeiro (1893-1976), então Diretor do Instituto, entre 1931 e 1946. Para a exploração do tema, abordamos as técnicas de identificação disponíveis, entre fins do século XIX e primeiras décadas do século XX, bem como procuramos entender a utilização de saberes biomédicos que subsidiaram diferentes mutações do olhar médico em relação aos corpos, conformando-os sob a perspectiva de teses biodeterministas, como a biotipologia, então em voga. Além destes, a obra de Leonídio – *Homossexualismo e Endocrinologia* (1938) – foi analisada numa perspectiva crítica, mormente quando colocada em contato com as querelas endereçadas à prática da opoterapia e da eugenia, acompanhando as principais diretrizes teóricas que alimentaram o debate em torno dos usos da endocrinologia para fins criminais. Através da busca de embates teóricos, nessas condições históricas, acompanhamos o fluxo das idéias do professor Thales Martins (1876-1979), no rol das discussões dos usos da opoterapia, por meio de seu tratado *Glândulas Sexuais e Hipófise Anterior* (1936) e artigos publicados nos *Arquivos Brasileiros de Endocrinologia* (1951), com fins de expor argumentos em conflito com os simpatizantes da endocrinologia.

ABSTRACT

The present research investigates the controversies around the ootherapy, therapeutic recommended to endocrinological medical treatment of homosexual people. We analysed the case of 195 homosexuals arrested by the year 1930s in the Forensic Anthropology Laboratory of the Civil Police of Rio de Janeiro. Identified as “bottom pederasts”, they were in charge of forensic physician Dr. Leonidio Ribeiro (1893-1976), the institute manager from 1931 to 1946. Therefore, we studied the identification techniques available in the late XIXth and the early XXth centuries to examine the use of biomedical knowledges that subsidized different changes of the concept of bodies, shaping them to bio-determinist theories, such as “biotipology”. Besides that, I insert the revisited source – *Homossexualism and Endocrinology* (1938) – in a critical perspective, especially when connected with the critics to the practice of ootherapy and eugenics. Searching for the main theories guidelines that put some attention, to understand the use of endocrinology for criminological purposes. Throught the theoretical conflicts, in the historical conditions, we follow the flow of ideas by Thales Martins (1896-1979, teacher endocrinologist, in the path of discussion about the use of ootherapy, by means of his treaty *Glândulas Sexuais e Hipófise Anterior* (1936) and some articled published in the *Brazilian Endocrinology Archives* (1951), which allowed us show arguments in conflict with the figures interested in the theme of ootherapy and in the theoretical clash with the supporters of endocriminology.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura I- Emprego da Bertillonage p.38.

Figura II- Captura de digitais através do método datiloscópico p.41.

Figura III- Galos observados após experimentos com enxertos p.200.

Figura IV- Pederastas passivos detidos no Instituto de Identificação da Polícia Civil do Rio de Janeiro p.188-191.

Figuras V- A opoterapia que a imprensa comunica- p.192-194.

Figura VI- Luzardo, Ribeiro e pares- p.198

Figura VII- Voronoff na imprensa- p.195.

Figura VII- José Ribeiro do Valle e Thales César de Pádua Martins. p.199.

LISTA DE SIGLAS

AMLI – Arquivos de Medicina Legal e Identificação

MIOC – Memórias do Instituto Oswaldo Cruz

MIB- Memórias do Instituto Butantan

IIPCVRJ- Instituto de Identificação da Polícia Civil do Rio de Janeiro

LAC- Laboratório de Antropologia Criminal

SFF- Seção de Fisiologia e Farmacodinâmica

SUMÁRIO

Capítulo	Subitem		Página
		Introdução	1
I.	-	Rumo a “Polícia científica”: A Institucionalização da Medicina Legal Brasileira	31
	1.1	A medicina legal em terras brasileiras	32
	1.2.	O mal-estar que a civilização causa: Da urgência dos sistemas de identificação e das redes transnacionais em ação	34
	1.3.	Da Identificação e suas articulações com a criminologia positivista	42
	1.4.	Cada corpo, um temperamento: a biotipologia elaborando padrões	54
	1.5	Isso é Eugenia: etimologia, considerações históricas e políticas públicas	60
II.	-	Órgãos, glândulas e tecidos animais: A opoterapia como objeto de investigação	69
	2.1.	Pistas iniciais sobre a opoterapia	72
	2.2.	Testando os componentes: Dos órgãos e suas atividades internas	76
	2.3.	Sexo determinado, Sexo diferenciado: A ambivalência dos hormônios sexuais	84
	2.4.	Da funcionalidade dos hormônios	93
	2.5.	Enxertos e implantações: Conflitos em torno de Sécquard	100
III.	-	Leonídio contra-ataca: controvérsias em torno da opoterapia	112
	3.1.	Entre Maraño e Leonídio: apropriações em curso	117
	3.2.	Do crime à doença- Leonídio e a defesa da patologização da homossexualidade	128
	3.3.	A ameaça do biótipo homossexual	137
	3.4.	O espaço de fala dos detidos: precauções, vestígios e lacunas	148
	3.5.	“ Tratamento Médico-Pedagógico”: a opoterapia como recomendação terapêutica	156
	-	Considerações finais	166
	-	Referências Bibliográficas	178
	-	Anexo de Imagens	188

INTRODUÇÃO

A discriminação contra lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros (LGBT) não surgiu durante a ditadura. Suas origens remontam a períodos muito anteriores da história brasileira. A homofobia esteve sempre embutida em diversas esferas e manifestações da cultura em nosso país: nos discursos médico-legais, que consideravam a homossexualidade uma doença; nos discursos religiosos, que condenavam o ato homossexual como pecado; em visões criminológicas conservadoras, que tratavam homossexuais como um perigo social, e em valores tradicionais que desqualificavam e estigmatizavam pessoas que não se comportavam de acordo com os padrões de gênero prevalentes, sendo vistas como anormais, instáveis e degeneradas, caracterizando a homossexualidade como um atentado contra a família¹

Desde 2011 venho me dedicando ao aprendizado com uma militância que luta em prol da causa LGBTTi. Faço parte de um coletivo universitário de identidade de gênero e diversidade sexual chamado *Diversitas*, que se reúne na Universidade Federal Fluminense (RJ). Ao interesse político agregou-se o interesse teórico e histórico sobre o tema, levando-me a novas investigações sobre sexualidade, debates sobre a despatologização das transexualidades, teoria *queer* e Direitos Humanos. Em especial, a obra do ex-militante e jornalista João Silvério Trevisan² abriu um leque variado de nomes relacionados à história homoerótica brasileira. Entre esses, o nome do Dr. Leonídio Ribeiro³ chamou-me atenção, tanto por sua produção científica multifacetada quanto pelo seu reconhecimento internacional (como se sabe, ele foi premiado com o prêmio Lombroso de pesquisa pelos trabalhos realizados no Gabinete do Instituto de Identificação da Polícia Civil em 1933).⁴ Ingressei no PPGHCS com um pré-projeto que propunha a análise da homossexualidade na obra de Leonídio Ribeiro. Ao longo do ano, com apoio das novas leituras advindas das disciplinas, assim como o acesso às fontes e trocas com colegas e professores, reformulei alguns dos objetivos

¹GREEN, James; CÉSPEDES, Carlos Manuel; QUINALHA, Renan. Ditadura e Homossexualidades. BRASIL. Comissão Nacional da Verdade. *Textos temáticos*- Volume II, Brasília: CNV, 2014. p.300

² TREVISAN, João Silvério. *Devassos no Paraíso: A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2000.

³ Leonídio Ribeiro (1893-1976) graduou-se em Medicina em 1916 pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e foi professor da Faculdade Fluminense de Medicina e dos Institutos Franco e Luso Brasileiros de Alta Cultura. Lecionou também nas faculdades de Medicina e Direito do Rio de Janeiro. Esteve na direção do Instituto de Identificação da Polícia Civil do Rio de Janeiro de 1931 a 1946, notabilizou-se pelos trabalhos em relação aos menores infratores, quando do comando do Laboratório de Biologia Infantil (1935-1941), entre os anos de 1935-1938. Sobre a carreira de Leonídio Ribeiro, ver mais em CUNHA, Olívia M. G. Livros de memória do decifrador: medicina e crime nos estudos de Leonídio Ribeiro. In: Luiz Fernando Dias; Jane Russo; Ana Teresa A. Venancio (orgs.). *Psicologização no Brasil: atores e autores*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2005.

⁴ RIBEIRO, Leonídio. *Homossexualismo e Endocrinologia*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1938.

específicos elencados inicialmente e delimitarei de forma mais precisa o campo de investigação. Assim, o objeto dessa pesquisa está ancorado no estudo das controvérsias em torno da opoterapia, terapêutica indicada ao tratamento de homossexuais, a partir do estudo de caso das prisões de 195 homossexuais, qualificados como *pederastas passivos*, detidos nas dependências do Laboratório de Antropologia Criminal, anexo ao Instituto de Identificação da Polícia Civil do Rio de Janeiro, durante a década de 1930.

A história tem como espaço de enredo o Rio de Janeiro, capital cosmopolita que era, no período, grande propagadora de modelos científicos e culturais para o resto do país. O recorte inicial abarca a fundação do Laboratório de Antropologia Criminal no Instituto de Identificação da Polícia Civil do Rio de Janeiro, em 1931 sob a direção do médico legista Leonídio Ribeiro, e tem como término a publicação de “Evolução do conceito de hormônio e opoterapia - exame crítico da influência de Brown-Séguar. Trabalho pioneiro dos portugueses Bettencourt Rodrigues e Serrano” de autoria do endocrinologista Thales Martins, publicado nos *Arquivos Brasileiros de Endocrinologia e Metabologia* no ano de 1951.⁵

Alguns apontamentos devem ser esmiuçados, haja vista a diferença de escala temporal e institucional que delimita o recorte cronológico da pesquisa. A primeira diretriz que deve ser indicada, refere-se à durabilidade do Laboratório de Antropologia Criminal, cuja existência estendeu-se até os idos de 1946. Nesse caso, optei por ultrapassar a fronteira do ambiente policial, de modo a buscar relações com outros ambientes institucionais que me permitissem ampliar o leque de possibilidades investigativas no que diz respeito ao enquadramento de outros endocrinologistas e fisiologistas, mormente, aqueles interessados na formação de instituições e revistas especializadas, de modo a entendermos como se deu o processo de produção crítica ante a *endocrinologia*. Por isso, acreditei ser essencial dedicarmos atenção à formação de redes e produção de novas ferramentas discursivas que despontaram durante a década de 1950. Como veremos, trata-se de um período de considerável reformulação de horizontes de pesquisa científica para especialidades médicas, como a endocrinologia. Assim, o revisionismo lançado em torno da prática da opoterapia, -no período histórico aqui considerado-, pode ser fértil na medida em que nos permite observar a crítica endereçada aos usos da endocrinologia para fins criminológicos.

⁵ MARTINS, Thales. (1951) Evolução do conceito de hormônio e opoterapia - exame crítico da influência de Brown-Séguar. Trabalho pioneiro dos portugueses Bettencourt Rodrigues e Serrano. *Arquivos Brasileiros de Endocrinologia e Metabologia*, vol, 45, nº 5 (Suplemento 2), Novembro, 2001. Trabalho apresentado no I Congresso de História da Medicina em julho de 1951 e originalmente publicado em 1951, no mesmo periódico.

Devo enfatizar que a escolha em revisar tal obra e levar em consideração a atuação do Laboratório de Antropologia Criminal sob o prisma das controvérsias em torno da opoterapia, deve-se ao fato de que nesta encontramos a compilação dos estudos do médico legista frente ao tema das homossexualidades, bem como podemos constatar a inclusão de apêndices, imagens dos detidos e enigmas interessantes a reflexão histórica. Já o texto escrito pelo fisiologista Thales Martins, no início da década de 1950 nos permitiu interpretar a formação dos *Arquivos Brasileiros de Endocrinologia*, bem como da atenção dada à opoterapia por volta daquela época. Naquele momento, alguns endocrinologistas, começavam a defender abertamente suas oposições frente a endocrinologia com bases ligadas à criminologia, colocando. Nesse front, alguns preceitos da medicina experimental, foram enunciados no debate aqui analisado, como a exposição de temas, ainda controversos, tais como as repercussões da comunicação de Brown-Sécard de 1889, na Academia de Medicina de Paris, para o plano das produções de organoterápicos, bem como a questão da composição hormonal, das glândulas utilizadas para o tratamento opoterápico, quando das aplicações de enxertos e transplantes, em humanos, provenientes de órgãos entre diferentes espécies animais. Assim, buscaram, de alguma maneira, afastar-se da endocrinologia de cunho endo-comportamental das primeiras décadas do século XX.⁶ Assim, acompanhei o embate entre a endocrinologia experimental frente à medicina legal, com o fito de proporcionar novas possibilidades de interpretação sobre as faces da técnica opoterápica, com base no dilema entre as disciplinas em questão.

Para este fim, a pesquisa de fontes abarcou artigos inseridos nos *Arquivos de Medicina Legal e Identificação* (1931-1946)⁷, para permitir compreender como um programa utópico biodeterminista acerca da natureza sexual dos seres humanos se desdobrou em teorias, técnicas e tratamentos naquele espaço institucional, em sua pretensão de contribuir para questões políticas e sociais do período. Para não ficarmos presos à homogeneidade de pensamento de Leonidio e de seu

⁶ OLIVEIRA JÚNIOR, Alcidésio. *De monstros a Anormais: A construção da Endocrinologia Criminal no Brasil*, (1930 - 1950), Tese (Doutorado em História Cultural), UFSC, 2012.

⁷ Periódico oficial do Instituto Médico-Legal carioca – até 1918, denominado de *Arquivos de Identificação e Estatística* - e, posteriormente, publicação oficial do Instituto de Identificação da Polícia Civil do Rio de Janeiro, sob a direção e edição do médico legista, diretor do mesmo Instituto, o Dr. Leonídio Ribeiro, entre 1931 e 1946. A publicação dos trabalhos realizados no Gabinete da Instituição é fonte que contém muitas histórias. Nomeado como *Arquivos de Medicina Legal e Identificação*, durante a década de 30, foi o principal veículo difusor das teorias e práticas científicas da medicina legal do período, recebendo forte influência das noções lombrosianas, sendo igualmente, canal difusor de trabalhos científicos de criminologistas, identificadores e especialistas forenses, no cenário das produções latino-americanas sobre assuntos ligados a medicina legal, durante sua publicação. Para acompanhar outras discussões extraídas a partir desse interessante conjunto documental, ver mais em: SILVA, Renato da. O Laboratório de Biologia Infantil, 1935-1941: da medicina legal à assistência social. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.18, n.4, out-dez. 2011, p.1111-1130.

grupo, decidimos ampliar o quadro de fontes e de personagens para incluir também tratados médicos e publicações como a *Revista Brasileira de Criminologia*, as *Memórias do Instituto Butantan*, *Arquivos Brasileiros de Endocrinologia e Metabologia*. Tal decisão permitiu investigar outros atores de instituições diversas, como o Thales Martins, que criou o Instituto de Endocrinologia do Butantan em 1934 e realizou diversas pesquisas sobre hormônios sexuais, publicadas nos mais diversos periódicos científicos, como nas *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, *Memórias do Instituto Butantan* e nos *Arquivos Brasileiros de Endocrinologia e Metabologia*, na década de 50, sendo que nesse último Martins participou do corpo editorial da revista, em colaboração de outro membro fundador, Waldemar Berardinelli.⁸

Através da investigação, portanto, pretendeu-se contribuir para uma discussão historiográfica acerca do processo de patologização das homossexualidades que coloque em questão as tentativas de tratamento e cura dos cidadãos por meio da opoterapia na era Vargas. Considera-se que tal pesquisa poderá proporcionar novas informações sobre o processo de patologização das homossexualidades, assim como debates sobre as técnicas recomendadas ao tratamento médico destas populações, em tempos onde a eugenia dava o tom de tais indicações. Além disso, o estudo permite também compreender como se deu, no caso dos homossexuais, aquilo que Sandra Caponi⁹ denomina de psiquiatria ampliada, isto é, a constituição de novas estratégias de gestão das populações, rotuladas como anormais.

Com relação às reflexões teóricas que guiaram a pesquisa, no que diz respeito à categoria de *sexualidade* e de *gênero*, seguimos as reflexões de Foucault¹⁰ acerca da importância que a sexualidade ganha e de sua inflação nos discursos de *verdade* a partir do século XVIII; e as reflexões históricas fornecidas por Thomas Laqueur¹¹ sobre os sexos; com especial atenção para os discursos sobre os gêneros estudados em Fabíola Rohden¹², que considera a categoria de gênero como uma forma de organização sócio-histórica e política da diferença. Além dela, nos serviremos das instigantes reflexões de Oudshoorn¹³ sobre a história dos hormônios sexuais e das construções em torno da noção do *corpo natural*.

⁸ Waldemar Berardinelli (1903-1956), foi médico endocrinologista. Tendo escrito inúmeros trabalhos sobre Biotipologia Humana, também foi fundador dos *Arquivos Brasileiros de Endocrinologia e Metabologia* em 1951, e atuava no Instituto de Endocrinologia da Santa Casa de Misericórdia da cidade do Rio de Janeiro.

⁹ CAPONI, Sandra. *Loucos e degenerados: uma genealogia da psiquiatria ampliada*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2012.

¹⁰ FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1984.

¹¹ LAQUEUR, Thomas W. *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

¹² ROHDEN, Fabíola. *Uma ciência da diferença: sexo e gênero na medicina da mulher*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2009.

¹³ OUDSHOORN, Nelly. *Beyond the natural body: an archeology of sex hormones*. London, Routledge, 1995.

Já para a análise do processo de criminalização das doenças, bem como para pensar sua institucionalização como um processo plural e não linear, marcado por diferentes atores e discursos, temos como referência o trabalho de Luis Ferla, *Feios, sujos e malvados sob medida: a utopia médica do biodeterminismo*¹⁴, além da tese de Alcidésio de Oliveira Junior, *De monstros a anormais: a construção da endocrinologia criminal no Brasil (1930-1950)*.¹⁵ Nesses trabalhos encontramos exemplos bem delimitados de como o determinismo biológico tomou forma na primeira metade do século XX, bem como dos processos históricos envolvidos na criminalização/ patologização de condutas consideradas como desviantes do social. Sejam os homossexuais, os menores infratores ou os trabalhadores urbanos, o olhar médico pretendeu cotejá-los sob as mais diversas formas, ora criminalizando, ora descriminalizando o comportamento homossexual, para em seu lugar tratá-lo como patologia, colocando sob a *persona* do doente a marca identitária do desvio e da má conduta.

Em virtude dessa rota, ao falarmos de um tema que permeia as relações entre sexualidade e polícia requer leituras a respeito daquilo que Michel Foucault denominou como *dispositivo de sexualidade*.¹⁶ São notáveis as referências à sexualidade e ao gênero nos estudos realizados pelo filósofo francês, de uma maneira geral. Embora não tenha sido o único autor a se debruçar sobre a história do sexo e da sexualidade, Foucault trouxe para o campo a hipótese de que não haveria um discurso repressivo sobre o sexo a partir do século XVIII, como era comumente a máxima recontada pela história. Seu argumento é de que pelo contrário, o discurso passou a atravessar a superfície das relações sociais, de discursos peritos e especializados, que passaram a averiguar, colher informações, quantificar dados sobre o sexo e sua curva e frequência normais; com isto, estes saberes, a sua maneira, conceberiam novos conteúdos e empregariam sentido aos diferentes aparatos da sexualidade humana, assim como à normalidade sexual.

Para Foucault¹⁷, o mundo oitocentista presenciou uma multiplicação de discursos sobre o sexo acionados por instituições das mais diversas, como a família, a igreja, o hospital e a escola, que passaram a se imiscuir em aspectos desde os mais minimalistas do comportamento dos indivíduos até a gestão das populações. Em meio a este processo, o autor acrescenta que alguns saberes passaram a ter voz privilegiada para acionar discursos sobre o sexo, com um vocabulário especialista, científico, autorizado, ao mesmo tempo em que criou uma faixa de silêncio, um terreno

¹⁴FERLA, Feios, sujos e malvados. *op.cit.*, 2009.

¹⁵OLIVEIRA JÚNIOR, Alcidésio. De monstros a anormais. *op.cit.*, 2012.

¹⁶FOUCAULT, História da sexualidade I, *op. cit.*, 1984, p:84..

¹⁷ Ibidem, 1984, p.85

inóspito entre educadores e alunos, pais e filhos; nesse percurso, certos saberes se construíram como especializados em criar discursos eruditos sobre o tema, como a pedagogia, a psiquiatria e a medicina. Para fins da nossa pesquisa, a leitura de Foucault sobre a sexualidade e sua articulação aos saberes especializados permitiu-nos estender o olhar para a constituição da endocrinologia no Brasil que, articulada ao laboratório de antropologia criminal, construiu teorias e acionou práticas em torno de uma terapêutica em prol da normalidade.

Outro texto desse autor, *Segurança, território e população*¹⁸ acrescentou mais elementos importantes para esta pesquisa, a saber: em primeiro lugar, Foucault nos permitiu compreender as relações estabelecidas entre o aspecto microfísico e a arena macrofísica, isto é, a articulação entre aquele poder disciplinar que criou uma anatomopolítica dos corpos humanos e a constituição do *biopoder*, ou as diferentes formas de mensuração e regulação das populações, e dos dispositivos de segurança social. O referencial teórico colaborou com a pesquisa na medida em que permitiu-nos pensar de maneira mais ampla a tentativa de cura de pederastas detidos pela polícia como um processo de disciplina de corpos que serviu, ao mesmo tempo, como parte de um processo de gestão da população e da constituição de uma cidadania *plenamente saudável*.

Imersos numa modernidade às avessas, os monstros passaram a ser revistos pelo olhar científico na tomada de discursos sobre o *anormal* em torno de saberes peritos como a medicina legal, a endocrinologia, a criminalística, bem como de seus espaços de experimentações clínicas. Essa perspectiva permitiu perceber que a política de gênero afeta dados e sentidos, impantando, por conseguinte, a leitura dos dados clínicos e laboratoriais disponíveis aos médicos e em sua produção de conhecimento como um todo. Assim, eles nos interessam na medida em que nos auxiliaram a colocar em evidência os lugares sociais nos quais as categorias de gênero estavam dispostas e nos auxiliaram a perceber construções de modelos, de normas e do ato daquilo que se construiu historicamente como natureza do sexo ou dos sexos. Mais especificamente, permitiram-nos entrever os sentidos dados aos hormônios *sexuais* e os sentidos atribuídos a técnica, como a opoterapia, recomendadas para o tratamento dos *pederastas passivos* detidos, fichados e selecionados para experimentos biotipológicos, pela polícia do Distrito Federal, tal como os atores da época os descreviam. Acreditamos que as discussões acerca dos papéis atribuídos aos sexos e colocadas em exame histórico por Laqueur (2001) e Rohden (2009) colaboram para pensarmos o corpo e a sexualidade enquanto constructos fundados socialmente e que variam temporal e espacialmente.

¹⁸ FOUCAULT, M. *Segurança, território e população*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

Nessa arte de governar pautada por critérios biológicos, a história das glândulas tornou-se fundamental para observarmos como a endocrinologia rodeou-se de especialistas das funções sexuais em seu dinamismo fisiológico e reprodutor. Além disso, é vital estarmos atentos sobre a contribuição dos estudos feministas frente a discussões sobre a construção social dos gêneros e da idéia de naturezas ontológicas que acompanham esse percurso. Essa longa narrativa tem como enredo central o tema da diferenciação e formação das gônadas, tal é o caso do *gonochorismo*, ou seja, a dissociação dos elementos genitais e a formação de glândulas específicas, como os ovários e os testículos. Por esse roteiro, acompanha-se a formação de tecidos diferenciados e visíveis a partir de sinais anatômicos, como os *caracteres secundários sexuais*. Subjacente a essa explicação sumária, reside um amplo conjunto de construções discursivas, cujo tom da fala é quase sempre o de impor regras sociais para os aspectos morfológicos e anatômicos corporais, esquecendo a dimensão explicativa fornecida pelos estudos sobre as questões de gêneros, alertando que estes não são gonadais, pelo contrário, o holismo do gênero e da sexualidade não se baseiam, exclusivamente, em elementos genitais.

Durante a segunda onda feminista, ocorrida durante a década de 1970, o corpo feminino recebeu investigações nos estudos de história das ciências biomédicas. Decerto que a endocrinologia, com seus postulados, mereceu revisão especial por parte de biólogas feministas. Conforme sugere Oudshoorn¹⁹, as feministas foram responsáveis por elaborar um plano de proposições que atacavam diretamente concepções biodeterministas, nas quais as assimetrias sociais entre os gêneros deveriam ser explicadas sob a ótica das diferenças sexuais biológicas. Negaram, enfaticamente, a biologia como destino e simplesmente não aceitaram as atribuições dadas às mulheres pela perspectiva behaviorista.

Naquele momento, as atenções investigativas dos estudos feministas estiveram voltadas para a maneira como as ciências sociais poderiam apontar as estruturas da sociedade que auxiliam a moldar as visões de gênero. Destaca-se nesse período, o trabalho da socióloga britânica Aan Oakley, em seu *Sex, Gender and Society* (1972), onde a autora enfatiza a distinção entre as diferenças sexuais adquiridas de um lado e, de outro, a atribuição de gênero que se faz com a socialização. Os antropólogos, por seu turno, realizaram descrições acerca das estruturas sociais e culturais nas quais mulheres eram excluídas de certos papéis sociais e como algumas qualidades foram construídas como essencialmente do tipo masculino. Assim, o termo *gênero*, desde então, tem sido utilizado para fazer referência a todo conjunto de construções sociais adquiridas e

¹⁹ OUDSHOORN, Nelly. *Beyond the natural body: an archeology of sex hormones*. London, Routledge, 1995. p.1-2.

arquitetadas, enquanto condição psicológica específica e características de comportamento próprias, emolduradas a partir de saberes intencionados.²⁰

O argumento de Oudshoorn é que a distinção de sexo-gênero não desafiou a concepção do corpo natural. Para a autora, a introdução da divisão entre sexo e gênero empreendida pelas feministas acabou por reproduzir a polaridade entre as ciências sociais e o saber biomédico, estando, nesse caso, o estudo do sexo reservado ao domínio da biologia e, por outro lado, dos estudos de gênero ligados as ciências sociais. Assim, as feministas não teriam questionado, em suas teorias sobre a socialização dos papéis de gênero, as concepções do corpo natural tal como ensejadas pelos saberes biomédicos, e como estes socializaram as noções de ser “mulher”. Assim, “nos estudos dos conceitos o sexo manteve-se em seu status como atributo a-histórico do corpo humano e o corpo restava excluído da análise feminista”.²¹

As mudanças em relação à concepção do corpo enquanto objeto histórico foram conduzidas durante a década de 1980. Coube às historiadoras incluir o corpo feminino na agenda de pesquisa feminista e, desde então, o corpo deixou de ser uma categoria fixa, para assumir uma posição de canal de mudanças históricas e culturais durante os séculos. Em que pese as significativas proposições formuladas por antropólogos e historiadores, estes não teriam realizado críticas ante as concepções dos “fatos biológicos”. Posteriormente, conforme aponta Oudshoorn, biólogas feministas e historiadores das ciências não hesitaram em demonstrar as construções sociais e históricas, que arquitetam o mito do corpo natural, dos corpos e suas naturezas.²² Para a bióloga, nossas interpretações e percepções do corpo são mediadas pela linguagem e, em nossa sociedade, as ciências biomédicas cumprem a função de serem as maiores provedoras do conteúdo lingüístico que carregamos sobre o tema. Nesse caso, a visão do corpo que guia a autora, está intimamente ligada a um esforço em realizar críticas à visão postulada pelos saberes biomédicos. Ora, se entendemos os corpos a partir da mediação lingüística, podemos considerar que os cientistas habitam e são formados pelos mesmos conteúdos lingüísticos, advertindo que devemos levar em consideração as devidas proporções históricas e espaciais que separam e delimitam o tempo de outrora, com nossas auroras. Por conseguinte, para Oudshoorn, devemos ter em mente que o conhecimento objetivo do que seria a verdadeira natureza do corpo fornecido pelas ciências biomédicas, deve, com prudência, ser questionado.²³

²⁰ Ibidem, p. 2.

²¹ Ibidem, p.3.

²² Ibidem.p.4

²³ Idem.

Esta orientação foi formulada tendo em vista as análises realizadas pelos estudos sociais das ciências, que exibem os fatos sociais científicos enquanto resultado de criações coletivas. Com efeito, as implicações desta perspectiva chamam a atenção para o fato de que os cientistas estão constantemente construindo realidades e, por isso, não estão descobrindo a realidade. Isso implica dizer que a realidade do corpo, enquanto dado ontológico e natural, não existe *per se*, mas é resultado da criação de cientistas que o colocam como objeto de suas investigações científicas. Nessa perspectiva construtivista, um amplo rol de estudos se abre e possibilita visualizar os saberes biomédicos enquanto tecnologias discursivas que reconstróem e refletem nosso entendimento sobre o corpo humano. A construção em torno do que deve ser considerado como *corpo natural*, passa a ser, desde então, uma preocupação vital da agenda de pesquisa feminista.²⁴

Nessa mesma perspectiva, Pestre²⁵ observa que tratava-se de construir uma explicação para a produção do conhecimento científico, de modo a unir o seu lado cosmológico com o social, visto que as produções científicas deveriam ser tratadas como qualquer outro tipo de produto humano. Segundo o autor, devemos reter algumas observações necessárias em relação a esta tradição historiográfica. A primeira delas credita a este eixo de análise sua forma estática, já que toma os “esquemas conceituais “ e “as práticas dos intelectuais” como elementos que estão referidos a um dado contexto ou “grupo social dos quais pensa oferecer uma caracterização não problemática”. Em segundo plano, leva em consideração a “noção de interesse”, seja ele social, político ou econômico dos grupos que empreendem sua explicação.

Nesse sentido, a década de 1980 foi palco de análises que se dedicaram a indicar as narrativas biomédicas responsáveis por tomar a fragmentação dos corpos como dado investigativo para corroborar os pressupostos da fisiologia. Oudshoorn (1995) aponta para a transformação da anatomia durante o século XVIII, onde as práticas de dissecação dos corpos em seus pormenores, veio proporcionar o acesso a órgãos para o cadastro de nomeações e classificações. Já durante o século XX, a pesquisa médica foi em busca do que estaria além dos órgãos, isto é, esmerou-se em examinar formações histológicas, bem como a biologia molecular, a bioquímica, a endocrinologia e a neurobiologia, focando suas lentes sobre as células, tecidos, micro-organismos, hormônios e neuro-transmissores.²⁶ Outrossim, graças às técnicas de transplantação e tecnologias de reprodução,

²⁴Ibidem.p.4

²⁵PESTRE, Dominique. Por uma nova história social e cultural das ciências: novas definições, novos objetos, novas abordagens. *Cadernos IG/Unicamp*, 6 (1), 1996, p. 9

²⁶ Com o advento das técnicas de investigação dos pormenores do corpo humano foi possível visualizar e vislumbrar segredos do corpo, legando para os saberes da anatomia uma margem de atuação significativa nesse empreendimento. Ressaltamos, para ilustrar esse argumento, o estudo das controvérsias acerca das técnicas de vivisseção. Sobre isso, ver

partes de nossos corpos, como os corações, olhos, tecidos, testículos e esperma, e mesmo embriões, passaram a ser transferidos para outras pessoas, podendo, ainda que de forma limitada, vale frisar – não esqueçamos aqui da possibilidade de rejeição crônica do organismo ante ao órgão transplantado – serem usadas para recuperar a saúde de outras pessoas.

Com a perscrutação minimalista dos corpos humanos, emergem conteúdos e metáforas que associam o comportamento biológico a realidade social em que está inserido:

Médicos costumavam ver particularmente aptos a descrever processos corporais em termos de modos econômicos de pensar. Metáforas refletindo a específica organização econômica da sociedade foi abundante nas representações médicas do corpo. No século XIX, por exemplo, o corpo era descrito como a uma pequena empresa tentando gastar, salvar ou balancear suas contas, espelhando assim os valores recentes do capitalismo. Gastando-salvando foram as metáforas que dominaram as descrições dos processos fisiológicos e das doenças.²⁷

O corpo metaforizado pelos saberes biomédicos passa a receber adjetivos sociais. Para Oudshoorn, durante a década de 1950, os corpos tornam-se sistemas de comunicação tecnológica complexos, onde campos como o da endocrinologia, imunologia e neurociências descrevem as relações estabelecidas entre os órgãos, por meio de estruturas químicas como os hormônios e os neuro-transmissores. Ademais, tais metáforas recebem valores e virtudes, como é o caso da menstruação, metaforizada, como uma falência da produção do organismo. Nas homossexualidades, o apontado desequilíbrio do funcionamento das gônadas, serviu como incentivo a produção de estudos e técnicas de correção de *caracteres sexuais secundários* destoantes, de um padrão de corpo correlacionado com o bom funcionamento de glândulas situadas. Em resumo, os estudos feministas sobre as ciências biomédicas têm ampliado nossa compreensão de como as tecnologias médicas podem forjar a maneira como consideramos nossos corpos.²⁸

Nesse sentido, é importante trazermos as reflexões de Thomas Laqueur²⁹ sobre a construção social dos sexos. Para o autor, podemos observar nos textos médicos gregos, desde os tempos

CARVALHO, André Luis de Lima. *Além dos confins do homem: Frances Power Cobbe contra o darwinismo na controvérsia sobre a vivisseção no Reino Unido (1863-1904)*. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro, 2010.

²⁷ Oudshoorn, Nelly. Beyond the natural body, *op.cit*, p.5

²⁸ Algumas destas diretrizes de pesquisas podem ser verificadas em estudos como: ROBERTS, Celia. A matter of embodied fact. Sex hormones and the history of bodies. *Feminist Theory*, London. Vol.3(1).p.7-26.2002; PINTO, Pedro; NOGUEIRA, Conceição; OLIVEIRA, João. Minding the body, sexing the brain: Hormonal truth and the post-feminist hermeneutics of adolescence. *Feminist Theory*. Vol.13(3),2012, p.305-323.; SIEBEN, Anna. Heteronormative pheromones? A feminist approach to human chemical communication. *Feminist Theory*, vol 12(3), 2011, p.263-280.

²⁹LAQUEUR, Thomas W. Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

clássicos até o século XVIII, a predominância de discursos que não realizavam a distinção dos corpos, entre masculinos e femininos. Tratava-se primordialmente da *teoria do sexo único*, analisada por Laqueur, que indicou que os corpos masculinos e femininos, na visão grega, eram vistos como similares, ou seja, as mulheres possuíam o mesmo órgão genital que os homens, a única diferença residia no fato de que as mulheres tinham o órgão invaginado, ocupando suas regiões internas. Desse modo, tratava-se, nesta ótica, não de uma diferença de sexo e sim, uma versão da idéia de corpo atenta aos fluídos corporais, aos humores e comportamentos relacionados aos sexos. Para Laqueur, o modelo de sexo único predominou no discurso médico, até que os médicos formulassem um conceito anatômico específico para nomear os órgãos reprodutivos femininos, como o ovário, que foi desde o seu reconhecimento no corpo, apontado como o testículo feminino.³⁰

Para Oudshoorn³¹ esta ‘indiferença’ médica em relação as diferenças entre os sexos não devem ser vistas como mera consequência da ignorância dos cientistas ante o corpo feminino. Pelo contrário, dissecações de corpos femininos já faziam parte da história da medicina desde o século XIV e, sobremaneira, concorda com Laqueur, quando entende que esse modelo do sexo único é reflexo do pensamento patriarcal, refletindo uma supervalorização do mundo masculino, no qual os homens são as medidas de todas as coisas, e a mulher não existia enquanto uma categoria ontológica distinta.³² Assim, com apoio em Laqueur, Oudshoorn enfatiza que as ciências biomédicas funcionam como árbitros nos debates sócio-políticos sobre o que deve ser considerados direitos e habilidades das mulheres.³³

Esse modelo de sexo único com base nas similaridades do corpo humano, com nítida sobreposição do corpo masculino sobre o feminino, reforçou-se durante o século XVIII com os estudos sobre os esqueletos humanos, ensejando, no imaginário social a idéia da inferioridade intelectual feminina. No findar do século XVIII, muitos cientistas estenderam aos componentes do corpo, como veias sanguíneas, células, cérebros, cabelos, ossos, os qualificativos sexuais que nessas partes poderiam habitar. Daí em diante, o corpo deixou de ser visto em sua similaridade, para ser cotejado dado suas diferenças, com base na oposição dos corpos, sob a matriz das diferentes funções que exercem no organismo. A disputa em torno do que poderia ser considerado como a raiz

³⁰ Ibidem, p.135-p.155.

³¹ OUDSHOORN, Nelly. *Beyond the natural body*, *op.cit*, p.8.

³² Uma outra autora, Butler, realiza instigante reflexão acerca do laço lésbico, demonstrando como a construção da idéia de falo freudiano pode ser problematizada. Trata-se de uma agenda de pesquisa que entende e possibilita organizar maneiras de questionar essas ontologias que, para Butler, devem ser constituídas enquanto locais de contestação. Ver sobre o assunto em: SALIH, Sara. *Judith Butler e a teoria queer*. Belo Horizonte, Editora Autêntica, 2012.

³³ OUDSHOORN, Nelly. *Beyond the natural body*, *op.cit*, p.8.

do feminino, pendulou entre a função do útero e do ovário no corpo das mulheres. Oudshoorn, assinala que com a localização da suposta ‘essência’ da feminilidade, veio acoplada uma série de intervenções médicas com fins de corrigir “o órgão da crise”, o que contribuiu para a institucionalização da ginecologia enquanto ramo especializado sobre o corpo das mulheres, em finais do século XIX.³⁴

Com a promulgação de direitos de igualdade e liberdade, ensejados a partir da Revolução Francesa, em finais do século XVIII, assistiu-se, paralelamente, um incremento da preocupação de médicos ante as diferenças entre homens e mulheres. Nesse processo, o sentimento de liberdade e fraternidade não estendeu-se ao reconhecimento sobre os corpos em sua dimensão sexual, pelo contrário, uma vez que a medicina veio estabelecer tais diferenças em outras bases. De acordo com Rohden, “longe de provocar uma revolução também nas representações médicas sobre a natureza dos seres humanos”³⁵, ocorreu, “uma reafirmação sem precedentes da sua condição biológica e dos papéis sociais atribuídos a cada sexo”.³⁶ Essa constatação, pode ser melhor acurada quando colocamos em análise obras enciclopédicas e tratados médicos do período, sobre os quais podemos extrair o sentimento determinista reinante da época.

Para realizar a arqueologia dos hormônios sexuais, Oudshoorn nos coloca a seguinte reflexão: Como podemos estar de acordo com os fatos científicos, se superamos a idéia de que a ciência revela as verdades sobre a natureza? Uma alternativa metodológica, calcada na noção de que precisamos ir além da imagem da ciência enquanto mera produtora de fatos verdadeiros, reside na decisão dos estudiosos das ciências em expor o cotidiano dos cientistas, cujas atividades humanas são direcionadas para construir uma ordem de processos e idéias, através das quais clamam pela universalidade de suas composições e pela “descoberta” dos fatos que são ditos naturais em si e per si.³⁷

O diálogo com a perspectiva delineada por Rohden, então, torna-se vital para a nossa digressão, posto que esmerou-se em analisar as disputas e significados em torno da elaboração duma “ciência da mulher” e, nesse caso, apontou para a ausência de algo semelhante para os homens, em finais do século XIX. Comentando a institucionalização de saberes como a ginecologia, a antropóloga pontua:

³⁴Idem.

³⁵ ROHDEN, Fabíola. *Uma ciência da diferença: sexo e gênero na medicina da mulher*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2009. p.29.

³⁶ Idem.

³⁷ OUDSHOORN, Nelly. *Beyond the natural body*, *op.cit.*, p.10.

É nesse sentido que a medicina e, em particular, as especialidades dedicadas à mulher e à reprodução, como é o caso da ginecologia, se converte em uma verdadeira ‘ciência da diferença’. O argumento central, que perpassa boa parte dos trabalhos da época e também justifica as intervenções concretas, diz respeito a uma distinção natural, de caráter biológico e pré-determinado entre os sexos. Homens e mulheres seriam naturalmente distintos nas suas características físicas e também nas suas características morais ou psicológicas. Além disso, as qualidades atribuídas a cada um e as suas funções sociais são descritas com o mesmo grau de determinismo que suas funções fisiológicas. O gênero parecia irremediavelmente colado ao sexo a partir de uma única e invariável direção.³⁸

Como exposto por Rohden, a ciência da diferença caracteriza-se pelo processo de biologização dos corpos, consolidado, no plano das ciências biomédicas, com a institucionalização de disciplinas como a ginecologia, por volta da segunda metade do século XIX. Diante do que temos argumentado aqui, fica colocado que tal formação discursiva sobre os papéis sociais esperados para a morfologia dos corpos, não seja privilégio exclusivo da ginecologia, pelo contrário, o século XX reforçou muitas intenções investigativas acerca dos funcionamentos dos corpos e seus componentes, onde saberes como a biologia, endocrinologia, psiquiatria, psicologia consolidam-se e coadunados, instituem regimes políticos corporais, ancorados em projetos de normatização, com base nas funções gonadais e, sobretudo, quando tomado em sua dinâmica reprodutiva e hormonal.

A operação médica discursiva e, nem por isso, com menos poder persuasivo, em âmbito social e político, atua, conforme pondera Rohden, com fins de definir e traduzir para a sociedade quais seriam os modelos de corpos e comportamentos esperados com base nas diferenças informadas pela própria natureza genital. Daí a premência de estarmos preparados para entendermos a construção social da ciência, pois:

O mais interessante é que os conceitos de natureza e de sociedade aparecem confundidos quando apresentados alternadamente por alguns médicos como uma única instância transcendente e determinante. É como se fosse permanentemente lançada uma ponte entre o mundo natural e o mundo social, entre os corpos e os comportamentos, os sentimentos e os tipos de racionalidade que lhe seriam inerentes.³⁹

O que podemos depreender, desse processo de construção de diferenças entre os sexos, enunciado por médicos, é o fato de que, o que estava em jogo “era a possibilidade de mudanças

³⁸ROHDEN, Fabíola. Uma ciência da diferença, *op.cit.*, p.14.

³⁹Ibidem, p.45.

significativas nas relações de gênero”.⁴⁰ Devido à crescente ocupação de mulheres no espaço público, bem como suas atuações no desenvolvimento de políticas elaboradas sob e com o olhar das feministas, este empreendimento bio determinista recebeu mais força, já que vigilante e temeroso ao empoderamento feminino. De modo que, ainda permaneceria sólida a imagem da medicina enquanto veículo através do qual seria possível observar a natureza, e com isso, ‘chegar à verdade dos fatos’. Caberia, então, aos cientistas e médicos, serem os portadores dos instrumentos e ferramentas explicativas, sob as quais seria possível extrair o conhecimento do corpo humano. O ponto crucial aqui é retermos a idéia de que este projeto de conhecimento sobre as diferenças entre os sexos, esteve “permeado pelas concepções culturais desses médicos”.⁴¹ Dito de um modo simples, a concepção de natureza, destes médicos, era informada a partir de sua visão de mundo, com base em seus preceitos morais e, mormente, através de suas concepções sobre as relações de gênero.

Consoante a essa perspectiva, Oudshoorn adverte que o mito dos heróis cientistas ‘descobrimo’ os segredos da natureza precisa ser substituído por outra imagem de ciência, isto é, por uma imagem que nos permita estudar como os fatos científicos são profundamente influenciados pela sociedade e a cultura, mais do que isso, precisamos ser radicais e demonstrarmos que os fatos científicos existem somente em função de sua inserção social. Como resultado dessa postura analítica, o conhecimento tende a ser interpretado, não em seu clamor por universalidade, mas levando-se em consideração a maneira como ele se conecta nas instituições, bem como com outras práticas científicas e as audiências. O conhecimento, para Oudshoorn, almeja estabelecer-se enquanto fato científico, o que só é passível de ocorrer se ele circular em meio a grupos diversificados, o que significa que a construção de fatos científicos não está restrita ao mundo dos laboratórios.⁴²

Afinal, questiona-se Oudshoorn, as diferenças na produção do conhecimento sobre o corpo feminino e masculino, de uma forma ou de outra, está relacionada com as diferentes redes nas quais estes fatos científicos emergem? Para resolver essa equação, a autora foca nas relações estruturais e nas interações entre três grupos que estiveram envolvidos ativamente com a configuração e o estabelecimento dos hormônios sexuais como fatos científicos e artefatos, quais sejam: os cientistas em laboratório, os clínicos e as indústrias farmacêuticas.⁴³

⁴⁰ Ibidem, p.45.

⁴¹ Ibidem, p. 227.

⁴² OUDSHOORN, Nelly. Beyond the natural body, *op.cit*, p.10.

⁴³ Idem.

Para o nosso estudo, detive a atenção de minhas lentes na produção de conhecimento da endocrinologia, entre as décadas de 20 e 50, no Rio de Janeiro. Acompanhei, então, as principais pesquisas realizadas na Seção de Fisiologia e Farmacodinâmica, no periódico do Instituto Oswaldo Cruz. Selecionei alguns personagens para compor uma trama que pretendeu trazer as principais enunciações, no que se refere às controvérsias em torno da opoterapia, bem como aqueles interessados em outras perspectivas frente aos comportamentos sexuais naquele momento considerados como desviantes e degenerados. Por fim, tive por meta encontrar possíveis aderências a questões referentes à eugenia por parte destes fisiologistas e endocrinologistas, no período aqui em análise. Assim, busquei inserir a fonte que versa sobre a propaganda da opoterapia como tratamento viável para os homossexuais, realizadas no Instituto de Identificação da Polícia Civil, do Rio de Janeiro, num espectro mais amplo de produção de ciência em circulação, naquele período histórico afim de evocar uma polissemia de discursos sobre comportamentos biodeterminados, capazes de demonstrar como estas bases poderiam ser lidas como instáveis e complexas.

A pesquisa nutriu-se do conjunto teórico fornecido por Fleck⁴⁴, mormente no que diz respeito ao seu léxico sobre os *estilos de pensamento* que podem influenciar no processo de elaboração de conceitos científicos. Para o filósofo da ciência, a análise da produção do conhecimento científico deve ser acompanhada da análise de elementos sociais que contribuam para aplicabilidade de seus pressupostos e experimentos. Assim, a ciência pode ser pensada a partir de categorias analíticas como “*estilo de pensamento*” e “coletivo de pensamento”. Para Fleck. Ao utilizar o conceito de *paradigma* para pensar a construção de um conjunto comum de postulados que informa um campo científico específico, Fleck admite a ideia de que o fato científico é uma construção do *coletivo de pensamento*. De acordo com Abadias, a despeito da semelhança de suas ideias com os trabalhos de Kuhn, Fleck insere-se num conjunto de críticos ao Positivismo Lógico que fora influenciado pela sociologia de Manheim, da qual teria extraído o conceito de *estilo de pensamento*. Em seu estudo sobre a sífilis, Fleck conseguiu demonstrar que a ciência é gradual, as mudanças do estilo de pensamento dependem, em grande medida, do pensamento coletivo. Nesse caso, para Abadias, a perspectiva de Fleck, entende novas ideias e fatos científicos como aspectos em constante mutação e não revoluções sucessivas, conforme pensara Kuhn, afastando-se, assim,

⁴⁴ FLECK, Ludwick. La génesis y el desarrollo de un hecho científico. Introducción del estilo de pensamiento y del colectivo de pensamiento. Alianza Editorial, Madrid, 1986.

daqueles que viam nas mudanças dos paradigmas, um aspecto revolucionário, como fizera Koyré e Kuhn.⁴⁵

As perspectivas de estudos para a história das ciências, abertas durante a década de 70 pareceram convergir para um terreno comum: a diversidade de objetos de estudos. Abadias notou que os estudos sobre as controvérsias científicas foram fundamentais para distanciarem as explicações macro-sociais do *métier* do investigador de outrora, para ir em busca do aspecto micro-social. Uma história que lembra as propostas de Carlos Guinzburg⁴⁶, em seu famoso “paradigma indiciário”, inspirou os estudiosos a penetrarem no mundo dos laboratórios, deixando claro que os historiadores também poderiam contar a história de instrumentos e das técnicas envolvidas durante a produção do conhecimento científico. Destacam-se as pesquisas empreendidas por Harry Collins⁴⁷, no qual o *local de pesquisa* foi entendido como lugar onde os *atos científicos* poderiam ser entendidos e observados de perto.

O laboratório tornara-se objeto e a perspectiva da *ciência em ação* de Latour tendia a inspirar novas abordagens.⁴⁸ Com base nesse quadro, Latour⁴⁹ sugeriu estudar a ciência em construção, de modo que para tal, achou útil dissolver as categorias “ciência” e “sociedade”, uma vez que não existe “ciência pura” e “sociedade à margem da ciência”.⁵⁰ Pelo contrário, Latour considera que a prática científica realiza-se através da ideia de ator-rede que une humanos com humanos, humanos e não humanos e coisas com humanos. Como consequência, o debate externalista x internalista é revisitado nessa abordagem, posto que noções como ciência e sociedade, nas palavras de Abadias: “não são mais que categorias ideais e, por isso, carecem de sentido tomar como referência sua linha divisória”.⁵¹

Do ponto de vista historiográfico, alguns autores foram de grande importância para nosso trabalho, seja no que diz respeito à compreensão do contexto do entreguerras e da II Guerra Mundial, seja com relação à derrota do nazismo ao final dela, no contexto internacional; seja para compreender a entrada de Vargas e o recrudescimento do autoritarismo ao longo de seu governo. Em especial, nos valem de alguns autores que, ao tratar do biodeterminismo e de sua utopia,

⁴⁵ ABADÍA, Oscar Moro. Ensayos: La nueva historia de la ciencia y la sociología del conocimiento científico: un ensayo historiográfico. *Asclepio*-Vol. LVII-2-2005, p. 255-280.

⁴⁶ GUINZBURG, Carlo. *Mitos, Emblemas, Sinais: Morfologia e História*. São Paulo. Companhia das Letras, 1989.

⁴⁷ COLLINS, Harry. *Sociology of Scientific Knowledge. A Source Book*, Bath, Bath University Press, 1982.

⁴⁸ ABADÍA, Oscar Moro. Ensayos: La nueva historia de la ciencia y la sociología del conocimiento científico: un ensayo historiográfico, *op.cit*, p.263.

⁴⁹ LATOUR, Bruno. Centrais de Cálculo. In: *Ciência em Ação*. São Paulo, p.349-420. Unesp, 2000.

⁵⁰ Idem.

⁵¹ ABADÍA, Oscar Moro. Ensayos, la nueva historia de la ciencia, *op.cit*, p.270.

chamaram atenção para o cenário em que tais teorias se enraizaram. É o caso de Fonseca⁵², bem como de Ferla⁵³, por exemplo, que permitem algumas reflexões sobre as disciplinas que marcaram o biodeterminismo no período.

O estudo da biotipologia humana e da biotipologia criminal revestiu-se de novas propostas científicas no período do entreguerras, atualizando-as cada uma a sua maneira, buscando o conhecimento completo do indivíduo a partir de conclusões e relações feitas entre organismo e comportamento. Nesse sentido, os biodeterminismos que floresceram no período do entreguerras, e tiveram particular adesão em países latinos como a Espanha, o Brasil e a Argentina, foram de especial importância para compor o conjunto das redes de estudos sobre os temas feitos pelos aliados, tal como analisado por Ferla⁵⁴. Para o autor, tais ciências constituíram expressões particularizadas de um conjunto mais amplo de disciplinas, práticas e representações envolvidas no estudo do controle do organismo humano e na busca pela estabilização social. Assim, no período do entreguerras, diversos biodeterminismos constituíram-se como projetos de caráter científico para a intervenção no social em prol da normalidade social.⁵⁵

Já no âmbito dos estudos sobre a medicalização dos criminosos, Ferla realizou uma análise da escola positiva de direito penal no caso brasileiro.⁵⁶ O autor fez uma exposição bem sistematizada sobre as diversas recepções dos estudos da escola italiana vinculadas às teses de Lombroso. O estudo sobre esse programa de utopia biodeterminista permitiu também ao autor captar os espaços de criação e reprodução de idéias jurídicas, mormente aquelas vinculadas à Escola Positiva de Direito, que desejava marcar uma espécie de distinção frente a Escola de Direito Penal Clássica. Assim, essa perspectiva nos auxiliou a situar Leonídio Ribeiro no contexto dos atores que realizaram a leitura dessas propostas científicas, bem como nos permitiu pensar num período histórico, onde as prerrogativas de igualdade e liberdade, postas pelo período republicano como princípio (e no caso do Brasil, um mundo que também é pós-abolicionista), passavam a ser questionadas ou reguladas por princípios médicos, capazes de justificar muitas das intervenções como cura e melhoria do cidadão e em nome da nação.

⁵²FONSECA, Cristina. M. Oliveira. *Saúde no Governo Vargas. (1930-1945) – Dualidade institucional de um bem público*, Rio de Janeiro, Editora Fiocruz, 2007.

⁵³ FERLA, Luis. *Feios, sujos e malvados*, *op. cit.*, 2009.

⁵⁴ FERLA, Luis. El determinismo biotipológico y su red de sustentación a través de eugenistas españoles, brasileños y argentinos. IN: MIRANDA, Marisa y VALLEJO, GUSTAVO. (dirs.) , *Uma historia de la eugenesia. Argentina y las redes biopolíticas internacionales (1912-1945)*, Biblos, Buenos Aires, 2012.

⁵⁵*Ibidem*, p. 97,98.

⁵⁶FERLA, Luis. *Feios, sujos e malvados*, *op. cit.*, 2009.

Por outro lado, também considero como leitura fundamental nessa pesquisa a abordagem analítica realizada por Fonseca⁵⁷, que examinou a saúde no contexto Vargas. Em sua obra, a autora examinou algumas categorias que sobressaíram nas interpretações sobre a realidade nacional, e que, de alguma forma, mostraram-se presentes na política institucional implementada na Era Vargas.

No pós-1930, os intelectuais passaram por mudanças ideológicas importantes, e acabaram por fazer parte do processo de recriação institucional e de racionalização burocrática, reflete Fonseca. Naquele terreno, a burocracia, a esfera pública e a ação intelectual passaram a estar intimamente conectadas. Grande parte da intelectualidade passou a ocupar cargos públicos, desempenhando, mesmo que indiretamente, papel relevante na efetivação de um programa político institucional do governo, estabelecendo a conexão entre as ideias programáticas definidas para a política social do governo e o seu sentido e aplicação. Os brasileiros pertencentes à elite letrada contribuíram no esforço de construção nacional, através da crítica e da apresentação de projetos, comenta Fonseca. Assim, a revolução de 30 originou um processo de reestruturação do Estado Nacional do Brasil, ao abrir espaço para a definição de um projeto político, ao mesmo tempo em que delegava às elites papel importante na condução de um programa de ação para o estabelecimento da saúde da população.⁵⁸

As idéias positivistas também foram ganhando cada vez mais espaço institucional no direito penal. Logo após o golpe de 27 de setembro de 1937, Getúlio Vargas (1883- 1954) apresentou uma nova Carta Constitucional, outorgada ainda no mesmo ano, conhecida como a Polaca, na qual se destacavam as tendências autoritárias do período. No ano seguinte, o projeto do Código Penal foi encomendado ao jurista paulista Alcântara Machado, que o entregou em 1938, tendo passado por uma revisão no congresso sob a presidência do Ministro da Justiça, Francisco Campos que durou dois anos⁵⁹. Baixado por meio do Decreto 2.848, de 7 de dezembro de 1940, o código entrou em vigor em 1. de janeiro de 1942. Acompanhado de uma “Exposição de Motivos”, escrita pelo Ministro, o código penal trazia fortes traços do positivismo e do biodeterminismo. Ainda que o ministro apontasse para seu eclétismo nas negociações de conciliação entre o direito clássico e o positivo⁶⁰, o código foi fortemente guiado pelas ideias da sentença indeterminada e das medidas de segurança, defendidas como “preventivas, destinadas à segregação, vigilância, reeducação e

⁵⁷FONSECA, Cristina. M. Oliveira. *Saúde no Governo Vargas. (1930-1945) – Dualidade institucional de um bem público*, Rio de Janeiro, Editora Fiocruz, 2007.

⁵⁸ FONSECA, Saúde no Governo Vargas, *op.cit.*, p. 85.

⁵⁹CAMPOS, 1941, p.40, *apud* OLIVEIRA JÚNIOR, Alcidésio. *De monstros a anormais, op. cit.*, p.218-222.

⁶⁰CAMPOS, 1941, p.6, *apud* Oliveira Jr., , *De monstros a anormais, op. cit.*, p.220.

tratamento dos indivíduos perigosos, ainda que moralmente irresponsáveis”.⁶¹ No novo código, coube à ciência, e em especial à psiquiatria e as suas ciências afins, um lugar especial de especialista capaz de constatar a periculosidade dos indivíduos.

Para pensarmos nesse perfil, o livro *Intenção e Gesto: pessoa, cor e produção cotidiana da (in) diferença no Rio de Janeiro (1927-1942)*⁶², de Olívia Maria Gomes da Cunha foi de grande utilidade. O livro faz um levantamento de fontes caras à historiografia do período, a saber: processos criminais de diversas delegacias cariocas e de suas relações estabelecidas com diversas colônias de tipo correcional. Tais fontes permitiram à autora entender o que chamou de *produção cotidiana da diferença*. Em suas observações sobre os autos de flagrante, no momento em que se procede com a qualificação dos acusados, Cunha nos mostra mais detalhadamente a descrição desses *delinquentes perigosos* por meio dos espaços reservados à distinção na caracterização dos acusados e nos “estilos” retóricos utilizados pelos narradores para descrevê-los. Nos registros policiais, Cunha encontrou registros dos temores dos acusados por terem de passar pelos autos de qualificação, tendo que se registrar nas dependências de uma delegacia, quando ter uma passagem pela polícia já era sinônimo de aflição e predeterminação de uma sentença-diagnóstica. Para a autora, desde o século XIX, as constantes alterações no campo da legislação penal pouco modificaram as práticas de criminalização. O rigor formal e hierárquico do poder Judiciário mantinha-se, mas “as práticas policiais foram exercidas através de um certo domínio e autonomia”.⁶³ Portanto, a arte de “fazer polícia” seria um modo de ação informado mais pela prática cotidiana do que aquele acionado por prerrogativas jurídicas. Seu trabalho, dedicado ao cotidiano policial, chama atenção para a importância de se considerar as práticas cotidianas, nem sempre tão atravessadas pela supremacia jurídica como se costuma pensar. Além disso, seu relato acrescenta mais um grupo de atores em nossa problemática: os policiais, agentes penais e sua relação com a medicina legal, temática que também chama a atenção para o embate entre a polícia técnica e polícia científica⁶⁴. Assim, a autora demonstra as controvérsias em torno do uso do método antropométrico para

⁶¹*Ibidem*, p.220.

⁶²CUNHA, Maria, O. G. *Intenção e Gesto: pessoa, cor e produção cotidiana da (in) diferença no Rio de Janeiro - (1927-1942)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1999, p.183.

⁶³*Ibidem*.

⁶⁴ Estudo recente conseguiu dar relevo a uma espécie de crise ocorrida entre os peritos e o SML em 1918, fundamental para a compreensão daquilo que ficou conhecido como a discussão em torno da delimitação de espaços de atuação, dos médicos legistas e seus alunos, quando inseridos no terreno das aulas práticas que eram aplicadas no Serviço Médico Legal. Ver mais em: CERQUEIRA, Ede Conceição Bispo. *A Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal: Debates sobre ciência e assistência psiquiátrica (1907-1933)*. Dissertação de Mestrado em História das Ciências e da Saúde – Casa de Oswaldo Cruz/ Fiocruz, Rio de Janeiro:2014

identificação utilizado na polícia civil brasileira⁶⁵, tendo na figura do senador Barata Ribeiro⁶⁶ a defesa mais incisiva e contundente dos direitos individuais, assegurados em prerrogativas constitucionais.

Segundo Cunha, as reformas realizadas na polícia por Batista Luzardo⁶⁷ foram alvo de críticas devido à crescente atribuição judiciária desta. Mesmo com a ausência de Luzardo no comando da polícia, após 1934, quando da aprovação do decreto que reformava a polícia e criava novos departamentos, algumas de suas principais diretrizes foram aproveitadas. A interpretação sobre as rivalidades entre polícia técnica e polícia científica voltou a ser explorada em outro artigo de Cunha.⁶⁸ Nesse texto, o mundo de disputas e intrigas entre os defensores da polícia técnica, focada na experiência e na atuação de peritos e delegados de carreira, em oposição aos “bacharéis”, que desejavam influenciar os horizontes administrativos da polícia civil carioca, vem a lume e nos auxilia a situar nosso objeto de estudos, visto que fornece subsídios para entendermos a história das reformas policiais, das mudanças dos métodos de identificação e de sua recepção na adaptação na polícia carioca das primeiras décadas do século XX. Ademais, a abordagem de Cunha, nos possibilitou enquadrarmos a gestão Leonídio Ribeiro na direção do Instituto Identificação da Polícia Civil do Rio de Janeiro, como o período de defesa e inserção dos princípios da Escola de Direito Positiva – marcada por re-ajustes das teorias italianas – , vinculada aos saberes neo-lombrosianos, esmeradas em criar projetos de normalização de condutas e de estratégias de prevenção contra os indivíduos considerados potencialmente perigosos.

Outro ponto nevrálgico em que se articulam ciência, polícia e entendimento do humano é a questão da identificação do povo brasileiro, que constituiu uma das principais preocupações da historiografia acerca da medicina legal. Mariza Corrêa⁶⁹ dissertou sobre a trajetória do que ficou frequentemente conhecido como a escola Nina Rodrigues e da sua busca pelo reconhecimento da

⁶⁵As controvérsias referem-se ao caráter vexatório da exposição dos corpos denunciadas pelo Senador Barata Ribeiro. Ver mais em CUNHA, *Intenção e gesto*, op.cit, p.215 e GALEANO, Diego. *Criminosos viajantes: Circulações transnacionais entre Rio de Janeiro e Buenos Aires- (1890-1930)*, – Prêmio Arquivo Nacional de Pesquisa 2013, p. 134, no prelo.

⁶⁶Cândido Barata Ribeiro (1843-1910). Matriculou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde recebeu o grau de Doutor em Ciências Médicas e Cirúrgicas em dezembro de 1867. Em seu curso médico, foi interno de Clínica Médica e Cirúrgica e preparador do gabinete anatômico da Faculdade. Foi um dos paladinos da abolição da escravatura e atuou na campanha que implantou o regime republicano, como conhecido defensor e propagandista da República. Conf: <http://www.stf.jus.br/portal/ministro/verMinistro.asp?periodo=stf&id=217> Acesso em Julho/2015

⁶⁷João Baptista Luzardo (1892-1982). nasceu na localidade de Salto, distrito de Uruguaiana (RS), em 1892. Médico e advogado, diplomou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1916 e pela Faculdade Livre de Direito do Rio de Janeiro, em 1918.” Extraído de : https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/biografias/batista_luzardo

⁶⁸CUNHA, Maria O. G. “Os domínios da experiência, da Ciência e da lei: os manuais da Polícia Civil do Distrito Federal (1930-1942), *Estudos Históricos*, n.12, p.235-264,1998.

⁶⁹ CÔRREA, Marisa, *As ilusões da liberdade: Nina Rodrigues e a antropologia no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.

antropologia do Brasil, deixando claras as filiações, os recortes e as articulações feitos por Afrânio Peixoto a partir de trabalhos de Nina, bem como seu vínculo com Leonídio Ribeiro na condução da defesa da aplicação das teorias de identificação e dos pressupostos criminalistas da escola lombrosiana. A autora nos auxilia a situarmos os interesses de Leonídio Ribeiro em seu contexto teórico que o fundamenta, em sentido mais amplo, e até mesmo, afetivo - nesse caso, sua estreita vinculação com Afrânio Peixoto.

Ainda sobre Leonídio Ribeiro, em “Criminologia, Antropologia e Medicina Legal”, Guilherme Gutman⁷⁰ nos proporcionou uma análise sobre a atuação do médico legista Leonídio. A leitura nos permitiu acompanhar a trajetória de vida daquele que foi um dos expoentes da aplicação de teorias forenses, dos saberes criminológicos e das proposições da antropologia criminal no plano da intervenção pública estatal. Nesse caso, Gutman utiliza fartamente as autobiografias do cientista como fonte histórica, mostrando a intenção dele de se constituir perante seus pares como um dos “reformadores do Brasil”. Com esse texto podemos entrar em contato com uma narrativa histórica que dá conta dos aspectos biográficos de Leonídio, bem como de sua atuação como receptor de teorias que vinham do estrangeiro, nesse caso, a Escola de Direito Penal Positiva. Além disso, seu trabalho serviu-nos para chamar atenção para outros discursos presentes no trabalho desenvolvido por Peixoto e Ribeiro, como a endocrinologia, como um campo profissional, que gozava de espaço e prestígio no interior da criminologia naquele período, intimamente articulada com a psiquiatria e medicina legal, e esteve repleta de disputas e diálogos com outras áreas de conhecimento⁷¹.

Com o auxílio de Pierre Darmon⁷², podemos assumir que a criminologia tinha, mesmo internacionalmente, natureza pluridisciplinar. Antropólogos, biólogos, psiquiatras, médico legistas, sociólogos e juristas, estudiosos de endocrinologia, todos juntos constituíam essa espécie de “nebulosa disciplinar”⁷³ em que diferentes disciplinas disputavam a primazia: “na verdade, a antropometria e a sociologia criminal, a psiquiatria forense, o estudo da hereditariedade e da degeneração e a medicina legal dificilmente poderiam coabitar no seio de uma mesma disciplina”.⁷⁴

⁷⁰GUTMAN, Guilherme. Criminologia, Antropologia e Medicina Legal. Um personagem central: Leonídio Ribeiro. *Rev. Latino Americana de Psicopatologia Fundamental*, v.13, n.3, p.482-497, setembro, 2010

⁷¹OLIVEIRA JÚNIOR, De monstros a anormais, *op.cit.*p.216

⁷²DARMON, Pierre. *Médicos e Assassinos na Belle Époque*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991 p. 84.

⁷³CARRARA, *Crime e loucura: o aparecimento do Manicômio Judiciário na passagem do século*. Rio de Janeiro: EdUERJ; EdUSP, 1998, p. 219.

⁷⁴DARMON, Pierre. *Médecins et assassins à la Belle Époque- La medicalisation du crime*. Paris: Éditions du Seuil, 1989, p. 113.

É justamente essa abertura para tantos campos biomédicos que aproxima as diferentes teorias para o estudo do anormal e projeta a importância da endocrinologia para o campo da *nebulosa* criminologia.

Chegamos assim ao ponto central da revisão bibliográfica para esta dissertação: os diagnósticos baseados em termos da constituição humana e suas faculdades internas. Um dos trabalhos mais estimulantes para este projeto de pesquisa é o de Alcidésio de Oliveira Júnior, *De monstros a anormais: a construção da Endocrinologia Criminal no Brasil - 1930-1950*.⁷⁵ Sua tese demonstra um trabalho sistemático de análise histórica acerca da criação de diagnósticos que articulavam, por meio de técnicas experimentais e biodeterministas, a relação então considerada como inexorável entre o doente e seu crime, traduzidos, por exemplo, em termos da “endocrinopatia criminal”⁷⁶. Para os objetivos deste trabalho, a tese é referência na medida em que investe nas aplicações das teorias oriundas da antropologia criminal associadas aos usos interpretativos proporcionados pela ciência dos hormônios. O viés de análise permite que ele nos aproxime das teorias endocrinológicas que apontavam as glândulas e suas disfunções como a raiz dos problemas que causavam “desvios”. Além disso, no trabalho de Oliveira Junior, Leonídio Ribeiro surge não apenas como um cientista engajado em intervir diretamente nas diferentes patologias criminais, mas como um cientista particularmente interessado na questão da homossexualidade.

A respeito da opoterapia recomendada ao tratamento de homossexuais detidos no Gabinete do Instituto de Identificação da Polícia Civil do Rio de Janeiro, durante a gestão de Leonídio Ribeiro, pouco sabemos. A historiografia dedicada a esta questão não levou em consideração as técnicas e tecnologias dos testes de aplicação de hormônios, nem investiu nos significados atribuídos à cura dos indivíduos por meio desses tratamentos. Ainda assim, por meio da historiografia é possível aferir que nos trabalhos de Leonídio Ribeiro e de Waldemar Berardinelli está presente a leitura de Nicola Pende acerca do percurso do hormônio no indivíduo anormal: segundo o autor, esse percurso iniciava na sua produção desfuncional pela glândula, era a partir dela distribuído pelo sangue e chegava ao cérebro, sendo ali capaz de alterar o estado psíquico e moldar a personalidade, responsável que era pelos desajustes e perversões sexuais.⁷⁷ De acordo com o próprio Leonídio,

Iniciamos no Rio de Janeiro, nos laboratórios do Instituto de Identificação, experimentos segundo as modernas ideias da escola constitucionalista italiana de

⁷⁵ OLIVEIRA JUNIOR. De Monstros a anormais, *op. cit.*, 2012

⁷⁶ *Ibidem*, p.34.

⁷⁷ OLIVEIRA JÚNIOR, De monstros a anormais, *op.cit.*, p. 215

Viola e de seu discípulo Pende, o criador da biotipologia, que é a ciência do biótipo humano, que visa estudar o indivíduo, em seus três principais aspectos, morfológico, funcional e, finalmente, psicológico, os três elementos básicos que, reunidos, definem e completam a personalidade humana.⁷⁸

Tais experimentos espelhavam os esforços de Leonídio Ribeiro, quando assumiu a direção do Gabinete de Identificação em 1931, de “colocar aquela dependência da Polícia a altura de suas verdadeiras finalidades”, de modo que fosse “ao lado da parte burocrática, uma organização científica destinada a realizar trabalhos e pesquisas”⁷⁹. Outro autor que segundo Leonídio teria influenciado fortemente suas pesquisas foi Gregorio Marañón.⁸⁰ Sua teoria apostava que o homossexualismo era “congenito”, consequência de perturbações do funcionamento das glândulas de secreção interna. Em resumo, com apoio em Marañón, Leonídio afirmava que o homossexualismo era “mais um problema social capaz de encontrar sua solução definitiva no campo da biologia”⁸¹ com ajuda do laboratório. A endocrinologia, base da teoria da intersexualidade de Marañón, ganhava, assim, visibilidade crescente e passava a explicar a preferência, do ponto de vista sexual, entre indivíduos do mesmo sexo, quer seja homem ou mulher. Apesar de não considerar as preferências homossexuais “pecado, vício ou crime”⁸², sendo passíveis de castigos ou de penas, considerava o fenômeno como manifestação patológica de distúrbios de natureza endócrina, que produziam indivíduos anormais, antissociais, e que solicitavam a intervenção e os cuidados do médico ou do psiquiatra.⁸³

Não custa lembrar que o homossexual que caía nas malhas da justiça era sobretudo aquele advindo das camadas mais pobres da sociedade e as justificativas científicas, morais ou ideológicas para a sua reclusão acabavam por fazê-lo um alvo fácil de concórdia diante do fato de que o homossexual era anormal e perigoso⁸⁴. Assim, devemos lembrar que a homossexualidade era peça e conceito corrente nos discursos que tratavam desse tipo de comportamento na sociedade brasileira.

⁷⁸RIBEIRO, 1936, p. 59 *apud* OLIVEIRA JÚNIOR, *De monstros a anormais*, *op.cit.*, p.286.

⁷⁹RIBEIRO, 1933, p. 337 *apud* OLIVEIRA JÚNIOR, *De monstros a anormais*, *op.cit.*, p. 269

⁸⁰ Gregório Marañón - (1887-1960) -Médico espanhol, especialista em Endocrinologia, tornou-se um dos nomes mais conhecidos no cenário médico espanhol do século XX . Defendeu em 1911 sua tese de doutoramento *La sangre en los estados tiroideos*. Além de produzir vasta obra de conteúdo biomédico, Marañón notabilizou-se por publicar artigos sobre questões sociais e políticas candentes de seu período histórico, envolvendo temas como a eugenia, as inversões sexuais e temas republicanos, já que boa parte de sua obra foi escrita durante a Ditadura de Primo de Rivera. Para acompanhar a trajetória desse cientista espanhol, ver mais em: <<http://e-archivo.uc3m.es/bitstream/handle/10016/6178/BIAN-19-2009.pdf?sequence=1>>

⁸¹RIBEIRO, Leonídio. *Homossexualismo e Endocrinologia*, Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1938,p.35.

⁸²*Ibidem*, p.27.

⁸³*Ibidem*.

⁸⁴FERLA, Luis. *Feios, sujos e malvados*, *op.cit.*, p.283.

Dos tempos em que o léxico da sodomia servia como indicativo do ato obsceno e nefando, as defesas conceituais biomédicas típicas do século XIX, os corpos homossexuais, permaneceram como desejo da produção investigativa de como o outro vive e experimenta a sexualidade. No entanto, e dada à maneira como naquela altura histórica, essa busca por entender o corpo homossexual era tão fascinante para a época, que a exposição dos corpos dos “*pederastas passivos*” numa intrincada operação, entre a captura policial e a redenção médica, forjou-se o traslado do olhar criminológico rumo à exposição de itens corpóreos considerados como patológicos.

Por essas constatações, me parece fundamental novas investidas que não considerem apenas a perspectiva de submissão do Instituto ao poder judiciário, ou dos dispositivos legais a ele relacionados e que poderiam ser aplicados para seu enquadramento, como “atos obscenos em público” ou a “vadiagem”. É preciso o investimento em uma análise mais detalhada das práticas médicas realizadas no Instituto, e entre elas, em especial, as recomendações de tratamento médico, como os enxertos de glândulas e transplantes de testículos, indicados para o tratamento de homossexuais, a partir da prisão dos 195 *pederastas passivos*, seguida de análise biotipológica e diagnóstico de distúrbios hormonais, sucedendo, assim, a propaganda da opoterapia para o público brasileiro, na capital federal, durante a década de 1930.

Acreditamos que seja possível demonstrar que a busca de um substrato orgânico responsável por uma tendência ao desvio da norma de conduta, em especial, da sexualidade, abre mais espaço para intervenções de tratamento do que a batuta do poder judiciário deixaria observar. Daí a necessidade de retomarmos essas discussões sob a ótica do campo médico propriamente dito, visto que tal viés de análise pode auxiliar a perceber quais ações e intervenções médicas estariam, de certo modo, livres do âmbito jurídico, mas que poderiam ser postas em prática naqueles espaços em nome da ciência. Podemos, ainda, propor a hipótese de que estas constituíram-se como uma ruptura ante ao poder dos juízes, e além disso, como aplicação de medidas consideradas de cunho médico e em favor da “defesa social”, que em nome da vida e em defesa da sociedade ultrapassavam os direitos individuais, assegurados pela constituição. Finalmente, ao enfatizar a questão da ciência, das técnicas e das tecnologias, buscaremos encontrar os diferentes atores que trabalhavam com o tema e verificar, se não havia nesse meio, disputas e controvérsias quanto aos achados do Dr. Leonídio e de seu grupo no período.

Oliveira Júnior, por sua vez, detectou em sua história sobre a endocrinologia criminal no Brasil, entre as décadas de 1930 e 1950, um afastamento de propósitos e objetivos comuns entre, endocrinologistas e fisiologistas, por volta dos anos 30. Salientou também que, na medida em que a

criminologia tomava para si propostas da endocrinologia, afim de resolver seus impasses jurídicos, contribuiu para que a doutrina criminal revestisse seus princípios em bases científicas. Nessa troca, creditou à endocrinologia “estabilidade e visibilidade das teorias e instituições criminológicas para se firmar enquanto saber autônomo e autorizado”.⁸⁵ Com efeito, a década de 50 assumiu para a endocrinologia, um momento de ruptura com esse relacionamento, já que a chegada de novas gerações médicas em postos de destaque em instituições e centros de pesquisa, ocorreu um abandono de temas referentes a visão bio-determinista, em prol de uma postura mais técnica de produção de ciência, focada nas descrições das experiências e de caráter não-comportamental.⁸⁶

Com a institucionalização da Sociedade Brasileira de Endocrinologia, na década de 1950 e, em face à criação da cadeira de endocrinologia nas faculdades de Medicina, “os discursos dos endocrinólogos ganham um tom descritivo das glândulas, hormônios e suas funções, escusando-se de expor relações, diretas ou indiretas, entre hormônio-causas e desajustes sociais, por exemplo”.⁸⁷ Nesse cenário, Oliveira Júnior oferece argumentos para pensarmos as destoantes rotas escolhidas, até a década de 60, pela criminologia e a endocrinologia.

Para realizar esse percurso, torna-se essencial compreendermos a história das glândulas, bem como da própria história da endocrinologia. Desse modo, levo em consideração a contribuição dos estudos feministas acerca da história dos hormônios sexuais, uma vez que nos encaminhará ao terreno das controvérsias em torno da opoterapia. Assim, poderemos acompanhar o caso da exortação da técnica opoterápica, para o tratamento de pessoas homossexuais, inserindo tais experiências num contexto social mais amplo e, por sua vez, transnacional, dado que muitos dos aportes teóricos, incentivadores de tais técnicas, eram oriundos de trocas de idéias e contatos científicos com regiões longínquas, no nosso caso especial, a presença de elementos fascistas e anti-democráticos, presentes no projeto de Leonídio para a polícia varguista, torna-se um dos traços mais marcantes do conjunto documental aqui utilizado.

Nesse sentido, exploro proposições de cura para a pederastia passiva em sua relação com hormônios, de modo a descrever os experimentos científicos aplicados aos *pederastas passivos*, chamando atenção para a maneira como as fontes que contam a história da prisão dos homossexuais, no Laboratório de Antropologia Criminal, tendem a silenciar aspectos relevantes acerca das possibilidades cirúrgicas ali em jogo, bem como sobre a possibilidade de entendermos tais conselhos hormonais, como incentivadas por critérios políticos de cunho fascista, autoritário e

⁸⁵ OLIVEIRA, JÚNIOR. Alcidésio. De monstros a anormais, *op.cit.*, p.199.

⁸⁶ *Ibidem*, p.199.

⁸⁷ *Ibidem*, p.200.

contra as liberdades individuais. Daí a necessidade de exibirmos a peculiaridade do processo de utilização da endocrinologia no Brasil varguista, em sua conjugação com teorias penais, criminais e biodeterministas acionadas por instituições de controle e repressão da criminalidade. Outrossim, acompanhar a inserção de endocrinologistas e fisiologistas no debate sobre as controvérsias da prática opoterápica, ajuda a compor um quadro de referências que tende a sinalizar para as implicações científicas dos usos da endocrinologia, para fins criminológicos.

Esta dissertação parte dessa relação estabelecida entre a endocrinologia e as questões sexuais/ de gênero. Procuramos entender como os cientistas lidaram com a construção de conteúdos científicos, em torno dos hormônios sexuais, bem como foi equacionado a distribuição de papéis de gênero, associados aos hormônios encontrados no organismo humano. Em especial, destaco que a principal inovação desta pesquisa, do ponto de vista historiográfico, é a investigação, ainda que incompleta, dos estudos em endocrinologia do médico Thales César de Pádua Martins, através do qual pude encontrar narrativas críticas à utilização da opoterapia. Em virtude desse encontro, utilizo como principal fonte, seu tratado de *Glândulas sexuaes e Hipófise Anterior*⁸⁸, publicado em 1936 e que foi dedicado aos cientistas Miguel Ozório de Almeida e Bernard Houssay. Portanto, acredito que a obra de Martins pode ser uma importante referência para estudarmos as controvérsias em torno da opoterapia, dado que a historiografia sobre os usos desta técnica, carece de perspectivas que coloquem a pluralidade de falas sobre esses procedimentos, bem como poderá estimular mais pesquisas sobre outros personagens opositores aos usos da endocrinologia, para fins criminológicos.

Convém, então, apresentarmos essa personagem. Thales Martins nasceu no Rio de Janeiro, em 29 de setembro de 1876. Filho do médico Dr. José Martins Sobrinho e de Izaura de Pádua Martins, concluiu seu ensino secundário no Colégio Batista e Anglo-Brasileiro. Doutorou-se em medicina, em 1919, nos auspícios da Faculdade de Ciências Médicas, da Praia Vermelha. Atuou como médico do Serviço de Saúde do Exército, cuja iniciação com o mundo laboratorial, deu-se a partir do Instituto de Química do Ministério da Agricultura. Entre 1921 e 1925, Martins estabeleceu parcerias e circulou com médicos como Gomes de Faria e Carneiro Felipe. Sua amizade com os irmãos Ozório de Almeida, em 1925 ensejou alguns projetos, consolidados, no ano seguinte, com a

⁸⁸Devo notar um ponto deveras importante, a saber: o debate acerca das controvérsias em torno da opoterapia está, nesta dissertação, ligado a interpretação de um dos tratados de endocrinologia de maior circulação no período e por consequência, a análise da repercussão destas idéias não foi aqui contemplada. Por isso, torna-se salutar frisar que por ser um investimento inicial no tema das controvérsias em torno desta terapêutica, o tratado aqui em revisão, foi utilizado tendo em vista a disposição e acesso a fonte, bem como a expressiva dedicação a este tema na composição da obra. Assim, creio que no devir, outras fontes podem ampliar o escopo das falas frente à opoterapia, bem como proporcionar a história das ciências a descentralização da figura de Thales Martins, nesse debate, aqui de certa maneira, entoada.

entrada de Thales Martins nos quadros do Instituto Oswaldo Cruz, enquanto assistente-chefe da Seção de Endocrinologia. Em tempo, Martins aproveitara para se retirar dos quadros do Exército, podendo, assim, planejar seus estudos para concorrer a cadeira de fisiologia da Faculdade de Medicina Paulista. Com mudanças planejadas, optou por aceitar oportunidades recebidas, para dedicar-se a estudos fisiológicos, em terras paulistas. Nesse mesmo ano, foi inaugurado o curso de fisiologia, ministrado por Martins. Desde então, o fisiologista atuou como pesquisador da Seção de Endocrinologia do Instituto Butantan e do magistério na Escola Paulista de Medicina. A produção de Martins no período em que esteve imerso nos testes laboratoriais, com os quais poderiam comprovar a validade dos hormônios sexuais, fez de Martins conhecido internacionalmente pela sua intensa dedicação aos estudos sobre a fisiologia da hipófise, bem como sua dedicação frente ao estudo do comportamento de animais. E foi partir desta glândula, em especial, que o médico escreveu parte substancial de sua obra.⁸⁹

Por fim, espero provocar na discussão historiográfica, no que diz respeito a importância em produzirmos reflexões críticas ante a trajetória de Leonídio Ribeiro, na condução do tratamento biotipológico e hormonal sugerido aos 195 homossexuais, detidos na capital federal durante a década de 1930. Como veremos, urge investigarmos as controvérsias em torno de terapêuticas como a opoterapia, visto que podem auxiliar na constatação de falas dissonantes ao tom fascista que predominava por volta daquela época.

Meu argumento, nesse estudo, é enfatizar que dentro dos estudos realizados por fisiologistas e endocrinologistas, entre as décadas de 1920 e 1940, houve espaço para a discussão sobre as controvérsias em torno da prática da opoterapia. Busco também delinear como a eugenia, para alguns fisiologistas, poderia ser perigosa, posto que colocava a credibilidade dos estudos em endocrinologia conduzidos por fisiologistas, sob o espectro de uma prática de produção científica biotipológica. Explorar estas falas, distanciamentos e críticas em relação à endocrinologia comportamental é um dos objetivos centrais desse estudo.

A dissertação foi dividida em três capítulos. O objetivo do capítulo I – *Rumo a “polícia científica” - A Institucionalização da Medicina Legal Brasileira*-foi o de compor o cenário em que a

⁸⁹ Para acompanhar um pouco mais do percurso desse fisiologista, num olhar memorialista, ver mais em: VALLE, José Ribeiro do. (1951) Thales Martins: pioneiro da endocrinologia experimental. *Arquivos Brasileiros de Endocrinologia e Metabologia*, vol. 45, n.º. 5, supl. 2, nov. 2001, p.786-790.

polícia científica, com auxílio da medicina moderna e experimental, aportou em terras brasileiras, assumindo uma leitura específica sobre a realidade nacional, e, mormente, das suas contribuições ao debate sobre as relações entre os temas da eugenia e sua intervenção direta na sociedade brasileira. Outrossim, buscamos demonstrar as reformas policiais implementadas no período, bem como os discursos sobre os projetos de identificação policial, seja o antropométrico, unido à *Bertillonage*, ou ligado à datiloscopia, de Vucetich. A intenção foi descrever os elementos científicos necessários para a compreensão da utilização de ambos os métodos no Gabinete de Identificação, no período de nosso recorte espacial e temporal. Finalmente, contamos, ainda que brevemente, a história das Escolas Clássica e Positiva do Direito, com o fim de dar estrutura às noções médico-criminológicas fundamentais para a compreensão dos trabalhos desempenhados pelo Instituto de Identificação da Polícia Civil sob a gestão de Leonídio Ribeiro e as correntes teóricas as quais estave vinculado e a quais interesses representava simbolicamente.

Nesse sentido, foi vital inserir algumas considerações históricas acerca do tema da eugenia, posto que o próprio médico-legista Leonídio Ribeiro foi um dos principais defensores das técnicas de esterilização e inserção da eugenia no contexto social brasileiro. Por isso, exponho o debate historiográfico dos pesquisadores que têm debruçado atenção sobre o tema da eugenia e da questão das sexualidades. Com efeito, abordar o tema da eugenia, nesse estudo teve por objetivo demonstrar como ocorreram construções biomédicas sucessivas em torno da patologização das sexualidades consideradas *desviantes* e a decorrente criação de técnicas esterilizatórias com fins de impedir o crescimento social e político dos *indesejáveis*.

No segundo capítulo, – *Órgãos, glândulas e tecidos animais: A opoterapia como objeto de investigação experimental* - abordamos questões acerca da construção social dos corpos, bem como buscamos apontar como podem emergir interpretações biomédicas que tendem a expressar noções deterministas sobre as expressões de gênero. Esse percurso é feito através da história dos hormônios sexuais e da endocrinologia. Com efeito, acompanhamos a maneira como foram esboçados os conceitos sobre os hormônios sexuais e suas correlações com graus de normalidade e disfunções orgânicas, bem como buscamos demonstrar como as técnicas opoterápicas estiveram envolvidas em controvérsias polêmicas, devido ao seu uso em ambientes policiais. Exploramos como a prática da opoterapia poderia ser acionada sob diversas estratégias, chamando a atenção para o caráter plural de seus enunciados, exibindo os principais cientistas favoráveis à utilização das técnicas de castração e enxertos como importantes parceiras do projeto eugênico. Igualmente, buscamos dialogar com estudos que entendem a prática de enxertos praticada na primeira metade do século XX, em suas relações com a transferência de glândulas de animais para o corpo humano, seja para

propor a cura da senescência ou dos distúrbios sexuais, como uma das possíveis vias de transmissão de patógenos como aqueles responsáveis pelas síndromes da imunodeficiência humana (SIV e HIV-1).

Por fim, o capítulo terceiro – *Leonídio contra-ataca: controvérsias em torno da opoterapia* – é composto, principalmente, pela análise de fontes primárias elencadas anteriormente, de modo a retermos atenção nos elementos que ainda não foram bem nuançados pela historiografia sobre esta temática, a saber: a necessidade de abordarmos os elementos que constituíam, naquele período, a prática da opoterapia, no campo da produção de saberes da endocrinologia e da eugenia, tal como enunciadas por Leonídio Ribeiro. A análise do principal *corpus* documental desse trabalho é a obra *Homossexualismo e Endocrinologia*, escrita por Leonídio Ribeiro em 1938. Nela acompanhamos o conjunto de referências utilizadas e as redes com as quais este médico relacionava-se, buscando inserir seus trabalhos no campo endocrinológico local e internacional. Isso significa que ao longo da pesquisa buscamos estudar as fontes tendo em vista seu caráter propositivo de “cura” da homossexualidade, com o fito de acompanhar as técnicas cirúrgicas recomendadas para tal, e levando em consideração a complexidade das relações estabelecidas, nesse período histórico, entre os saberes que se formam e propõem outras maneiras de profilaxia, tais como a sexologia, a andrologia e a psicologia. Assim, evitamos o perigo de colocarmos a atuação endocrinológica como a única proponente de resolução para os problemas das sexualidades consideradas anormais. Para tanto, o trabalho se inspirou na análise realizada por Jane Russo e Sérgio Carrara (2002), que evidenciam a atuação de diferentes saberes na produção de conteúdos sobre o sexo, durante a primeira metade do século XX, aqui em análise.

Por outro lado, também nos voltamos, no plano das representações sociais, às relações criadas pelos testes laboratoriais nesse período com a opoterapia: afinal, o que era a opoterapia? Como era praticada? Em que medida legitimava-se a opoterapia como resolução para os males humanos? Buscamos demonstrar os recursos e explicações conferidas e as técnicas hormonais propostas como medidas de intervenções de cunho higiênico e eugênico acionadas por instituições policiais no período. Por fim, nesse capítulo expomos como ocorreu a construção discursiva a respeito dos hormônios sexuais, de modo a condensar o processo pelo qual ocorreu a configuração de papéis de gênero associados a configurações morfológicas e anatômicas. Mais do que isso, a pesquisa compartilhou com Rohden, a idéia vital de que é importante “ilustrar como o ‘problema’

da ameaça a uma rígida distinção entre os gêneros serve de parâmetro para intervenções efetivas e mesmo dramáticas na vida das pessoas”.⁹⁰

Por fim, no que diz respeito às fontes, gostaria de enfatizar que tivemos como horizonte investigativo no trabalho com as obras de Leonídio que trataram sobre o tema da homossexualidade, o seguinte procedimento metodológico e estratégico, qual seja: procurar extrair algo da falta de continuidade do projeto de “cura” dos homossexuais, que nos permitisse adentrarmos no amplo campo – ainda não explorado em sua potencialidade- das informações frente as possibilidades críticas do uso da opoterapia como tratamento endocrinológico. Por isso, foi necessário trazer à tona falas críticas aos usos desta técnica, bem como demonstrar os diversos usos que a fizeram constar como integrante do projeto de restauração da juventude, da correção de problemas hormonais e de outros quadros crônicos que afetam órgãos e, contavam com a opoterapia, como um dos métodos possíveis de encaminhamento de profilaxia. Nesse percurso, buscamos adentrar novos cenários, elencar novas personagens e investigar novas fontes para a historiografia. Assim, a opoterapia passa a solicitar sua presença na memória das ciências biomédicas no Brasil.

⁹⁰ROHDEN, Fabíola. A ciência da diferença, *op.cit.*, p.25.

Capítulo 1

Rumo à “polícia científica: A Institucionalização da Medicina Legal Brasileira

Em *Identidade cifrada no corpo: o bertillonage e o Gabinete Antropométrico na Polícia do Rio de Janeiro (1894-1903)*⁹¹, Diego Galeano analisou o cenário de discussões sobre a implementação do sistema antropométrico de identificação de pessoas adotado em territórios parisienses e que fora criado por Alphonse Bertillon (1853-1914)⁹². Para Galeano, mesmo com o advento da datiloscopia em finais do século XIX⁹³, ambos os sistemas foram considerados importantes e foram mantidos em uso em países da América do Sul.

O trabalho de Galeano tem importância para nosso estudo na medida em que indica o médico legista Afrânio Peixoto⁹⁴ e seu notável discípulo Leonídio Ribeiro na polícia carioca, bem como Mario Guimarães⁹⁵ em São Paulo, como um grupo central para o conjunto de seções policiais que mantinham as ligações entre o sistema datiloscópico e os postulados da antropologia criminal no país. Galeano forneceu-nos fortes subsídios para a análise ao chamar atenção para o convívio de ambas as práticas no Gabinete de Identificação da Polícia Civil do Rio de Janeiro quando da gestão

⁹¹ GALEANO, Diego. *Identidade cifrada no corpo: o bertillonage e o Gabinete Antropométrico na Polícia do Rio de Janeiro, 1894-1903 - Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*. Ciências Humanas, v. 7, n. 3, p. 721-742, set.-dez. 2012.

⁹² A principal característica da *bertillonage* e que era motivo de crítica em relação ao seu uso no mundo policial, residia na diversidade de informações necessárias que pudessem ser fiéis à imagem do criminoso, a saber: as fotos de frente e de perfil e o famoso retrato falado. No entanto, logo no alvorecer do século XX, o método datiloscópico criado por Vucetich na Argentina ganhara os congressos internacionais. A propaganda do “sistema argentino”, iniciara-se em 1901 por ocasião do Segundo Congresso Científico Latino-Americano, sediado em Montevidéu, estendendo-se essa querela do mundo científico policial no mesmo evento, sediado anos seguintes no Rio de Janeiro.. *Ibidem*

⁹³ Sobre as diferentes temporalidades que podem ser utilizadas como marcos do início do sistema de Vucetich, ver mais em: FERRARI, Mercedes Garcia. El rol de Juan Vucetich en el surgimiento transnacional de tecnologías de identificación biométricas a principios del siglo XX, *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, Debates, 2014. Acesso on-line Disponível em: <https://nuevomundo.revues.org/66277?lang=pt>

⁹⁴ Afrânio Peixoto (1876-1947) nascido em Lençóis, Bahia, foi conhecido por sua atuação na medicina, na política, na literatura e na história do Brasil. Sobre a atuação deste multifacetado cientista ver mais em: SILVA, Renata Prudêncio da. *As ciências de Afrânio Peixoto: higiene, psiquiatria e medicina legal (1892-1935)*. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro, 2014

⁹⁵ “Mário Guimarães (1889-1976) nasceu a 20 de março de 1889, em São Paulo, filho de Felix da Silva Guimarães e de D. Luiza de Queiroz Guimarães. Fez estudos primários no Grupo Escolar do Sul da Sé, que funcionava na Rua Santa Teresa, em São Paulo. Realizou os estudos preparatórios no Colégio João de Deus, ingressando na Faculdade de Direito de São Paulo em 1904. Em janeiro de 1944, foi eleito Vice-Presidente, e, em maio do mesmo ano, Presidente do Tribunal de Justiça de São Paulo. Com a reorganização da Justiça Eleitoral em maio de 1945, passou a exercer, cumulativamente com as funções de Presidente do Tribunal de Justiça, as de Presidente do Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo. Reeleito para a Presidência do Tribunal de Justiça, permaneceu no cargo até outubro de 1950. Nomeado Ministro do Supremo Tribunal Federal, por decreto de 26 de maio de 1951, do Presidente Getúlio Vargas, para a vaga decorrente da aposentadoria do Ministro Laudo Ferreira de Camargo, tomou posse em 28 do mesmo mês. Além de inúmeras decisões reproduzidas na *Revista dos Tribunais*, *Revista Forense*, *Arquivo Judiciário* e *Boletim do TRE de São Paulo*, publicou as seguintes obras: *Recurso de Revista* (1942); *Estudos de Direito Civil* (1946) e *O Juiz e a Função Jurisdicional* (1958).. “ Cf.:<<http://www.stf.jus.br/portal/ministro/verMinistro.asp?periodo=stf&id=130>>

de Leonídio neste, no período de 1933-1946. Seu trabalho serviu como indicativo para melhor entendermos esse convívio de técnicas distintas.

Nas páginas a seguir, abordamos a consolidação da medicina legal em terras brasileiras e acompanhamos o percurso das principais técnicas de identificação disponíveis em finais do século XIX que, no alvorecer do século XX, disputaram a adesão de seus pressupostos em ambientes institucionais diversos em escala global. Ressalte-se, entretanto, que nosso principal interesse está em demonstrarmos como diferentes mecanismos de conceituação dos corpos humanos foram organizados e vinculados aos saberes biodeterministas. Tal ferramenta se mostrou de enorme interesse histórico, visto que a proposta de captar dados a respeito das populações, com o fito de engendrar políticas públicas de controle da reprodução dos indivíduos considerados indesejáveis, nos encaminhou a discussão histórica sobre as conexões entre a eugenia e os preceitos da medicina constitucionalista.

1.1. A Medicina legal em terras brasileiras

Podemos dizer que a medicina legal, mormente aquela posta em prática durante o século XIX e primeiras décadas do século XX, buscou, como campo médico forense, comprovar causas determinantes da cena criminal, elencando hipóteses de motivações e *modus operandus*, relatando laudos, mensurando a proporção de periculosidade do indivíduo e, não menos importante, criando uma espécie de aliança entre a medicina e o mundo policial para proporcionar medidas de prevenção.

A partir de janeiro de 1891, a medicina legal passou a ser obrigatória nas faculdades de direito, por intermédio do decreto de número 1232 H⁹⁶, que deu corpo ao regulamento das instituições de ensino jurídico, aprovadas pelo Ministério da Instrução Pública. Nessa resolução, cada faculdade de direito teria que oferecer três cursos: os de ciências jurídicas, de ciências sociais e de notariado. Ao curso de ciências jurídicas seria licenciado o ensino das disciplinas da medicina legal e da prática forense, ambos possuindo uma cátedra. Silva observa, ainda, que nas cadeiras de

⁹⁶ Antes, a cátedra estava instalada apenas nos cursos de medicina do país, desde 1832. Decreto de 2 de janeiro de 1891 - Regulamentação das Instituições de Ensino Jurídico. Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/Internet/InfDoc/novoconteudo/Legislacao/Republica/LeisOcerizadas/1891dgp-jan.pdf>>

higiene pública e medicina legal havia a garantia de vaga de preparador, indicando, assim, que estas eram vistas como “disciplinas laboratoriais”.⁹⁷

Em sua obra *Elementos de Medicina Legal*, publicada, em 1914, Afrânio Peixoto apontou como elemento da normatização do campo da medicina forense brasileira o decreto de número 3.640⁹⁸, de abril de 1900, responsável pela reorganização do serviço policial no Distrito Federal. Daí em diante, a seção médica passou a ser chamada de Gabinete Médico-Legal. Nesse decreto, presencia-se a instituição do serviço de identificação antropométrica, mais conhecido, por volta daquela época, como *bertillonage*.

Outro autor ligado à recepção de estudos de criminologia, de vertente positiva, foi o jurista Tobias Barreto, a quem Silvio Romero teria atribuído o papel de pioneiro da inserção de conteúdos da Escola Positiva de Direito Penal em terras brasileiras. Barreto publicou seu estudo *Menores e Loucos* em 1884 e fez referências ao pensamento lombrosiano, não o eximindo de críticas, posto que "ao discutir a necessidade e diferenciação das diversas categorias de irresponsáveis no campo penal", pretendia chamar a atenção para os excessos naturalistas da interpretação do crime expressa por Lombroso.⁹⁹ Alvarez comenta:

De qualquer modo, após essa recepção pioneira no Recife, inúmeros outros juristas, ao longo da Primeira República, passam a divulgar as novas abordagens "científicas" acerca do crime e do criminoso: Clóvis Beviláqua, José Higino, Paulo Egídio de Oliveira Carvalho, Raimundo Pontes de Miranda, Viveiros de Castro, Aurelino Leal, Cândido Mota, Moniz Sodré de Aragão, Evaristo de Moraes, José Tavares Bastos, Esmeraldino Bandeira, Lemos Brito, entre outros, publicam artigos e livros em que são discutidos os principais conceitos e autores da criminologia e da Escola Positiva de Direito Penal. Alguns se tornam entusiastas das novas teorias penais, outros censuram o exagero de certas colocações consideradas radicais, mas a grande maioria toma as novas discussões no campo da criminologia como temas obrigatórios de debate no interior do direito penal.¹⁰⁰

Mais do que isso, Alvarez salienta o fato de que a antropologia criminal ganhou impulso na América Latina no momento em que entrava em decadência no continente europeu, o que pode ser visto como elemento facilitador para o reconhecimento internacional de cientistas brasileiros, que por essas terras utilizavam e renovavam partes destas idéias. Lombroso e seu séquito não

⁹⁷SILVA, Renata Prudêncio da. *As ciências de Afrânio Peixoto: higiene, psiquiatria e medicina legal (1892-1935)*. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro, 2014, p. 252

⁹⁸Decreto 3.640, de abril de 1900, reorganiza as repartições policiais do Rio de Janeiro. <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1900-1909/decreto-3640-14-abril-1900-504589-publicacaooriginal-109093-pe.html>>

⁹⁹ ALVAREZ, Marcos César. *A criminologia no Brasil ou como tratar desigualmente os desiguais*. DADOS – Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, Vol. 45, nº 4, 2002, pp. 677 a 704.

¹⁰⁰ Ibidem. p. 684

encontraram tanta simpatia por seus postulados em solo europeu, mas “podiam encontrar na América Latina e, especificamente, no Brasil grande número de entusiastas dispostos a divulgar as principais idéias do pai da antropologia criminal e de seus correligionários”.¹⁰¹

Como parceira contínua dos médicos legistas, durante o século XIX, a criminologia serviu como ferramenta “vital a um regime que se pretendia moderno e que se sustentava na ideologia do progresso através da ordem”, e com essa base, as elites oligárquicas conseguiram fundamentar a pretensão do regime republicano, instaurada a partir de 1889, sob os preceitos da ordem fincada em preceitos científicos. Por esse caminho, quando abordamos o mundo do pós-abolição, assiste-se a uma transferência de responsabilidade para o Estado, em tese, que deveria a partir de então cuidar do contingente populacional de ex-escravizados.

O crime e suas repercussões receberam atenção das principais Academias de Medicina no país, que passaram a explicar os principais problemas que assolavam o país a partir de seus referenciais teóricos.¹⁰² O crescimento das taxas dos crimes cometidos na capital federal brasileira nas primeiras décadas do século XX, serviram para tensionar as discussões a respeito do que seria a civilização. Por esses motivos, urgia criar medidas de controle da população, afim de garantir a ordem e a harmonia. Em tempos agitados, o Rio de Janeiro dessa época assistiu ao desenvolvimento do movimento operário, quando suas reivindicações assumiram tons grevistas e vieram perturbar a mente dos patrões. Como destacou Menezes, as soluções disponíveis assinalavam para a importância da utilização de leis de expulsão de estrangeiros, a necessidade de investir no conhecimento de dados acerca da identificação da população brasileira, bem como na extensão dos saberes médicos e biodeterministas, agora inseridos nos preceitos jurídicos penais.¹⁰³

1.2. O Mal-estar que a civilização causa: Da urgência dos sistemas de identificação e das redes transnacionais em ação

Com o findar do século XIX, a modernidade trouxe consigo inovações no campo dos deslocamentos populacionais, a saber: inovações no âmbito dos tráfegos, como navios a vapor; no campo das telecomunicações, como o telégrafo e os telefones; ou no campo da captura imagética,

¹⁰¹ Ibidem.

¹⁰² MENEZES, Lená Medeiros de. *Os indesejáveis: desclassificados da modernidade*. Protesto, crime e expulsão na Capital federal (1890-1930), Rio de Janeiro, EdUERJ, 1996, p.54-55.

¹⁰³ Ibidem, p.59.

como a fotografia, dentre outras inúmeras invenções no campo tecnológico que dotaram o alvorecer do século XX de novas sensibilidades. Velocidade era a palavra de ordem e os indivíduos passaram a se locomover e transmitir informações desde áreas distantes. No espaço de experiência de quem viveu essas bruscas transformações tecnológicas, usufruir desses recursos era sinônimo de "progresso" e "civilização". No entanto, essas mesmas inovações tecnológicas, ao imprimir uma nova concepção de tempo e espaço, trouxeram consigo preocupações vitais para os países europeus e também para as Américas, que experimentavam então as consequências do aumento populacional, os fluxos imigracionais em direção à América do Norte e do Sul e o deslocamento da zona rural para as cidades após a abolição. Sofriam ainda com os favores que estas mesmas tecnologias passaram a fornecer aos indivíduos delinquentes.¹⁰⁴ Como bem ressaltou Courtine e Vigarello, “o mito da homogeneidade racial de hordas sem rosto alimentou poderosamente a sensação de uma deficiência do olhar europeu, perdido na multidão dos corpos anônimos. Mostrou-se crucial no desenvolvimento dos sistemas de identificação pelas impressões digitais e no declínio da antropometria”.¹⁰⁵

Na América do Sul, tal tecnologia também ganhou espaço nas instituições policiais. Galeano chama atenção para a formação paulatina de uma rede de cooperação das polícias sul-americanas, de modo a criar mecanismos de defesa social que viabilizassem a troca de informações entre territórios longínquos - sobretudo com o advento dos telégrafos - com o fito de resultar em prisões entre territórios que compartilhavam fronteiras, bem como auxiliar na troca de informações sobre foragidos e, por conseguinte na captura dos "criminosos viajantes". Para o autor, o intercâmbio de dados entre as polícias argentina e carioca foram fundamentais para a numerosa expulsão de estrangeiros durante as primeiras décadas do século XX¹⁰⁶. Sua análise sobre a circulação de modelos policiais, entre finais do século XIX e primeiras décadas do século XX, permite colocar em evidência que a *Belle Époque* foi acompanhada de um profundo sentimento de mal-estar em relação à segurança pública. Essa mudança de sensibilidade não era inédita, “mas dessa vez o fenômeno adquiriu dimensão mundial”.¹⁰⁷ O papel desempenhado pela imprensa popular, a velocidade comunicativa dos telégrafos e a consolidação do repórter-detetive foram centrais para a disseminação dessa cultura do medo diante do mundo do crime. Nomes como os de Sherlock

¹⁰⁴GALEANO, Diego. *Criminosos viajantes: Circulações transnacionais entre Rio de Janeiro e Buenos Aires- (1890-1930)*, - Prêmio Arquivo Nacional de Pesquisa 2013, p. 27-41.

¹⁰⁵COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELO, Georges. Identificar: traços, indícios, suspeitas. In CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELO, Georges (orgs). *História do Corpo (v.3): as mutações o olhar. O século XX*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009, p.355.

¹⁰⁶GALEANO, Diego. *Criminosos Viajantes*, *op.cit*, p.189-231.

¹⁰⁷ Idem.

Holmes e Auguste Dupin motivavam escritas ficcionais detetivescas. Notícias sobre os atentados anarquistas ocorridos no Velho Mundo aportavam nesses territórios longínquos, servindo de pauta para muitos jornais sul-americanos. Assim, “nessas fronteiras elásticas entre a ficção e a realidade, o temor (e a fascinação) frente ao delito instalou-se como um dado recorrente nas conversações cotidianas”.¹⁰⁸

A busca sistemática dos serviços de identificação por sinais únicos presentes no corpo humano que permitissem apontar a identidade dos indivíduos teve, como resultado, uma série de construções discursivas e técnicas acerca das corporalidades humanas e dos sinais que as diferenciavam de outras. Na virada para o século XX, a questão das impressões digitais ocupou um desses espaços, recebendo atenção de instituições arquivísticas, sobretudo aquelas ligadas à prática de controle dos trâmites comerciais e administrativos das populações. A institucionalização e o uso de leis de expulsão dos estrangeiros¹⁰⁹ com o fim de combater os criminosos internacionais, seja no Brasil ou na Argentina podem ser interpretadas, conforme sugere Galeano, como expressão da vontade de combatê-los, bem como da escassez de recursos tecnológicos para evitar a presença destes indivíduos. E é nesse quadro mais amplo em que podemos assistir o desenrolar das discussões em torno da padronização dos instrumentos de identificação, bem como na proliferação de congressos científicos, composto por criminologistas, policiais, médicos-legistas, juristas, com o fito de articular o desenvolvimento de uma polícia científica.¹¹⁰

O gesto de cobrir o trabalho policial com as roupagens de um *métier* cientificamente validado converteu-se em uma estratégia vital para apaziguar as inquietudes da imprensa, discutir as prerrogativas dos juízes e até dar certa popularidade às investigações. E nada melhor que trazer esses saberes do outro lado do Atlântico, em uma época em que as elites sul-americanas miravam com especial admiração às capitais européias, e bem particularmente a Paris. Se na segunda metade do século XIX se importavam livros, se mais tarde as revistas policiais começaram a resenhá-los e traduzi-los, se as chefias enviavam cartas à Europa pedindo detalhes sobre a organização de suas instituições, agora, nas vésperas do século XX, os intercâmbios faziam-se mais sistemáticos, até o ponto de mandar emissários em viagens de estudo e receber as visitas de ilustres criminalistas na América do Sul.¹¹¹

¹⁰⁸ Segundo o autor, tais temores favoreceram uma maior aproximação entre as polícias sul-americanas, fazendo surgir a necessidade da elaboração de instrumentos padronizados de identificação de criminosos viajantes e reincidentes. Esse idioma comum pode ser entendido através da cooperação entre as polícias sul-americanas, conforme analisado por Galeano em recente estudo. GALEANO, Diego. *Criminosos Viajantes*, *op.cit.*, p. 74-75.

¹⁰⁹ *Idem.*

¹¹⁰ *Ibidem.* p.82.

¹¹¹ GALEANO, Diego. *Criminosos Viajantes*, *op.cit.*, p. 82.

A realização de encontros internacionais, organizados por médicos, criminologistas e juristas, com o fim de comunicar os conhecimentos científicos e articular as bases do pensamento internacional ante ao elemento criminoso ao final do século já é bastante conhecida¹¹². Para garantir a defesa social de seus respectivos países, muitos dos intelectuais precisavam de informações inovadoras para o seu tempo e, não menos importante, de criar redes de contatos, de modo a proporcionar a construção de *paradigmas*¹¹³ para designar etiologias, sinais e sintomas e traçar o horizonte de atuações necessárias para conter o elemento perigoso. Importante salientar que estes mesmos congressos internacionais foram os espaços nos quais a teoria lombrosiana recebeu adesão de especialistas em criminologia, - mas nem todos -bem como nesses mesmos eventos onde teriam ocorrido discussões e críticas efusivas ao pensamento lombrosiano.¹¹⁴

A presença de médicos e criminologistas marcou as tentativas burocráticas destes anos. A América Latina, nesse processo, garantiu seu acesso às informações sobre as técnicas de identificação através de viagens de estudo, onde delegados, inspetores e médicos entravam em contato com a *bertillonage*, reatualizavam seus conhecimentos e conquistavam parcerias científicas informais. Dessa maneira, muitos artigos científicos e manuais de *Bertillon*¹¹⁵ foram traduzidos, formando, assim, uma rede de especialistas na técnica da identificação antropométrica, mormente em países como Argentina, Brasil, Chile, Uruguai, Equador, Peru e Chile. Bertillon orgulhava-se que Buenos Aires teria sido a primeira polícia, fora da França, a adotar seu sistema.¹¹⁶ Com relação ao Brasil:

O duplo estatuto científico e técnico do sistema antropométrico foi bem recebido por uma fração das elites urbanas que pretendia sustentar o exercício do poder político sobre as bases da ciência moderna. Mas, ao mesmo tempo, foi objeto de uma multiplicidade de ataques, suspeitas e resistências. O bacharelismo vigente desde a época do Império estava vendo como brotavam uma plethora de novos saberes- higienismo, criminologia,

¹¹² OLIVEIRA JÚNIOR, Alcides de. *De monstros a Anormais: A construção da Endocrinologia Criminal no Brasil (1930 – 1950)*, (Tese de Doutorado em História Cultural), UFSC, 2012.

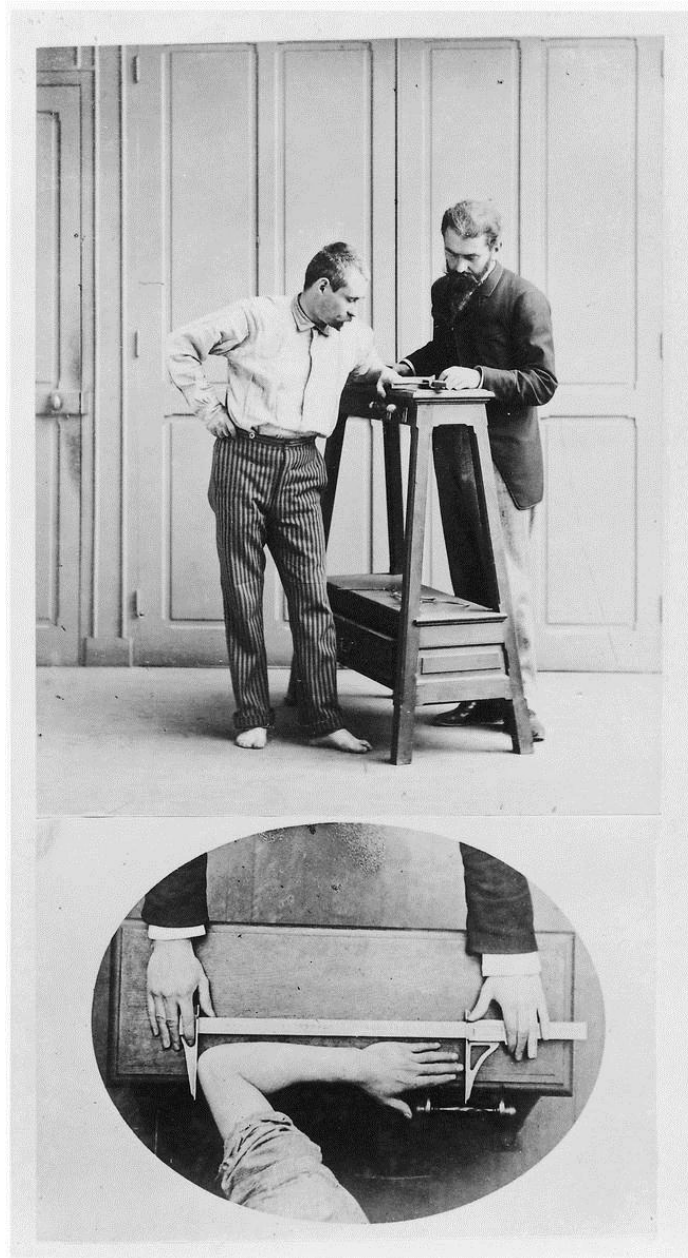
¹¹³ Para acompanhar mais sobre a construção do conceito de paradigmas ver mais em: HOCHMAN, Gilberto. A ciência entre a comunidade e o mercado: leituras de Kuhn, Bourdieu, Knorr-Cetina, Latour, 1994. In PORTOCARRERO, Vera. *Filosofia, História e Sociologia das Ciências: abordagens contemporâneas*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1994.

¹¹⁴ ALVAREZ, O homem delinqüente e o social naturalizado, *op.cit*, p.80-81;

¹¹⁵ Idem.

¹¹⁶ Conhecido por seus trabalhos na chefia do Serviço de Identificação na Prefeitura da Polícia de Paris e por compor a Sociedade de Antropologia Parisiense, em finais do século XIX, Alphonse Bertillon foi o responsável por elaborar um método de identificação baseado na antropometria, cuja principal característica residia no registro das medidas corporais dos criminosos, que poderiam ser arquivadas em fichas. Sua meta era a de constituir uma nova “memória policial”. Bertillon começou sua atuação na polícia como auxiliar escrevente, tendo ocupado em seguida os trabalhos no *bureau*, setor dedicado às cópias e ordenação das fichas criminais. Estas eram organizadas em ordem alfabética e costumavam ser consultadas pelas autoridades judiciais para averiguarem se o criminoso possuía antecedentes criminosos. GALEANO, Diego. *Criminosos Viajantes*, *op.cit*, p. 111, 112.

psiquiatria, medicina legal – que começavam a disputar espaços no campo estatal.¹¹⁷



Emprego da Bertillonage ¹¹⁸

Mas no bojo das transformações ocorridas no âmbito das técnicas de identificação, cumpre notar que teria contribuído para o descrédito e desconfiança contra a antropometria o surgimento de opiniões opostas à noção lombrosiana de *homocriminalis*. As vozes dissonantes eram oriundas da Escola de Lyon, da qual fazia parte o fundador da revista *Archives D'Anthropologie Criminelle*, o

¹¹⁷GALEANO, Diego. *Criminosos Viajantes*, *op.cit.*, p.123.

¹¹⁸ Disponível em: <https://www.nlm.nih.gov/visibleproofs/media/detailed/iii_c_100c.jpg> Acesso em Junho/2016 .

médico forense Alexandre Lacassagne (1885-1914), posto que ofereciam “outras chaves interpretativas” para o fenômeno criminal. Com apoio na sociologia de Gabriel Tarde, essa escola formulou argumentos que levavam em consideração a influência de elementos do “meio social na formação de uma carreira criminal”¹¹⁹. Convém advertir, conforme propõe Galeano, que paralelamente às críticas endereçadas à “antropologia antropométrica” dos criminólogos italianos, Lacassagne acolheu os “novos usos” que o policial parisiense Bertillon havia dado à antropometria. Isso porque, nas técnicas fornecidas por Bertillon, não era necessário encontrar uma explicação científica para a compreensão etiológica do crime. Pelo contrário, “aplicavam a ciência para resolver alguns problemas concretos das burocracias judiciais e policiais”.¹²⁰ O objetivo de Bertillon era o de construir um sistema de linguagem universal que pudesse ser utilizado em diversas polícias ao redor do mundo. Advogava também a idéia de substituir a prática arcaica de reconhecimento visual do criminoso por uma prática policial focada em uma documentação que sistemática sobre os delinquentes e suas reincidências.

No entanto, o método da *Bertillonage* requeria a produção de muitos dados, o que levava à criação de muitas fichas, razão principal pela qual foi motivo de críticas e de seu descrédito. Afinal, a produção imensa de dados era um desafio administrativo de alto custo financeiro. Chegou o momento em que, a circulação dos instrumentos identificatórios da *Bertillonage* deparou-se com a concorrência de novos saberes e propostas de identificação produzidas em territórios longínquos, mas mesmo assim, garantiu sua circulação em territórios europeus. Uma parte da história das técnicas de identificação, pode ser contada através da defesa dos desenhos papilares como método de identificação policial, proposto por Juan Vucetich¹²¹.

Em 1891, o diretor do Conselho Superior de Estatística de Roma recebia o *Boletín* argentino, o que o motivou a pedir informações sobre a nova oficina antropométrica que Vucetich coordenava em Buenos Aires. Dois anos depois, aportava em terra italianas “*Las Instrucciones generales para*

¹¹⁹ GALEANO, Diego. Criminosos Viajantes, *op.cit.*, p.110.

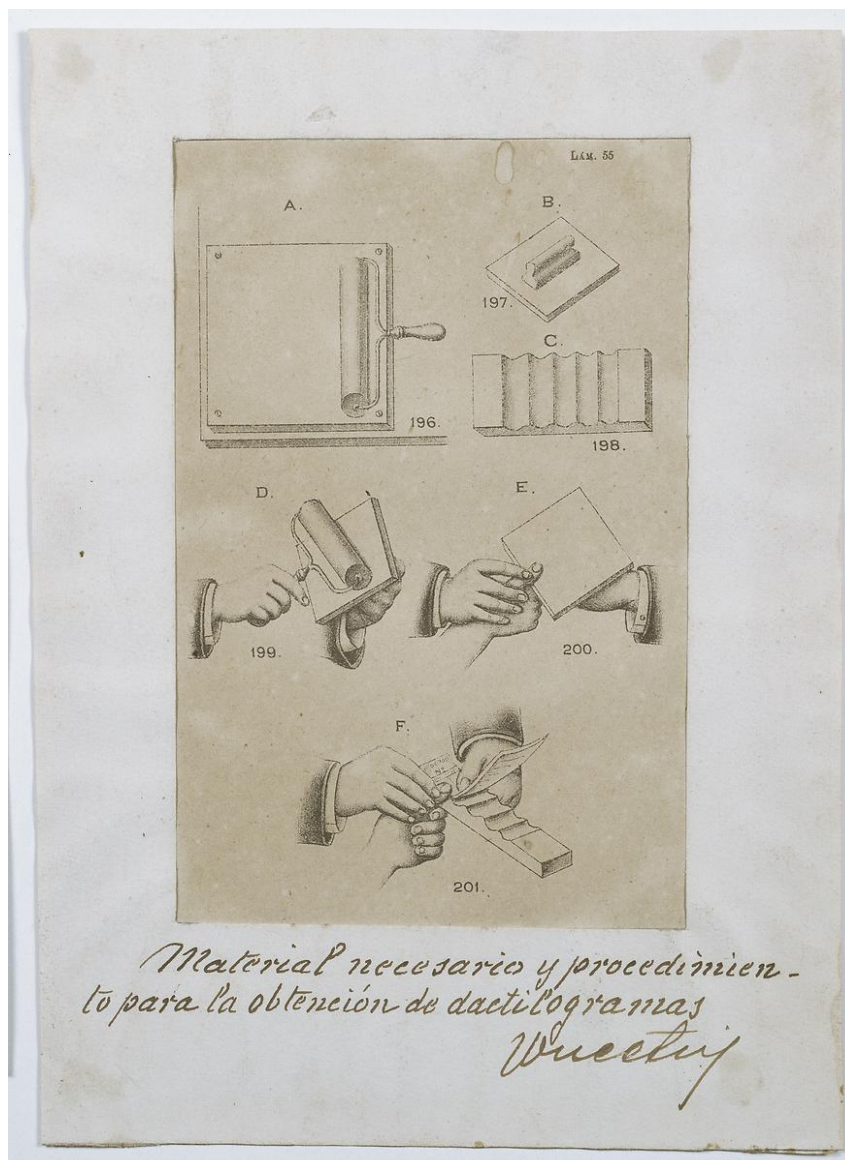
¹²⁰ *Ibidem*, p.111.

¹²¹ Juan Vucetich (1858-1925) - imigrante croata, antropólogo e policial. Em 1888, o imigrante croata, ingressa no Departamento da Polícia de Buenos Aires onde sua carreira no terreno das técnicas de identificação toma vida. Atuou como editor do periódico de estatística do *Boletín*, da Polícia de Buenos Aires, nos idos de 1891, sucedendo em sua carreira, publicações de manuais dedicados a novos sistemas de identificação. Para Ferrari, em virtude dessa participação, teria ocorrido a inserção de Vucetich em “redes internacionais de especialistas dedicados à identificação, à criminologia e à policia científica”¹²¹. Seus manuais, como “*Instrucciones generales para la identificacion antropometrica*” (1893), “*Instrucciones generales para el sistema de filiacion - Provincia de Buenos Aires*”(1895) , alcançaram sensibilidades locais, servindo como elemento formador de profissionais encarregados com as oficinas e departamentos de identificação, bem como “fueron fundamentales para comenzar a cimentar su fama de experto en el contexto internacional.” FERRARI, Mercedes Garcia. El rol de Juan Vucetich en el surgimiento transnacional de tecnologías de identificación biométricas a principios del siglo XX, *Nuevo Mundo, Mundos Nuevos*. Debates2014. Acesso on-line Disponível em: <https://nuevomundo.revues.org/66277?lang=pt>

la identificación antropométrica”, chegando nas mãos de estudiosos como Césare Lombroso, Raffaele Garófalo e Luigi Anfosso. Lombroso, inclusive, teria sido um dos responsáveis por tecer críticas ao método antropométrico italiano, baseando suas análises nas técnicas papilares de Vucetich, solicitando nas cartas endereçadas ao argentino o envio de modelos das distintas formas papilares, de acordo com a classificação de cada tipo individual criminal a qual pertencia. Seu olhar demonstra a ligação do registro corporal com os comportamentos criminosos, típico do pensamento com o qual construiu a sua teoria de criminoso-nato, conforme veremos mais adiante.¹²²A entrada de conteúdos científicos elencados por Vucetich se deu na França em inícios do século XX, por membros da escola de Lyon, período onde também assistimos a rivalidade aberta ante à *bertillonage*. Paradoxalmente, seus contatos com Galton se deram de forma mais intensa, pontualmente, e não teria ocasionado impactos nos trabalhos de Vucetich em terra britânicas. Um de seus manuais incluía uma lista com colorações das íris, o que teria chamado a atenção de Galton, que prontamente, em carta reportava seus elogios a Vucetich.¹²³

¹²²FERRARI (2014) menciona que Lombrosos intencionalmente tenta entender, através das impressões digitais, correlações entre tipos criminais e traços corporais, algo semelhante ao que Galton empreendia, ainda que seu caso esmerasse em diferenciar características raciais e geracionais. FERRARI, Mercedes Garcia. El rol de Juan Vucetich en el surgimiento transnacional de tecnologías de identificación biométricas a principios del siglo XX, *Nuevo Mundo, Mundos Nuevos*. Acesso Online em: <<https://nuevomundo.revues.org/66277?lang=pt>>

¹²³Idem.



Captura de digitais¹²⁴

Ferrari enfatiza o parecer do comitê inglês, ao considerar as ‘impressões digitais’ como superiores à antropometria, no que sucedeu a inauguração do *Fingerprint Bureau*, na Polícia Metropolitana de Londres. Por mais que muitos departamentos de polícias e estabelecimentos penitenciários europeus investissem na instituição de oficinas antropométricas, “os problemas para sua aplicação multiplicavam-se”¹²⁵. Os resultados fornecidos pela *bertillonage* não entusiasmavam, nem seus arquivos enciclopédicos. A produtividade e economia como atributos qualitativos da datiloscopia de Vucetich fizeram de seu método mercadoria de maior valor que a *bertillonage*.

¹²⁴ Disponível em: <https://www.nlm.nih.gov/visibleproofs/media/detailed/iii_c_211.jpg> Acesso em Julho/2016.

¹²⁵ FERRARI, Mercedes Garcia. El rol de Juan Vucetich, *op.cit.*, Acesso Online em: <<https://nuevomundo.revues.org/66277?lang=pt>>

Além disso, Courtine e Vigarello apontam que a datiloscopia também possuía uma vantagem, muito útil para a medicina legal: proporcionava a coleta de impressões 'latentes' em cenas de crime.¹²⁶

Por fim, ainda que tenha havido a mudança dos usos da antropometria e de seu arsenal oriundo da *bertillonage*, na direção da dita precisão investigativa através dos desenhos que carregamos em nossas mãos, havia ali, nas primeiras décadas do século XX, uma arena de utilização de ambos métodos, - como vimos no início deste capítulo- em delegacias diversas nesse painel da prática da identificação no Brasil de outrora.¹²⁷

1.3. Da Identificação e suas articulações com a criminologia positivista

Enrico Ferri (1856-1929), um dos principais discípulos de Lombroso¹²⁸ e reformulador de suas ideias, teria proposto que, por fatores hereditários, a predisposição a cometer crimes poderia ser transmitida entre as gerações, ocasionando a eclosão do comportamento criminal na descendência, mormente se o indivíduo vivesse num ambiente social que contribuísse para ativar seu potencial criminal¹²⁹. Em outros termos, acreditava-se que portadores de doenças, como a sífilis e o alcoolismo, poderiam legar a seus filhos uma herança tal que os predisponha a má-formações congênicas capazes de desencadear posteriormente comportamentos criminosos durante a vida¹³⁰. O conceito de *atavismo* ocupa aí lugar de destaque. Para Lombroso, assim como para Ferri, o criminoso expressaria o que há de mais primitivo no comportamento humano, trazendo à tona a presença de elementos físicos e mentais já experimentados pela vida humana desde os tempos mais antigos. O comportamento criminal seria, dessa maneira, o sinal mais forte do elo psíquico, morfológico e humoral que ligaria o criminoso ao indivíduo primitivo.¹³¹

¹²⁶ COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELO, Georges. Identificar: traços, indícios, suspeitas. *op.cit.*, p.356.

¹²⁷ GALEANO, Diego. Criminosos Viajantes, *op.cit.*, p. 137.

¹²⁸ A obra de Lombroso recebeu diversas edições e foi traduzida em diversos países europeus, aportando em territórios *non-western* rapidamente. No caso da América Latina, a adesão as suas ideias foram realizadas por criminologistas, estudiosos de medicina - legal, juristas interessados na temática que dotaria a explicação do ato criminal a partir de noções oriundas da biologia, bem como por curiosos em entender as correlações entre sinais do corpo e a personalidade humana. Durante as cinco edições em italiano que a obra obteve, Lombroso teria adicionado informações oriundas de suas investigações em antropometria, com fins de comprovar suas assertivas. No final do século XIX, também publicou *Le Crime: causes et remèdes* (1899), onde teria lançado mão de explicações sócio-econômicas para explicar as causas determinantes do crime. ALVAREZ, O homem delinqüente e o social naturalizado, *op.cit.*, p.80.

¹²⁹ Idem.

¹³⁰ STEPAN, Nancy Lens. *A hora da eugenia: raça, gênero e nação na América Latina*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.

¹³¹ ALVAREZ, O homem delinqüente e o social naturalizado: apontamentos para uma história da criminologia no Brasil. *Teoria & Pesquisa*, São Carlos, n° 47, 2005. p.79.

Caberia à antropometria compreender os principais traços morfológicos que fariam do criminoso um ser particular, já que a compilação e descrição dos traços físicos do corpo humano, sobretudo daqueles que destoariam do considerado como padrão, permitiria elaborar esquemas explicativos, com base na morfologia corporal, do que era saudável no corpo humano e daquilo que corresponderia ao patológico.

Embora o início do século XX assinalasse o descrédito dos postulados lombrosianos em territórios europeus, paradoxalmente, será nesse mesmo período que as idéias lombrosianas serão deslocadas, reajustadas e colocadas em prática em outros países, como bem demonstra o caso brasileiro em particular.¹³² Ainda que a recepção das ideias lombrosianas tenha sido variada em território brasileiro, como bem demonstrou Dias (2015) em seu recente estudo, ao descortinar a miscelânea de apropriações, revisões e utilizações de saberes, de matriz lombrosiana dos debates científicos brasileiros, habitando os ambientes criminológicos, psiquiátricos e endocrinológicos.¹³³ Boa parte da matriz do pensamento que explicava o comportamento criminoso a partir do determinismo biológico permaneceu sendo motivo de atenção de especialistas em medicina legal, psiquiatria e criminologia. No caso brasileiro, teremos personagens que serão responsáveis por revestirem as ideias lombrosianas com novos usos e horizontes de atuação, como veremos a partir do estudo da atuação do personagem central da trama de nossa pesquisa, o médico-legista e principal defensor do pensamento atávico lombrosiano, em territórios fluminenses, durante o governo Vargas, qual seja: o Dr. Leonídio Ribeiro, pois além de seguir tais teorias, investiu na aplicabilidade destas referências a partir da criação de instituições como o Laboratório de Antropologia Criminal (1932) e o Laboratório de Biologia Infantil¹³⁴ (1935), sendo este vinculado ao Juizado de Menores.

Comentando o impacto das ideias criminológicas na sociedade brasileira, Alvarez pontua:

Independentemente dos conflitos que por vezes opuseram médicos e juristas a respeito das novas ideias penais, a Criminologia no Brasil, como conhecimento voltado para a compreensão do homem criminoso e para o estabelecimento de uma polícia "científica" de combate a criminalidade, será vista pelas elites desde o final do século XIX como um instrumento essencial para a viabilização dos mecanismos de controle social necessários à contenção da criminalidade no país. Mas, com a proclamação da república os desafios colocados para as elites republicanas não irão

¹³² *Ibidem*, p.82.

¹³³ DIAS, Allister. *Arquivos de ciências, crimes e loucuras: Heitor Carrilho e o debate criminológico do Rio de Janeiro entre as décadas de 1920 e 1940*, Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde), Fundação Oswaldo Cruz, Casa de Oswaldo Cruz, 2015.

¹³⁴ Para acompanhar a história deste laboratório, ver mais em: SILVA, Renato da. O Laboratório de Biologia Infantil, 1935-1941: da medicina legal à assistência social. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.18, n.4, out-dez. 2011, p.1111-1130.

se limitar apenas ao estabelecimento de novas formas de controle social, mas incluirão especialmente o desafio ainda maior de consolidar os ideais de igualdade política e social do novo regime em face das particularidades históricas e sociais da situação nacional.¹³⁵

Os desafios de que fala Alvarez são aqueles colocados pela recente abolição da escravidão. Afinal, como aplicar os princípios republicanos de liberdade e democracia numa sociedade que temia a presença de centenas de milhares ex-escravizados, que agora com o regime republicano, em tese, estariam no mesmo nível do resto da população? Ou, de que maneira e através de quais estratégias, poderia ser evitado o gozo dos princípios republicanos, por parte dos recém-libertos, agora cidadãos plenos de direito - em tese é claro - ? Uma possível resposta a essa situação foi encontrada pelos juristas da época na aprovação imediata do Código Penal, no ano de 1890, antes mesmo do regime republicano ser dotado de uma Constituição, que viria a público no ano seguinte.¹³⁶

Alvarez enfatiza que a "expansão de cidadania" também esteve presente como um problema nas reflexões realizadas por juristas reformadores e médicos adeptos da Criminologia. Nesse sentido, para os criminologistas, seria inviável pensar na igualdade de direitos para a população, haja vista as singularidades históricas, raciais e sociais brasileiras. As desigualdades sociais vividas pela sociedade brasileira não eram compatíveis com os ideais de liberdade. Nas discussões e intervenções políticas do período, pensadas pela *intelligentsia*, predominou o entendimento de que o grande obstáculo consistia em "tratar desigualmente os desiguais", o que resultou em não "estender a igualdade de tratamento jurídico-penal para o conjunto da população".¹³⁷

A criminologia, na perspectiva de Alvarez, teria permitido pensar as especificidades históricas que o Brasil passava, bem como teria incentivado a aplicação de políticas públicas condicionadas à especificidade nacional, garantindo o controle social da população e, não menos

¹³⁵ ALVAREZ, O homem delinqüente e o social naturalizado, *op.cit*, p.84-85.

¹³⁶ Muito poderia ser dito sobre a face desta *democracia-excludente* que marcou o período republicano em seus primórdios, porém devido aos limites do nosso texto, será necessário apontarmos a contribuição historiográfica, mormente dos estudos do pós-abolição que têm trazido renovação de interpretações sobre o período republicano, em sua face segregacionista de direitos, que deveriam ser estendidos a população agora liberta do regime escravista e, não menos importante, da maneira na qual por outros meios que não o jurídico, o caso da medicina constitucionalista, concatenava suas explicações bio-deterministas a partir de um viés racista e preconceituoso expressivo do período do medo branco de alma negra, bem ilustrado por CHALHOUB, Sidney. "Medo branco de almas negras: escravos, libertos e republicanos na cidade do Rio de Janeiro. *Discursos Sediciosos: Crime, Direito e Sociedade*, Instituto Carioca de Criminologia. Rio de Janeiro: Relume Dumará, Ano I, nº 1, 1996, p.169-189. Para acompanhar esse debate ver mais em: RIOS, Ana Maria. MATTOS, Hebe Maria. O pós-abolição como problema histórico: balancos e perspectivas. *TOPOI*, v. 5, n. 8, jan.-jun. 2004, pp. 170-198; CAMPOS, Andreino de Oliveira: Do quilombo à favela: a produção de "espaços" criminalizados no Rio de Janeiro até década 1930, In: *Revista de Pós-Graduação em Geografia*, 2 (2). Rio de Janeiro: UFRJ, 1998, pp. 50-68; MENDONÇA, Sonia Regina de. Estado e Sociedade: A consolidação da República Oligárquica. In.: LINHARES, Maria Yeda (Org.). *História Geral do Brasil*. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

¹³⁷ ALVAREZ, O homem delinqüente e o social naturalizado, *op.cit*, p.84-85.

importante, estabelecendo ações jurídico-penais diferenciadas para a população, tendo como base seu *status* social. Cumpre notar, que subjacente às noções criminológicas, vinculadas à vertente positiva do direito penal, residia seu aspecto "normalizador", que seria responsável por "identificar, qualificar e hierarquizar" os elementos naturais (biológicos), sociais (mesológicos) e individuais (morfológicos, psicológicos e humorais) que teriam contribuído com a ação criminosa e na evolução da criminalidade¹³⁸. Por outro lado, a criminologia representava uma alternativa a noção clássica de direito penal, que entendia que o crime era consequência de escolhas racionais, sendo o livre-arbítrio a causa do ato criminal. O ponto fraco do argumento da escola clássica do direito penal era exatamente postular a igualdade formal dos indivíduos, o que na opinião de Alvarez, impedia seus proponentes a encarar e propor dispositivos jurídico-penais coerentes com a peculiaridade da realidade nacional brasileira.¹³⁹

No que se refere às conquistas dos adeptos da visão biodeterminista dos comportamentos criminais, cabe ressaltar que por mais que os juristas e médicos seguidores da criminologia, de matriz lombrosiana, não tenham conseguido reelaborar os dispositivos constitucionais integralmente, de acordo com os critérios constitucionalistas, Alvarez aponta que ao menos em parte essa meta foi atingida. Em seu balanço das conquistas e fracassos da escola positiva de direito penal, no caso de São Paulo, durante as décadas de 1930 e 40, Ferla apontou a inserção das medidas de segurança, a instituição do livramento condicional, a criação do Manicômio Judiciário, a promulgação do Código de Menores, a criação de laboratórios com a alcunha de antropologia criminal, a não criminalização da homossexualidade no Código Penal de 1940¹⁴⁰, o incremento de novas formas de controle social, como atesta a criação da Penitenciária Paulista em 1920, a Colônia Agrícola de Taubaté, o Presídio Feminino e a obrigatoriedade da identificação civil.¹⁴¹ No campo dos fatores que teriam ensejado a derrocada de alguns dos postulados da escola "positivista", concorreram para tal, segundo Ferla, a fragmentação teórica e doutrinária desta vertente, a concorrência de outras vias de produção de verdade que competiam com a perícia médico legal e,

¹³⁸ ALVAREZ, O homem delinqüente e o social naturalizado, *op.cit*, p. 85-86.

¹³⁹ *Idem*.

¹⁴⁰ No momento oportuno, voltaremos a problematizar essa questão, reiterando, que a não criminalização não é sinônimo de respeito e garantia de direitos a população homossexual. Pelo contrário, subjacente a não criminalização da prática homossexual, no Código Penal, vinha acompanhado a dimensão da "patologização" dos comportamentos homoeróticos. Por isso, me afasto de interpretações como a de Trevisan (2009) que comemora este fato. Penso que, perdemos em interpretação histórica se comemoramos algo que, em essência, não garantiu para a população homossexual, da época, conquista de direitos e garantia das liberdades individuais.

¹⁴¹ FERLA, Luis. *Feios e malvados sob medida: a utopia médica do biodeterminismo*, São Paulo (1920-1945), São Paulo: Alameda, 2009, p.335-384.

por fim, o alto investimento financeiro e institucional necessário para a execução das ideias "positivistas".¹⁴²

Em outra direção, interessa-me as abordagens que dão conta das críticas endereçadas aos usos do método antropométrico nos registros de identificação na urbe carioca das primeiras décadas do século XX, já que colocam em evidência os dilemas e limites ante ao uso do método antropométrico nos ambientes de identificação da Polícia Civil. Um bom exemplo, nesse sentido é o caso da oposição ferrenha frente ao método de exibição dos corpos, evocada pelo senador Barata Ribeiro. O senador fazia questão de apontar que a técnica antropométrica ia contra a garantia dos direitos constitucionais, visto que as liberdades individuais estariam ameaçadas com a presença da identificação. Cada delegacia com sua especificidade regional, com suas redes de atuação nas cidades múltiplas do estado fluminense, poderiam utilizar, da maneira como conviesse, os registros fotográficos, somados as medidas dos braços, crânios, localização de cicatrizes, tatuagens. Galeano enfatiza que “mesmo que o projeto do senador Barata Ribeiro não fosse aprovado, a assimilação da antropometria com uma prática vexatória é uma das chaves para entender o posterior sucesso das impressões digitais.”¹⁴³

Os debates realizados com o fito de criticarem o método antropométrico permitem-nos compreender os elementos dissonantes, o que dá visibilidade às diferentes referências teóricas que circulavam nos laboratórios antropométricos do período investigado.

No caso do Rio de Janeiro, observa-se a presença do método antropométrico, em finais do século XIX e primeiros anos do século XX. Já em 1906, assistimos a defesa do chefe do Gabinete de Identificação da polícia, o Dr. Félix Pacheco, manifestando-se a favor da implementação do método datiloscópico como instrumento de identificação oficial de registro de dados sobre a população que compunha o cenário da República infante. É no registro oficial de pessoas que ocupam as cidades que as técnicas de identificação se encaixam. Outras podem atuar com tons mais simbólicos, pela via das sensibilidades e dos gestos retóricos, fomentados em escalas racialistas. Por isso a pertinência dos estudos de Cunha para nossas reflexões. Suas observações sobre os autos-deflagrantes registrados, isto é, o momento em que se procede a qualificação dos acusados, permitiu a Cunha localizar a produção de espaços reservados à distinção na caracterização dos acusados e os “estilos” retóricos utilizados pelos narradores para descrevê-los no período de 1927 até 1942¹⁴⁴.

¹⁴² Idem.

¹⁴³ GALEANO, Criminosos Viajantes, *op.cit.*, p. 135.

¹⁴⁴ CUNHA, Maria Olivia Gomes da. *Intenção e Gesto: pessoa, cor e a produção cotidiana da (in) diferença no Rio de Janeiro, 1927-1942*. Prêmio Arquivo Nacional de Pesquisa, Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2002, p. 106.

Cunha encontrou nos registros policiais os temores dos acusados de passar pelos autos de qualificação, tendo que se registrar nas dependências de uma delegacia. Ter uma passagem nos departamentos policiais já era sinônimo de aflição, segundo a autora. Para compreender melhor a noção de qualificação do acusado, Cunha realiza uma digressão a respeito do que pode ser visto como qualificação e, por outro lado, demonstra o que se pode distinguir de alguém, ou seja: a qualidade. Qualificação pode significar a tarefa de anotar a identidade de uma pessoa, bem como pode ser semelhante a *classificar*, tendo o poder de enunciar algo, e por fim, o procedimento resulta numa *qualificação, seja adjetivando comportamentos ou emitindo opiniões acerca da alma do acusado, sua persona*. Trata-se, em suma, de estabelecer critérios que permitam distinguir um ser de outrem.¹⁴⁵

Assim, as informações registradas em boletins de ocorrência sobre o perfil biográfico, dos (as) detidos (as) em delegacias cariocas, nas primeiras décadas do século XX, ajudaram a compor o que Cunha chamou de “produção cotidiana da diferença”¹⁴⁶, isto é, o desenvolvimento de atos e produções de estigmas, adjetivações, sobre a personalidade do(a) delinquente. Os espaços destinados à qualificação dos acusados nos boletins de ocorrência são fontes relevantes para entendermos o modo de produção de subjetividades, dos comportamentos criminosos, sejam eles associados à prostituição, à vadiagem, às homossexualidades, aos anarquistas ou aos criminosos viajantes.¹⁴⁷

No caso do crime de vadiagem, artigo 333, tipificado no Código Penal republicano desde 1890, a profundidade do debate torna-se mais sensível e instigante. Com frequência, se no ato da prisão o cidadão não perdia seus direitos totais, poderia questionar a finalidade da identificação, leia-se fotografia judiciária. Como justificar e entender a dimensão vexatória da exibição dos corpos por meio da identificação antropométrica obrigatória?

Tanto no Código Civil de 1921, quanto no Código Penal de 1890, a prisão em flagrante caracteriza-se por uma espécie de perda momentânea de direitos. O fato é que a prisão seguida da identificação permitia que a condição de cidadania fosse desqualificada. Além de uma clara “profanação” dos corpos dos indivíduos, esse procedimento fazia recair sobre o identificado um estado de suspeição perene: a eterna dúvida, a presunção e o perigo. Nesse sentido, tanto fazia que o método fosse a fotografia, a antropometria ou a datiloscopia. *A eficácia simbólica de seus efeitos era presumível*.¹⁴⁸ (Grifos meus)

¹⁴⁵CUNHA, Maria Olivia Gomes da. *Intenção e Gesto: pessoa, cor e a produção cotidiana da (in) diferença no Rio de Janeiro*, *op.cit.*, p.107.

¹⁴⁶*Ibidem*, p. 40,41,53.

¹⁴⁷*Idem*.

¹⁴⁸*Ibidem*. p. 152.

A polêmica sobre os usos do método de identificação antropométrica em ambientes policiais do Rio de Janeiro, travada nos debates parlamentares desde 1906, comprovam o cabedal de possibilidades de interpretação ali presentes, naquilo que Cunha chamou de “metáfora das cores”. A oposição à Barata Ribeiro, personificada na figura de Oliveira Figueiredo, argumentava pela utilidade da identificação em sua essência “preventiva”, bem como na sua capacidade de criar marcas simbólicas que produzem constrangimentos de ordem moral, uma vez que a “condenação faz o branco preto”.¹⁴⁹

O trabalho de Cunha é vital para entendermos a técnica da identificação como uma questão de domínio¹⁵⁰, seja através das perícias ou dos *estilos* descritivos acionados quando se procede com a qualificação do acusado. Ou seja, percebermos um contexto em que funcionários das instituições policiais se veem aptos para marcar e sinalizar, a seu modo, o que para eles conferia identidade a determinado indivíduo. Vimos que, mesmo nos processos e documentos destinados a apreciação do judiciário, “não há muito cuidado em normalizar esses procedimentos”.¹⁵¹

Com frequência, a produção cotidiana da diferença se instaurava por meio de domínios acionados por técnicas de identificação das populações, organizadas em um complexo e intricado processo de construção de códigos linguísticos relacionados a argumentos racistas que reendossam sistemas de crenças baseados na noção de padrões de normalidade.¹⁵²

Reconhecendo, então, entre os diversos marcadores da diferença, o aspecto racista nas qualificações dos acusados de crimes, Cunha explica:

As categorias relativas à ‘cor da pele’ (...) faziam referência a um conjunto singular de possibilidades conjunturais. Conjugavam representações locais sobre as categorias *cidadão* e *criminoso* em um complexo sistema simbólico, no qual eram interpretadas através do seu contraste, relação, e suas respectivas atribuições de valor. Sua compreensão era de uso restrito e sujeita a interpretações locais.¹⁵³

Cunha sustenta a tese de que a leitura dos processos de vadiagem nas primeiras décadas do século XX permite apreender mais sobre a identificação do que informam os postulados estritamente científicos, evocados por médicos e afins. Há aí uma disputa de saberes entre médicos, técnicos, identificadores, delegados, dentre outros. A autora entende que é possível interpretar a

¹⁴⁹CUNHA, Maria Olivia Gomes da. *Intenção e Gesto: pessoa, cor e a produção cotidiana da (in) diferença no Rio de Janeiro*, *op.cit.*, p. 16,p.152.

¹⁵¹ *Ibidem*,p.159.

¹⁵² *Idem*.

¹⁵³ *Idem*.

identificação, como constantes *gestos* produzidos, com tons sutis e simbólicos, cuja garantia de sua veridicção, dependeu da “atenção de alguns, a perspicácia de outros e o silêncio de uns poucos”.¹⁵⁴

Após o advento do método datiloscópico, a formação de discursos e práticas em torno do que seria essa “identidade individual”, constituiu aquilo que Carrara denominou como o campo da “sciencia e doutrina da identificação” no nosso país¹⁵⁵. Segundo o autor, o Gabinete do Instituto de Identificação do Rio de Janeiro tornou-se o principal templo da prática da identificação brasileira. No local, aglutinaram-se práticas de pesquisas e produção de conhecimento sobre a identidade dos indivíduos delinquentes. Seus principais “sacerdotes”, no caso brasileiro, teriam sido os médicos legistas Afrânio Peixoto e Leonídio Ribeiro¹⁵⁶.

Tratava-se de um processo que deslocaria a atenção para o criminoso e não mais para o crime em si, conforme veremos no tópico seguinte. Em decorrência desse processo, cria-se um conjunto de instituições dedicadas a resolver e corrigir o comportamento dos indivíduos criminosos. Carrara comenta:

Para a medicina, o criminoso passa a possuir uma constituição biológica especificamente anômala. A luta pela individualização da pena, que deveria assumir um caráter terapêutico seguindo o modelo de um prognóstico médico; pela remodelação dos presídios, que deveriam se transformar em verdadeiros hospitais; e pelo desenvolvimento de um saber médico sobre o delinquente (a medicina legal) faziam parte de um grande investimento teórico e político que atribui a sua paternidade ao italiano Cesare Lombroso com a sua Escola de Antropologia Criminal.¹⁵⁷

Estamos aqui falando de duas vertentes que irão disputar o campo teórico e prático, no âmbito do direito penal. A primeira vertente seria a do direito clássico, que acreditava que o ser humano possui livre arbítrio; nesse caso, o crime é visto como uma escolha individual. Peres e Nery por sua vez, assinalam que para a Escola Clássica de Direito Penal, a principal matriz doutrinária era inspirada nos trabalhos de Cessare Beccaria¹⁵⁸ (1767), cujas proposições baseavam-se em três pressupostos, quais sejam: a noção de igualdade dos homens perante a lei, a defesa da pena como função da gravidade do delito e o condicionamento do crime à sua definição legal.¹⁵⁹ Ferla, inclui

¹⁵⁴ Ibidem. p.170.

¹⁵⁵ CARRARA, Sérgio. “A sciencia e doutrina da identificação no Brasil”. Rio de Janeiro, *Boletim do Museu Nacional*, nº 50, 1984, p.2.

¹⁵⁶ Ibidem.

¹⁵⁷ CARRARA, Sérgio. A “sciencia e a doutrina da identificação, *op.cit*, p. 3.

¹⁵⁸ Cessare Beccaria (1738-1794) - Formado em Direito pela Universidade de Parma em 1758, autor do clássico *Dos Delitos e Das Penas*, onde registra seu descontentamento com técnica penais como a tortura, os suplícios e as penas desproporcionais ao delito aplicadas aos condenados. Sua tese é a de que isonomia dos indivíduos perante a lei. Para Beccaria, o objetivo das penas seria o de recuperar o criminoso, daí afirmando a inutilidade da pena de morte e do recurso a vingança. Referência?

¹⁵⁹ Ibidem, p. 336.

nessa lista de teóricos filiados ao direito clássico, os trabalhos de Bentham¹⁶⁰ e Von Feuerbach¹⁶¹, segundo os quais o livre-arbítrio revela as escolhas do indivíduo, expressando a ruptura deste com o contrato social. Em suma, a ação social punitiva, nessa perspectiva, visa o crime e não o criminoso.¹⁶²

Em contrapartida, os adeptos da corrente do direito positivo, defendiam que o crime é resultado de variantes biológicas, isto é, de que o criminoso pode receber, por fatores hereditários, os condicionantes que lhe colocarão no patamar da predisposição orgânica para a execução do crime. Em outros termos, a tendência para o crime é herdada, adquirida de fatores congênitos. Provavelmente, o criminoso já nasceu assim, sendo o ato criminoso a expressão inevitável de uma herança biológica. Para a vertente do direito positivo, elementos como o meio social e outras questões sociais deveriam ser vistos como fatores que poderiam desencadear o “atavismo” do criminoso. O meio poderia despertar o criminoso para o seu destino: o ato delitivo. Assim, a pena atribuída ao criminoso deveria ser interpretada como um tratamento, o que facilitaria a máscara da punição.¹⁶³

A escola positiva de Direito Penal¹⁶⁴ fez dos médicos atores centrais na nova criminologia. O olho treinado e especializado do cientista médico seria capaz de identificar na multidão os sinais indicadores do desvio. A medicina adentrava no ambiente das instituições penais pela porta da frente e com a autoridade científica debaixo do braço. As delegacias, prisões, penitenciárias,

¹⁶⁰ Jeremy Bentham (1748-1832) – foi filósofo, jurista, autor da teoria do utilitarismo em direito penal. Seu pensamento está ligado as bases da democracia liberal. Sua tese do utilitarismo obteve repercussões no pensamento ético-filosófico e jurídico inglês. Sua tese utilitarista tende a instituir uma ética das consequências, onde podem ser definidos os bens a serem resguardados e alcançados, sendo o Direito o veículo pelo qual tais garantias poderiam ser asseguradas.

¹⁶¹ Paul Johann Anselm Von Feuerbach (1775-1833) foi um jurista alemão, considerado o fundador da moderna dogmática penal, tendo construído sua teoria jurídica e filosófica com base na teoria kantiana. Segundo o jurista, a pena deveria basear-se em quesitos utilitários e defendia que os súditos poderiam expressar suas insatisfações ante o soberano. Para acompanhar um amplo painel das idéias em direito penal, correntes entre os séculos XVII E XVIII, ver o estudo de: QUEIROZ, Rafael Mafei Rabelo. *A Teoria Penal de P. J. A. Feuerbach e os juristas brasileiros do século XIX: a construção do direito penal contemporâneo na obra de P.J.A. Feuerbach e sua consolidação entre os penalistas do Brasil*. Tese (Doutorado em Direito), USP, 2011

¹⁶² FERLA, Luis. Feios, sujos e malvados, *op.cit*, p.24; DIAS, Allister. Arquivos de ciência, *op.cit*.

¹⁶³ PERES, Maria Fernanda Tourinho e NERY FILHO, Antonio. A doença mental no direito penal brasileiro: inimputabilidade, irresponsabilidade, periculosidade e medida de segurança. *História, Ciências, Saúde, Manguinhos*, Rio de Janeiro, vol. 9(2), maio-ago. 2002. p.335-355.

¹⁶⁴ A Escola de Direito Penal Positiva é igualmente conhecida como escola italiana ou científica, tendo surgido em finais do século XIX, em virtude dos trabalhos do criminologista Césare Lombroso, conhecido médico e professor universitário italiano. É preciso situar um outro ponto histórico importante para entendermos o contexto intelectual, no qual nascerá as idéias contrárias a tese do livre-arbítrio, como elemento explicativo enquanto causa de crimes diversos. Como notou Ferla, para compreendermos o surgimento e a popularidade das idéias lombrosianas, devemos também levar em consideração o “desenvolvimento da escola degeneracionista francesa” Ao recuar no tempo seu eixo de análise, o autor percebe no alienismo de Morel, expresso na publicação do *Tratado de degenerescências físicas, intelectuais e morais da espécie humana*, no ano de 1857, o ponto no qual será desenvolvida as noções de que os distúrbios psíquicos, seriam sinais de desequilíbrios biológicos, ligados a hereditariedade e a fatores constitucionais do indivíduo. Ver mais em FERLA, Luis. Feios, sujos e malvados, *op.cit*, p.26.

manicômios, institutos disciplinares deveriam se transformar em instituições terapêuticas, de caráter científico, o que implicaria dentre outras coisas, em produção de conhecimento. Não se defendia mais apenas uma sequestração para isolar indivíduo criminoso do conjunto da sociedade, na intenção de protegê-la, mas um estudo rigoroso, criterioso, metódico e científico do corpo e da mente de cada indivíduo “desviante”. Estudo que iria subsidiar a definição da melhor terapêutica, que iria, concomitantemente, aprimorar o próprio desenvolvimento científico da criminologia.¹⁶⁵

Por isso, deveria ter sua duração e condições de aplicação indeterminadas, conforme as respostas personalíssimas do condenado-paciente ao “tratamento”; e a prevenção ao crime teria de receber maior ênfase e prioridade, fazendo uso dos recursos médico-científicos disponíveis para a identificação do indivíduo perigoso antes do aparecimento do crime.¹⁶⁶

O embate entre o direito clássico e o direito positivo, influenciado pelas noções biologizantes de Lombroso e sua escola de Antropologia Criminal, estenderam-se no Brasil quando da reformulação do Novo Código Penal de 1940 e acabaram por se instituir neste dispositivo. Neste regulamento, não ocorreu a distinção entre a imputabilidade moral e penal, posto que a responsabilidade penal continuava ancorada na responsabilidade moral, como versava a doutrina do livre-arbítrio. Ainda que possa ser interpretado com certo grau de incoerência, uma vez que, conforme salienta Peres e Nery, de um lado, insere a concepção clássica, aceitando a noção da vontade livre, em contrapartida, tratava os casos de crimes associados a loucura, como resultado de desequilíbrios biológicos, responsáveis pelo prejuízo da razão e da lucidez do criminoso.¹⁶⁷

No encontro entre a medicina e o direito teria ocorrido a individualização do criminoso, e não menos importante, o investimento nos métodos de profilaxia para a população psicopática, que assumem aí um tom peculiar.¹⁶⁸ Na visão de Carrara, a identificação é o resultado da aglutinação de saberes da medicina legal, da antropometria e do espírito detetivesco que investiga os pormenores da ação criminosa.¹⁶⁹ A identificação, para o autor, teria se desenvolvido em duas rotas. A primeira

¹⁶⁵ FERLA, Luis. Feios, sujos e malvados, *op.cit*, p.24.

¹⁶⁶ *Ibidem*, p. 23- 24.

¹⁶⁷ PERES, Maria Fernanda, NERY FILHO, Antonio. A doença mental no direito penal brasileiro, *op.cit*, p. 343.

¹⁶⁸ Foucault observou que a entrada da medicina no âmbito jurídico deveu-se ao fato de que os juízes não tinham condições de julgar crimes que eram considerados sem fundamentos para a sua execução. Nesse sentido, a inserção de questões médicas e laudos de insanidade mental foram fenômenos específicos, vivenciados durante o último quartel do século XIX. Ver mais em Foucault, Michel. *Os anormais*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. Como exemplo, percebe-se que alguns conceitos médicos poderiam escapar do conhecimento dos júris, haja vista o brilhante estudo de Bueno, no qual a autora acompanha o processo da torturadora de Botafogo, nos idos de 1888, na cidade do Rio de Janeiro. BUENO, Cristiane Brandão. Medicina Brasileira e crime no século XIX: o caso de D. Francisca, “A torturadora de Botafogo”. *Revista de Criminologia e Ciências Penitenciárias*. São Paulo, ano 3, nº, 2014. Disponível em acesso online.

¹⁶⁹ CARRARA, Sérgio, A “sciencia” e a doutrina da identificação no Brasil, *op.cit*, p.6.

seria aquela relacionada ao aperfeiçoamento de técnicas e exames que permitiam reconhecer o local do crime, seja através de fotografias ou filmagens, para que a reconstituição do crime fosse assegurada, possibilitando, por conseguinte, que as pistas, sinais e vestígios, facilitassem a identificação do delinquente.¹⁷⁰

No segundo caminho, estaria o ponto crucial que incomodava os peritos – utilização de nomes falsos, disfarces estéticos - qual seja: como criar uma técnica que facilitasse a identificação dos criminosos reincidentes? Outro aspecto motivacional fundamental era o de que a datiloscopia forneceria uma espécie de “identificação total” da sociedade, não somente dos criminosos, podendo ser acionada em diferentes instituições sociais, tais como o ambiente do trabalho, das fronteiras, dos documentos e registros civis, etc. A digital seria um tipo de assinatura, ainda que codificada e compreensível apenas para iniciados nas técnicas de reconhecimento. Como notou Carrara, "realmente podemos afirmar que na busca da identificação dos criminosos, nossos "identificadores", acabam por incriminar a sociedade como um todo, mantida sempre sob suspeita".¹⁷¹

Mas a utilização da datiloscopia - inicialmente - não significou o descarte de outros elementos que auxiliavam a compor o quadro da identificação, dada a associação das impressões digitais com um amplo leque de dados, medidas, insígnias e marcas que se articulavam para a produção do processo de qualificação do acusado (a) de forma mais ampla. Portanto, era na qualidade do esforço identificatório que a suspeição se transformava em *contravenção*.¹⁷² O projeto da construção de um banco de dados através do qual seria possível garantir a 'identificação total' da população brasileira tomou corpo no contexto da Revolução de 30, período sob o qual assistimos uma ampla reforma da polícia do Rio de Janeiro. Coube ao Gabinete de Identificação, órgão policial por excelência, desenvolver as principais mudanças no sentido de instituir essa doutrina da identificação no país.

A tarefa de empreender as reformas foi entregue ao primeiro médico a assumir o posto de diretor do Instituto de Identificação da Polícia do Rio de Janeiro, o médico legista Leonídio Ribeiro. Logo que assumiu o cargo, Ribeiro ampliou as instalações do Instituto, bem como criou novos departamentos, baseados na idéia da “polícia científica” e retomou a publicação dos *Arquivos do Gabinete*, que desde 1918 não vinha a público.¹⁷³

¹⁷⁰CARRARA, Sérgio, A “sciencia” e a doutrina da identificação no Brasil, *op.cit*, p.6.

¹⁷¹Ibidem, p.10.

¹⁷²CUNHA, Intenção e gesto, *op.cit*, p.162-163-165.

¹⁷³CARRARA, A sciencia e a doutrina da identificação, *op.cit*, p.9.

Um bom exemplo do papel que desempenharia o Gabinete do Instituto de Identificação da Polícia Civil foi a produção e realização do I Congresso Brasileiro de Identificação, realizado em terras fluminenses no ano de 1934. Dele participaram chefes de polícia, professores de direito e medicina, desembargadores, diretores de gabinetes estaduais de identificação e personalidades internacionais, como o criminologista Luis Reyna Almandos e Mendes Correa, entusiasta do método datiloscópico em Portugal. Carrara indica que o Congresso teria se dedicado a trabalhar dois aspectos fundamentais. O primeiro seria o de defender a identificação civil como obrigatória, através da coleta das impressões digitais; e o segundo seria o de advogar a união de todos os "serviços" de identificação do país, em torno de um único Registro Geral da Nação, possibilitando, assim, constituir uma espécie de "Livro Nacional da Personalidade"¹⁷⁴, o banco de dados total ao qual nos referimos acima. Ao mesmo tempo, sua gestão permite compreendermos as relações entre os saberes organicistas presentes, naquela atmosfera histórica e a construção de formações discursivas a respeito do homem brasileiro, como nota Carrara:

Partindo então de uma concepção biologizante ou " organicista" de identidade, constitui-se um sistema de sinais físicos que nos daria um nome completamente próprio, que não só seria o "significante dos nossos atos juridicamente relevantes (nossos possíveis crimes e contravenções) mas também de nossa "personalidade biológica."¹⁷⁵

A preocupação crescente com a questão da identificação no Brasil, evidencia o problema mais amplo que é o da gestão das populações, já há muito discutida desde finais do século XIX e, que vinha chamando atenção de gestores públicos, estudiosos sobre os temas das taxas de natalidade e mortalidade, bem como dos interesses econômicos subjacentes a estes temas. De modo que, a problemática da identificação e a missão em desvendar o tipo populacional que habitava o país, nasceu com o sopro vertiginoso da industrialização e está inserida num momento, onde “o florescimento do indivíduo em toda a sua impossibilidade, solitário e ausente de qualquer grupo social, concreto liberto de qualquer outro para se determinar enquanto um eu, mas nem por isso menos controlado, vigiado e conhecido pelo olhar policial do Estado que se institui”.¹⁷⁶ Assim, enquanto técnica de controle, a datiloscopia seduziu pela sua descrição, rapidez e plasticidade de funções que se prestava a cumprir, seja em ambientes policiais, nos cartórios eleitorais ou nas carteiras de trabalho.

¹⁷⁴ CARRARA, Sérgio, A “sciencia” e a doutrina da identificação no Brasil, *op.cit*, p.11.

¹⁷⁵ *Ibidem*, p.13.

¹⁷⁶ *Ibidem*, p.24.

Pelo que foi exposto, esse aspecto biologizante da medicina e das práticas identificatórias do período histórico aqui abordado vieram de encontro ao desenvolvimento da ciência biotipológica. Convém então, nas próximas linhas, abordarmos de que maneira ocorreu a associação da medicina constitucionalista e biotipológica, com fins de construir a idealização do *homem normal brasileiro*.

1.4. - Cada corpo, um temperamento: a biotipologia elaborando padrões

O ano de 1933 foi marcado pela premiação, concedida pela Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, para Isaac Brown¹⁷⁷, pela tese *O Normotipo Brasileiro*. Conforme sugere Vimieiro Gomes¹⁷⁸, esse estudo pode ser entendido como o resultado de um esforço de aglutinação e sistematização das pesquisas de caráter biotipológico que vinham sendo realizadas no Gabinete de Biotipologia, localizado na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Nesse gabinete eram colocadas em prática as diretrizes pedagógicas propostas pelo professor da cadeira de clínica propedêutica, o professor Juvenil da Rocha Vaz,¹⁷⁹ sendo Brown um dos seus assistentes. O fito do estudo foi o de determinar o perfil do "homem médio brasileiro". A tese foi prontamente publicada no ano de 1934, na coleção Biblioteca de Cultura Científica, que era coordenada pelo Prof. Afrânio Peixoto.

Oliveira Júnior, em seu trabalho, ressaltou as publicações de outro médico que seguia a linha de estudos biotipológicos: Waldemar Berardinelli (1903-1956). Com base no constitucionalismo italiano de Nicola Pende, Berardinelli desenvolveu diversos trabalhos, entre os quais destacamos o

¹⁷⁷ Isaac Brown (1900-1967) Médico, atuou como ex-interno da Cadeira de Clínica Propedêutica Médica da Faculdade Nacional de Medicina em 1931. Atuou como assistente junto com Berardinelli, durante o curso de Clínica Médica na Faculdade Nacional de Medicina, entre 1932 e 1935. Publicou "Semiótica Clínica do Aparelho Genital" e "As Classificações Biotipológicas de Viola e Bárbara em 1938. Exerceu multifacetada atividade política, destacando-se em seus últimos dias de vida como Secretário Geral da Presidência do Senado Federal, durante os primeiros anos da ditadura-civil militar, durante a década de 1960. Um levantamento de discursos parlamentares sobre o médico, suas principais condecorações recebidas e obras publicadas pode ser acompanhada através do registro de falas legislativas, por ocasião do seu falecimento. Cf.: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/224170/000406025.pdf?sequence=1> Acesso em Junho/2016

¹⁷⁸ GOMES, Ana Carolina Vimieiro. A emergência da biotipologia no Brasil: medir e classificar a morfologia, a fisiologia e o temperamento do brasileiro na década de 1930. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciênc. hum.*, Belém, v. 7, n. 3, p. 705-719, Dezembro, 2012, p.706

¹⁷⁹ Juvenil da Rocha Vaz (1881-1964) médico e catedrático da Faculdade Nacional de Medicina, desde 1919, onde deu impulso aos estudos sobre biotipologia. Ranieri aponta que no ano de 1925, ocorreu uma reforma no ensino superior, durante o governo de Artur Bernardes. A reforma Rocha Vaz, como ficou conhecida, dada a participação do professor no projeto - expressa por meio do decreto de n. 16.782, de 13 de janeiro de 1925, tinha o objetivo de reforçar o papel do governo federal sobre o aparelho escolar, com fins de estabelecer um rígido controle ideológico das crises social e política que contribuíram para a Revolução de 1930. Assim, o fito da reforma era coibir a entrada de temas referentes a política e a ideologia não oficiais no ensino superior. Para acompanhar mais sobre essa reforma na estrutura do ensino universitário, durante a primeira república. Ver mais em: RANIERI, Nina. *Autonomia Universitária: as universidades públicas e a Constituição Federal de 1988*. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

Tratado de Biotipologia e Patologia Constitucional, de 1942, e o *Biotipologia: constituição, temperamento, caracter*, inicialmente publicado em 1932, mas com reedições em 1933 e 1936; e o *Biotipologia na ciência e na arte*, publicado em 1954. Para Berardinelli, a biotipologia era a "ciência do indivíduo humano, é a ciência de cada homem em particular, é a biologia comparativa dos indivíduos humanos."¹⁸⁰

De fato, o famoso docente de Clínica Médica da Universidade do Rio de Janeiro, Dr. Waldemar Berardinelli (1903-1956), considerado pelos próprios pares como um dos primeiros endocrinologistas brasileiros¹⁸¹, propunha a endocrinologia como a ciência que reuniria na anormalidade e no crime as causas ambientais exógenas e as causas endógenas, orgânicas¹⁸², permitindo a indeterminação e individualização do indivíduo anormal e favorecendo a criminologia positiva. Berardinelli acompanhava, deste modo, Ingenieros¹⁸³, para quem na medicina não havia mais enfermidades e sim enfermos, e na criminologia não havia mais delitos e sim delinquentes. Com apoio em Ingenieros, Berardinelli propunha o uso do conhecimento morfo-físico-psicológico dos indivíduos para a individualização da pena.¹⁸⁴

Para acessar esse conhecimento do indivíduo, Berardinelli se aproximava também de Nicola Pende,¹⁸⁵ que denominava a personalidade como a resultante morfológica, fisiológica e psicológica do indivíduo, variável das propriedades de todos os elementos celulares e humorais do organismo, o que dava a ele determinada capacidade de adaptação e de reação frente aos estímulos do ambiente. A personalidade seria, portanto, determinada pelas leis da hereditariedade, pelo "bioquimismo orgânico" e pelo "sistema endócrino", que marcava de forma indelével o caráter, embora ações exercidas pelo ambiente pudessem atuar nos caracteres secundários, condicionais ou adquiridos.¹⁸⁶ Sendo assim, Berardinelli propunha que se produzisse o "estudo biotipológico sistemático de todos

¹⁸⁰ BERARDINELLI, 1936, p. OLIVEIRA JÚNIOR, De monstros a anormais, *op.cit*, p.201.

¹⁸¹ OLIVEIRA JÚNIOR, De monstros a anormais, *op.cit*, p.283.

¹⁸² BERARDINELLI, 1933, p. 526 *apud* OLIVEIRA JÚNIOR, De monstros a anormais, *op.cit*, p.283.

¹⁸³ José Ingenieros era médico, sociólogo e psiquiatra. Nasceu em Palermo, Itália em 1877 e faleceu em 1925 em Buenos Aires. Publicou diversos trabalhos no campo da psiquiatria e da criminologia. Foi um dos maiores intelectuais da Argentina e América Latina, tendo defendido as posições dos positivistas à época. Sobre a carreira deste ver mais em: <http://www.conamp.org.br/pt/biblioteca/artigos/item/479-criminologia-positiva-e-a-obra-de-jose-ingenieros.html>

Acesso em 8 de julho de 2015

¹⁸⁴ BERARDINELLI, 1933, p. 526 *apud* OLIVEIRA JÚNIOR, De monstros a anormais, *op.cit*, p.284.

¹⁸⁵ Nicola Pende (1880-1970) foi um endocrinologista italiano que elaborou trabalhos científicos que relacionavam a biotipologia e a criminalidade. Seus trabalhos impulsionaram os estudos na vertente da medicina constitucional, concatenadas com questionamentos oriundos da antropologia fiscalista, da endocrinologia e a criminologia. Ver mais em FERLA, *El determinismo biotipológico y su red de sustentación a través de eugenistas españoles, brasileños y argentinos*, *op cit*, 2012.

¹⁸⁶ BERARDINELLI, 1932, p. 60; p. 132-133 *apud* OLIVEIRA JÚNIOR, *De monstros a anormais*, *op.cit*, p.285.

os indivíduos”.¹⁸⁷ Em sua acepção, tais pesquisas poderiam possibilitar a “verificação prévia de uma anomalia constitucional dependente de um distúrbio endocrínico”¹⁸⁸, o que certamente “permitiria fazer a profilaxia de certos crimes mediante o tratamento opoterápico conveniente”.¹⁸⁹

A teoria da Biotipologia ganhou boa parte dos médicos durante a década de 30. As justificativas para "medir e classificar aspectos biológicos dos corpos", mormente com o uso da morfologia, da fisiologia e do temperamento, residia na volição de entender e apontar a "constituição individual".¹⁹⁰ Vários foram os estudos realizados, nos quais crianças, homens e mulheres tiveram suas medidas registradas e comparados aos padrões considerados normais e ideais – leia-se brancos como média e heterossexuais como a curva saudável do comportamento sexual -, segundo os postulados da medicina constitucional, ou em outros termos, da biotipologia nascente.

As pesquisas, ancoradas na arena médica, foram utilizadas por profissionais da educação física, pelos criminalistas, por profissionais da área da educação e da medicina esportiva, dando à biotipologia amplo alcance social.¹⁹¹ Através do conhecimento da capacidade funcional dos corpos, supunha-se então, seria possível propor orientações pedagógicas, estimular o recrutamento de profissionais segundo os critérios de bons rendimentos funcionais, bem como auxiliar o desenvolvimento da educação física e da seleção de militares considerados adequados a determinadas funções. A busca pela compreensão da biotipologia brasileira é coetânea à especificidade da elite intelectual brasileira, que tinha o objetivo de entender o que seria a "identidade nacional" e, não menos importante, o que moldaria o seu "caráter nacional". Os debates travados no período foram acionados por "homens de ciência" que, ao criarem noções do que seria estabelecido como o padrão nacional, ou o *biotipo nacional*, contribuíram, por conseguinte, para instituir maneira de diferenciar o outro e assim, fincar normas e hierarquias sociais bem definidas.¹⁹²

Para Gomes, esses estudos devem ser entendidos também como uma extensão histórica das pesquisas antropométricas já postas em prática no caso brasileiro, viabilizados por meio da

¹⁸⁷BERARDINELLI, 1933, p. 526-527 *apud* OLIVEIRA JÚNIOR, De monstros a anormais, *op.cit*, p.285.

¹⁸⁸ *Ibidem*.

¹⁸⁹ *Idem*.

¹⁹⁰ GOMES, Ana Carolina Vimieiro. A emergência da biotipologia no Brasil: medir e classificar a morfologia, a fisiologia e o temperamento do brasileiro na década de 1930. *Boletim Museu Paraense. Emílio Goeldi. Ciências humanas*, Belém, v. 7, n. 3, p. 705-719, Dezembro, 2012, p.706.

¹⁹¹ Para acompanhar a utilização de saberes de matriz eugênica com a biotipologia, acionadas no campo educacional ver D'AVILA, Jerry. *Diploma de Brancura: política social e racial no Brasil – 1917-1945*. São Paulo, Editora da UNESP, 2006; MOTA, André. *Quem é bom já nasce feito: sanitarismo e eugenia no Brasil*. Rio de Janeiro, DP&A, 2003.

¹⁹²GOMES, Ana Carolina Vimieiro. A emergência da biotipologia no Brasil, *op.cit*, p.707.

antropologia física desde os anos de 1910,¹⁹³ apesar de que os defensores da ciência biotipológica tinham consciência de que tais campos de conhecimento possuíam propostas divergentes, visto que a antropologia estaria preocupada em estabelecer generalizações sobre a espécie humana, enquanto a biotipologia daria atenção aos aspectos particulares da constituição biológica humana¹⁹⁴. Com a autora, é possível considerar que a biotipologia guardava semelhanças sutis com a antropometria, sobretudo no afimco em obter medidas corporais diversas. Nesse arranjo que assim se organiza entre os saberes, o lugar da antropometria deveria ser o de ciência auxiliar, de modo a proporcionar o diagnóstico da falha evolutiva que o ser em análise poderia possuir. Por outro lado, os adeptos da biotipologia reconheciam a limitação de seus propósitos ao afirmarem a impossibilidade de condensar as infinitesimais variações dos indivíduos humanos, "isso porque, após a análise e detecção do particular, seria preciso o agrupamento das variações individuais de acordo com os parâmetros de semelhança, ou seja, o enquadramento dos indivíduos nos biótipos humanos".¹⁹⁵ Com efeito, dois movimentos resultam desse posicionamento, no olhar de Gomes: o primeiro seria a lente que direciona sua análise para o que seria inerente de cada indivíduo; no segundo caso, a fundamentação de uma investigação que alocava os grupos humanos estudados em tipologias, ou em outros termos, na criação de *biótipos*.¹⁹⁶

A atuação dos médicos que advogavam os pressupostos da medicina constitucionalista reflete essa arena de disputa científica das primeiras décadas do século XX. Trata-se de um conflito amplo, que coloca os médicos constitucionalistas em atrito com os conceitos médicos oriundos da perspectiva dos laboratórios, da epidemiologia e da medicina tropical, visto que seus argumentos deitavam-se em argumentos neolamarckistas, nos quais a primazia dos fatores externos deveria responder como causa das patologias.¹⁹⁷ Assim, a concepção de doenças localizadas em órgãos ou tecidos, muitas vezes viabilizadas por patógenos bem conhecidos pelos microbiologistas teriam de se confrontar com as proposições da medicina holística, constitucionalista, dos adeptos das ciências dos caracteres morfológicos e psicobiológicos dos indivíduos.¹⁹⁸

A compreensão do conflito entre os médicos dessa época permite a Gomes afirmar que os postulados teóricos fornecidos pelos adeptos da medicina constitucionalista foram utilizados para

¹⁹³ Ibidem, p. 706.

¹⁹⁴ GOMES, Ana Carolina Vimieiro. A emergência da biotipologia no Brasil, *op.cit*, p. 707- 708.

¹⁹⁵ Ibidem, p. 708.

¹⁹⁶ Idem.

¹⁹⁷ STEPAN, Nancy L. *A hora da eugenia: raça, gênero e nação na América Latina*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.

¹⁹⁸ VIMIEIRO GOMES, A emergência da biotipologia no Brasil, *op.cit*, p. 708.

fundamentar políticas de normatização dos corpos brasileiros nas primeiras décadas do século passado¹⁹⁹. Na visão da autora:

O holismo médico perspectivava o corpo humano de maneira sistemática, privilegiando um olhar sobre as condições do organismo como um todo e não sobre um órgão específico. Considerava-se que as partes corporais estariam interconectadas, de maneira multifacetada e intrincada. Muitas vezes, dentro desse pensamento, considerava-se que o todo determinaria a ação das partes. Uma abordagem holística envolvia conceber os processos biológicos sistemáticos de cada corpo na sua complexidade, aí inclusos aspectos emocionais e psicológicos.²⁰⁰

Caberia à ciência experimental garantir o padrão de cientificidade dos estudos biotipológicos, daí podemos entender não apenas os embates mas também as negociações com outros saberes resultantes da profusão de laboratórios de antropologia (seja criminal ou de serviços de propedêutica) com o fim de examinar as corporalidades sob o espectro dos saberes constitucionalistas²⁰¹. Nota-se que, além do Gabinete de Biotipologia, outros espaços de produção de conhecimento científico, como a Escola de Educação Física do Exército, notabilizaram-se, no período histórico aqui em análise, por utilizar os pressupostos biotipológicos. Sob a gestão do médico militar Augusto Sette Ramalho²⁰², foi ali também criado um Gabinete Biométrico, afim de obter medidas e informações sobre os caracteres físico e morfológicos dos militares que por ali passavam quando necessitavam de exames médicos. A produção de dados quantitativos resultou na elaboração de médias, construção de gráficos e funções corporais, e não menos importante, na criação dos perfis morfofisiológicos dos examinados.²⁰³

A maneira holística de entender os corpos estudados permitiu, assim, que seu conjunto fosse materializado em abordagens esquemáticas, exemplificadas didaticamente nos manuais de biotipologia brasileiros inspirados pelos trabalhos italianos. Assim, os leitores poderiam visualizar o esquema biotipológico representado por imagens geométricas como pirâmides, tetraedros e figuras geométricas que demonstravam como fatores hereditários poderiam fomentar, na vida intra-uterina

¹⁹⁹ Ibidem, p.709.

²⁰⁰ VIMIEIRO GOMES, A emergência da biotipologia no Brasil, *op.cit*, p.709.

²⁰¹ Refiro-me ao Laboratório de Antropologia Criminal, anexo ao Instituto de Identificação da Polícia Civil do Rio de Janeiro, ao serviço de Propedêutica do Laboratório do Professor Rocha Vaz e ao Serviço de Biotipologia Criminal da Penitenciária de São Paulo.

²⁰² Para acompanhar a história do Gabinete Biométrico da Escola de Educação Física do Exército, ver mais em: VIMIEIRO- GOMES, Ana Carolina; SILVA, André Luiz dos Santos; VAZ, Alexandre Fernandez. O Gabinete Biométrico da Escola de Educação Física do Exército: medir e classificar para produzir corpos ideais, 1930-1940. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 4, p. 1551-1569, Dezembro, 2013.

²⁰³ VIMIEIRO GOMES, A emergência da biotipologia no Brasil, *op.cit*, p.713.

e extra-uterina, a formação de caracteres hereditários. Os genótipos e fenótipos, por sua vez, foram noções cruciais para entender a "individualidade dos perfis biotipológicos"²⁰⁴:

Outro parâmetro de comparação eram as estátuas gregas, tidas pelos biotipologistas, tanto italianos como brasileiros, como modelos de corpos ideais e harmônicos. Para esse estudo sobre o biótipo brasileiro, escolheu-se, portanto, atentar somente para a parte morfológica, para, com ela, inferir os outros aspectos que caracterizariam os indivíduos²⁰⁵

Em seu aspecto metodológico, fica patente o valor da dedução para os biotipologistas brasileiros, posto que bastaria ao médico diagnosticar a categoria ou o biótipo do paciente, para logo em seguida inferir o problema humoral e psicológico que estaria adoecendo o examinado. No entanto, os próprios médicos constitucionalistas em sua dinâmica profissional, sabiam da limitação da noção de normalidade como problema, posto que "admitia-se que a coincidência de todos os valores normais num mesmo indivíduo "não se verifica na Natureza".²⁰⁶

Para Gomes, a alternativa encontrada para a resolução desse problema foi a de buscar equacionar a questão das diferentes "raças" presentes no país, de acordo com as regionalidades. Supunha-se então que cada localidade demonstraria as variações de tipos em seu meio, podendo, dessa forma, permitir a elaboração de uma padronização e produção de médias, ou de biotipos segundo as territorialidades examinadas.²⁰⁷ Diante das excepcionalidades da realidade brasileira, portanto, os médicos passaram a ressignificar as categorias biotipológicas italianas. É o que demonstra a classificação criada por Berardinelli, que ficou conhecida como "Bárbara-Berardinelli", - em alusão à junção aos preceitos teóricos elencados pelo biotipologista italiano, Mário Bárbara - para pensar os aspectos constitucionais dos indivíduos. Nessa coadunação teórica, Berardinelli teria acrescentado os prefixos "*cormos*" e "*melos*", para designar os traços singulares dos braços e troncos distinguíveis das populações brasileiras. Issac Brown também sentiu a necessidade de incluir palavras como "*excedente*" e "*deficiente*" para pensar as predominâncias singulares de troncos e membros do caso específico dos corpos brasileiros, haja vista sua ampla heterogeneidade.²⁰⁸ Entrementes, o olhar constitucionalista de Brown não teria encontrado a média ou o padrão do que seria o "normotipo brasileiro e sim, a diversidade de tipos que formam a população brasileira", mesmo que essa fosse vista com maus olhos pela escola italiana, principal

²⁰⁴Ibidem, p.709.

²⁰⁵ Ibidem, p. 711.

²⁰⁶ VIMIEIRO GOMES, A emergência da biotipologia no Brasil, *op.cit.*, p.712.

²⁰⁷Ibidem, p.714. 715.

²⁰⁸ Ibidem, p. 716.

fornecedora de chaves conceituais e analíticas para categorizar as individualidades em seus sinais morfológicos, fisiológicos e psicológicos, visto que rejeitavam a associação entre a questão racial e a constituição biológica.²⁰⁹

1.5. Isso é Eugenia: etimologia, considerações históricas e políticas públicas

A eugenia foi um termo cunhado pelo estatístico, geógrafo, viajante, e cientista inglês Francis Galton (1822-1911), por volta do ano de 1883 para um campo de estudo que visava proporcionar explicações sobre a hereditariedade, com o auxílio do aporte teórico matemático e biológico, com fins de entender os elementos que conformam um bom nascimento. Igualmente, a eugenia também foi interpretada como uma estratégia, através da qual seria possível providenciar o aperfeiçoamento da raça humana, selecionando os portadores de boas qualidades e comportamentos, estimulando, assim, sua reprodução. Daqui em diante, estaremos diante de um fenômeno caro para a história das ciências, já que estamos diante da aliança entre os preceitos científicos e a esfera social, posto que através de políticas públicas bem direcionadas, serão responsáveis por processos de medicalizações dos corpos humanos. Nesse caso, a função prática da eugenia é exemplificada pela organização científica de dados, a respeito da formação hereditária humana, bem como suas intervenções serão marcadas por "idéias sociais e políticas inovadoras potencialmente explosivas"²¹⁰, quais sejam: esterilizações involuntárias, criação de seleção social e marginalização dos indivíduos considerados "inadequados" e o desenvolvimento do racismo genético.

Como se sabe, a eugenia tornou-se mundialmente reconhecida, devido à experiência do regime nazista alemão, quando milhares de pessoas foram esterilizadas e serviram como cobaias de diversos experimentos científicos.²¹¹ No contexto do pós-guerra, a divulgação dos horrores do holocausto, que contou com a parceria de médicos adeptos do pensamento eugênico, fez com que a eugenia recebesse o título de *persona non grata* no rol das ciências, o que teria contribuído para o decréscimo de estudos sobre a temática. Outrossim, é preciso, conforme sugere Stepan, evitar equiparar a ciência eugênica à Alemanha nazista, o melhor caminho para evitar erros de interpretação. Essa visão simplista tenderia a ocultar as continuidades da eugenia, entre o período

²⁰⁹ Ibidem, p.716-717.

²¹⁰ STEPAN, Nancy Lens. *A hora da eugenia: raça, gênero e nação na América Latina*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005. p.9.

²¹¹ Para acompanhar uma análise sobre a presença da eugenia durante o regime nazista, indicamos o valioso trabalho de PROCTOR, Robert N. *Racial Hygiene: medicine under the nazis*. London; Harvard University Press,1998.

fascista e pré-fascista e, por outro lado, limita o alcance de investigação histórica, ao examinar a presença da eugenia em outros países. Acresce-se a essa problemática, o fato de que quando a eugenia é observada como reflexo de uma "pseudo-ciência", a crítica histórica encontra-se numa encruzilhada. Ou fortalece seus métodos investigativos, ou cairá no reducionismo, de que os usos da eugenia foram erros do passado e, assim, não mereceria atenção dos historiadores. Na visão de Stepan, "chamar a eugenia de pseudocientífica é uma forma conveniente de deixar de lado o envolvimento de muitos cientistas proeminentes em sua elaboração, e de ignorar questões difíceis sobre a natureza política de boa parte das ciências biológicas e humanas".²¹²

Desde finais do século XVIII cientistas de diversos países inquietaram-se a respeito dos mecanismos que formam a estrutura humana, dos vegetais e da hereditariedade dos animais. Entretanto, mesmo que essa onda reflexiva sobre a herodologia tenha contagiado muitos médicos na primeira metade do oitocentos, foi com o trabalho de Darwin (1859) que a teoria de seleção natural e sexual criou subsídios para pensar leis naturais sobre a vida humana. Levine e Bashford apontam que em Darwin encontramos a descrição da natureza e do homem, como ela foi e é, já Galton escreve sua compreensão da história da natureza humana tal qual ela deve ser e como poderia ser, a principal diferença entre os primos cientistas seria, então, o engajamento na política eugênica.²¹³

Em que pese a presença do discurso degeneracionista, em finais do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, a eugenia trouxe para aquele período histórico uma contagiante dose de otimismo, visto que investiu na crença e na defesa da ciência aplicada. Daí resultou na elaboração de propagandas de famílias bem comportadas, que deveriam servir de modelos para o projeto de normatização em curso. Galton esmerou-se em divulgar as fotos da família Darwin, exibindo o *pedigree* ao qual pertencia.²¹⁴

Convém frisar que não era novidade, no início do século XX, a convicção de que doenças como a tuberculose, sífilis, doenças mentais, alcoolismo e, também práticas criminosas e comportamentos sociais variados, eram justificados a partir de conceitos oriundos da herodologia.

²¹²O nazismo alemão destacou-se por ter sido o regime político que possuiu o maior conjunto de legislações eugênicas. Durante o Terceiro Reich foram executadas esterilizações compulsórias de judeus, bem como uma série de pesquisas científicas realizadas por médicos alemães com fins de testar medicamentos e produzir novos farmacêuticos, através da experiência realizada em humanos. Por exemplo, em julho de 1933 foi aprovada na Alemanha um conjunto de medidas legislativas que versavam sobre a prática da esterilização. Batizada como "Lei para Prevenção de Prole Geneticamente Doente", o dispositivo jurídico tinha como objetivo, estimular a esterilização de portadores de doenças mentais hereditárias, esquizofrenia, epilepsia, cegueira e surdez hereditárias, psicopatia maníaco depressiva, deformidades do corpo e alcoólatras e imigrantes miscigenados. In: STEPAN, A hora da eugenia, *op.cit.*, p. 12.

²¹³ LEVINE, Philippa, BASHFORD, Alisson, The Eugenic and the Modern World, In: *The Oxford Handbook of The History of Eugenics*, Oxford University Press, Oxford, 2010.p.4-5.

²¹⁴ *Ibidem*, p.10.

Ademais, Souza ressalta que após a publicação dos trabalhos de Weismann²¹⁵ e a redescoberta das contribuições de Gregor Mendel²¹⁶ "que de maneira geral confirmavam as noções galtonianas"²¹⁷, os enunciados eugênicos encontraram terreno fértil e passaram a circular com intensidade nas primeiras décadas do século XX. Apesar do crescimento das ideias mendelianas em escala global, Eraso ressalta que boa parte da ciência latino-americana buscou na tradição latino francesa e italiana a contribuição das teorias constitucionalistas, abraçando-as e, com isso, oferecendo uma aliança entre as duas doutrinas: reconhecendo, de um lado, a hereditariedade como explicação e, por outro, a influência do ambiente, na adaptação final do indivíduo. Por esse itinerário, muitos constitucionalistas atribuíram um papel central ao meio ambiente enquanto elemento formador do biótipo, que em última instância, poderia ser determinado por reações individuais a certas doenças.²¹⁸

De fato, segundo Stepan, a década de 1920, havia adentrado os principais debates em saúde pública. E mesmo levando em consideração o papel dos opositores da eugenia, no embate crítico a suas posturas extremas de resolução dos problemas sociais, a dimensão sedutora da eugenia foi peso considerável para muitos cientistas, uma vez que entendiam que os valores e comportamentos humanos eram transmitido pelas gerações e, por isso, a elaboração de políticas públicas para incentivar a reprodução dos mais "aptos" e evitar a presença dos degenerados seria um caminho promissor.²¹⁹

No entanto, o final desta década, assistiu o recrudescimento da eugenia branda ou positiva, proposta por Galton (estímulo a reprodução dos bem-nascidos) e vivenciou o crescimento da eugenia negativa, cujo fito era impedir a reprodução dos indivíduos considerados inadequados. Entram nesse grupo, pobres, desempregados, alcoólatras, pobres, doentes mentais, homossexuais e

²¹⁵Weismann desenvolveu a teoria da 'continuidade do plasma germinativo', ou seja, para o biólogo alemão, a existência do plasma germinativo independia do restante da célula, assim, poderia ser transmitido para as próximas gerações sem alterações, nem mesmo o meio ambiente seria capaz de influenciar nas mutações genéticas. Sua teoria foi considerada como argumento válido, para contestar os preceitos lamarkistas, baseados na premissa de que caracteres adquiridos pelo meio ambiente poderiam alterar a composição do plasma germinativo. Conforme: MARTINS, Lilian Al - Chueyr Pereira. August Weismann e a evolução: os diferentes níveis de seleção. *Revista da Sociedade Brasileira de História das Ciências*, nº 1, 2003, p. 53-75.

²¹⁶Já o monge beneditino, biólogo e astrônomo Gregor Mendel, elaborou diversas experiências com plantas, nas quais constatou que o resultado dos cruzamentos genéticos, feitos com plantas, não havia alterado as características herdadas. Sua teoria reforçou ainda mais as proposições de Weismann a respeito da 'continuidade do plasma germinativo'. *Ibidem*, p.53.

²¹⁷ SOUZA, Vanderlei Sebastião de. *A Política Biológica Como Projeto: a "Eugenia Negativa" e a construção da nacionalidade na Trajetória de Renato Kehl (1917-1932)*. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro, 2006.

²¹⁸ERASO, Yolanda. "Biotypology, Endocrinology, and Sterilization: the practice of eugenics in the treatment of Argentinian women during the 1930s." *Bulletin of the History of Medicine* 81.4 (2007): 793. p.4.

imigrantes. Há nesse momento uma profunda transformação no cenário das políticas públicas em saúde, na qual o Estado toma para si a tarefa de realizar esterilizações compulsórias e involuntárias das populações *unfittest*.²²⁰

Desse modo, criou-se uma atmosfera em que as noções de raça e de classe fundiram-se através do léxico fornecido pela hereditariedade. Destarte, a questão racial assumiu um protagonismo singular para muitos eugenistas. Stepan comenta que o "aprimoramento racial" para alguns cientistas, era sinônimo de melhoria do conteúdo genético da "raça humana" ou "de nosso povo". Corriqueiramente, essa meta poderia despertar nos eugenistas o interesse por certas populações específicas, já que estavam divididas em "raças" diferentes e desiguais. É sobre esse horizonte, mediante ao trato das "raças", que muitos cientistas e governos fundamentaram a noção de que existiam populações inferiores, sendo possível traçar seus respectivos *biótipos* a partir de dados biológicos. A plasticidade das ideias em herodologia, fez da eugenia "um novo conjunto de conceitos e princípios políticos com os quais podiam ser expressas e constituídas diferenças dentro do corpo social".²²¹

Nesse processo, as marcas de sexo e gênero foram cotejadas com intensidade. A objetificação dos corpos permitiu que a reprodução humana recebesse atenção intensa entre finais do século XIX e primeiras décadas do século XX com vistas a construção de estratégias de controle da reprodução e da fecundidade. Assim, a emergência dos estudos sobre a sexualidade e sobre gênero foram elaborados de modo bastante particular pela história da eugenia, construindo identidades de gênero e categorias de sexo sob o regime do patriarcado, o que teria fornecido aos estudos de gênero um arsenal teórico vital para abordar a eugenia.²²²

Para Stern, uma área significativa para a história da eugenia e que merece mais pesquisas e análises reside na extensão dos saberes sobre a hereditariedade e nas práticas de estigmatização acompanhadas de maus-tratos contra aqueles a quem se identificava ou classificava, como gays e lésbicas. Em escala global, aponta Stern, gays e lésbicas eram categorizados como desviantes sexuais, pervertidos ou deficientes mentais, sendo frequentemente internados e esterilizados. A obsessão de muitos eugenistas com a questão das origens da homossexualidade e das sexualidades

²²⁰*Ibidem*, p.37.

²²¹*Ibidem*, p.17.

²²²STERN, Alexandra. Gender and Sexuality: a global tour and compass, In: *The Oxford Handbook of The History of Eugenics*, Oxford University Press, Oxford, 2010, p.175.

não normativas, seja ela genética, familiar ou social, ocasionou a separação conceitual dos sexos, - categorizando-se sinais biológicos e anatômicos em relação aos gêneros.²²³

Deste modo, a proliferação de discursos sobre a sexualidade foi uma das principais características das primeiras décadas do século XX. Jane Russo e Sérgio Carrara acompanharam o surgimento dos primeiros psicanalistas e sexólogos brasileiros, nas primeiras décadas do século XX. Para os antropólogos, os assuntos sobre a sexualidade também eram tratados de maneira inconsistente, pois eram permeados de crenças de que instituições como o casamento poderiam ser danosas, contrariando, assim, a tese do valor do matrimônio. Isso porque os valores ligados ao sexo remetiam a graus de imoralidade, cuja consequência mais sensível socialmente seria a presença da prostituição, das doenças venéreas, da pornografia, da exploração de menores e da esterilidade, podendo, assim, ocasionar o fracasso das nações.²²⁴

Além da eugenia, da medicina legal, da psiquiatria, entre outros, novas especialidades emergiram na cena pública para discutir a sexualidade, como a psicanálise e a sexologia. Apesar dos diversos obstáculos e do fato de que muitos consideravam o tema embaraçoso, o sexo assumiu papel de destaque nos discursos médicos, psicanalíticos e sociológicos. Nessa atmosfera, o corpo sexuado esteve em constante correlação com o corpo biológico. Nesse processo, muitas experiências sexuais foram interpretadas como responsáveis pelos problemas de saúde e desequilíbrio orgânico da população da capital federal. A atenção voltada para a sexualidade foi responsável por engendrar uma ética cuja prescrição estava baseada na defesa pela normatividade, baseada numa "espécie de homeostase", qual seja: "nem excesso, nem continência sexual". No campo dos excessos, estaria a causa das perturbações nervosas, terreno sob o qual muitas doenças emergiam. Já na continência, a moral sexual cristã foi o alvo de críticas, uma vez que para viabilizar a polissemia dos discursos sobre o sexo, a moral sexual cristã e seus sacramentos - leia-se casamentos - terá de conviver com o combate.²²⁵ Em resumo, a sexualidade não poderia mais ser vista como imoral, e sim, em termos pedagógicos, segundo as prescrições médicas e, com fins de

²²³Ibidem, p.173. Stern traz essas conclusões a partir dos seguintes trabalhos: HEINEMAN, Elizabeth D. Sexuality and Nazism: The doubly unspeakable?. *Journal of The History of Sexuality*, 11, no. 1-2, p. 22-65, 2002; HERZOG, Dagmar. Hubris and Hypocrisy, Incitement and Disavowal: Sexuality and German Fascism. *Journal of the History of Sexuality* 11, no. 1-2, p.3-21, 2002; ALLEN, Garland E. The double-edged sword of genetic determinism: social and political agendas in genetic studies of homosexuality, 1940-1980. in Rosario ed, *Science and Homosexualities*, 242-270; MEYEROWITZ, Joanne. *How Sex Changed: A history of transsexuality in the United States*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2002.

²²⁴CARRARA, S. L. e RUSSO, J. A.: A psicanálise e a sexologia no Rio de Janeiro de entreguerras: entre a ciência e a auto-ajuda. *História, Ciências, Saúde, Manguinhos*, Rio de Janeiro, vol. 9, (2), maio-ago. 2002.p.274

²²⁵OLIVEIRA, Cristiane. Libertar o brasileiro de seu captivo moral: identidade nacional, educação sexual e família no Brasil da década de 1930. *Psicologia & Sociedade*, n° 24.3, 2012. p. 507-516.

garantir uma prole sadia, viril, forte o suficiente para garantir a robustez da nação.²²⁶ Na proposta dos sexologistas, portanto, substituiu-se o caráter erótico por experiências sexuais fundadas estritamente no caráter biológico da sexualidade, cujo fim último seria a reprodução. E como Oliveira o adverte:

A partir da expansão da compreensão hormonal sobre o corpo humano é que foi possível redefinir o papel das glândulas sexuais: agora não mais exclusivamente atreladas à função genésica, mas a todas as funções orgânicas e, por conseguinte, ao indivíduo e ao sexo. As glândulas sexuais figuravam como coordenadoras da homeostase do organismo. É com o repertório conceitual da endocrinologia que o discurso da biologização do sexo alcança seu grau máximo.²²⁷

Mas, de acordo com Facchinetti, o combate ao imaginário hipersexual brasileiro nasceu fragilizado, posto que no período do entreguerras (1918-1939), "a normalidade, longe de estar garantida pela ciência, se tornaria cada vez mais instável".²²⁸ Em que pese as recomendações médicas sobre os cuidados que as mulheres deveriam ter com a maternidade e com suas proles, paralelamente, a modernidade rompia com as tradições, e com os lugares em que os gêneros tradicionalmente ocupavam. Nas cidades, pelos teatros, bondes e cafés, circulavam mulheres de cabelo curto, fumantes, trabalhadoras, secretárias, médicas, assim como uma série de outros indivíduos que fugiam completamente do modelo de normalidade. Assim, "enquanto a medicina criava o Brasil fabril e regenerado, intelectuais, artistas, mulheres, homossexuais, negros e mulatos criavam o Brasil febril, moderno-modernista".²²⁹

Por ocasião dos debates sobre a lei de esterilização, podemos observar como a cultura urbana se intensificava, ao mesmo tempo em que os referenciais intelectuais, culturais e científicos dos cientistas brasileiros durante a década de 1930 no Brasil, se aproximavam mais e mais das propostas biodeterministas germânicas²³⁰. Wegner e Souza argumentam nesse sentido:

O momento em que a "Lei para a prevenção da prole geneticamente doente" passa a vigorar na Alemanha, em janeiro de 1934, parece coincidir com aquele em que o embate entre os defensores da eugenia negativa e a Igreja se torna mais explícito. E parece ser também o momento em que os eugenistas se sentem mais confiantes,

²²⁶ *Ibidem*, p.509.

²²⁷ *Ibidem*, p. 510.

²²⁸ FACHINETTI, Cristiana. A doença do prazer. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, v. 93, 2013. p.32-34.

²²⁹ *Idem*.

²³⁰ MUÑOZ, Pedro Felipe Neves de. *À luz do biológico: psiquiatria, neurologia e eugenia nas relações Brasil-Alemanha (1900-1942)*. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro, 2015.

considerando a eugenia um movimento de vanguarda científica internacional que começava a vislumbrar sua vitória.²³¹

É possível acompanhar a retomada dos debates sobre as esterilizações aplicadas na Alemanha, ressuscitadas nos *Arquivos de Medicina Legal e Identificação*, no ano de 1939. Interessa-me nesse momento lançar minhas lentes a esse material nas próximas linhas, pois me permite entrar em contato com as falas de Leonídio - um dos personagens centrais desta dissertação- sobre a eugenia. Por outro lado, gostaria de insistir na dimensão que é, a meu ver, os anos seguintes a instauração do Estado Novo, sobretudo, na maneira como investe de sentido e poder, para este médico legista em sua campanha bio-determinista ante ao trato dos homossexuais na capital federal brasileira naquele momento. Nesse sentido, assume um sentido todo especial retomar o debate acerca da esterilização involuntária e compulsória, sob a égide do recém instaurado estado com tons totalitários. Não é à toa que Leonídio decide republicar este trágico material no ano de 1939, ano que marca a sua postura incisiva na defesa dos preceitos eugênicos, como método de resolução daquilo que era considerado como problema nacional, isto é, a reprodução dos indesejáveis. Sua fala é marcante e revela a visão que Leonídio nutria da eugenia:

Estou entre os que aplaudem a legislação que manda esterilizar os indivíduos doentes e tarados para evitar uma prole inválida e inútil. Penso que o desequilíbrio em que vive o mundo de hoje é muito menos devido ao aumento sempre crescente da população do que ao exército de estropiados que enchem os asilos, hospícios, hospitais, pesando nos orçamentos como uma cifra das mais consideráveis e improdutivas. Hitler só foi levado a esse ato depois de haver verificado que as estatísticas mostram haver na Alemanha um milhão de loucos e alienados, 750 mil débeis mentais, 100 mil epiléticos e 25 mil surdos mudos, isto é, cerca de dois milhões de homens e mulheres indesejáveis e que não produzem nem podem ser úteis ao seu país.²³²

A fala de Leonídio Ribeiro expressa sua posição favorável em relação à lei de esterilização alemã, bem como ilustra a maneira na qual o médico legista encara a questão do controle populacional em relação aqueles que devem fazer parte da sociedade e aqueles que não devem permanecer na sociedade, ainda que em instituições asilares ou portadores de deficiência física. Segundo Ribeiro, o ditador alemão estava seguindo o exemplo dos Estados Unidos que, "sem barulho nem alarde, vem aplicando a esterilização aos degenerados e doentes", desde 1907, quando

²³¹WEGNER, Robert; SOUZA, Vanderlei Sebastião de. Eugenia 'negativa', psiquiatria e catolicismo: embates em torno da esterilização eugênica no Brasil. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, p.274.

²³²RIBEIRO, Leonídio. Debate sobre a lei de esterilização. *Arquivos de Medicina Legal e Identificação*, Rio de Janeiro, 1939, p. 168.

o Estado da Virgínia havia promulgado a lei de esterilização, incentivando as mesmas práticas em mais de 23 estados norte-americanos. Leonídio mostra-se informado, ao afirmar que a Califórnia, já havia castrado cerca de 5.820 pessoas, até o ano de 1928. Além disso, aponta a aplicação do exame-pré-nupcial, "nos países civilizados, para impedir a reprodução dos que não estivessem em condições de ter filhos sadios". No entanto, o simples controle pré-casamento não bastava na visão do legista, "sabido que fora do casamento a humanidade também se reproduz em larga escala".

Como bem notou, Hochman, Maio e Lima, não houve um movimento intelectual e político homogêneo nesse momento, pelo contrário, a falta de uma agenda consensual e organizada é resultado dessa fluidez de significados que a eugenia assumiu em diferentes contextos locais. Por isso, a presença quase que onipresente dos debates sobre a eugenia nos debates científicos, pôde ser compartilhada por muitos cientistas como sinônimo de melhoramento populacional. Assim, diferentes ideias sobre os problemas de cada país, resultaram em diversos usos das técnicas de esterilização, bem como na construção de políticas seletivas de imigração, controle matrimonial, reformas educacionais, gestão da saúde pública e do saneamento.²³³

Como vimos, a compreensão biodeterminista impôs uma revisão dos paradigmas ante as atribuições a problemas endócrinos e psíquicos como causa dos distúrbios, concorrendo, também com os postulados daqueles que advogavam a influências dos fatores sociais como fermento impulsionador para a vida desviante. Assim, foi no bojo destas discussões, mormente nas primeiras décadas do século XX, que assistimos à defesa de que os seres humanos não eram iguais perante a lei, posto que deveriam ser pensados com base em critérios de hereditariedade, uma vez que é através da matriz biológica que podemos enquadrar os indivíduos em biótipos e, assim, estabelecer categorias e tipos, de modo a atribuir qualidades e competências, com o fito de proporcionar possíveis correlações entre os tipos morfológicos com comportamentos pré-determinados. Nesse terreno, iremos assistir a união entre as propostas cunhadas por médicos e a gestão pública, em uma ótica que visava reestabelecer a saúde do povo, que precisava ser sadio, 'bem-nascido' e heterossexual.

Desse modo, entendemos que o século XX investiu na ciência como instrumento crítico de interpretação cultural, intensificando, assim, o racismo cultural, o determinismo biológico e a entrada dos conceitos oriundos da eugenia no âmbito das políticas públicas. Stepan comentou que a ciência legou para a América Latina reflexões paradoxais, posto que serviu para os intelectuais

²³³ HOCHMAN, Gilberto; MAIO, Marcos Chor; LIMA, Nísia Trindade, *The Path of Eugenics in Brazil: The dilemmas of miscegenation*, In: *The Oxford Handbook of The History of Eugenics*, Oxford University Press, Oxford, 2010,p.495.

como sinal de progresso e caminho possível para saírem do desconforto causado pelos atrasos sociais. Por outro lado, entretanto, a ciência revelava seu caráter xenófobo, marcado pelo horror às diferenças, ensejando propostas atravessadas por critérios tais que conduziram à ideia de que o lugar destes sujeitos abjetos, era nos asilos ou nas prisões, onde seriam tratadas por estudos científicos sistemáticos, com fins de recuperar os corpos disgênicos.²³⁴

No capítulo a seguir, exploro como a história dos hormônios foi acompanhada da construção de papéis sociais bem delimitados associados a sinais morfológicos e que, visou conformar, a preponderância do imperativo biológico e heterossexual em detrimento das sexualidades homossexuais. Daí a opção em examinar as controvérsias em torno da opoterapia, bem como das subjetividades inerentes a condição hormonal dos indivíduos frente à conformação dos sexos e da expressão de suas sexualidades.

²³⁴STEPAN,Nancy. A Hora da Eugenia, *op.cit*, p.53- 54.

CAPÍTULO II

Órgãos, glândulas e tecidos animais: A opoterapia como objeto de investigação

O fígado de porco, a bile de boi, cérebro e medula dos animais eram empregados respectivamente contra afecções do fígado e dores de cabeça persistentes. Contra a tosse também se empregavam pulmão de porco, especialmente para os casos de bronquite crônica e o rim contra as afecções renais. Contra as dispepsias dá-se a parte externa da moella de um pinto, com feijão branco grelado. Para facilitar o parto da mulher, ingeria pequenas porções de placenta dissecada. Neurastenia e anemia cerebral se tratavam com raspas de chifre de veado tiradas do animal vivo, ou recentemente morto. O chifre de um animal que não foi morto propositadamente não serve porque faz <<cair os dentes e escarrar sangue>>. Contra as fraturas, os médicos prescreviam um decocto de carbonato de calcio e ossos de tigre submetidos á fervura durante oito dias, sendo preferidos para isso o osso hióide e as rótulas.²³⁵

A endocrinologia deu seus primeiros passos através da coleção de selos, criaturas grotescas e cômicas, motivando ilustrações artísticas diversas. Seja a comentada ginecomastia do príncipe Tutenkamon ou, o curioso bócio de Cleópatra e a mulher exoftálmica exibida em tela por Da Vinci, a analogia de traços morfológicos com o grupo de doenças formadas a partir de problemas glandulares, demonstra o caráter arcaico dos arquétipos, em torno de “um grupo de doenças que vieram se constituir na Endocrinologia”.²³⁶ Ainda que sob o olhar de Póvoa, a endocrinologia só tenha alcançado sua entrada no rol das ciências na segunda metade do século XIX, chamar atenção para esse contingente de elementos culturais e artísticos que retratam as morfologias escatológicas – como a puberdade precoce, o gigantismo ou a sedutora mulher barbada – através dos milênios, nos permite observar a produção de saber e ilustrações sobre as glândulas, em civilizações asiáticas e africanas desde tempos antigos. Para Póvoa, o que não podemos perder de vista é o fato de que “desde época remota se procurava conhecer as funções que caberiam a esses órgãos”.²³⁷

Os resultados dos efeitos das glândulas de secreção interna passaram a fazer parte do cabedal lingüístico das mais diversas classes sociais, em finais do século XIX. Já era comum, no mundo médico dessa época, creditar aos ovários a faculdade de secreções internas, de humores, fermentos e agentes químicos, que condicionam o organismo. Rohden (2001) chamou atenção para

²³⁵ *BRAZIL MÉDICO*, Organoterapia no Oriente- 1923 - folheto de Regnaull) , 1923, p.336.

²³⁶ PÓVOA, Luiz César.; BITTAR, Thalita. (orgs) *História da Endocrinologia no Brasil*. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia , 2008. p.23.

²³⁷ *Ibidem*,p.23.

essa questão, enfatizando, que o tema da insuficiência ovariana e de suas relações com comportamentos “desviantes” foi recolocado na década de 1930 pelos novos especialistas, os endocrinólogos, e que a venda de produtos farmacêuticos de cunho hormonal já era frequente na *Revista de Ginecologia e d’Obstetrícia* na década de 1920, onde o público podia entrar em contato com os pormenores do ciclo menstrual da mulher. Naquele período, os hormônios passaram a se constituir como elementos vitais para a definição da natureza feminina.²³⁸

Outrossim, a endocrinologia esteve constantemente relacionada a discursos biomédicos especialistas em nomear as diferenças entre os sexos, nascendo com uma agenda de pesquisa que visava ao controle dos hormônios e da sexualidade. Parte desse percurso histórico, examinado por Rohden em “O império dos hormônios e a construção da diferença entre os sexos” nos auxilia a perceber como ocorreu o processo de construções discursivas em relação às patologias causadas por desvios hormonais, bem como a mudança da lógica, de elementos discursivos que entendiam o excesso como relacionado à doença, eixo explicativo reinante em fins do século XIX, para uma outra adaptação normativa, qual seja: a de que a carência de certos hormônios no corpo poderia desencadear patologias.²³⁹ Esse terreno foi muito favorável a implementação da opoterapia, já que ela propunha a reposição daqueles hormônios carentes em determinados organismos.

A história da endocrinologia contada por memorialistas tende a especificar institutos de pesquisa, nomes célebres da especialidade, bem como a construção de memórias da organização de sua especialidade, seja pela via de suas revistas ou de suas respectivas sociedades agremiadas. Por outro lado, a história dos cientistas sociais, historiadores (as) das ciências e especialistas no tema, em geral, tendem a apontar a utilização de saberes da endocrinologia inseridos em intrincados processos históricos e culturais. Em especial, observa-se a entrada da endocrinologia como ferramenta para discussões acerca da produção de corpos ideais, expostos em suas funções orgânicas saudáveis, de modo a servir de referência para conformar corpos normatizados e, por conseguinte, idôneos. Esse mesmo saber endossou muitos argumentos oriundos de saberes peritos como a medicina legal, criminologia e da psiquiatria. Ademais, a endocrinologia trouxe à baila dos estudos em medicina experimental, múltiplas abordagens constitucionistas que possuíam o fito de comprovar as correlações entre a mente, o corpo e as glândulas.

²³⁸ ROHDEN, Fabíola. *Uma ciência da diferença: sexo e gênero na medicina da mulher*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2009. p.162-164-165.

²³⁹ Idem. O império dos hormônios e a construção da diferença entre os sexos. *História, ciências, saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 15, supl., 2008, p. 133-152.

Oliveira Junior assinalou que artigos e livros sobre endocrinologia já eram publicados fora da arena criminológica na primeira década do século XX, mas essas publicações não eram sistemáticas, sendo a exceção os estudos publicados por Aloysio de Castro e Thales César de Pádua Martins. Mas foi na década de 1930, no Brasil, que se assistiu a um incremento na produção de artigos de endocrinologia comportamental em revistas de direito penal e de criminologia, fenômeno este estendido até a década seguinte. Oliveira Júnior entende que a endocrinologia consolidou-se como um elo entre duas correntes explicativas sobre o criminoso, quais sejam: a primeira, oriunda de fins do século XIX, que se caracterizava pelo predomínio de sinais antropométricos e cranioscópicos, período no qual o corpo foi estabelecido como principal registro de sintomas de taras degenerativas do ser humano. Com efeito, a produção de fenótipos atraiu para si as lentes de novas especialidades, incrementou a produção de teorias e aperfeiçoou técnicas de mensuração do corpo humano. O alvorecer do século XX, por seu turno, trouxe consigo certa crítica a essas teorias morfológicas, ainda que não fosse o suficiente para desmantelá-las. Como segunda corrente explicativa, Oliveira Junior localizou no fim da década de 1910, um período de grande atenção à mente humana pela psiquiatria e pela nascente neurologia, para quem o comportamento criminal seria o resultado de "ações explicadas pelos desvios materiais, ou imaginários, do cérebro. Era na mente que estariam os problemas." ²⁴⁰

Uma postura conciliatória emergiu na década de 1920, relacionando os dois pólos causais para explicar a vida criminal, o mental e o corporal. Assim, havia os apontamentos craniológicos oferecidos por Gall; a teoria freudiana, segundo a qual seria possível entender tais desequilíbrios comportamentais através de conceitos como o de neuroses, psicopatias ou mesmo como oriundos de complexos infantis; ou as teorias socialistas, segundo as quais a desigualdade social assumiria papel relevante como elemento catalisador de comportamentos criminais. Coube à endocrinologia trazer à baila suas contribuições explicativas para a questão criminal, colocando o organismo humano como resultado do fluxo de substâncias químicas, secretadas internamente, a partir do funcionamento sadio ou deficiente das glândulas internas. Além de emoldurar o organismo, essas substâncias químicas passaram a ser vistas como principais responsáveis pela formação da personalidade dos seres humanos. Daí a elaboração de conceitos como *endocrinopatas criminais* ou delinquentes devido a disfunções glândulares. Cumpre advertir, conforme sugere Oliveira Júnior, que estas

²⁴⁰ OLIVEIRA JÚNIOR, De monstros a anormais, *op.cit.*,p.197.

teorias não foram hegemônicas, "absolutas em um período, mas sim em ideias dinâmicas e concorrentes que sofreram, de acordo com o lugar e o período, maior ou menos aceitação".²⁴¹

A teoria hormônica cumpriu o papel de atualizar o conhecimento científico recebido do século XIX sobre o corpo, angariando adeptos de explicações que levavam em conta a soma de fatores - físicos, mentais e morais - como elementos catalisadores de comportamentos patológicos e criminais. Ademais, Oliveira Júnior entendeu que a endocrinologia serviu como reforço à ideia de "semelhança estrutural" elaborada por Pende, além de substituir a ideia de livre arbítrio²⁴². Nessa postura, cientistas como Leonídio Ribeiro e Afrânio Peixoto, médicos-legistas, aderiram às teorias constitucionalistas.

Nas próximas páginas, exploro indícios sobre a circulação de estudos sobre a opoterapia, em periódicos médicos brasileiros, e busco abordar a história dos hormônios sexuais, levando em consideração como ocorreu a conquista de conhecimentos acerca dos órgãos de secreção interna e da elaboração dos conceitos da ambivalência sexual. Nesse sentido, o trabalho se debruça sobre o *modus operandi* dos laboratórios experimentais, em especial, aqueles que utilizaram a opoterapia em suas rotinas de trabalho. Com isso, pretendo exhibir a construção social de discursos ante os sexos, quando cotejados em sua dinâmica hormonal. Além disso, aponto algumas contestações científicas em torno da técnica opoterápica.

2.1. Pistas iniciais sobre a Opoterapia

A palavra pode soar esquisita e necessitar de repetições, mas quando explicamos e esmiuçamos o seu conteúdo, podemos, intuitivamente, estabelecer paralelos entre as técnicas opoterápicas com métodos cirúrgicos tradicionais, como os enxertos, implantações e transplantes. Oriundo do termo grego *opôds*, em alusão aos sucos e extratos, unido etimologicamente a *therapía* significando tratamento e cura, ou seja, temos a possibilidade, de a partir dos sucos orgânicos extraídos de órgãos animais, a fórmula para a elaboração de produtos biológicos para o tratamento

²⁴¹ OLIVEIRA JÚNIOR, De monstros a anormais, *op.cit.*,p.198.

²⁴²Oliveira Júnior aponta que Berardinelli, certa vez, construiu um sistema explicativo, de modo a associar as glândulas corporais com os sete pecados capitais. Buscou, nessa metáfora, acessível ao público leigo em medicina, demonstrar como os humores poderiam influenciar no comportamento humano, seja produzindo pecados, ou de modo a produzir pessoas sãs e saudáveis. *Idem*.

de diversas doenças que afetam os órgãos, esteja estes em estágios deficientes ou hiper eficientes.²⁴³ Desde o período medieval, a base do espírito investigativo das artes médicas correspondeu, em parte, à máxima condensada por Paracelso, em seu seguinte princípio: *similia, similibus curantur*.²⁴⁴ Dito de modo simples, a opoterapia pretendia a mesma regra, já que consistiria em uma técnica que teria por objetivo extrair, de um órgão sadio, seu componente orgânico ou hormonal específico, para, em seguida, aplicar tais extratos no corpo de uma pessoa doente, com falta desse componente.

Além disso, iremos observar no decorrer deste capítulo os vários graus de aperfeiçoamento da técnica opoterápica, como enxertos, implantações e transplantações. Não obstante, vale frisar que o que se pretende expor aqui é parte duma história que ainda está por ser contada com maior riqueza de fontes, análises comparativas e, não menos importante, com as controvérsias do campo em que a técnica opoterápica esteve imersa.

Assim, o que vem a seguir é uma tentativa de dar novas cartadas nesse emaranhado de imprecisões, que é a história da opoterapia, enquanto terapêutica propagandeada para a população carioca, a partir das prisões e análises biotipológicas dos homossexuais detidos e fichados no IIPCRJ, durante a gestão de Leonídio Ribeiro no Laboratório de Antropologia Criminal. Cumpre registrar, que paralelamente a campanha de repressão a população homossexual, ocorria intenso esforço policial com fins de coibir grupos espíritas na capital federal, lideradas pelo delegado de polícia do Distrito Federal, o Dr. Dulcídio Gonçalves, durante a década de 1930.²⁴⁵

Mas antes de falarmos diretamente sobre o tema, trataremos, em linhas gerais, dos diferentes usos da opoterapia e como esta técnica chegou a ser indicada para a correção moral de comportamentos.

De acordo com o Dr. Carlos Werneck, em 1913, havia uma guerra em curso contra o enxerto ovariano. Os adversários dessa prática alegavam a insignificância e temporariedade dos problemas oriundos da insuficiência ovariana. Para o médico, o espírito conservador de muitos ginecologistas tendia a conceder primazia às práticas de castração ovariana. Colocando-se, assim, como um dos

²⁴³ MACHADO, Ubiratan Fabres. Evolução do conceito de Hormônio e Opoterapia - Análise Crítica do Conhecimento em 2001- "Uma homenagem a Thales Martins nos 50 anos de ABE&M e 100 anos de Endocrinologia". *Arquivos Brasileiros de Endocrinologia e Metabologia*, 2001, n45/5, suplemento 2, p.685.

²⁴⁴ MARTINS, Thales. (1951) Evolução do conceito de hormônio e opoterapia - exame crítico da influência de Brown-Séguar. Trabalho pioneiro dos portugueses Bettencourt Rodrigues e Serrano. *Arquivos Brasileiros de Endocrinologia e Metabologia*, vol, 45, nº 5 (Suplemento 2), Novembro, 2001. Originalmente publicado em 1951, no mesmo periódico.

²⁴⁵ GAMA, Elizabeth C. *Mulato, homossexual e macumbeiro: que rei é este? Trajetória de João da Gomeia* (1914-1971). Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal Fluminense, Niteroi, 2012, p. 118-120.

principais opositores daqueles que "procuram conservar uma glândula de secreção interna"²⁴⁶, Werneck defendia o enxerto ovariano para restaurar o ciclo menstrual das mulheres. Sendo assim, porque renunciar à técnica? Mesmo reconhecendo que não seria possível restaurar a função ovariana, por completo, "mas, ao menos a menstruação, que já traduz alguma coisa, eu terei assegurado, como prova de que não destituí minha doente, totalmente, de seu funcionamento genital".²⁴⁷ Como visto, a gônada genital deveria ser restaurada, de modo a reconduzir o ciclo menstrual da mulher.

No mesmo volume de o *Brazil Médico*, o Dr. Manuel de Vasconcellos aproveitava para anunciar as conquistas recentes da técnica da opoterapia hepática, exemplificando em seu estudo de caso, um doente com cirrose no fígado para quem a opoterapia "parece ter tido um efeito surpreendente sobre o parenchyma hepático e ter dado lugar a melhoras, que não estamos habituados a vêr em casos similares".²⁴⁸ Segundo o mesmo médico, no entanto, a interpretação dos sucessos obtidos com a técnica não poderia ser ali esmiuçada dado o estado da arte ainda frágil dos estudos sobre as possibilidades terapêuticas com o uso de enxertos, opoterapias e transplantações. Mas, ainda assim, Vasconcelos considerava que os casos "não deixam de ser curiosos e interessantes".²⁴⁹

Três anos mais tarde, a opoterapia voltava a ser anunciada como produtora de alguns prodígios para o tratamento da coqueluche. O Dr. Nascimento Gurgel aproveitou a palavra, durante a reunião da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, para discorrer sobre a endocrinologia, em especial, sobre a opoterapia amigdaliana. O companheiro de profissão, Dr. Leal Júnior, por seu turno, referiu-se à comunicação de Gurgel para acrescentar que não havia mais indicação para a extração da amígdala de Luschka, "porque julga que essa glândula, como as amígdalas palatinas, tem uma importante função a preencher."²⁵⁰

A opoterapia clínica em vinte lições, obra publicada pelo Dr. Scheffer em Paris, em 1929, foi anunciada ao público brasileiro nas páginas do *Brazil Médico* do mesmo ano. Para Scheffer, a opoterapia não podia ser inventada, pelo contrário, era uma questão de aprendizado. A obra trazia aspectos teóricos e práticos da técnica opoterápica e, advertia, "que o medico deve saber si

²⁴⁶ WERNECK, Carlos. Do enxerto ovariano em cirurgia. *Brazil Médico*. Volume 1, Ano XXVII, n 6, 1913, p.53.

²⁴⁷ Idem.

²⁴⁸ VASCONCELLOS, Manuel de. A ophotherapia hepatica n'um caso de cirrhose do figado. *Brazil Medico*. Volume 1, Ano XXVII, n.6, 1913, p.11

²⁴⁹ Idem.

²⁵⁰ *Brazil Médico*. *Brazil Médico*. Seção Associações Científicas. Reunião da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro. 1915. p. 236-238.

ambicionar, pôr-se a corrente dos progressos de sua arte, conhecer e compreender a opotherapie".²⁵¹ Segundo consta na resenha, nesse estudo, os leitores poderiam aprender sobre "as afecções utero-ovárias, o desenvolvimento das criaturas jovens, a obesidade, a sensibilidade, o câncer..."²⁵²

Mas a opoterapia não estava circunscrita apenas a periódicos e livros especializados: ela era discutida também em jornais diários e na esfera política, enquanto método indicado para prevenir a independência política de mulheres sufragistas. Um bom exemplo, registrado nos *Annaes da Assembléa Nacional Constituinte*, de 1935, por ocasião dos debates sobre a lei do divórcio, foi proferido pelo médico e deputado Fernando Magalhães. Apropriando-se do discurso de William Ewart Gladstone (1809-1898), primeiro-ministro inglês que havia governado a política britânica durante o auge do liberalismo clássico na posição de "eminente estadista", Magalhães deixa de lado todos os argumentos a favor da liberdade humana e da moral advindas dos discursos do político inglês para selecionar uma frase que, segundo o deputado, Gladstone, que "certa vez pronunciou uma máxima que é uma profecia: Aos médicos deve ir o governo das nações."²⁵³ É a partir dessa máxima e em defesa das famílias que o deputado desvia-se na direção da opoterapia ovariana:

Esta aí por que me atrevo a discutir assunto constitucional: justamente por quê, dada a presente e aterradora situação de moléstia universal, vemos que os dois grandes males modernos - o extremismo masculino e o extremismo feminino - são positivamente duas das maiores demonstrações de enfermidade. O cérebro de um dos maiores ditadores serviu, na Alemanha, para estudos sobre a paralisia geral, as *suffragetes* inglesas não teriam, em ocasião oportuna, alcançado a época calamitosa em que a libra se deprecia, exatamente pelo abandono da economia doméstica, se sobre elas tivesse agido, em tempo próprio, a opoterapia ovariana. (Riso.)²⁵⁴

A noção de opoterapia aparece acima como uma maneira de conter o abandono dos lares pelas mulheres e o desejo de equiparação aos homens, visto que a terapia era suposta como capaz de reconduzir às mulheres a sua *natural* passividade, contribuindo, assim, para a manutenção da estrutura familiar, na qual as mulheres deveriam desempenhar suas respectivas funções de donas-de-casa, e não tornarem-se mulheres engajadas na luta pelo sufrágio universal. Estariam, no pensamento de Magalhães, as mulheres em busca por direitos políticos, a depender, das funcionalidades esperada de seus ovários, para, assim, necessitarem da terapia, ou, precisariam de uma dose extra hormonal, a fim de que suas funções sociais se adaptassem ao esperado?

²⁵¹ *Brazil Médico*. Seção Bibliographia. Resenha do Dr. Scheffer sobre a obra *L'Opothérapie en vingt leçons*. 1929. p.1414.

²⁵² *Idem*.

²⁵³ BRASIL, *Debates sobre a lei do divórcio*, In: Anais da Assembleia Nacional Constituinte, 1935. p.217.

²⁵⁴ *Idem*.

Assim, as prescrições médicas a favor da técnica opoterápica já se faziam notar nas primeiras décadas do século XX no Brasil nos mais diversos ambientes sociais, seja através da publicação de revistas especializadas na área médica, como o *Brazil Médico* ou, em ambientes parlamentares, onde questões que envolviam o comportamento nada convencional de mulheres, para os padrões daquela época, afeitas a política sufragista, poderiam ser vistas como sinal de desequilíbrio orgânico e, por conseguinte, vistas como mulheres carentes de aplicação de técnicas de reposição humoral e glandular. Por fim, a título de ilustração, as pistas iniciais acima esboçadas nos servem como indicativo de que a técnica da opoterapia fazia parte do cabedal lingüístico e cultural, nas primeiras décadas do século XX, de médicos da cidade do Rio de Janeiro, bem como aponta para a circulação de obras internacionais sobre a temática em terras fluminenses, demonstrando, assim, o potencial da técnica médica como terapêutica para diversas disfunções orgânicas conforme exibido anteriormente.

2.2. - Testando os componentes: Dos órgãos e suas atividades internas

As diferentes peças que compõem o corpo humano passaram a ser investigadas através de estudos anatômicos e fisiológicos, sobretudo a partir do século XVI, período no qual as experiências científicas tinham como objetivo entender os aspectos funcionais de cada órgão do corpo animal e humano. Conforme aponta Robert Muchembled, após o Renascimento a ciência progride substancialmente. Como exemplo, recordemos a publicação do tratado de Vesálio, *De humanis corporis fabrica (1543)*, onde podemos assistir uma exploração sobre o corpo em seus aspectos internos e respectivas funcionalidades. Tal espírito investigativo também contagiou sensivelmente muitos pintores renascentistas, como Caravaggio, em sua *Incredulidade de São Tomás (1603)*, expressão visível da “cultura da dissecação” da época, sendo considerada, pelos eclesiásticos, um sinal de afronta e heresia, posto que tentava perscrutar as marcas do Divino e de sua obra mais simbólica, isto é, o corpo humano.²⁵⁵

Ainda de acordo com Muchembled, uma segunda onda evolutiva do olhar científico sobre o corpo físico iniciou-se com as conquistas do médico inglês Harvey e os postulados de Descartes, responsáveis por incentivar a compreensão do corpo humano, enquanto uma máquina. Harvey publicou, em 1628, seu estudo sobre a circulação do sangue, *De motus cordis*, já a célebre assertiva do *Penso, logo existo* cartesiana, de 1637, logo que divulgada, teria recebido

²⁵⁵ MUCHEMBLED, Robert. *O orgasmo e o ocidente: Uma história do prazer do século XVI a nossos dias*. Martins Fontes, São Paulo, 2007.p.94.

questionamentos diversos, mormente, quando pensamentos sobre a origem do criador dessa máquina humana eram formuladas.²⁵⁶

Em sua digressão sobre a história dos pensamentos, acerca dos órgãos de secreção interna, Thales Martins apontou a cogitação, feita em 1675, por Thomas Willis, segundo o qual, os órgãos lançavam no sangue fermentos que modificavam o organismo, sendo a puberdade o efeito químico de substâncias que passavam das gônadas para o sangue. No século XVIII, Theophile de Bordeu, imaginava que os órgãos vertiam produtos químicos para a circulação sanguínea. Em 1834, Johannes Müller deixou registrado em seu estudo sobre fisiologia, que as glândulas vasculares sanguíneas extraíam do sangue alguns princípios químicos, sucedendo uma modificação e modelação destes princípios que, em seguida, seriam revertidos à circulação sanguínea, cumprindo tarefas vitais no organismo.

Para Martins, mesmo sendo "quase sempre arbitrário fixar-se o início histórico de um conhecimento humano"²⁵⁷, quem realmente mereceria o título de fundador da endocrinologia, seria o professor alemão, Arnold Adolph Berthold. Este teria elaborado as diretrizes fundamentais que ensejaram as produções vindouras em endocrinologia, já que havia ponderado sobre a necessidade de realizar exames sobre os aspectos morfológicos que dependem da atuação da glândula endócrina, bem como chamou a atenção para a necessidade de verificar se estes mesmo traços morfológicos eram alterados com a extirpação do órgão e, por fim, apontou a premência de restabelecer a disfunção endócrina através do enxerto da glândula, vale frisar, em local diferente do normal. Berthold seria, segundo Martins, o responsável pelo nascimento da "endocrinologia positiva" e, seus estudos foram exímios em utilizar a "operação endócrina milenária" qual seja: a castração.²⁵⁸ Nesse sentido, foi a tiróide a principal responsável por ser o fio de Ariadne que faltava à endocrinologia infante, já que a tiróide possui vantagens anatômicas, experimentais e clínicas únicas:

Órgão de fácil acesso e sede frequente de doenças, da sua extirpação resultam modificações somáticas conspícuas, reforçadas no início por uma impureza experimental, - a retirada simultânea das paratiróides, de sorte que a tetânia, com tôda dramaticidade e rapidez de aparecimento, servia indiretamente de teste rápido para as tentativas de substituição. Mais ainda, a tiróide é a única glândula que

²⁵⁶ Ibidem,p.95.

²⁵⁷ MARTINS, Thales. (1951) Evolução do conceito de hormônio e opoterapia- exame crítico da influência de Brown-Séquard - trabalho pioneiro dos portugueses Bettencourt Rodrigues e Serrano. *Arquivos Brasileiros de Endocrinologia e Metabologia*, vol, 45, nº 5, (Suplemento: 2), Novembro, 2001. p.649.

²⁵⁸ Ibidem,p.651.

contém hormônio estável, e em estoque bastante para efeito real, injetado ou ingerido in natura, e de simples obtenção em extratos aquosos.²⁵⁹

Por sua notável utilidade, a tiróide serviu de contraponto crítico diante daqueles que acreditavam que a ingestão de testículos, hipófise, paratiróides, ovários ou pâncreas, pudessem garantir bons resultados, de absorção dos soros de tais órgãos, de seus sucos e extratos, quando, a rigor, os sumos destes mesmos órgãos não possuíam hormônio em si. Diferentemente, a tiróide, como vimos acima, possuía um leque de hormônios estáveis em sua essência. Assim, a organoterapia²⁶⁰, em seu nascedouro, contou com a tiróide como alavanca para o desenvolvimento de técnicas opoterápicas mais seguras, com base em testes padronizados e regulados a partir de observações clínicas sucessivas. Com efeito, o final do século XIX assistiu o desenvolvimento de novas etiologias, como a hiperfunção, "conceito capital" para a endocrinologia, cunhado por Paul Julius Moebius, em 1886²⁶¹. Em que pese a elaboração de novas contribuições teóricas, o findar do século XIX, trouxe consigo alguns incômodos, visto que, por volta daquela época, "atingimos um ponto crítico na história da endocrinologia. Por uma incompreensível aberração analítica, firmou-se o conceito de que a opoterapia e até a própria endocrinologia, foram criadas em 1889, por uma nota de Brown-Séquard."²⁶²

Em sessão realizada na Sociedade de Biologia de Paris, em junho de 1889, Brown-Séquard comunicou sobre sua pesquisa intitulada, "*Les effets produits chez l'homme par des injections sous-cutanées d'un liquide retiré des testicules frais de cobaye et des chiens*". Brown concebia a velhice como resultado da "decadência do testículo e do seu princípio dinamogênico"²⁶³. Desde então, dedicou-se a divulgação constante de técnicas – testadas nele mesmo – de injeção de extratos de testículos de cães e de porcos da guiné, o que seria, segundo Brown-Séquard, um método eficiente para o tratamento da velhice, da indisposição e na restauração da juventude. O calcanhar de Aquiles do método de ingestão de produtos testiculares, apresentados nesta ocasião, seria a ênfase do fisiologista e neurologista em relação ao material espermático, uma vez que, conforme expõe Martins, o fato de que o médico colocava a reabsorção de uma substância, de secreção externa - esperma - deturpava, assim, o sentido e valor químico das secreções internas. Não obstante, como bem advertiu o fisiologista Thales Martins, "o testículo é órgão pobre em reservas de hormônio

²⁵⁹ Idem.

²⁶⁰ Emprego aqui a palavra que organoterapia como sinônimo de opoterapia.

²⁶¹ Ibidem.

²⁶² Ibidem, p.651.

²⁶³ Ibidem, 653.

androgênico, praticamente insolúvel na água. Nada se poderia obter do conto de alguns cc. água, com 1/2 gr. de órgão, por poucos minutos ou horas".²⁶⁴

A opoterapia, então, foi iniciada no homem e, segundo Martins, sua "primeira aplicação real"²⁶⁵ foi executada pelos médicos portugueses Antônio Bettencourt Rodrigues e José Antonio Serrano, responsáveis pela implantação da *tiróide* de carneiro numa doente de mixedema, em 1890²⁶⁶. Nessa implantação, o órgão sadio foi extraído de animal de outra espécie, não podendo, por essa via, adaptar-se no soma do hospedeiro. No entanto, "sabemos que hormônio de fato existia no material implantado, absorvível em dose ativa."²⁶⁷ Como veremos no item 2.5, há uma diferença notória entre enxertos, implantações e transplantações. No caso do experimento realizado pelos portugueses Bittencout e Serrano, os cientistas optaram por implantar uma tireóide fresca de carneiro, na paciente, que após 32 dias já apresentava sinais evidentes de melhora, como perda de peso, restauração do ciclo menstrual e reavivamento da sudorese, antes inibida devido a pele seca, causada pelo mixedema. O procedimento utilizado poderia ser suspeito, já que "era ponto pacífico que os órgãos fenecem em somas de outra espécie".²⁶⁸ Contudo, os próprios cientistas lusos reconheciam os pontos críticos de sua técnica opoterápica, e demonstraram como a "injeção sólida" de extratos químicos da tiróide de outra espécie, proporcionou a revitalização e absorção dos princípios vitais da glândula tireóideana do carneiro.²⁶⁹

De acordo com Martins, é possível elencar cinco passos que foram fundamentais para colocar o estudo das secreções internas em patamares seguros de precisão de dados, quais sejam: o primeiro foi marcado pelo conhecimento do órgão com aspecto glandular, isento de canal excretor e, por vezes, local de doenças; em seguida deu lugar a elaboração de hipóteses de que estes órgãos exerciam influência sobre o sangue, modificando-o, eliminando substâncias tóxicas e, construindo elementos figurados. Além disso, proporcionou a quarta etapa necessária à compreensão do mecanismo fisiológico em análise, isto é, a secreção de agentes que, pelo canal sanguíneo, acabam por atuar em todo o organismo. Esse princípio só possui valor heurístico, quando colocado sob a verificação de testes específicos, seja com base na deficiência da função glandular ou, sob os efeitos de sua castração. Com efeito, tendo em vista a ação química em questão, o órgão então, presta-se a substituição por seus produtos, expostos e experimentados em testes específicos, sejam clínicos ou

²⁶⁴Ibidem, p.653-654.

²⁶⁵ Ibidem,p.655.

²⁶⁶ Idem.

²⁶⁷ Ibidem,p.656.

²⁶⁸ Ibidem, p.654-655.

²⁶⁹ Ibidem, p.656.

experimentais. Por fim, destaca-se o isolamento, purificação, exame e síntese destes produtos químicos.²⁷⁰

Nessa linha nada evolutiva e teleológica, as fases investigativas acima sobreporam-se ao longo da história e, segundo Martins, "mesmo antes de qualquer sistema, durante milênios, existiu o ritual antes mágico, de órgãos animais para o tratamento de doenças".²⁷¹ A crença de que muitas doenças poderiam ser sanadas com a ingestão de órgãos animais ou humanos, já se fazia notar há milênios, onde povos da antiguidade acreditavam que seria possível auxiliar na cura de anomalias ou, inclusive, facilitar a incorporação de espíritos, "que dão coragem e fôlego às feras, ou ao inimigo valente".²⁷² De acordo com o endocrinologista, com o passar do tempo, o processo de associação em curso, foi perdendo o encanto, ainda que permanecesse, sob diferentes formatos, nas camadas sociais populares ou, pela via da terapêutica axiomática, ainda em curso no século XX.²⁷³

Nesse percurso, ao colocar os órgãos como agentes que secretam substâncias químicas específicas no corpo, durante o século XIX, "atuando assim, por intermédio do sangue, sobre todo o organismo"²⁷⁴, a endocrinologia passou a investigar o vínculo entre o sistema das secreções internas e o sistema nervoso, já que se considerava então ser essa equação a responsável pela produção de indivíduos equilibrados.

Entramos, assim, no século XX com a incessante busca pelo traço corporal que permitisse captar a "essência" do funcionamento bioquímico do corpo humano, bem como entender os mecanismos fisiológicos deste. Naquele momento, muitas dessas buscas foram conceituadas a partir das substâncias químicas, denominadas por Steinach, em 1905, como *hormônios*. Para Oudshoorn²⁷⁵, o novo campo da endocrinologia permitiu investigar o processo de constituição dos sexos, introduzindo conceitos como hormônios "femininos" e "masculinos", ambos construídos sob a égide dos modelos dominantes de pensamento sobre as raízes biológicas que endossariam as diferenças entre os sexos. Deste modo, certos comportamentos, regras, funções e características consideradas como tipicamente femininas e masculinas na cultura ocidental foram acopladas aos conceitos dos hormônios. Nesse ínterim, o corpo feminino foi cada vez mais retratado como um corpo completamente controlado pela ação dos hormônios. Deste então, estrogênio e progesterona passaram a ser as drogas mais usadas na história da medicina. Oudshoorn indica que tais

²⁷⁰Ibidem, p.649.

²⁷¹ Idem.

²⁷² Idem.

²⁷³ Idem.

²⁷⁴ OUDSHOORN, Nelly. Beyond the natural body, p.7.

²⁷⁵ Ibidem, p. 8-9.

substâncias adquiriram notoriedade popular, sobretudo após os usos destes medicamentos no controle da fertilidade, bem como na regulação de menstruações, em testes de gravidez, na oferta de tratamento para menopausa ou no caso de técnicas abortivas.²⁷⁶

Entretanto, de acordo com Thales Martins, embora os hormônios fossem parcialmente responsáveis pelo equilíbrio orgânico do corpo, resultando, assim, na formação de um indivíduo "solidário" e harmônico", eles sozinhos eram insuficientes para determinar comportamentos. Assim, para o médico, seria necessário observar todo um "conjuncto de requisitos", o que nem sempre ocorria, já que "nem sempre foram tomadas na devida conta essas exigências, atribuindo-se à secreção interna a quase todos os órgãos da economia, sem a menor base fisiológica".²⁷⁷Sua preocupação com os usos da endocrinologia é visível:

Considerada outróra como terra incógnita, a endocrinologia foi muitas vezes o último refúgio para a explicação de fatos patológicos obscuros; e certas observações puramente empíricas da nosologia humana criaram uma série de preconceitos que dificilmente vão sendo expurgados à custa da orientação experimental recente.²⁷⁸

Martins faz questão de anunciar o estado da arte dos estudos endocrinológicos da época, ao apontar que havia uma incerteza predominante. O programa de pesquisa estava em curso e, mais ainda, o estabelecimento dos testes científicos que entendia como padronizado, assim se estruturava:

Um grupo de argumentos é constituído pelas provas funcionais. Pela ablação do órgão, fenômenos de déficit devem sobrevir demonstrando que o organismo se resente da sua falta. Esse resultado não valeria por si só, pois praticamente qualquer órgão faz falta à economia; ele vale quando combinado à indispensável contraprova, isto é, a correção dos fenômenos de déficit, o restabelecimento da normalidade da função perturbada, pela reintrodução do órgão retirado, ou de seus produtos. Se um enxerto em ponto diverso do normal tem esses efeitos, um mecanismo humoral já é muito provável; mas a demonstração definitiva, crucial, será a substituição do órgão pela injeção de seus produtos. A princípio extratos impuros e carregados de substâncias estranhas mais diversas; à medida que os conhecimentos vão progredindo, chega-se ao isolamento de um composto químico, cuja fórmula será determinada, e cuja síntese tentada.²⁷⁹

A construção de testes específicos para checar os efeitos da castração de órgãos ou da ausência de produção de secreção interna de uma determinada glândula permitiu aos

²⁷⁶ Idem.

²⁷⁷MARTINS, Thales. *Glandulas Sexuales e Hypophyse Anterior : Tratado de Endocrinologia*. SP: Companhia Editora Nacional, 1936.p. 29.

²⁷⁸ Idem.

²⁷⁹Ibidem.p.30.

endocrinologistas e fisiologistas criarem experiências com o fito de capturar os hormônios e elencar estudos que pudessem combater deficiências, como as produzidas por enfermidades como a diabetes, conhecida por ser a responsável pelo sofrimento de milhares de pessoas que, carecem da produção do hormônio pancreático, glândula vital vinculada à absorção da glicose no organismo. No caso dessa enfermidade, a insulina sintetizada, desde 1921, permitiu consolidar mais ainda a endocrinologia, animando o estudo das glândulas em seus pormenores:

Os sintomas de insuficiência, consecutivos á ausência da glândula e à sua reparação pelos hormônios são os guias para o isolamento destes; constituem o seu teste. A insulina foi obtida em estado ativo porque dispunha o pesquisador de um índice prático da eficiência dos extratos que injetava: o grau de glicemia do coelho. A terapêutica clínica ovariana teve de esperar pelos tests da fisiologia sexual dos roedores, afim de ter a sua disposição agentes opoterápicos ativos, que vieram substituir as antigas preparações empíricas, assim também quanto aos hormônios testiculares e hipofisários.²⁸⁰

Posto a definição do método que padroniza a opoterapia,- ou seja, a troca de substâncias orgânicas, extraídas de glândulas ou órgãos, de indivíduos são para a pessoa, com deficiência duma determinada glândula, viabilizada por meio de cirurgias como enxertos, transplantes ou implantações - podemos entender por essas marcas, a relevância que assumia, para os fisiologistas e endocrinologistas, as pesquisas laboratoriais especializadas em examinar os efeitos da hiperfunção da glândula ou de sua hipofunção. Vê-se ainda as consequências para os sujeitos examinados, já que se considerava então que “as intervenções cirúrgicas valem, em certos casos, por uma experiência pura, que pode mesmo anteceder à pesquisa fisiológica”²⁸¹. Assim, muitas vezes, os endocrinologistas utilizaram-se então da empiria cirúrgica, sem grande compreensão do que significava, em conjunto, os resultados das funções hormonais no equilíbrio das funções orgânicas. Os debates em torno das extensões dos usos das técnicas endocrinológicas, delineados paulatinamente com o passar da primeira metade do século XX, período sob o qual a endocrinologia viveu entre os determinismos comportamentais, em constante embate e dilemas, com a postura de fisiologistas preocupados com a padronização de elementos técnicos ‘*confiáveis*’ que garantissem a compreensão dos efeitos das secreções internas sobre o corpo, bem como o questionamento constante de como seria possível sintetizar os hormônios, por meios bem dosados e considerados seguros.²⁸²

²⁸⁰Ibidem.p.30.

²⁸¹ Ibidem, p.31.

²⁸² Ibidem, p. 31.

Antes de encaminharmos para outras minúcias sobre a história dos hormônios, vale ressaltar alguns pontos. O primeiro deles refere-se à questão da visão oferecida por Oudshoorn para nosso intento, já que ainda que estejamos em contato com um modo de produção de conteúdos científicos, em regiões européias e norte-americanas, perscrutadas pela autora, seu texto nos estimula a farejar possíveis laboratórios de endocrinologia experimental nas primeiras décadas do século XX, para o caso brasileiro.

Por isso, é importante advertir ao leitor (a) de que precisamos de novas investidas em pesquisas, que nos possibilitem dar conta desses institutos de pesquisa experimentais, quando observado sob a ótica de sua entrada e repercussão na arena transnacional de produção de conhecimentos no ramo da endocrinologia. A seguir, proponho acompanharmos um roteiro profícuo fornecido por essa abordagem arqueológica sobre a história dos hormônios sexuais, exibida em Oudshoorn e, com a qual poderemos obter uma sensibilidade sobre como observar a produção de pesquisas sobre os hormônios, mormente quando estivermos atentos a formação de parcerias entre Institutos de pesquisa experimentais, seja de cunho acadêmico ou agremiativos, com o pólo das indústrias farmacêuticas, o que permite adentrar num campo de possibilidades interpretativas necessárias aos interessados sobre a partir de quais condições, pode-se pensar a produção em série de pesquisas com hormônios sexuais, dada a sua recepção ao público, seja por doenças crônicas ou, quicá, para o almejado aperfeiçoamento da espécie. Entendo também que esse alcance não será possível nesse estudo, já que nos delimitamos as questões relacionadas à discussão de gênero, suas relações com os hormônios e a opoterapia.²⁸³

Convém ressaltar que busco mesclar a maneira como Oudshoorn exhibe uma historicização sobre os hormônios sexuais, embora localizada em solo europeu e terras norte-americanas, fundamental para meus questionamentos e problematizações frente a outros institutos de pesquisa de endocrinologia experimental, no caso brasileiro. Daí a emergência de fala dos nativos daquele período, enunciando como percebiam e buscavam traçar suas idéias sobre os hormônios, num contexto em si, problemático, aqui cotejado a partir da opoterapia como chave para a produção de conflitos interpretativos. Uma história semelhante para o caso brasileiro está em vias de ser elaborada.

²⁸³ BENCHIMOL, Jaime Larry; TEIXEIRA, Luiz Antonio. *Cobras, lagartos e outros bichos: uma história comparada dos institutos Oswaldo Cruz e Butantan*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1993; *De monstros a Anormais: A construção da Endocrinologia Criminal no Brasil, 1930 – 1950*, (Tese de Doutorado- História Cultural), UFSC, 2012. PÓVOA, Luiz César.; BITTAR, Thalita. (orgs) *História da Endocrinologia no Brasil*. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia, 2008. p.23.

2.3. Sexo diferenciado, Sexo determinado: A ambivalência dos hormônios sexuais

Como bem lembrou Foucault em sua *História da Sexualidade*,²⁸⁴ o fenômeno mais amplo que sustentou a *scientia sexualis* foi estimulado pelo projeto de saber/fazer falar o prazer alheio com o fito de controlá-lo e inculcar nos corpos sexualizados a face da norma e da moralidade burguesa. Desde o século XIX, o sexo teria passado a ser controlado por um viés médico-biológico que buscou chegar não apenas ao esquadramento da população, mas ao nível das minúcias. Especificamente, tratou-se de medicalizar a experiência feminina e a sua sexualidade, cada vez mais colocada sob o prisma da natureza (a maternidade higiênica) ou da mulher nervosa (histeria)²⁸⁵, e instituiu-se com grande empenho a pedagogia do sexo das crianças e o controle das homossexualidades. Além disso, a medicina mental tomou para si a tarefa de construir etiologias sobre os prazeres sexuais, agora considerados sob o léxico das perversões e, por fim, estimulou a socialização de saberes a respeito das condutas no ato de procriação. Numa cadeia complexa de estímulos, proibições e incitações aos discursos de confissão sobre a sexualidade, foram construídos conhecimentos peritos, especializados em propor conjuntos normativos que visavam controlar os corpos e silenciar as resistências que surgissem no caminho da disciplina almejada.

No campo da medicina mais ampla, a formação dos sexos, até a década de 1910, esteve vinculada à representação das gônadas como *locus* da produção da secreção interna capaz de estabelecer a diferenciação dos sexos. Nessa linha de interpretação, o foco dos endocrinologistas do sexo passou a ser o das secreções, sem considerar a própria fisiologia das gônadas. Advogavam então a existência de somente dois hormônios, sendo um para cada sexo. Desde as primeiras formulações sobre os hormônios sexuais enquanto mensageiros químicos, por Steinach em 1905, até a década de 1920, Oudshoorn aponta que os cientistas especialistas em hormônios sexuais comungavam que estes eram exclusivos do sexo específico em sua origem e função. Com base nessa referência conceitual, os endocrinologistas do sexo alegavam que o sexo deveria ser considerado sob a ótica conceitual binária, isto é, cada um com o seu hormônio específico e cada um com seu sexo. Esse esquema dualista dos sexos, prevalente desde a era Vitoriana, foi reforçado pelos endocrinologistas adeptos da teoria do antagonismo dos sexos, que reputava às atividades femininas o fato de ser o oposto daquelas dos homens.²⁸⁶

²⁸⁴FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1984.

²⁸⁵ Para acompanhar uma análise sobre a histeria no contexto brasileiro, ver mais em: NUNES, Sílvia Alexim. Histeria e psiquiatria no Brasil da Primeira República. *História, Ciências e Saúde- Manguinhos*, vol.17, suplemento 2, 2010. pp.373-389.

²⁸⁶ Oudshoorn, Nelly. *Beyond the natural body*, *op.cit.*, p.23.

Nesse horizonte, o esquema dualista reforçava a ideia de que as mulheres deveriam assumir papéis sociais, conforme as condições biológicas diferenciadas que possuíam. Oudshoorn²⁸⁷ comunica o caso exemplar do fisiologista britânico, Walter Heape, um dos primeiros autores a publicar sobre os estudos comparativos entre o ciclo menstrual da mulher em relação ao ciclo estral dos animais do ponto de vista do antagonismo determinado pelos hormônios. Em 1913, Heape publicou o seu *Sex Antagonism*, um estudo antropológico onde assentava o futuro biológico da mulher em oposição ao homem e, reforçava seu argumento contra os direitos por equidade social, tal como reivindicado pelas feministas ao declarar que a biologia havia reservado para as mulheres o destino da maternidade. Mas ao contrário do que se poderia pensar, a idéia do antagonismo sexual soava renovada com a nova vestimenta dos hormônios sexuais.

Entre os autores considerados pelos memorialistas da endocrinologia como pioneiros na busca da compreensão dos mecanismos das secreções internas, é costume destacar a influência de Brown-Séquard. Para este, a produção de hormônios sexuais restringia-se em produzir o seu homólogo por meio das gônadas sexuais, que afinal, só podem produzir o seu semelhante, o que ocasiona, na visão de Oudshoorn, a produção de discursos que afirmam que os hormônios femininos, controlam a ação das características sexuais femininas e, do mesmo para os homens seria esperado, não havendo espaço para a percepção de que o hormônio do sexo contrário, pudesse conviver com o seu oposto, no mesmo corpo.

De modo a retermos uma possível síntese sobre esse momento em análise, Oudshoorn pontua:

O emergente campo da endocrinologia dos sexos demonstra uma latente unanimidade nas interpretações do conceito de hormônios sexuais. Os grupos envolvidos na pesquisa em hormônios sexuais, durante esse período, mormente ginecologistas e alguns biólogos (fisiologistas, anatomistas e zoologistas), basicamente concordavam sobre a conceitualização dos hormônios sexuais. Essa unanimidade mudou drasticamente quando o campo tornou-se mais especializado e novos grupos entraram no campo da pesquisa hormonal. Durante a década de 1920, emergiu uma disputa acirrada na comunidade científica sobre a questão da dualidade, onde os hormônios sexuais seriam estritamente localizados em sua origem e respectivas funções. Um crescente número de publicações apareceram contradizendo a idéia popular da dualidade sexual localizada nas gônadas e desmantelando o conceito original da especificidade dos hormônios sexuais.²⁸⁸

²⁸⁷ Ibidem, p.23.

²⁸⁸ “The emerging Field of sex endocrinology shows a striking unanimity in interpretations of the concept of sex hormones. The groups involved in research on sex hormones, during this period mainly gynecologists and some biologists (pshysiologists, anatomists and zoologists), basically agreed about the conceptualization of sex hormones. This unanimity changed drastically when the field became more speacialized and new groups entered the arena of hormonal research. In the 1920s, there emerged a lively dispute in the scientific community about dualistic assumptom

Como vimos, predominava no discurso biomédico a proposição de sexos estáveis e em oposição, devido a seus aspectos anatômicos diferenciados. Nesse caso, a definição de diferenças sexuais era justificada a partir do binarismo morfológico, constitucional.²⁸⁹ A conquista desse tipo de conhecimento orientado para tal diferenciação dos órgãos femininos em seus pormenores ocasionou a proliferação de discursos que colocaram as mulheres numa posição de inferioridade em relação aos homens²⁹⁰.

Não obstante as diferenças anatômicas, com a nomeação de compostos químicos, - progesterona e testosterona - responsáveis por uma série de diferenciações morfológicas no corpo humano, isto é, os hormônios sexuais, este quadro parecia ter alçado maior credibilidade, já que a circunscrição dos hormônios parecia possibilitar a tese de que o que determinaria o sexo seria a estabilidade, de um determinado hormônio no organismo, regularizando a morfologia sexual do indivíduo.

Foi durante as décadas de 1920 e 1930 que os endocrinologistas puderam estabelecer os conceitos básicos e técnicas que serviram como balizas na estruturação do que atualmente conhecemos sobre os hormônios sexuais. Segundo Oudshoorn²⁹¹, a década de 20 se inicia colocando desafios aos cientistas ligados a endocrinologia, sobremaneira no que se refere à consistência do enunciado que afirmava o antagonismo dos hormônios presente no corpo humano. Em 1921, o ginecologista vienense Otfried Fellner publicou um artigo na *Pflueger's Archiv*²⁹², onde descrevia suas experiências com ratos fêmeas nos quais ele havia aplicado enxertos com testículos. O resultado apontara para o crescimento do útero nos ratos e, ainda, reforçava que órgão teria ficado parecido com as experiências em que ele havia enxertado extratos ovarianos. Fellner concluía afirmando que os testículos dos ratos possuíam algum nível de hormônio feminino. Em 1927, foi a vez do cientista holandês Ernst Laquer, indicar que os hormônios sexuais femininos podiam ser encontrados na urina de um homem saudável e não somente nos testículos como ficara comprovado.²⁹³

that sex hormones are strictly sex-specific in origin and function. A growing number of publications appeared contradicting the prescientific idea of a sexual duality located in the gonads and underlying the original concept of the sexual specificity of sex hormones." Oudshoorn, Nelly, *Beyond the Natural Body*, *op.cit.*, p.24.

²⁸⁹LAQUEUR, Thomas W. *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

²⁹⁰ Oudshoorn, Nelly. *Beyond the Natural Body*, *op.cit.*, p.24.

²⁹¹Ibidem, p.9.

²⁹² Publicação européia de estudos na área de fisiologia

²⁹³ Oudshoorn, Nelly, *Beyond the Natural Body*, *op.cit.*, p.24-25.

Assim, a tese antagonista não podia mais ser sustentada, já que fisiologistas, bioquímicos e endocrinologistas das décadas de 1910 e 1930, não conseguiam comprovar, no exame experimental, sua crença na diferença radical entre os dois sexos/gêneros. Ao contrário, passaram a ter de lidar com a existência de hormônios “masculinos” e “femininos” convivendo bioquimicamente nos corpos humanos, independente de gênero. Como Thales Martins afirmou no ano de 1936:

De qualquer modo, uma oposição sexual, como a concebida por Steinach, deve ser alijada das cogitações. Ao contrário, cada vez mais se aproximam os sexos; já nem é admissível aquela separação morfológica e funcional quase absoluta de outrora. A própria especificidade da elaboração dos hormônios pelas gônadas vai-se atenuando, quando hoje vemos o hormônio ovariano produzir-se e circular no organismo macho, e o masculino no da fêmea. E desde a química, até o behaviorismo sexual, o antagonismo vai cedendo lugar ao agonismo.²⁹⁴

Diante do impasse, a oposição dos sexos masculino e feminino teve que se articular a novas estratégias. O ano de 1934 assinala a publicação do artigo “*Mass Excretion of oestrogenic hormones in urine of the stallion*” assinado pelo ginecologista germânico, Bernhard Zondek, nas páginas da revista *Nature*. Na ocasião, Zondek atuava como membro do Instituto BioQuímico da Universidade de Estocolmo. Entusiasmado com suas experiências, Zondek informava que ao encontrar grandes quantidades de estrogênio na urina de cavalos machos – e não femininos – podia concluir que ao determinar o conteúdo do hormônio – sua estrutura química-, poderia ser possível, por conseguinte, reconhecer o sexo hormonal na urina de um cavalo, ou seja, o hormônio com maior dosagem no organismo, permitiria entender o lado da balança hormonal de maior atividade. Ademais, nessa intrincada relação, Zondek enfatizava o paradoxo constatado nas experiências, qual seja: o hormônio sexual masculino poderia ser caracterizado por possuir um alto conteúdo de estrogênios.²⁹⁵

As considerações acima contradisseram o conceito original da especificidade sexual dos hormônios sexuais. Quais categorias poderiam ser adicionadas as substâncias isoladas do organismo masculino que poderiam ser classificadas como específicas dos hormônios sexuais femininos, e vice-versa? Cientistas decidiram nomear as substâncias dos hormônios sexuais femininos e hormônios masculinos, abandonando, assim, o critério da exclusividade da origem sexual específica. Hormônios sexuais femininos não eram mais conceitualizados como restritos ao organismo feminino, e hormônios sexuais masculinos não eram mais pensados como somente presentes em homens. Aqui nos assistimos como cientistas gradualmente saíram da idéia pré-científica de que a essência da feminilidade estaria localizada nos ovários, enquanto os testículos seriam a base da masculinidade. Essa mudança na conceitualização ensejou uma mudança drástica

²⁹⁴ MARTINS, Thales. Glandulas Sexuales e Hypophyse Anterior, *op.cit*, p.414.

²⁹⁵ *Ibidem*, p.26.

com a noção cultural binária da masculinidade e feminilidade que existiu por séculos.²⁹⁶

Os instrumentos e técnicas científicas em voga, sobretudo a partir do reconhecimento da ambivalência dos hormônios, passaram então a buscar sintetizar os componentes químicos hormonais. Assim, o hormônio masculino foi sintetizado a partir da urina, em 1931 e o hormônio feminino foi sintetizado a partir da urina de cavalos e urina de mulheres grávidas, em 1929.²⁹⁷ A Escola de Amsterdam, por sua vez, anunciava em 1938 o isolamento do hormônio sexual feminino a partir da urina masculina. No entanto, os endocrinologistas continuavam engajados em encontrar uma resposta definitiva sobre a principal diferença entre os hormônios sexuais. Para atingir tal objetivo, contaram com o apoio de especialistas em bioquímica. Estes apontaram que um grupo de hidroxila os diferenciavam. Assim, no conjunto, as composições químicas de ambos compartilham uma estreita semelhança. Com apoio de tais especialistas, confirmava-se a quebra da barreira conceitual dualista, que lia o lado masculino e feminino, como categorias mutualmente excludentes.²⁹⁸

O desenvolvimento teórico acerca dos hormônios sexuais desencadeou uma nova fase na abordagem experimentalista das ciências em laboratório, em solo europeu e norte-americano. Diversas pesquisas com substâncias químicas advindas das glândulas sexuais começaram a ser pesquisadas por meio de técnicas como a castração e a transplantação. Com frequência, essa abordagem cirúrgica obtinha suas matérias-primas através de animais como coelhos, cachorros e porcos.²⁹⁹ O procedimento cirúrgico consistia em retirar um fragmento da glândula, enxertando-o,

²⁹⁶ Idem.

²⁹⁷ Para os ginecologistas, o acesso a produção de insumos para a pesquisa, foi, em certa medida, mais facilitado. Devido as constantes cirurgias que estes faziam, como a ovariectomia, através da qual poderiam assim colher glândulas e além disso, foi vital o papel da urina de gestantes de modo a ensejar sínteses hormonais. *Ibidem*, p.67.

²⁹⁸ *Ibidem*, p.29.

²⁹⁹ Inicialmente, é possível afirmar, com base no levantamento de fontes realizado sobre os estudos em endocrinologia experimental, da seção de Fisiologia e Farmacodinâmica do Instituto Oswaldo Cruz, durante a década de 1920 e, da Seção de Fisiologia Experimental do Instituto Butantan, durante as décadas de 1930 e 1940, que essa tendência também foi experimentada, em parte, pelos cientistas brasileiros. Mais do que isso, muitos desses estudos entraram em contato com o campo da endocrinologia, em escala transnacional, contribuindo, assim, para a inserção das pesquisas brasileiras com a produção de conhecimento em endocrinologia e fisiologia em escala global. Como salientei anteriormente, esse trajeto investigativo, devido aos limites de nossa exposição, não será aqui abordado, pois tratar as assimetrias envolvidas nessas relações seria essencial, por isso, torna-se necessário frisarmos que esta história está em vias de ser construída em trabalhos futuros. Alguns breves estudos nessa direção podem ser vistos nos seguintes artigos: MARTINS, Thales; Macedo, Dorival - Ação dos saes biliares sobre o tracto genital das cobayas. *Mem. Inst. Oswaldo Cruz*; 21(s3):114-16, 1928. MARTINS, Thales. O cyclo estral dos ratos em parabiose, e os hormônios do lobo anterior da hypophyse. *Mem. Inst. Oswaldo Cruz*; 22(s11): 265-69, 1929. MARTINS, Thales. Alterações histológicas e funcionamento da hypophyse enxertada em ratos. *Memórias do Instituto Butantan*. Tomo X. 1935-1936; SLOTTA, C.H; FORSTER, W. Constituição das substâncias estrogênicas obtidas com o anol. *Memórias do Instituto Butantan*. Tomo XI. 1937.

em seguida, numa posição diferente do corpo do animal, com o objetivo experimental de comprovar o quanto os hormônios sexuais controlavam os processos físicos, e se eram mais importantes do que o sistema nervoso nesse processo. Além disso, com o passar dos anos, ficou patente a premissa de que com os transplantes, o tecido nervoso das glândulas, dissecavam-se, colocando, assim, a possibilidade de garantir os efeitos das transfusões de extratos glandulares por outra via, qual seja: a corrente sanguínea.³⁰⁰

A sexualidade habitou o solo das controvérsias científicas acerca dos hormônios durante a década de 1910, envolvendo explicações divergentes com relação às causas da maturação sexual do organismo. Os fisiologistas europeus postulavam que as determinações das características sexuais eram fruto da relação com o meio-ambiente e de condições fisiológicas durante o estado embrionário. Já para os geneticistas, os sexos eram formados com base nos elementos nucleares, isto é, nos cromossomos sexuais. Finalmente, a teoria hormonal dos endocrinologistas, propunha que o hormônio era o *link* entre a explicação genética e a fisiológica, para elucidar os fatores que determinam os sexos.

A rigor, estamos diante das raízes do processo histórico através do qual foram instituídos os conteúdos oriundos do saber biomédico que versavam sobre o que seria o sexo determinado – reconhecido a partir da gônada formada - de um lado, e de outro, o sexo diferenciado – percebido como diferentes possibilidades de expressão e formação das gônadas. Daí a relevância dos estudos com espécies intersexuais, ou pesquisas com hermafroditas - sejam do reino animal, vegetal ou humano. Através delas foi possível estabelecer uma série de códigos, marcas e sinais no corpo humano, com o objetivo de compreender a diferenciação dos sexos, mormente, pela enunciação dos caracteres sexuais secundários, tais como disposição dos pelos e descrição dos diferentes formatos dos membros inferiores.

Numa outra direção, o sexo determinado esteve intimamente imerso em argumentos genéticos e, no primado das secreções internas e das glândulas sexuais como justificativas para o estabelecimento do progresso de algumas características sexuais. A bioquímica começava a se interessar pelos pormenores dos componentes químicos, agora sob a mira dos inquietos fisiologistas: afinal, qual a relação dos hormônios sexuais no processo de ligações e reações químicas, durante sua circulação no corpo humano? O ramo da química orgânica³⁰¹, por sua vez,

³⁰⁰ Ibidem, p.20.21.

³⁰¹ A rigor, a introdução da abordagem química nos estudos sobre os hormônios sexuais estiveram em descompasso, se comparados com outros campos da ciência química, adverte Oudshoorn. Em parte, essa assimetria pode ser devido a problemas técnicos, já que a década de 1910, esteve focada com o mundo das proteínas, e nesse momento, os

durante a década de 1910, em solo europeu, passou a permitir a extração dos insumos químicos a partir da própria glândula, permitindo aos cientistas descontinuar técnicas mais comprometedoras para a vida dos 'objetos' investigados, como os transplantes.

Estamos diante duma ruptura epistemológica muito cara aos fisiologistas e endocrinologistas envolvidos com os hormônios sexuais. Daí em diante, ocorreria a dissolução de parâmetros com os quais seria possível produzir novas pesquisas, sob novos formatos, com objetivos diversos. A discussão ampliou-se com o reconhecimento da função das adrenalinhas, durante a década de 30, como igualmente responsáveis pela geração de hormônios sexuais, e capazes de produzir ambos hormônios, femininos e masculinos, combinando, pela primeira vez, na história do pensamento biomédico, as categorias 'masculino' e feminino' em um só sexo.³⁰²

Ao longo do processo, a leitura acerca do papel dos hormônios foi se modificando. Thales Martins é um bom exemplo dessa mudança. Em seus trabalhos, ainda na década de 1930, Thales chamou atenção para a dimensão psicológica na construção da interpretação dos papéis atribuídos aos sexos, ou aos gêneros, ao longo da história. Eis a questão:

Acerca dos caracteres psicológicos, que nele figuram, não se pode esquecer a influência da civilização e das bases da organização social, que naturalmente contribuíram para criar ou exagerar diferenças entre homem e mulher. Um e outro têm já predeterminado um sistema de educação, costumes e destinos, que vai moldando o menino e a menina, o rapaz e a moça, ao tipo que a coletividade estabeleceu para cada sexo. Não sabemos, por exemplo, até que ponto tudo isso influenciou na aparente inferioridade da mulher para a imaginação criadora, deixando de parte os casos excepcionais. De qualquer modo, congênito ou condicional, o comportamento psicológico tem que ser hoje considerado na prática como um carácter sexual secundário.³⁰³

Estamos diante de uma passagem que demonstra que Martins, desconstrói a ideia de que o comportamento sexual está diretamente e unilaeralmente ligado ao papel dos hormônios sexuais, haja vista a relevância do fator psíquico e cultural para o comportamento dos indivíduos. No entanto, ainda que esses elementos estejam presentes, para ele, o psiquismo está ligado diretamente ao sexo e é o principal responsável por exercer nos indivíduos, os comandos de "cuidado e defesa

bioquímicos não tinham muitas informações que motivassem sua incursão na cena de estudos sobre os hormônios sexuais. Algumas mudanças começam a surgir após a emergência de linhas de pesquisa como a química protéica, durante a década de 1920, que consolidou a nosografia hormonal ou, em outros termos, classificou estes como esteróides, nítida classe de substâncias que podem ser extraídas, a partir dos mesmos solventes utilizados na extração de lipídios, fornecendo, assim, para o ramo biomédico, os dados necessário para focar e direcionar as próximas pesquisas e, para além dos laboratórios, permitiu estabelecer parcerias com patrocinadores farmacêuticos nos próximos anos. Idem.

³⁰²Oudshoorn, Nelly. *Beyond the natural body*, *op.cit.*, p.27-28.

³⁰³ MARTINS, Thales. *Glandulas Sexuales e Hypophyse Anterior : Tratado de Endocrinologia*. SP: Companhia Editora Nacional, 1936.p. 33.

da prole", posto que "naturalmente faz parte dos caracteres congenitamente estabelecidos, como o demonstra mesmo a fisiologia comparada". Daí em diante, há de se notar o olhar biodeterminista nas entrelinhas, com direito a citação de Maraño³⁰⁴ para o seu quadro explicativo das características sexuais secundárias da espécie humana. Nesse quadro esquemático, seria atribuição funcional da mulher a "libido para o homem", "aptidão concepcional", "lactação", "gravidez", "parto", "instinto de maternidade e cuidado direto da prole", "maior sensibilidade aos estímulos afetivos e menor disposição para a abstração e a imaginação criadora" e "voz aguda"³⁰⁵. No rol das funcionalidades biológicas masculinas, constam arquétipos definidos a partir de sua "libido para a mulher", "aptidão fecundante", "instinto da atuação social, defesa do lar"³⁰⁶, "menor sensibilidade aos estímulos afetivos e maior capacidade para a abstração mental e a criação".³⁰⁷ Assim, a leitura que ele realiza a respeito dos papéis de gênero, proporcionado pela formação de caracteres secundários, estão ligados a funções sociais que alocam as mulheres para a vida reprodutiva e aos homens para o mundo social e criativo, colocando à margem a ação das mulheres em outros âmbitos que não o fossem da casa e do lar.

Os papéis de gênero, do que se espera de comportamentos associados a funções orgânicas bem delimitadas, como as glândulas sexuais, ajudaram a moldurar o painel de referências e expressões esperadas dos seres humanos, com seus traços de atuação social, com base em seus órgãos sexuais. Martins opta pela crítica, pela oposição a termos explicativos como "inversão sexual". Em seu trabalho sobre as "glândulas sexuais" não há sequer um só comentário sobre as homossexualidades, mesmo quando trata de casos como o *hermaphrodismo*, *gynandromorphismo*, *conversão sexual e enxertos cruzados*. Já os hermafroditas, segundo Martins, seriam um tipo encontrado "em grande número de vegetais, e no reino animal", em menor escala, apresentavam "dois tipos de gônadas", podendo, inclusive, estar aptos a fecundar ou ser fecundados, "embora não cheguem ambas as gônadas à capacidade reprodutora completa".³⁰⁸ O seu caso permitia com maior riqueza de detalhes demonstrar a importância dos caracteres secundários sexuais, o que em Thales é feito a partir de termos como os *pseudohermafroditismo* ou *ginandromorphismo*, sendo este, a existência simultânea dos caracteres secundários, masculino e feminino, em espécies com a diferenciação sexual das gônadas amadurecida, isto é, aqueles que mesmo com testículo ou ovários, apresentam caracteres secundários sexuais da gônada contrária, ou do sexo oposto. Por fim, tais

³⁰⁴ Idem.

³⁰⁵ Ibidem,34.

³⁰⁶ Idem.

³⁰⁷ Idem.

³⁰⁸ Ibidem, p.54.

casos são vistos pelo fisiologista, como “anomalias”, reunidas em torno daquilo que Goldschmidt³⁰⁹ denominou como “intersexualidade”.³¹⁰

A ideia do amadurecimento gonadal se repetia nas investigações com humanos. As corporalidades humanas foram mensuradas, sob a perspectiva da endocrinologia, a partir de sinais anatômicos considerados como completos e bem desenvolvidos, apoiados, portanto, numa morfologia genital e em caracteres secundários sexuais visíveis. Com efeito, muitos especialistas do ramo da medicina legal, como Afrânio Peixoto e Leonídio Ribeiro, investigaram sujeitos marcados por uma “inversão sexual” latente. No entanto, para alguns fisiologistas, como Thales Martins, a utilização deste conceito seria contraditória quando confrontada com os dados biológicos e histológicos então disponíveis, posto que apontavam para a presença de ambos hormônios sexuais no corpo humano. Nesse quesito:

Uma conversão de sexos é possível; espontânea, consecutiva a fatores estranhos como as moléstias, ou provocada experimentalmente. Usamos aqui - conversão - no lugar de - inversão, termo que julgamos defeituoso e ambíguo.

Em rigor, a conversão de um sexo noutro exige a transmutação duma gônada noutra, o que é até certo ponto possível, mesmo artificialmente, em casos especiais; pode todavia ampliar-se o sentido da palavra, de modo a abranger os casos referentes apenas á transformação dos caracteres secundários.³¹¹

Para Martins, seria inadequado e ilógico inverter algo que é, em sua essência, dual. As gônadas sexuais produzem hormônios presentes em ambos os sexos, o que sinalizaria, segundo o autor, para a criação de pesquisas que buscassem entender os efeitos do predomínio de um pólo hormonal, em detrimento do outro. É este o problema que alimenta a explosão de estudos com enxertos e transplantações em diversos animais no período - especialmente os transplantes cruzados. Buscava-se compreender a atuação dos hormônios na inibição de suas partes

³⁰⁹ Richard Benedict Goldschmidt (1878 - 1958) foi um geneticista alemão responsável por utilizar o termo *intersexualidade* pela primeira vez, na publicação do artigo “Intersexuality and the Endocrine aspect of sex” (1917), no jornal *Endocrinology*, quando realizou observações sobre ambiguidades sexuais e entre as quais o caso das hermafroditas. Vale dizer, o termo *intersexualidade* era também utilizado por alguns autores de época para fazer referência aos bissexuais e a homossexuais. Para Goldschmidt, a homossexualidade deveria ser interpretada como a expressão da intersexualidade. Para acompanhar uma reflexão sobre a construção dos papéis binários de gênero enquanto associados a mensuração e observação das gônadas, ver em: SANTOS, Ana Lucia. Para lá do binarismo? O intersexo como desafio epistemológico e político. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 102, 2013. Disponível em: <http://rccs.revues.org/5421>; DOI: 10.4000/rccs.5421 Acessado em Março/2016. Para acompanhar o controle biomédico, ante a designação do sexo de crianças portadoras de expressões morfológicas intersexuais, ver o estimulante estudo de: MACHADO, Paula Sandrine. *O sexo dos anjos: representações e práticas em torno do gerenciamento sociomédico e cotidiano da intersexualidade*. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

³¹⁰ MARTINS, Thales. Glandulas sexuais e Hyphophyse Anterior, *op.cit*, p.55.

³¹¹ *Ibidem*, p.55.

constituintes, sobretudo, quando atentamos para o fato de que ambos hormônios – masculinos e femininos – convivem no mesmo organismo e compartilham as mesmas vias de circulação sanguínea.

Em resumo, podemos afirmar que as teses endocrinológicas acerca do efeito dos hormônios sobre as sexualidades foram obtidas através de exaustivas operações, ablações e castrações. Foi por meio dos experimentos de laboratórios que ciência e clínica organizaram suas alianças para a enunciação de paradigmas, conforme ilustrou Kuhn. A noção de que o corpo sente falta de um órgão quando este é retirado, pode parecer óbvia, mas foi através de estudos sistemáticos das observações dos efeitos da ausência de órgãos castrados no organismo que endocrinologistas passaram a teorizar acerca dos efeitos das glândulas sobre o organismo. E é a partir de tais estudos que surgiram as possibilidades de produção de produtos farmacêuticos com o fito de regular doenças ligadas a problemas hormonais, assim como controlar períodos menstruais e outros fenômenos orgânicos. Mas, por hora, voltemos às teorias hormonais.

2.4. Da funcionalidade dos hormônios

Segundo a Escola de Amsterdam, os hormônios sexuais trabalhariam num esquema colaborativo para alcançar como produto final os órgãos sexuais secundários, como as vesículas seminais, os dutos deferentes e a glândula prostática. Além disso, a década de 1930 assistiu a criação de conceitos que versavam sobre o sistema de trocas entre as gônadas e a hipófise, bem como a nomeação do cérebro enquanto órgão que controla o desenvolvimento sexual, sobretudo após o reconhecimento de um novo hormônio: as gonadrofinas. Zondek, trabalhando no Departamento de Obstetrícia e Ginecologia do Hospital de Berlim no mesmo decênio, sustentou que o elemento impulsionador da função sexual localizaria-se numa área específica da hipófise, a glândula pituitária, cuja secreção interna expeliria duas substâncias químicas separadas.³¹²

As novas experiências em laboratório, ao longo da década de 1930, ultrapassaram ainda mais a idéia de dualidade e oposição, ao demonstrarem existir mais do que um hormônio sexual feminino. Assim, acordou-se como fidedignos, os resultados que indicavam que os ovários geravam não uma, mas duas substâncias através de seus tecidos foliculares. Durante a década de 1930, cientistas norte-americanos e europeus conseguiram sintetizar os hormônios estrogênicos; por volta de 1934, uma nova onda de pesquisadores iniciou investigações sobre o corpo lúteo, quando se

³¹² OUDSHOORN, Nelly. *Beyond the natural body*, *op.cit.*, p.34.

passou a considerar uma segunda substância hormonal feminina, a progesterona. Assim, nesses prolíficos anos de 1930, os cientistas puderam reconsiderar muitas noções anteriores acerca das funções sexuais dos hormônios. Além de desempenharem papéis importantes na formação dos caracteres sexuais, os hormônios passaram a ser vistos como capazes de intervir diretamente no peso e sobrevida da hipófise, bem como no metabolismo de nitrogênio; finalmente, foi considerada a correlação de forças bioquímicas que favorecem ou prejudicam o peso corporal.³¹³

A idéia de que cada sexo não deveria ser caracterizado por sua própria condição hormonal específica direcionou a atenção dos cientistas para a compreensão de que a sexualidade é algo relativo.³¹⁴ A ênfase na ambivalência hormonal como constituinte do ser humano tornou a definição dos sexos tornou-se mais fluída. Oudshoorn comenta esse painel:

O novo modelo de sexo no qual as diferenças sexuais eram relacionadas aos hormônios como mensageiros químicos da masculinidade e feminilidade, agentes que estavam presentes nas mulheres e corpos masculinos, tornou possível uma mudança revolucionária na definição biológica do sexo. O modelo sugeria que, quimicamente falando, todos os organismos eram tanto masculino quanto feminino. Sexo agora poderia ser conceitualizado em termos de homem/masculino e mulher/feminino, cujos elementos de dois pares foram considerados a priori como exclusivos. Nesse modelo, um corpo masculino poderia possuir características femininas controladas a partir dos hormônios sexuais femininos, enquanto um corpo feminino poderia possuir características masculinas reguladas pelos hormônios sexuais masculinos.³¹⁵

Com apoio em Oudshoorn é possível afirmar que a construção dos conceitos referentes aos hormônios sexuais demonstra como diferentes disciplinas científicas puderam operar coletivamente, e ao mesmo tempo mantiveram estratégias discursivas divergentes. Os bioquímicos deram atenção às estruturas moleculares dos compostos químicos; por sua vez, os ginecologistas estavam preocupados com as disfunções dos órgãos; enquanto isso, os biólogos focalizaram suas lentes no desenvolvimento fisiológico do organismo. Do mesmo modo, esses campos disciplinares nomearam os hormônios sexuais com diferentes nuances. Para os bioquímicos do período, por exemplo, os hormônios seriam substâncias químicas catalisadoras, indiferenciadas sexualmente em sua origem e

³¹³ OUDSHOORN, Nelly. *Beyond the natural body*, *op.cit.*, p.34.

³¹⁴ *Ibidem*, p.38.

³¹⁵ “The new model of sex in which sex differences are ascribed to hormones as chemical messengers of masculinity and femininity, agents that are present in female as well as male bodies, made possible a revolutionary change in the biological definition of sex. The model suggested that, chemically speaking, all organisms are both male and female. Sex could now be conceptualized in terms of male/masculine and female/feminine, with the elements of the two pairs no longer considered *a priori* as exclusive. In this model, an anatomical male could possess feminine characteristics controlled by female sex hormones, while an anatomical female could have masculine characteristics regulated by male sex hormones.” *Ibidem*, p.40.

funções; além disso, para esse grupo profissional, o hormônio era pensado como elemento capaz de induzir quimicamente conversões nas células sendo, assim, caracterizado como agente de múltiplas atividades no organismo. Por fim, ginecologistas e biólogos compartilhavam a visão dos hormônios sexuais frente as suas funcionalidades, chamando atenção para seu conteúdo sexualmente diferenciado em suas origens e funções, de modo a explorar como essas substâncias químicas desempenhavam o desenvolvimento sexual do organismo.³¹⁶

Durante o período de standartização dos testes em escala internacional, nas primeiras três décadas do século XX, ficou acordado que a maneira de se reconhecer o hormônio feminino, seria através da ausência dos ovários e da percepção anatômica do que este provoca, bem como da análise do corpo, após receber doses de estrogênios sintetizados. No caso da busca pela ordenação dos testes ante a captação do hormônio masculino, foi recomendado a observação do peso das vesículas seminais – no caso dos galos, ficou notória a percepção do crescimento das cristas-, antes e após o tratamento com extratos testiculares. Vale ponderar que devido os cientistas preferirem roteiros de pesquisa menos dispendiosos e com maior produtividade de dados, muitos tiveram de recorrer às vantagens do uso de ratos e camundongos para as pesquisas científicas.³¹⁷

Interessante notar que é justamente no momento em que se decide as padronizações dos métodos de pesquisa, o solo no qual ocorre a definição da natureza do que deve ser considerado como hormônio sexual masculino e feminino e, para esse molde, fica de lado todo o conjunto de processos químicos que não estejam ligados as características do sexo e da reprodução sob a ação dos hormônios, seja do pólo ‘feminino’ ou ‘masculino’. Tais testes foram padronizados a partir das mudanças nos órgãos sexuais, experimentadas pelas cobaias, bem como da transformação daquilo que ficou popularmente conhecido como ‘caracteres sexuais secundarios’, como a crista de galo, a barba ou os seios bem desenvolvidos.

Nem por isso a natureza dos sexos deixou de estar baseada em categorias estereotipadas: homens efeminados continuaram a ser interpretados como produto de desequilíbrios orgânicos, assim como as mulheres masculinizadas foram consideradas resultantes de desequilíbrios de suas glândulas internas. A endocrinologia dos sexos, cumpriu o legado sócio-cultural de elaboração de significados, onde as mulheres eram caracterizadas pelos ciclos – subjaz aí a idéia de instabilidade feminina - e os homens pela estabilidade da masculinidade. Um dos hormônios femininos, chamado estrogeneo, recebeu tal denominação a partir do reconhecimento do ciclo estral, caracterizado por

³¹⁶ OUDSHOORN, Nelly. *Beyond the natural body*, *op.cit*, p.40-41.

³¹⁷ *Ibidem*, p.52.

estimular a sexualidade e a fertilidade dos animais mamíferos.³¹⁸ Assim, o processo diversificado de conceitualização dos hormônios sexuais contribuiu para o estabelecimento da endocrinologia experimental e, adaptou os conceitos em sua materialidade, produzindo substâncias químicas, nomeando o sexo as quais pertenciam e trabalhando, dessa forma, com as noções de ‘masculino’ e ‘feminino’.

Através da análise da quantidade de hormônios presente na urina tornou-se possível constatar a quantidade de hormônios sexuais no organismo e, com isso, indagar sobre os fatores químicos que atuavam no comportamento sexual. Diversas pesquisas foram realizadas com pessoas heterossexuais para estabelecer o grau de normalidade que determinaria a balança harmoniosa de ambos hormônios que habitam o corpo e são expelidas pelas vias urinárias. A secreção ‘normal’ para os homens seria um percentual de 25-45 *capon units* para homens, enquanto que para as mulheres seria o de 12-14 *mouse units*.

Por extensão, tais saberes alcançaram também o ambiente das clínicas, que coetaneamente, também se tornaram espaços nos quais os domínios das técnicas biomédicas se expandiram. Os resultados dos testes laboratoriais como hormônios sexuais equilibrados e normais alcançaram repercussão, passando a influir na aplicação de hormônios como método profilático indicado para desvios de diversos comportamentos humanos. Entre eles foi o uso clínico para o tratamento de homossexuais. Considerada durante boa parte do século XX como uma “desordem”, a experiência das pessoas homossexuais saiu do espectro do crime,³¹⁹ para ser inserida no quadro de patologias. Desde então, a homossexualidade passou a ser explicada por esse grupo de ciências como resultado do desequilíbrio dos hormônios, isto é, o predomínio do hormônio do sexo oposto no organismo, como justificativa para a homossexualidade.

Essa perspectiva funcionou como resposta às questões colocadas desde finais do século XIX, por cientistas como o psiquiatra alemão Richard Kraft Von Ebbing³²⁰, o psicólogo britânico Havelock Ellis³²¹ e sexólogo alemão Magnus Hirschfeld³²², que haviam organizado teorias em torno

³¹⁸Ibidem, p.60.

³¹⁹ Para acompanhar um amplo panorama da história da criminalização da homossexualidade no Brasil, ver mais em: PRETES, Érika Aparecida; VIANNA, Túlio. *História da criminalização da homossexualidade no Brasil: da sodomia ao homossexualismo*. Iniciação científica: destaques 2007, In: Wolney Lobato, Cláudia de Vilhena Schayer Sabino, João Francisco de Abreu (Orgs.), Prêmios de Iniciação Científica, Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2008, 572 p.

³²⁰ Richard Krafft- Ebing (1840-1902) conhecido psiquiatra alemão, autor de *Psychopathia Sexualis*, publicado em 1886, na Alemanha.

³²¹ Havelock Ellis (1850- 1939), literato, médico e sexólogo britânico, conhecido por ser um dos fundadores da sexologia. Tornou-se célebre pela publicação de vasta obra, condensada em seis volumes, chamada *Estudos da Psicologia do Sexo*, publicadas entre 1897 e 1927. Diferentemente de Krafft-Ebing que acreditava que a homossexualidade era uma inversão adquirida, chamou atenção para a natureza congênita da homossexualidade, daí sua defesa de que esta realidade da vida humana deveria ser vista como algo natural e não patológico.

das diversas sexualidades. Hirschfeld foi condenado durante o regime nazista alemão em virtude de sua postura em defesa dos direitos dos homossexuais, e por concordar com a teoria da intersexualidade de autores como Karl Heinrich Ulrich³²³. Para Hirschfeld, os homossexuais faziam parte de um estágio intersexual, situando-se entre os pólos da masculinidade e feminilidade. Assim, podiam apresentar o corpo de acordo com a gônada, mas sua emoção e sexualidade expressava-se a partir das características sexuais do outro sexo. De acordo com sua visão, eram hermafroditas, uma espécie de terceiro sexo.³²⁴

Vale notar que os dados referentes à recomendação de tratamento para a homossexualidade não proveio somente das clínicas, já que em muitos países tal comportamento era categorizado como crime, contando, assim, com a recomendação jurídica para a aplicação de hormônios sexuais, como forma de punir os homossexuais.³²⁵ Oudshoorn aponta para a comunicação envolvendo a Organon farmacêutica e o cientista holandês Laquer, em 1934, na qual o médico solicita a empresa o envio de amostras *Menformon* (hormônio sexual feminino) para um clínico, com fins de investigar o efeito da substância num casal de gêmeas, sendo uma assumidamente lésbica. No *Pocket Lexicon for Organ and Hormone Therapy*, - publicação oficial do grupo *Organon*- foi incluída a homossexualidade como suscetível de tratamento hormonal, no entanto, também afirmava não ser possível, naquele momento, garantir que a homossexualidade seria afetada com alguma certeza.³²⁶

³²² Magnus Hirschfeld, médico e advogado alemão, ficou famoso por engajar-se na luta contra o parágrafo 175 do Código Penal Alemão, responsável pela criminalização da homossexualidade. Elaborou a teoria do terceiro sexo, segundo a qual os homossexuais estariam numa posição intermediária, entre a heterossexualidade masculina e feminina e, não obstante, advertiu que a espécie humana não poderia ser categorizada somente com base no binarismo masculino e feminino. De acordo com Belmonte, Hirschfeld baseou seus estudos em teorias de Ulrichs e Kraft- Ebbing e, além disso, seus estudos influenciaram as pesquisas de Havellock Ellis e Freud, a quem teve a oportunidade de conhecer em 1908. Para acompanhar um pouco mais da história desses personagens, bem como observar a relação entre suas teorias em correlação, embates e disputas com outros teóricos especialistas em sexualidade, ver mais em: BELMONTE, Pilar Rodriguez. *História da Homossexualidade: ciência e contra-ciência no Rio de Janeiro (1970-2000)*. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde), Casa de Oswaldo Cruz, Fiocruz, Rio de Janeiro, 2009.p.44

³²³ Karl Heinrich Ulrichs (1825-1895) teólogo e jurista alemão, considerado um dos primeiros homossexuais ativista na história do século XIX. Desenvolveu argumentos favoráveis a associação da homossexualidade enquanto efeito de questões hereditárias, mas sua opção explicativa, baseada em questões biológicas, tinha como objetivo de transformar a visão dominante, por volta daquela época, para uma postura favorável aos direitos dos homossexuais.

³²⁴ OUDSHOORN, Nelly. *Beyond the natural body*, *op.cit*, p. 57

³²⁵ Recentemente, o caso das aplicações de hormônios forçados, devido a sexualidade considerada desviante da heteronormatividade, foi abordado no longa metragem, “ O Jogo da Imitação” (2014), que narra a história do matemático Allan Turing, que conseguiu criar uma espécie de protótipo do que consideramos, atualmente, como computadores, com fins de decifrar os códigos de ataques nazistas durante a segunda guerra mundial. O governo inglês submeteu o matemático ao tratamento hormonal, como pena corretiva devido a sua homossexualidade.

³²⁶ Período científico sobre endocrinologia pertencente a farmacêutica Organon. OUDSHOORN, Nelly. *Beyond the natural body*, *op.cit*, p.59.

A dimensão popular dos resultados destas experiências científicas com os hormônios, realizou-se através da própria materialidade da ciência, seja por meio da produção de medicamentos, pílulas ou sínteses hormonais puras. Nesse conjunto, a endocrinologia articulou-se com grande entusiasmo a trabalhos de divulgação científica a respeito do controle da fertilidade, a debates acerca do ciclo menstrual ou a discussões sobre os problemas relacionados à menopausa.

Numa arena em que saberes como a ginecologia e a endocrinologia aglutinaram-se, os produtos decorrentes dos experimentos e da clínica médica foram transformados em produtos farmacêuticos. A divulgação científica foi o meio pelo qual se produziu um ávido público consumidor que, entretanto, rapidamente desiluiu-se frente às controvérsias:

Desde a década de 1890 a organoterapia tornou-se mais popular e deu impulso a um comércio florescente de praticamente todos tecidos. Não obstante sua popularidade, a aplicação médica de extratos de órgãos animais, entretanto, assumiu aspectos controversos. A promessa clínica de que extratos de animais poderiam prover drogas para o tratamento de uma ampla variedade de doenças ligadas ao mal funcionamento dos respectivos órgãos, não completou-se como os cientistas esperavam. Nos primórdios da organoterapia, somente a tiróide e extratos da adrenalina foram considerados em seu valor terapêutico.³²⁷

Deste modo, muitas vezes a organoterapia passou a estar associada a uma forma de charlatanismo. Como veremos no item a seguir, as polêmicas em torno do projeto de rejuvenescimento proposto por cientistas polêmicos, estimularam diversos debates e pesquisas com fins de comprovar a fragilidade de seus axiomas. Como prova cabal de que a produção de conhecimento científico aproveita-se de idéias controversas, entretanto, a organoterapia legou algumas vantagens para a cena endocrinológica. A terapêutica baseada em extratos químicos a partir de órgãos semelhantes, trouxe à baila dos debates a importância desses tipos de medicamentos para a sociedade. Por conseguinte, a endocrinologia – com base nos estudos de extratos oriundos de órgãos - ofereceu para o século XX promessas encantadoras a respeito do controle das operações orgânicas, a ponto de ser reconhecida por ser uma ciência capaz de explicar os desequilíbrios orgânicos e mentais dos indivíduos.³²⁸

Boa parte dessa decodificação de drogas com forte apelo popular partiu dos testes com sínteses de hormônios femininos. Com estes, foi possível elaborar uma série de novos medicamentos, com os quais desejava-se contribuir para a profilaxia de doenças. Em especial, as

³²⁷ OUDSHOORN, Nelly. *Beyond the natural body*, *op.cit.*, p.61.

³²⁸ *Ibidem*, p.84.

mulheres tornaram-se o maior alvo dessas campanhas, já que eram vistas como vulneráveis a partir dos ciclos que as acometiam. Não obstante, a partir de 1927, os psiquiatras passaram a receber a possibilidade de indicar medicamentos como o *Menformon* (doses de estrogênios), fabricado pela farmacêutica alemã *Organon*. A medicação passou a ser indicada para pacientes com melancolia, esquizofrenia e, na década seguinte, para depressões e psicoses relacionadas à desordens do ciclo menstrual. Para Oudshoorn, essa aliança entre aglomerados farmacêuticos, como a *Organon*, com o âmbito psiquiátrico criou um amplo mercado para a venda de hormônios sexuais femininos. Nessa dispersão, os hormônios puderam ser indicados como remédios para as mais variadas manifestações patológicas, como o eczema, epilepsia, perda de cabelo, diabetes, dentre outras.³²⁹

Oliveira Júnior, por sua vez, demonstrou no Brasil, entre as décadas de 1930 e 1960, a existência de medicamentos endocrinológicos indicados para pessoas magras e fracas, como os “Comprimidos Vikelp”. O produto era indicado para as mulheres “fracas, magras, nervosas e esgotas”, fornecendo uma “cura rápida”. A cápsula, cuja fórmula continha iodo, auxiliaria as glândulas deficientes, com fins de estimular as energias, além de servir de estímulo ao ganho de peso corporal. Para os homens, especialmente, a magreza deveria ser evitada, posto que significava o inverso da virilidade e de saúde e, daí a indicação dos medicamentos Vikelp. Nesse momento, a Bayer também produzia diversos medicamentos para hormonoterapia, divulgados a partir de seu livro “*Hormoterapia pelos hormônios Bayer*”, acompanhado de fotos com pessoas sorridentes e exibindo padrões corporais tidos como adequados. De acordo com o autor, “saúde, estética e ciência caminham juntas nestas imagens. A endocrinologia seria a ponte entre estes três personagens”³³⁰

Com as lentes direcionadas para a imprensa das décadas de 1930 e 1940, percebemos como as relações em torno das questões hormonais, ultrapassaram a mera descrição dos seus fenômenos, por parte dos médicos e, entraram no circuito de anúncios, divulgações de produtos farmacêuticos, cujas falas remetem a um estilo que se pretende descolado dos jargões eruditos e que busca informar, didaticamente, as relações das secreções internas dos corpos, com os comportamentos, personalidades e aspectos da maternidade. Em nosso caderno de imagens³³¹, além de focalizarmos nas imagens inseridas na obra de Leonídio (1938), visualizamos os usos da Biotipologia, o realce concedido à primazia dos caracteres secundários sexuais, como fundamento das relações entre sinais morfológicos e comportamentos sexuais destoantes, encaminhados ao tratamento hormonal, com fins de adequar tais corpos aos caracteres sexuais secundários, daquilo que seria do tipo

³²⁹ Ibidem, p.93.

³³⁰ OLIVEIRA JÚNIOR, De monstros a anormais, *op.cit.*,p.395.

³³¹ Ver o Anexo I.

másculo, viril e heterossexual. Ademais, observa-se como os tônicos, veiculados na imprensa da época, recomendados para a recuperação das virilidades, forças e cuidados com as proles recém-nascidas, ilustram como a linguagem dos hormônios e da opoterapia, esteve aproximada de canais de comunicação com o público consumidor das promessas hormonais.

2.5. Enxertos e implantações: Conflitos em torno de Séquard

A palavra *hormônio* foi utilizada pelo pesquisador britânico e professor de fisiologia, Ernest Henry Starling, em 1905, ao introduzir o conceito, sendo desde então considerado como um dos primeiros a circunscrever tais substâncias como mensageiros químicos. Nos primeiros passos da endocrinologia, os hormônios contribuíram para uma profunda transformação na fisiologia, visto que os mensageiros químicos seriam responsáveis por processos físicos, bem como foram interpretados como responsáveis por realizar o equilíbrio entre as funções orgânicas do corpo. Os fisiologistas, nesse período, acreditavam que estes eram produzidos nas gônadas –leia-se glândulas sexuais -, sendo, daí em diante, chamados de hormônios sexuais, cujo hormônio masculino seria expelido para o organismo, pelos testículos e, no caso feminino, a secreção interna seria executada pelos ovários. Para Oudshoorn, com a introdução dos conceitos de hormônios sexuais, os cientistas passam a sugerir que a chave para entender o que faz do homem ser homem e, a mulher ser mulher, havia sido encontrada, e ela se chamava hormônios.³³²

Doravante, Oudshoorn chama a atenção para a importância de analisarmos as proto-ideias ligadas aos saberes populares que estiveram presentes na produção do conhecimento sobre os hormônios sexuais. Desse modo, Oudshoorn compartilha com nossas referências teóricas, quando sustenta a importância em utilizar os referenciais conceituais fornecidos por Ludwick Fleck, segundo o qual a maneira como os conteúdos culturais e sociais, são moldados e inseridos na lógica da produção científica. No caso dos hormônios, devemos ressaltar que o método de associação das glândulas, mormente os testículos, foram utilizados desde os tempos mais antigos. Os testículos possuem uma história singular e muitos dos atributos e adjetivos que o informam, foram re-utilizados, durante o processo de conquista de conhecimentos acerca das estruturas químicas dos esteróides.³³³

Desde os tempos mais antigos os testículos foram objeto de apreciação por parte daqueles que acreditavam ser esta glândula a responsável por incutir no homem comportamentos baseados na

³³² OUDSHOORN, Nelly. *Beyond the natural body*, *op.cit.*, p.16.

³³³ OUDSHOORN, Nelly. *Beyond the natural body*, *op.cit.*, p.17-18.

virilidade, bravura e longevidade. Segundo Oudshoorn, gregos e romanos usavam preparações feitas à base de testículos de cabra e lobos, com o fito de estimular a sexualidade masculina. Destaque deve ser feito ao médico medievalista Paracelso, conhecido por utilizar extratos testiculares no tratamento da imbecilidade, além de ter condensado o princípio da opoterapia, como vimos anteriormente, através da máxima: *Similia, similibur, curantur*.³³⁴ Coube ao século XVIII reacender as inquirições científicas a respeito das glândulas testiculares, visto que foi nesse momento em que idéias populares sobre os testículos, enquanto portadores da masculinidade, foram incorporadas na pesquisa médica.³³⁵

Comentando essas técnicas, Póvoa enfatizou:

A glândula endócrina que primeiro despertou atenção do homem e cuja significação seria reconhecida em primeiro lugar, foi o testículo. Nossa credibilidade científica começou com este órgão, cujo extrato aquoso foi ingerido por Brown Séquard, aos 72 anos, na Academia de Biologia de Paris, para provar sua ação rejuvenescedora [...] Foram esses órgãos, cujo exame já teria servido até mesmo para a confirmação do sexo papal, que tiveram enorme importância no desenvolvimento de nossa especialidade. As consequências das lesões ou da perda dos testículos desde cedo permitiram reconhecer a existência de relações entre a função testicular e a libido, a potência e o desenvolvimento dos caracteres sexuais secundários.³³⁶

Não podemos deixar de mencionar o papel desempenhado pelo fisiologista francês, Charles Edouard Brown-Séquard (1817-1894), mencionado por Póvoa e outros como principal defensor das gônadas sexuais como elemento explicativo da masculinidade e feminilidade humana. Suas pesquisas tinham o objetivo de provar ser possível restaurar a jovialidade e a capacidade criativa dos homens. Para tanto, Brown-Séquard aplicava tais substâncias em si mesmo, por meio de injeções compostas por extratos testiculares de animais, como cachorros e porcos. Para as mulheres, os preparados químicos oriundos de ovários destes mesmos animais, eram receitados para o tratamento de histeria, problemas de útero e debilidade devido à idade. Considerando que a aplicação de extratos testiculares poderia ser um caminho de garantir e regular o desenvolvimento da virilidade, re-equilibrando o organismo, Brown-Séquard entrou em diversos debates e controvérsias. Muitos fisiologistas e endocrinologistas colocavam em questão a veracidade de seus resultados, assim como sua teoria de que somente as glândulas sexuais fossem responsáveis pelo

³³⁴ MARTINS, Thales. (1951) Evolução do conceito de hormônio e opoterapia- exame crítico da influência de Brown-Séquard - trabalho pioneiro dos portugueses Bettencourt Rodrigues e Serrano. *Arquivos Brasileiros de Endocrinologia e Metabologia*, vol, 45, nº 5, (Suplemento: 2), Novembro, 2001. p.649.

³³⁵ OUDSHOORN, Nelly. Beyond the natural body, *op.cit*, p.18.

³³⁶ PÓVOA, Luiz César. A Endocrinologia. In: PÓVOA, Luiz César.; BITTAR, Thalita. (orgs) *História da Endocrinologia no Brasil*. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia , 2008, p.23.

desenvolvimento sadio da sexualidade humana. Deste modo, o trabalho de Brown-Séquard tornou-se referência nos estudos intitulados como organoterapia, ou seja, a utilização de órgãos animais como agentes terapêuticos.³³⁷

Ao tomar os testículos como agentes responsáveis por conter os fluídos seminais compostos por espermatozoides, Brown-Séquard vinculou suas concepções ao conjunto mais amplo de referências populares, de acordo com a qual a menor quantidade de sêmen, durante o intercurso sexual, ou até mesmo, no ato da masturbação, poderia ser prejudicial ao homem.

De acordo com o endocrinologista, os últimos anos haviam testemunhado um alto interesse nas gônadas, em especial, sobre os testículos. Esses interesses, para Martins, “partem do preconceito” de que a “decadência da glândula masculina” seria a causa da velhice. Não havia dúvidas do papel desempenhado pelo médico Brown-Séquard na divulgação destas técnicas:

Ora, não é preciso gastar papel para demonstrar que a senescência não é função de um órgão, mas fenômeno universal, a que estão irremediavelmente condenadas todas as partes da economia. É lógico que em certos casos um determinado órgão possa adiantar-se, envelhecer mais cedo, funcionando então como fator limitante do conjunto; para uns será o coração, para outros os rins ou o sistema nervoso, etc. Não há a mais leve prova de que a velhice seja desencadeada pelo testículo.³³⁸

Dedicado a expor as fragilidades teóricas do método sequardiano, bem como da incoerência de suas demonstrações práticas, Martins busca apontar para a composição química das substâncias contidas nos testículos e do grau necessário de extratos purificados de modo a possibilitar uma terapêutica eficiente, para os casos em que seja recomendado o uso de testosterona, exceto, como se sabe, para os casos de velhice. Por isso, “o que hoje sabemos acerca do hormônio testicular e sua concentração no testículo permite asseverar que os extratos obtidos por aquele autor e seus continuadores continham, quando muito, traços infinitesimais de princípio ativo”³³⁹. E quanto aos resultados dessa controvérsia, a opoterapia teria servido para propósitos questionáveis:

Tudo era pura sugestão; e a opoterapia sofre até hoje as consequências deste pecado original, de ter nascido de uma ilusão científica. A falta de controle fisiológico para os efeitos hormonais foi incrivelmente mantida há pouco tempo, e pode-se dizer que ainda perdura, apesar das brilhantes vitórias da endocrinologia experimental nos últimos anos.³⁴⁰

³³⁷ Ibidem, p.18.

³³⁸ MARTINS, Thales. Glandulas sexuais e Hypophyse anterior, *op.cit.*, p. 416.

³³⁹ Ibidem, p. 416.

³⁴⁰ Idem.

Já inserido num contexto onde o hormônio oriundo dos testículos podia ser encontrado purificado através de procedimentos farmacêuticos, Martins adere a uma postura conciliatória, pois “se o hormônio testicular tem algum efeito útil na correção ou retardamento da senescência, é questão ainda a decidir, agora que já o temos á mão”.³⁴¹ Ensaaios experimentais, por meio de técnicas opoterápicas, são citados, cujos enxertos de testículos de cobaias jovens em idosos eram realizados com o fito de corrigir a impotência e aperfeiçoar o estado geral da saúde, objetivando o prolongamento da vida “por mais 4 mezes, além da média”.³⁴² Steinach, por sua vez, escreveu volumosa monografia sobre o rejuvenescimento, na qual citou suas experiências com enxertos de ovários e testículos de ratos jovens em velhos, cujos “efeitos exercidos sobre estes últimos seriam de nitidez indiscutível, na opinião do autor”.³⁴³ No entanto, a questão é enfatizar para o processo operatório, como um todo, chamando atenção mais para o seu lado prejudicial, conforme estas mesmas pesquisas arrolavam em gráficos e descrições sobre o pós-operatório:

Sem apelar para os resultados negativos dos que procuraram repetir as experiências de Harms e de Steinach, os conhecimentos atuais tornam muito problemáticas as possibilidades rejuvenescedoras de enxertos de gônadas. Está fóra de duvida que estes órgãos não são autônomos; sem hipófise, não funcionam. E se a hipófise está velha, não adianta introduzir testículos jovens; menos acreditavel ainda é a reativação das próprias gônadas, descriptas por aqueles autores, após a introdução de novas. *Em primeiro lugar, dado que os órgãos enxertados funcionem, os seus hormônios não podem ter efeitos sobre as gônadas in situ. Junte-se a isto que uma só hipófise (e velha !) vai ter que estimular não mais 2, mas 3 ou 4 testiculos, e teremos razões de sobra para concluir que a situação só poderia piorar; são portanto, extremamente discutíveis as citadas observações.* (Grifos meus)³⁴⁴

A validade da crítica também era encaminhada para cientistas que tentavam enxertar testículos de cadáveres humanos em homens e, sobretudo, o alvo das objeções fisiológicas foram direcionadas a Voronoff³⁴⁵, que além de utilizar enxertos, também o fazia entre espécies diferentes.

³⁴¹ Ibidem, p.417.

³⁴² MARTINS, Thales. Glandulas sexuais e Hypophyse anterior, *op.cit*, p.417.

³⁴³ Idem.

³⁴⁴ Idem.

³⁴⁵ Dr. Serge Voronoff (1866-1951), Médico russo, naturalizado francês. Preconizava que o elixir da vida estaria ligado as glândulas sexuais, sendo a velhice e a senescência oriundos do mau funcionamento destas glândulas. O método Voronoff tornou-se conhecido popularmente, posto que defendia o método cirúrgico de enxertos de glândulas, a opoterapia clássica, isto é, a troca das glândulas defeituosas, por outra mais nova. Voronoff dava primazia as glândulas sexuais extraídas de primatas africanos. Para o médico, com esse procedimento seria possível garantir o retorno da virilidade sexual, do raciocínio e da memória. Publicou "The conquest of life" (1928) e "Greffes des glandes endocrines" (1939). Visitou o Brasil em junho de 1928, por ocasião das "Jornadas Médicas", já nesse momento contando com alta popularidade nos setores médicos brasileiros. Além disso, dois meses antes de chegar ao Brasil, um romance foi escrito, "Doutor Voronoff", no qual constava como personagem central da trama. Ademais, seu nome circulou notavelmente na imprensa, seu nome estampou marcas de cigarro, foi nome de remédio, Oswald de Andrade o citou em seu "Manifesto

De acordo com Cuperschmid e Campos, Serge Voronoff iniciou suas investigações em 1889, acompanhado do fisiologista francês Brown-Séguard. Os autores salientam que os trabalhos de Voronoff, ainda que não estivessem permeado temporalmente das informações sobre o processo fisiológico de rejeição e da ação do sistema imunológico, nessas condições cirúrgicas, ainda assim não impediram a popularidade das técnicas organoterápicas, em especial, os enxertos de testículos. Assim, a justificativa para a recomendação de enxertos baseava-se nas observações comportamentais, de indivíduos assistidos pela opoterapia. Cumpre registrar, que trabalhos em fisiologia, como os estudos do Prêmio Nobel de Medicina e Fisiologia, Peter Medawar, congratulado em 1960, veio chamar a atenção para o conceito de rejeição de tecidos nas cirurgias de transplante.³⁴⁶

Os procedimentos realizados por Voronoff entre as décadas de 1910 e 1930, colocaram em contato direto um número significativo de pacientes, oriundos de diferentes países, com os tecidos símios. Cuperschmid e Campos provocam uma instigante discussão, ao enfatizar que tais xenotransplantes podem ter sido, igualmente responsáveis, por permitirem a inserção de patógenos da espécie doadora na espécie humana, "o que traz à tona a hipótese, mesmo remota, de transferência do vírus SIV (*Simian immunodeficiency virus*) para uma população de pacientes que, aparentemente, apresentava distúrbios sexuais".³⁴⁷ Além de infectar boa parte dos primatas africanos, esse vírus também pode ser encontrado em símios caribenhos e, não obstante, o vírus pode se hospedar de forma difusa, isto é, em diversos tecidos e órgãos do hospedeiro. Ademais, as fotos dos animais apresentadas por Voronoff possibilitam afirmar que os primatas eram das espécies *Pan troglodytes troglodytes* e *Cercocebus atys atys*, as mesmas que são reconhecidas, atualmente, como as responsáveis por serem as precursoras dos tipos de HIV-1 e HIV-2.³⁴⁸

Vale ressaltar que os primatas utilizados nos xenotransplantes de Voronoff eram capturados em territórios africanos, mormente aqueles oriundos da África equatorial de que fazem parte hoje o

Antropofágico" (1928) e seu nome foi tema de marchinha de carnaval (Seu Voronoff), composta por Lamartine Babo e João Rosa, bem como virou verso no samba "Minha viola, escrito por Noel Rosa em 1929. Outros cientistas também seguiram os mesmos ensinamentos de enxertos de testículos, segundo o método voroffiano, como Leo Stanley – sob o qual falaremos adiante – e Eugen Steinach (1861-1944). Sua trajetória científica, a marchinha de carnaval e, as críticas ácidas aos seus experimentos científicos, bem como as repercussões problemáticas de seus métodos foram analisados com maestria em: CUPERSCHMID, Ethel Mizrahy; CAMPOS, Tarcísio Passos Ribeiro de. Os curiosos xenotransplantes glandulares do doutor Voronoff. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.14, n.3, p.737-760, jul.-set. 2007.

³⁴⁶CUPERSCHMID, Ethel Mizrahy; CAMPOS, Tarcísio Passos Ribeiro de. *Os curiosos xenotransplantes glandulares do doutor Voronoff*, op.cit., p.755.

³⁴⁷ Ibidem, p.756.

³⁴⁸ Ibidem, p.756.

Congo, Sudão, Guiné, Camarões e, além deles, Gibraltar, conhecida zona de origem das espécies vinculadas ao HIV humano. Com a palavra Cuperschmid e Campos:

Com base nos conhecimentos científicos atuais, consideramos que, entre as possíveis introduções do vírus na espécie humana, o cenário de transmissão pode também ter ocorrido pelos xenoenxertos de Voronoff nas décadas de 1920 e 1930. Pesquisadores podem atualmente estimar, através do sequenciamento genético, o momento da mutação do vírus. Estudos moleculares situam a passagem do vírus do chimpanzé para o homem, com a ocorrência do grupo HIV-1 M, no período entre 1915 e 1941 (Korber et al., June 9 2000; Apetrei, Robertson, Marx, Jan. 2004, Zdenek, 2001). Tais fatos contestam Oriol (May 2001), que afirma não estarem os pacientes de Voronoff relacionados à aids por ter sido esta originada de macacos africanos muitas décadas depois.³⁴⁹

Igualmente inserido na vertente crítica aos xenotransplantes e enxertos que eram praticados corriqueiramente, Martins pronunciou:

Ainda está por demonstrar o primeiro caso de órgão que, enxertado, pegue e funcione normalmente, quando doador e receptor não pertencem à mesma espécie zoológica. Sendo assim, provas histológicas e funcionais indiscutíveis têm que ser exigidas quando se anuncia a possibilidade do enxerto de testículos de macacos em homem; as dadas por Voronoff e colaboradores não resistem à crítica, e as suas observações clínicas, com mais de 60 anos de avanço, não levam vantagem sobre as de Brown-Séguard.³⁵⁰

O principal argumento acionado pelos cientistas adeptos das técnicas de enxerto residia na defesa de que ocorreria uma reabsorção dos extratos orgânicos contidos nas glândulas, quando inseridas no corpo do paciente. Nesse esquema, Martins discordava, já que “o *stock* de substância ativa é pequeno” e, não obstante, “justamente no testículo é mínimo”. Com efeito, seria nula a atividade hormonal, com base num testículo animal, “para poder agir durante mezes e anos no homem”. Mais do que isso, as experiências feitas pelo fisiologista “mostram que implantações *diárias* de 2 ou 3 testículos são absolutamente inativas, para efeitos muito mais modestos.”³⁵¹

Seja como for, a questão central era definir o método há ser seguido pelos laboratórios. Martins explica:

Sendo os caracteres sexuais secundários o melhor índice da atividade endócrina das glândulas sexuais, melhor será estudá-los ao lado dos efeitos da castração. Assim se realiza aquele tipo elementar de experiência, que permite observar os efeitos da

³⁴⁹Idem.

³⁵⁰ MARTINS, Thales. Glandulas sexuaes, *op.cit*, p. 418.

³⁵¹ Ibidem, p.418.

retirada de um órgão, deduzindo daí, por exclusão, uma grande parte das suas funções normais.³⁵²

O ato de castrar servia para ilustrar experiências científicas, bem como era acionado para regular atividades e assegurar comportamentos. Exemplos emblemáticos são fornecidos com os casos de castrações, executados em guardas de haréns, sacerdotes de cultos e em animais domésticos. Durante os séculos XVII e XVIII, “castravam-se os meninos-cantores, para lhes evitar a mudança de voz”. Além disso, os testículos, foram associados à fonte de rejuvenescimento, vigor e masculinidade. A castração, ainda que envolta a estudos polêmicos, foi reconhecida como técnica vital para o controle no desenvolvimento de células tumorais, como bem demonstrou o Dr. Charles Huggins e Prêmio Nobel, ao utilizá-la como técnica no tratamento do câncer de próstata.³⁵³

A validade do método castratório, segundo Martins, vinha de longa data, uma vez que as operações deste tipo eram realizadas desde a antiguidade, seja para fins econômicos, bem como na criação de animais domésticos, "ou a domesticar, que para inúmeros outros fins, no homem".³⁵⁴ Os efeitos da castração no homem seriam notórios e permitiria, nessa conduta, observar os sinais que o corpo dá a falar, quando algum órgão fosse extirpado. Em que pese a consideração de que as gônadas influenciavam na morfologia corporal, a exposição do funcionamento da vida endócrina só seria possível com “o restabelecimento das condições normais pela reintrodução das glândulas sexuais, ou de seus hormônios, nos animais dela privados”, ou em outros termos, estamos falando das técnicas de transplantações das glândulas sexuais, em indivíduos portadores de sexualidades indiferenciadas.³⁵⁵

Nessas circunstâncias, somente com o resultado de transplantações das glândulas sexuais, como ovários e testículos, em animais como ratos, galos e rãs, os endocrinologistas puderam afirmar a funcionalidade de tais técnicas, em humanos. Com efeito, devemos enfatizar para a diferença entre a transplantação e os enxertos. No caso das implantações, o órgão é retirado do seu local e, em seguida, é removido para outro local do organismo, do mesmo indivíduo. Com isso, será possível entender como ocorre a absorção das substâncias que compõem o órgão, “ou tentar a sua reintegração do organismo, vascularizando-se, vivendo e funcionando como um órgão normal”.³⁵⁶ Assim, na técnica de implantação, o órgão pode estar morto e sua vitalidade pode ser ressuscitada a partir de sua introdução no organismo. Em essência, as transplantações podem ser feitas entre

³⁵² Idem.

³⁵³ PÓVOA, Luiz César. A endocrinologia, *op.ci.t.*, p. 23.34.

³⁵⁴ MARTINS, Thales. Glandulas sexuaes, *op.cit.*, p. 418.

³⁵⁵ MARTINS, Thales. Glandulas sexuaes, *op.cit.*, p.48.

³⁵⁶ MARTINS, Thales. Glandulas sexuaes, *op.cit.*, p.48.

animais de diferentes espécies, já que “um fragmento de ovário de gato, introduzido no organismo de um coelho, pode ser tão bem absorvido, ou melhor, que o de um coelho”.³⁵⁷ Em resumo, “tanto o testículo como o ovário pegam muito bem de enxerto, e atuam profundamente sobre os caracteres sexuais do indivíduo receptor.”³⁵⁸

Os galos serviram como o melhor exemplo de cobaia animal útil para afirmar as evidências científicas elaboradas pelos endocrinologistas. Nos galos castrados, de ambos sexos, visualiza-se a presença de plumagem e esporões do tipo masculino, crista atrofiada e comportamento peculiar. De modo que, quando aplica-se o enxerto de testículo nesses, resulta, o crescimento da crista, do canto e o “instinto combativo reaparecem”, permanecendo as plumagens e esporões sem modificações, possibilitando, a fisiologistas como Martins afirmar:

Concluí-se daí que as células somáticas do macho e da fêmea não têm uma constituição pré-estabelecida, irreversível, que lhes dê um carácter sexual irremediável. Ao contrário, têm uma capacidade reacional dupla, orientando-se num sentido ou no outro, determinado pelo hormônio sexual; a esta capacidade ambígua chamou Zawadowsky – equipotencialidade.³⁵⁹

Por outro lado, no caso dos enxertos, a cirurgia tende a ser mais delicada e “a operação deve ser feita com todos os cuidados de asepsia, rapidez.”³⁶⁰, para que a essência do órgão transplantado não seja prejudicada. Nesse procedimento, os órgãos dos doadores devem ser da mesma espécie, ou seja, a gônada humana somente possui vitalidade em humanos e podem ser enxertadas em regiões subcutâneas, cerebrais ou nos peritôneos³⁶¹. Martins utiliza o léxico fornecido por Lipschultz, para o qual tais técnicas podem ser denominadas como autotransplantadas (órgão deslocado dentro do mesmo corpo), homeotransplantes (de um indivíduo para a mesma espécie) e heterotransplantes (entre espécies diferentes).³⁶²

Steinach é o principal referencial teórico de Martins, assim como outros fisiologistas como Lespinasse, Stocker e Lydston. Steinach expôs como o transplante de testículos, na região abdominal e peritoneal dos ratos provocava a correção das deficiências do desenvolvimento das genitálias e “a conducta psico-sexual voltava a ser a do macho inteiro”.³⁶³ Lichtenstern, por seu turno, enxertou num mutilado de guerra um fragmento de testículo no músculo oblíquo, onde “cerca de dois meses após a operação manifestaram-se os efeitos, gradualmente, desaparecendo os

³⁵⁷Ibidem, p.48-49.

³⁵⁸Ibidem, p.51.

³⁵⁹Ibidem, p.53.

³⁶⁰Ibidem, p.49.

³⁶¹ Idem.

³⁶²Idem.

³⁶³ Idem.

caracteres somáticos e psíquicos de eunuco”.³⁶⁴ Sob esse panorama, múltiplas experiências foram realizadas, inclusive aquelas comprometidas com o rejuvenescimento do homem e de normalização do comportamento feminino:

A bibliografia sobre o assunto foi crescendo à custa de resultados sem valor científico, especialmente depois que certos autores começaram a aplicar o método para o “rejuvenescimento” Não podem sofrer um controle rigoroso simples impressões subjetivas de melhora da memória, do apetite, de aptidão para o trabalho, etc... O mesmo pode ser dito das injeções de polpa de testículo de animais de matadouro, usadas por Stanley para fins os mais diversos; uma verdadeira panacéia.³⁶⁵

Entrementes, não há dúvidas de que o fisiologista faz, no trecho acima, alusão aos trabalhos de Brown-Séguard e adeptos das aplicações de extratos testiculares com fins de corrigir a senilidade e garantir o retorno da jovialidade. Tais estudos foram lidos como *placebos*, uma vez que estimulavam impressões psicológicas de efeitos não obtidos em experiências com animais, aliás, as experiências com animais não apresentavam respostas nesse quesito rejuvenescimento. Nesse cenário, eram consideradas de valor científico pesquisas que ensejassem a profilaxia adequada para o âmbito da clínica, como a implantação de ovários humanos em mulheres, “largamente praticado”, e sobre o qual “ registraram-se efeitos benéficos sobre a atrofia do útero e vagina, melhora nas perturbações gerais e nalguns casos a volta da menstruação”.³⁶⁶

Ademais, é interessante notar como o fisiologista faz referência as experiências com enxertos aplicadas em humanos conduzidas por Leo Stanley, cirurgião chefe, entre 1913 e 1951, da penitenciária de San Quentin, Estado da Califórnia. Nessa prisão, diz Blue, Stanley extraía os testículos dos condenados à pena de morte para implantá-los num prisioneiro de idade avançada. Por uma década, Blue afirma que esse foi um procedimento habitual do cirurgião chefe da Penitenciária de estado de San Quentin,³⁶⁷ ainda que não tivessem autorização legal para isso.

Apesar de seguidas denúncias, Stanley e sua equipe seguiram obstruindo processos e o furor da oposição, que com o passar dos anos, foram silenciados.³⁶⁸ Sem dúvida, o fato de que trabalhava com condenados ajudou nesse silenciamento. Afinal, seguindo os referenciais teóricos eugênicos, associados ao campo da teoria endócrina sobre os crimes, encaminhavam a discussão para o fato de que o mal funcionamento dos órgãos poderia ser interpretado como produtor do próprio ser

³⁶⁴Idem.

³⁶⁵Ibidem,p.50.

³⁶⁶Ibidem, p.50.

³⁶⁷BLUE, Ethan. The Strange Carrer of Leo Stanley: Remaking Manhood and Medicine at San Quentin State Penitentiary. 1913-1951. *Pacific Historical Review*, Vol.78, no2, Maio, 2009. pp.210-241

³⁶⁸, Ethan. The Strange Carrer of Leo Stanley,*op.cit.*, p.210-211.

delinquente. Como os casos por ele demonstrado, os presos possuíam muitas vezes pais degenerados, muitas vezes detentos eles também. Para o médico cirurgião, a eugenia era considerada como um método, onde a partir da árvore genealógica, aplicava-se a equivalência da degeneração; por sua vez, a constatação da degeneração era suficiente para evocar seja o uso de técnicas esterilizatórias, seja a busca de ajustes ou equilíbrio por meios cirúrgicos. Uma das tentativas de promover o equilíbrio, paradoxalmente, consistia em retirar os testículos de uma pessoa considerada disgênica para o transplante em elementos desequilibrados ou de idade avançada.³⁶⁹

De acordo com Blue, a carreira de Stanley exhibe o incremento de poder de uma pessoa que ocupa cargos estatais e que, podem a seu juízo, regular uma higiene social de gênero. Por isso, para a autora, suas práticas laboratoriais, possuem implicações tanto no plano institucional e social, posto que propunha a cura dos detidos, através da combinação de métodos oriundos da ciência eugênica e da endocrinologia, tão em voga, nessa época. Blue é enfática ao alertar para o fato de que não podemos deixar de perceber, que a medicina pode, nesses casos, ser usada como uma disciplina visando o controle, bem como ser a via na qual a punição se concretiza. Portanto, os prisioneiros detidos, nos tempos da gestão de Stanley, tinham grande propensão a tornarem-se sujeitos a tratamentos - da esterilização a implantações testiculares. Tal fenômeno revela como, no início do século XX, as concepções ante a masculinidade também foram construídas atrás das grades, por meio de tais experimentos.³⁷⁰ As práticas em laboratório de Stanley combinavam esterilizações eugênicas com pesquisas na área da endocrinologia, cujo fito era o de assegurar a defesa social, produzir experimentalmente o rejuvenescimento e, mais comumente, garantir a virilidade. Em escala mais ampla, podemos afirmar que tais estudos incentivaram o refinamento de tratamentos médicos em benefício da masculinidade, emergindo daí, como modelo, um novo homem, fisicamente e sexualmente vigoroso, dotado de uma moralidade invejável como meta para a saúde pública norte-americana.

Ainda de acordo com Blue, suas investigações experimentais, durante a gestão de Stanley na seção médica da penitenciária de San Quentin, foi marcada pela transição das teorias criminológicas, período no qual era possível considerar os postulados lombrosianos lado a lado com a inserção da psicoterapia, notadamente acionada no período do pós Primeira Guerra. Por esse viés, as técnicas acionadas por Stanley exibem o cabedal de regras sobre os sexos, gêneros e atuaram, com abrangência significativa, durante a formação do estado moderno americano, ante ao trato do

³⁶⁹Ibidem.

³⁷⁰ Ibidem, p.212.

que era tido como norma para a masculinidade.³⁷¹ Além disso, a esterilização permitia, na visão de Stanley evitar que tais detidos pudessem reproduzir-se quando terminada a pena, leia-se aqueles que conseguiam sobreviver.³⁷²

Blue chama atenção para o fato de que se havia necessidade de sair em defesa da estabilidade da *masculinidade*, era porque os comportamentos sociais daquele período começavam a desafiar as estruturas de gênero tradicionais. Em tempo de guerra, a virilidade tornou-se o valor através do qual organizou-se a idéia de homem normal. Diante desses critérios, o próprio cirurgião temia o crescimento do lado feminino em alguns homens com os quais conviveu:

Stanley operou na tradição da classe média, branca, com homens eugenistas, dirigida a partir do receio do suicídio racial e duma ansiedade generalizada sobre a potência masculina. Historiadores do gênero e da cultura tem notado como a combinação da urbanização, dos movimentos operários, das mulheres sufragistas, das imigrações de massa, contribuiu para a imperiosa ansiedade sobre a perigosa feminização, branca, da classe média masculina.³⁷³

O fascismo habita a linha tênue que separa o entreguerras, já visivelmente criando condições e dando apoio a uma sociedade de guerra que agoniza durante a segunda Guerra Mundial. Penso que expor, ainda que em linhas gerais, o quadro social acima, seja vital para compreendermos a temporalidade histórica aqui em discussão, sobremaneira, quando abrimos nossas narrativas as contribuições dos estudos da história transnacional.

Voltando a fonte do fisiologista que acompanhamos neste item, parece que Martins estava a par das polêmicas envolvendo as experiências testiculares, lideradas por Stanley, na Califórnia. Aliás, é possível afirmar que o pesquisador do IOC, adotou uma postura crítica a esta tendência dos estudos no ramo da endocrinologia. Com efeito, os postulados de Brown-Séquard transformaram a endocrinologia no final do século XIX, sobretudo quando observarmos o forte apelo popular de suas práticas científicas, evidenciado pelos anúncios de cura de senilidade e anomalias ligadas a perturbações nervosas em jornais e revistas de grande circulação e, mais ainda, pela oferta de técnicas biomédicas para corrigir disfunções orgânicas diversas. Nesse caso, a opoterapia não estava indicada somente para casos de sexualidade divergente da heteronormatividade. Há todo um

³⁷¹, Ethan. *The Strange Carrer of Leo Stanley: op.cit.*, p.213.

³⁷² *Ibidem*, p. 220.

³⁷³ “Stanley operated in the tradition of middle-class, white, male eugenicists, driven by fears of race suicide and a general anxiety about male potency. Cultural and gender historians have noted how the combination of urbanization, working-class movements, women’s suffrage, mass immigration, and imperial anxiety contributed to fears about dangerously feminized, white, middle-class manhood”. *Ibidem*, p. 221.

conjunto de outras possibilidades de tratamento de moléstias orgânicas e de seus sintomas em que se aplicaria o uso da organoterapia.

Ainda que não tenha sido possível tratar mais amplamente dos debates dos endocrinologistas, podemos afirmar com Oudshoorn que a noção da dualidade sexual, condicionada às gônadas, foi o principal mote dos debates e controvérsias acerca da composição orgânica responsável pelos sexos ao longo das primeiras três décadas do século XX. Nessa operação, muitos cientistas utilizaram questões culturais como ferramentas cognitivas para o desenrolar de suas experiências científicas, o que corrobora a perspectiva dos estudos feministas e dos estudos sociais das ciências que defendem que a produção de conhecimento científico está intimamente conectada com o cabedal cultural e social no qual os cientistas estão inseridos.

Por fim, convém agora revisitarmos a principal fonte, que versa sobre o tratamento dos homossexuais detidos no Laboratório de Antropologia Criminal, sob o prisma das controvérsias aqui esboçadas e de modo a entendermos as possibilidades de interpretações que surgem através da recomendação de tratamento opoterápico aos homossexuais, da capital federal, durante a década de 1930. De modo que, abordar os diferentes formatos da organoterapia podem ser úteis, na medida em que nos traz subsídios para abordarmos fontes históricas, localizadas em ambientes clínicos, cujos pacientes podem ter sido submetidos aos tratamentos opoterápicos.

Capítulo III

Leonídio contra-ataca: controvérsias em torno da opoterapia

Este volume não é um estudo completo do problema da inversão sexual, sob o ponto de vista científico. Em suas páginas, vai ser apenas abordada a questão do homossexualismo masculino, em seu aspecto médico-social, aproveitando o autor a oportunidade para apresentar sua contribuição pessoal em favor da teoria que explica esse fenômeno como a resultante de uma predisposição congênita, de natureza somática, ligada a alterações do equilíbrio do funcionamento das glândulas endócrinas.³⁷⁴

O ano de 1931 marca o nascimento do Instituto de Identificação da Polícia Civil Carioca, logo em seguida, encaminha seus últimos meses a passos firmes rumo à elaboração e consolidação do Laboratório de Antropologia Criminal, órgão anexo do Instituto de Identificação. Sua fundação está intimamente atrelada ao esforço de criar uma ‘polícia científica’, no cenário da polícia brasileira, como vimos anteriormente. Nesse espaço, foram realizadas pesquisas de caráter antropológico, com influências da biotipologia de Nicola Pende e, mormente, dos usos da ciência endocrinológica como principal instrumento de explicação e profilaxia, destinada aos homossexuais da capital federal, ensejando, assim, prisões compulsórias destas pessoas com fins de corrigirem seus desvios.³⁷⁵

O Laboratório de Antropologia Criminal, fundado em 1932, nas dependências do Instituto de Identificação da Polícia Civil do Rio de Janeiro³⁷⁶ tornou-se, em meu olhar, um bom exemplo ilustrativo da aplicação de teorias lombrosianas na investigação dos comportamentos criminais. Permite também ver de perto uma instituição cuja burocracia e gestão estava preocupada com aspectos biopolíticos. No caso do nosso estudo em particular, as detenções de 195 homossexuais qualificados como *pederastas passivos*, em função de suas práticas de exercício livre da expressão

³⁷⁴RIBEIRO, Leonidio. *Homossexualismo e Endocrinologia*, Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1938.p.5.

³⁷⁵ No Laboratório de Antropologia Criminal foram realizadas pesquisas que visavam entender a pureza do sangue dos índios guaranis, as relações entre o comportamento criminoso nos negros, bem como o resultado da aplicação de hormônios compulsórios nos *pederastas passivos*, presos durante a gestão do médico legista Leonídio Ribeiro. Para acompanhar uma importante introdução dos estudos ali empreendidos, ver mais em CUNHA, Maria Olivia Gomes da. *Intenção e Gesto*, *op.cit.* p. 488-515.

³⁷⁶ O auxílio prestado pelo Instituto de Identificação a política Varguista, no que se refere ao serviço de alistamento eleitoral da população fluminense, foi crucial para que o mesmo Instituto recebesse do chefe da Polícia do Distrito Federal, o capitão Fullinto Muller, as atribuições e autonomias necessárias para que pudesse produzir carteiras de identificação, bem como compartilhar sua *expertise* com o cartório de alistamento eleitoral do Distrito Federal, com a meta de "atender, sem atropelos, 400 pessoas diariamente e que seis meses durará possivelmente o alistamento para a Constituinte cerca de 90.000 pessoas", declarava Ribeiro. *A Notícia*, 12/09/1932.

homossexual³⁷⁷, conduziram os médicos legistas da instituição policial carioca, optarem pela exposição dos dados biotipológicos dos detidos, bem como buscaram descrever e recomendar o tratamento opoterápico para a correção dos caracteres sexuais secundários destoantes, de pessoas homossexuais. Como veremos, assume no discurso de Leonídio uma espécie de advertência as famílias, pois buscava ensiná-las sobre como diagnosticar a presença dos sinais morfológicos e anatômicos, que poderiam ser indicativos da *inversão sexual* e, incentivando, assim, uma aproximação com a vivência das clínicas e das possibilidades de transplantes de glândulas para os corpos *disgênicos*. Em resumo pode-se afirmar que essas experiências laboratoriais, executadas no âmbito da Polícia Civil durante a década de 1930, também nos levam a considerar a participação do chefe da polícia da capital federal, o representante da extrema direita, o médico e então general Baptista Luzardo, na condução e escolha de novos gestores públicos, para os cargos então disponíveis.³⁷⁸

Como sabemos, Luzardo e Leonídio eram amigos de longa data, já que compartilharam dos bancos da Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil, onde ambos obtiveram o grau em medicina pelo Rio de Janeiro no ano de 1916.³⁷⁹ Baptista Luzardo atuou como representante do pensamento conservador e preventivo. Quando nomeado chefe da polícia civil da capital federal pelo presidente Vargas, Luzardo foi incumbido de ser o responsável por executar um amplo projeto de reforma da polícia carioca, com maior destaque para a maturação de instituições de controle e repressão policial, com fins de guarnecer e proteger os projetos em curso da “Revolução de 30” que então se instituíam no Brasil.

No relatório encaminhado ao Ministro da Justiça e Negócios Interiores, no ano de 1931, Luzardo assim deslindou sua perspectiva acerca das noções de ordem e liberdade:

³⁷⁷ James Green aponta que prender homossexuais, nas principais regiões centrais das cidades do Rio de Janeiro e São Paulo era ato corriqueiro nas primeiras décadas do século XX, detendo-os por algumas semanas "de modo que pudessem usar seus serviços para limpar as delegacias de polícia". Para acompanhar a história de um dos maiores ícones da expressão da homossexualidade carioca durante a década de 1930, ver a interessante reflexão de: GREEN, James. O Pasquim e Madame Satã, a "rainha" negra da boemia brasileira. *TOPOI*, v. 4, n. 7, jul.-dez. 2003.

³⁷⁸ João Batista Luzardo (1892-1982) nasceu na localidade de Salto, distrito de Uruguaiana (RS), em 1892. Médico e advogado, diplomou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1916 e pela Faculdade Livre de Direito do Rio de Janeiro, em 1918. Tornou-se um dos representantes do pensamento conservador e de extrema-direita, durante sua trajetória como gestor da Polícia Civil do Rio de Janeiro, durante o governo Vargas.

³⁷⁹ Os egressos da turma de formados em Medicina em 1916, marcavam encontros de comemorações de sua formatura quase que num ritmo de bodas. As festas contavam com a adesão de egressos como Adatao Botelho, Pan Calaza, Madeira de Freitas, Gilberto Moura Costa, Leonídio Ribeiro, Batista Luzardo, Paulo de Proença, Ary Miranda, Alberto Pinho Brandão, Benigno Sicupira, Oscar Teive, Henrique Dodsworth, Paulo Fortes, Ernerto Thibau, Oscar Ramos, Oswaldo Teive, Raul Martin e Gastão Coelho Gomes. Os anúncios na imprensa visavam colher mais adeptos ao evento, para ingressar na comemoração bastava dirigir-se à Casa Moreno, Rua do Ouvidor e adquirir a vaga. *Correio da Manhã*. 11/12/1931.

Eu não compreendo, realmente, a liberdade dentro da Ordem. A Liberdade é um atributo da consciência. É subjetiva. Confunde-se com o próprio sentimento da personalidade e afirma-se, objetivamente, por atos de Direito. A coordenação desses atos é a função da Ordem. A disciplina atingida por essa coordenação – a própria Ordem [...] porque a função policial não pode ser senão preventiva. A ciência política vai, hoje, impondo ao estado deveres cada vez maiores de amparo e assistência ao cidadão. A obrigação de punir, substitue-se a obrigação de tratar. As prisões transformam-se, pouco a pouco, em verdadeiros hospitais. A medicina é chamada a diagnosticar o crime e a determinar para cada delinqüente o regime penalógico adequado. Ao lado dos interrogatórios de Justiça, surgem as indagações sutis do psico-técnico.³⁸⁰

Para Luzardo, os desígnios da polícia seriam o de garantir a ‘proteção’ e ‘defesa’, e assegurar a ‘integridade dos órgãos da sociedade’, atuando contra indivíduos que tentem desajustar a ordem e o equilíbrio dos órgãos que compunham essa sociedade. Assim, quando não percebemos a atuação da polícia e, acreditamos dela não depender, em algum momento, é sinal de que a “polícia está exercendo convenientemente o seu papel precípua de prevenção”. Nesse momento, Luzardo faz questão de ressaltar o aspecto preventivo da instituição, que delineava-se, em tempos de rígida reforma das condições policiais, impulsionadas pelo Governo Vargas. Luzardo concebia a liberdade dentro da ordem – policial - e, daí a defesa irrestrita dos mecanismos preventivos de segurança, “para que a liberdade não tenha de ser restringida pela ação repressiva da Justiça”.³⁸¹

Luzardo durante seu exercício como chefe da polícia da capital federal, participou e formulou parte dos projetos das reformas policiais em curso naquele momento. No período Vargas, Luzardo³⁸², que era amigo e aluno de Afrânio Peixoto, escolheu o médico legista Leonídio Ribeiro para ser o responsável pelas reformas do Gabinete do Instituto de Identificação. Como primeiro médico a assumir esse posto, Leonídio Ribeiro empreendeu uma série de mudanças no Gabinete, dentre as quais, e que mais nos interessa ao longo da pesquisa, foi a criação do Laboratório de Antropologia Criminal, onde foram realizadas pesquisas com fins de entender a pureza de sangue dos índios guaranis, a especificidade dos negros criminosos, bem como a sugestão da opoterapia, como tratamento aos homossexuais, a partir da análise biotipológica dos "pederastas passivos", - objeto central de nosso estudo - com fins de que estes pudessem ser adaptados ao imperativo heteronormativo da época.

³⁸⁰LUZARDO, Baptista. *Relatório encaminhado o Ministro da Justiça e Negócios Interiores*. Arquivos do Instituto Médico Legal e do Gabinete de Identificação. Publicação Oficial do DF. N.2. 1931. p.7

³⁸¹ Idem.

³⁸²CANCELLI, Elizabeth. *Mal estar de escrever: memórias de cárcere em tempos de ditadura e de Guerra Fria*. Arquivo Público do Estado e Universidade de São Paulo. Acesso on-line: <http://www.usp.br/proin/publicacoes/artigos.php>; CANCELLI, Elizabeth. Entre prerrogativas e regras: justiça criminal e o controle político no Regime Vargas (1930-1945). *Cadernos do Tempo Presente*, n.15, mar./abr, 2004, p. 02-35.

Leonídio assim comentou a fundação do laboratório de pesquisas:

Desde que assumi, em 1931 a direção do Gabinete de Identificação da polícia do Rio de Janeiro, a convite de Baptista Luzardo, que cedo compreendeu a necessidade de ser dada nova orientação aos seus serviços, confiando essa tarefa a um médico legista de carreira, verifiquei a urgência de ser instalado um laboratório de antropologia, onde se pudesse aproveitar o excelente material ali existente, afim de tentar um estudo biotipológico sistemático de nossos criminosos.

Só em 1933, com a reforma realizada pelo capitão João Alberto, pude pôr em prática essa ideia, alargando o campo de ação desse departamento técnico da polícia que tomou o nome de instituto de identificação, para poder realizar também pesquisas científicas.

Fui buscar na escola constitucionalista do Prof. Rocha Vaz os especialistas indispensáveis para essa obra, sendo logo nomeados os seus assistentes Waldemar Berardinelli e Manoel Roiter.³⁸³

Por fim, a chefatura da polícia foi elevada à condição de ministério, sendo portanto, desvinculada do judiciário, para que pudesse estreitar suas relações com o presidente da república.³⁸⁴ Nesse momento, o aspecto preventivo da instituição ganhou incentivo para que pudesse realizar pesquisas que buscassem ampliar o rol de conhecimento sobre as técnicas policiais, bem como exercer controle intensivo sobre movimentos operários e, pudesse realizar repressões contra grupos ligados a terreiros espíritas³⁸⁵ que não eram bem vistos socialmente devido a associação de práticas tradicionais de cura e valorização da saúde, na criminalização de políticas de cunho comunista e na moralização dos comportamentos, viabilizados pelas rondas policiais de caráter repressivo.

Os resultados apresentados pelo Laboratório de Antropologia Criminal da polícia Civil do Rio de Janeiro, anexo ao Instituto de Identificação do Rio de Janeiro, durante a década de 1930 e levado a cabo pelo grupo organizado em torno de Leonídio Ribeiro para articular gênero e hormônios sexuais em estudos endocrinológicos, serão nas próximas páginas abordados a partir da publicação da obra *Homossexualismo e Endocrinologia*, publicada pela Editora Francisco Alves em 1938³⁸⁶. Esta fonte nos ofereceu nuances que auxiliaram a problematizar os processos investigativos

³⁸³ BERARDINELLI, Waldemar. Biotipologia Criminal. 1933, p.15,16.

³⁸⁴ CARRARA, Sérgio. “A ciencia e doutrina da identificação no Brasil”. Rio de Janeiro, *Boletim do Museu Nacional*, nº 50, 1984 , p.2; CANCELLI, Elizabeth. Entre prerrogativas e regras: justiça criminal e o controle político no Regime Vargas (1930-1945). *Cadernos do Tempo Presente*, n.15, mar./abr., p. 02-35.2004.

³⁸⁵ O delegado Dr. Dulcídio Gonçalves notabilizou-se por ser um dos principais combatentes aos praticantes de religiões afro-brasileiras, bem como empreendeu severas detenções contra o samba e os homossexuais. Ver mais em: GAMA, Elizabeth C. *Mulato, homossexual e macumbeiro: que rei é este?* Trajetória de João da Goméia (1914-1971). Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal Fluminense, Niteroi, 2012, p. 118-120.

³⁸⁶RIBEIRO, Leonidio. *Homossexualismo e Endocrinologia*, Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1938. O livro é o resultado de uma pesquisa desenvolvido no Instituto de Identificacao. No experimento, foram estudados do “ponto de

ali desenvolvidos. Assim o que o (a) leitor (a) verá nas páginas a seguir pode ser descrito como uma tentativa de responder às perguntas que motivaram a pesquisa aqui em curso, quais sejam: Como eles chegam a conclusão acerca da importância dos estudos sobre os hormônios para a análise da função fisiológica, no sentido daquilo que se espera daquele órgão glandular em seus efeitos, ou em outros termos, como o excesso de testosterona poderia servir para a fomentação de uma virilidade capaz de trazer de volta a heterossexualidade? O quanto o comportamento sexual se alteraria ou não após a administração de conteúdos hormonais sexuais aplicados, seja progesterona, ou testosterona, na cobaia utilizada? Esses testes eram replicados em outras pesquisas com seres humanos? Eram testados em animais?

Assim, são estudos que pretendem entender o patológico, e não menos importante, aquilo que pode ser estudado por nós com fins de emoldurar um quadro mais complexo de práticas diversas que compartilham o idioma comum dos usos hormonais, vale frisar, sexuais, e que tentam ocupar espaços de poder e legitimidade científica. Como a história dos hormônios pode nos indicar sobre os agentes que definem os comportamentos que são considerados normais e anormais, com base nos fenômenos da endocrinologia? De quem deve partir o controle da sexualidade? Ou, quem deve determinar a fluidez dos sexos normais? Os hormônios ou os métodos discursivos, elencados pelos saberes médicos, que criam diferentes categorizações para as expressões sexuais?

vista biotipológico” 195 indivíduos que “se entregavam a prática habitual de pederastia passiva e que foram detidos e fichados como tais pela Polícia Civil do Rio de Janeiro” (p. 7). Com a pesquisa, ganhou o “Prêmio Lombroso”, “conferido, na Itália, ao melhor estudo sobre questões de Antropologia Criminal” por uma banca de avaliadores em que estavam Gina Lombroso-Ferrero, filha de Lombroso, o professor Mario Carrara, seu marido, e o professor Ruggero Romanese, catedráticos de Antropologia Criminal da Universidade de Turim, e criminólogos de destaque internacional. Os autores do estudo foram Leonídio Ribeiro (cordenador), Waldemar Berardinelli, Coriolano Alves, M. Roiter, Moraes Coutinho e Leme Lopes, todos do Instituto. Além deles, para a pesquisa, o grupo teria contado com a “boa vontade” do Dr. Dulcídio Gonçalves, delegado auxiliar da polícia do Rio de Janeiro, que forneceu o “precioso contingente” (p. 105). O trabalho publicado em livro no ano de 1938, foi publicado antes no *Archivio di Antropologia Criminale* (Turim); na *Revista da Sociedade Brasileira de Criminologia* (Rio de Janeiro); na *Revista Jurídica: Órgão Cultural da Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro* (Rio de Janeiro); e nos *Arquivos do Laboratório de Antropologia Criminal* (Rio de Janeiro); além de sair nos *Archivos da Sociedade de Medicina Legal e Criminologia de São Paulo* (Apud OLIVEIRA JÚNIOR, Alcidesio. *De monstros a anormais: a construção da endocrinologia criminal no Brasil -1930-1950* - Tese de doutoramento. Santa Catarina: UFSC, 2012.p.268,269). Para realizar a pesquisa sobre essa rede de atores aponto como fundamental a seguinte obra: PÓVOA, Luiz César.; BITTAR, Thalita. (orgs) *História da Endocrinologia no Brasil*. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia , 2008.

3.1 Entre Marañon e Leonídio: apropriações em curso

No prefácio da obra, *Homossexualismo e Endocrinologia*³⁸⁷, assinado por Gregório Marañon, o médico espanhol afirmou que Leonídio Ribeiro exercia sua carreira com base na filantropia, visto que trabalhava para demonstrar que o homossexual não poderia ser visto como delinquente e, sim, como um anormal, devendo, por isso, ser tratado por médicos. Além disso, ponderava que era no terreno da vida homoerótica que a delinquência podia surgir, afirmando, peremptoriamente, que a inadaptação ao meio social era muito mais forte em homossexuais e, por isso, os atos delitivos cometidos por esses indivíduos seriam inevitáveis. Assim, para Marañon mesmo caindo nas redes da lei e sendo condenado por juízes, o remédio penal não bastaria para corrigir o comportamento homossexual, já que “a árvore fica intacta e retornará o fruto suprimido com todo vigor.”³⁸⁸

O endocrinologista espanhol³⁸⁹ prosseguia na sua argumentação enfatizando que os homossexuais possuíam uma disfunção orgânica, provavelmente iniciada durante a puberdade, quando os sinais morfológicos, mais conhecidos como caracteres secundários sexuais começavam a tomar a forma do sexo oposto, inclinando, assim, o indivíduo para a homossexualidade. Em que pese a presença de traços morfológicos e constitucionais no corpo do indivíduo que permitiriam estabelecer o diagnóstico precoce, o que dizer, então, daqueles que possuíam um corpo aparentemente sem vestígios da intersexualidade?

Ainda naqueles homossexuais cujo exame atual e retrospectivo não revela intersexualidade morfológica alguma? Como poderia negar totalmente a existência desta, se sabemos a soma orgânica é sempre bissexual e que todo indivíduo, homem ou mulher, por perfeito que sexualmente seja, na forma dos impulsos,

³⁸⁷ Há algumas considerações que devem ser feitas aos leitores. A primeira é de que a opção por examinar a obra *Homossexualismo e Endocrinologia* (1938), reside no caráter quantitativo da mesma fonte, já que em forma de compêndio, nos possibilita maiores informações sobre os referenciais de Leonídio, bem como possui apêndice e imagens diversas. Em contrapartida, muitas das discussões sobre a homossexualidade decantadas por Leonídio, desde 1935, servem mais para ilustrar a maneira copiosa e reprodutiva dos escritos do legista, já que nos textos futuros, o médico-legista tratou-se de reescrever e editar as mesmas ideias enunciadas ao longo, de sua inquirição frente aos homossexuais do distrito federal, durante a década de 30. Ao longo dessa empreitada policial e textual, Leonídio ofereceu dados divergentes. Ora eram 143 detidos, ora 167, ou 195. O que aponta para uma manutenção das prisões, bem como da fluidez dos dados, já que, parafraseando Cunha (2002), a produção cotidiana da diferença era constante.

³⁸⁸ MARAÑON, Gregório. *Apud* RIBEIRO, Leonídio. *Homossexualismo e Endocrinologia*. Rio de Janeiro, Editora: Francisco Alves, 1938, p.10.

³⁸⁹ Como prova da aproximação de Leonídio com o médico espanhol, podemos apontar o discurso de Marañon, proferido na Conferência da Academia do Rio de Janeiro, em 28 de abril de 1937. Sua presença em território brasileiro, tratando de temas relacionados à sexualidade, um ano antes da publicação da obra *Homossexualismo e Endocrinologia* é significativa, pois expressa uma prévia da divulgação da obra que seria lançada em 1938 e que, contava com o prefácio assinado pelo endocrinologista espanhol. RIBEIRO, Leonídio. *Homossexualismo e Endocrinologia*, op.cit., p.43.

conserva latentes, soterrados talvez no mais profundo interior, vestígios do sexo contrário?³⁹⁰

A resposta estaria alocada na compreensão dos fenômenos da intersexualidade, uma vez que a homossexualidade seria uma das expressões orgânicas desse conceito, frente às possibilidades da sexualidade humana. No entanto, para Marañon seria um erro demasiadamente grande considerar a “perversão do instinto”³⁹¹, como o resultado direto e único da intersexualidade, posto que esta se constituiria apenas uma predisposição. Daí em diante caberia aos fatores externos condicionarem a formação da sexualidade do indivíduo. A predisposição seria, dessa maneira, acordada de seu sono constitucional quando colocada em contato com as primeiras impressões sexuais, ocorridas durante a vida infantil e durante a crise da puberdade, período sob o qual ocorre a escolha pela ‘normalidade ou anormalidade sexual futura’:

Há também influências contrárias, inibidoras: as de tipo ético, religioso, etc. que podem, por sua vez, moderar e anular a predisposição homossexual. Do jogo recíproco de umas e outras influências resultará a conduta futura do indivíduo; E assim vemos homens com levíssima aparência intersexual, que por efeito de uma intensa influência exógena favorecedora da homossexualidade, se fazem homossexuais declarados; e homens francamente afeminados em sua morfologia que por ação de uma dessas sinérgicas inibições, mantém durante toda sua vida o instinto dentro da mais rigorosa normalidade.³⁹²

Nesse quadro de referência teórica, Marañon entende que todos os homossexuais compartilhavam da mesma base biológica, posto que tinham em comum a mesma base orgânica da intersexualidade. Ademais, o médico espanhol faz questão de afirmar que sua preocupação está de acordo com a abordagem médico-legista e, por isso, adverte que suas prescrições podem ser pensadas somente para a homossexualidade masculina, “porque o problema desta é biológica e, sobretudo socialmente, completamente distinto no sexo masculino.”³⁹³ Com efeito, Marañon classifica o comportamento sexual masculino em quatro tipos: 1º) homossexualidade completa, declarada, permanente – com subtipos: a) homossexualidade cínica e homossexualidade vergonhosa; 2º) homossexualidade latente com surtos explícitos acidentais, 3º) homossexualidade falsa e 4º) homossexualidade dos prostitutas.

³⁹⁰ MARAÑON, Gregório. *Apud* RIBEIRO, Leonídio. *Homossexualismo e Endocrinologia*. Rio de Janeiro, Editora: Francisco Alves, 1938, p.10-11.

³⁹¹ *Ibidem*.

³⁹² *Ibidem*, p.11

³⁹³ *Ibidem*, p.12.

Na *homossexualidade completa* estariam inseridos aqueles que tiveram uma iniciação precoce da sexualidade, desde então, notadamente invertida. Caracterizariam-se por assumir sua sexualidade sem temer a maneira como a moral social o entende. Para Marañon, em geral, subjaziria nessa classe de homossexuais os cínicos. Estes, não temeriam a moral social quando versava sobre questões sexuais e, em sua maioria, seriam artistas, intelectuais, literatos e, para o endocrinologista, o mais interessante nesse grupo, seria o fato de que eram aceitos socialmente. Não obstante, suas relações amorosas seriam permeadas por forte afetividade emocional, de ‘proteção’, sacrifício e ‘idealização dos afetos, quiça livre de verdadeiras relações sexuais deretas’.³⁹⁴ Em resumo, para o endocrinologista espanhol, tais homossexuais não eram objetos adequados aos estudos sob o ponto de vista médico-legal.³⁹⁵

O *homossexual envergonhado* seria aquele que, devido às influências sociais moralizadoras, tenderia a acomodar e inibir sua energia sexual invertida, pois seu ‘sentimento de culpa o domina’ ou, em outros termos, não possui segurança para mostrar a sociedade sua ‘perversão’ . Mas por serem ressentidos de sua expressão amorosa, de acordo com Marañon, poderiam manifestar comportamentos anti-sociais, tendo tendências a realizarem-se através do anonimato. Por fim, ainda que sejam, em sua maioria, potencialmente perigosos, também são capazes de “oferecer exaltações autuístas da mais nobre qualidade”.³⁹⁶

Já o *homossexual latente*, com surtos acidentais de sua anomalia, seria o que mais interessaria os médicos legistas, posto que o elemento patológico seria mais destacado nesse grupo e, portanto, a importância de entender sua inimputabilidade. Paradoxalmente, Marañon alega que muitos homossexuais dessa categoria apresentavam condições morfológicas normais e, assim, sua predisposição orgânica seria sufocada devido ao vigor dos elementos do seu sexo normal e, “quiça também pelas inibições externas de ordem ética e religiosa”³⁹⁷. Conforme aponta o endocrinologista espanhol, a presença de condições anormais do meio-ambiente, tais como o uso de tóxicos como álcool, morfina, cocaína, ou de enfermidades como a sífilis, poderiam incentivar a vida homossexual. Além disso, a velhice também poderia suscitar “aventuras equívocas, esporádicas ou permanentes”.³⁹⁸ Nessa classificação, há uma notória preocupação com o comportamento de homens de idade mais avançada, no sentido de correlacionar sua homossexualidade com os casos

³⁹⁴ MARAÑON, Gregório. *Apud* RIBEIRO, Leonídio. *Homossexualismo e Endocrinologia*. Rio de Janeiro, Editora: Francisco Alves, 1938, p.13.

³⁹⁵ *Ibidem*, p.13.

³⁹⁶ *Ibidem*, p.15.

³⁹⁷ *Ibidem*, p.15.

³⁹⁸ *Ibidem*, p.16.

considerados como escandalosos e criminosos, já que muitos destes homens eram vistos e acompanhados de adolescentes ou prostitutos.

A homossexualidade dos prostituídos compunha a terceira classificação dos homossexuais elaborada por Marañon e são eles o principal contingente de detidos nas dependências do Laboratório de Antropologia Criminal do Instituto de Identificação do Rio de Janeiro, no período Vargas. É possível perceber uma crescente preocupação com a presença dos prostitutos na sociedade, nas fontes aqui abordadas. Marañon, no prefácio de *Homossexualismo e Endocrinologia* versou sobre a intersexualidade dos prostitutos:

São os que descaradamente banalizam de forma depreciativa sua anormalidade e, portanto, neles se somam a irresponsabilidade dolorosa de um defeito que os deu a natureza, à deliberada responsabilidade de sua viciosa exploração. Nestes casos se tratam, quase sempre de intersexuais muito claros; e se encargam eles mesmos de exagerar sua intersexualidade com afeminada afetação intencionada tons de voz, gestos e vestimentas. Sua atividade sexual costuma corresponder à pederastia passiva e demais formas lamentáveis do contato homossexual. Sua tendência ao escândalo é extraordinária, como se nele, apesar de todos os perigos, estivesse a fonte de toda sua reputação.³⁹⁹

O mais interessante é perceber essa instabilidade, reconhecida pelo próprio Marañon mediante ao fato de que muitos dos prostitutos eram recrutados entre homens que apresentavam uma predisposição intersexual quase nula e, que por escolha própria, “ haviam chegado a sua situação por pura perversão ética, sem o mínimo de desculpa de haver caído a favor de uma anomalia orgânica”.⁴⁰⁰ Ainda que a maior parte dos membros desse grupo apresentasse graus de intersexualidade, segundo a ótica destes endocrinologistas, havia espaço para reconhecer que, em última instância, o espaço da cultura era fundamental para o exercício das liberdades individuais, e estavam em constante disputa, mesmo que estas fossem padronizadas segundo normas éticas acionadas e regidas pela heteronormatividade. Ainda, é de se perguntar acerca do objetivo da opoterapia, se para Marañon a cura destes era aventada como impossível:

É evidente que neles o problema médico está muito a retaguarda do propriamente policial. Nem mesmo esses seres degenerados devem escapar da vigilante atenção técnica. Mas a existência de todos está de acordo que *qualquer tratamento é inútil neles*, porque é condição essencial para seu possível benefício a previa conformidade, além do desejo nobre e melancólica apetência de ser curado e não se pode ignorar que esse elemento não exista de modo algum nos prostituídos. (grifo nosso)⁴⁰¹

³⁹⁹ Ibidem, p16.

⁴⁰⁰ Ibidem.p.17.

⁴⁰¹ Idem.

O objetivo de Marañon é enfatizar que a cura é possível quando o homossexual deseja ser curado e enfatiza que este sentimento, de regeneração, pode fazer parte da vida dos prostitutas. Entretanto, caso estes não estivessem de acordo com a terapia, qualquer tratamento seria inútil neles.⁴⁰² Igualmente, permite ao leitor entender que estes homossexuais podem ter escolhido a profissão de prostituto por pura vontade ética. Esta ética, para Marañon, seria, em essência, uma ética da perversão, o que realçaria, portanto, a influência de fatores externos na formação dos indivíduos. Por isso, Marañon argumenta que a cura destes homossexuais só ocorreria no caso de estes desejassem serem curados.

Por último, Marañon conceitua o grupo de pessoas atingidas pela neurose sexual com complexo de homossexualidade. Nessa classificação, entram aqueles homens que tiveram decepções amorosas em seus primeiros relacionamentos e, com isso, teriam criado um complexo de incapacidade para encarar outra relação heterossexual. Do ponto de vista da medicina-legal, seriam esses os que menos causavam preocupação, haja vista que causavam menos escândalos. Poderiam ser tratados por psicanalistas com o fito de corrigir seu “instinto vacilante”, o que segundo Marañon, conforme os casos que havia tratado, poderia ser normatizado quando o “azar de um amor propício endereça o instinto vacilante e arranca subitamente as raízes de sua normalidade”.⁴⁰³

Decerto que essa referência a Marañon pelo médico legista carioca, reflete a sintonia de Leonídio Ribeiro com o momento pelo qual a eugenia havia assumindo, a partir da década de 1920. Como bem observa Ferrandiz e Lafuente, a eugenia na Espanha deparou-se com forte pressão contrária, por parte da Igreja Católica, quando da realização daquele que seria o Primeiro Curso de Eugenia, em 1928, na Faculdade de Medicina da Universidade Central, em Madrid. Com a promulgação do Decreto Real de 2 de março de 1928, o curso foi suspenso e recebeu o ápodo de “regozijo pornográfico”⁴⁰⁴ Além de servir como ilustração da força conservadora da ditadura de Primo de Rivera, a coibição serviu como importante elemento propagandístico. Daí em diante, muitos editoriais vieram a público, discutindo as questões mais prementes oriundas dos debates eugênicos, como a eutanásia, leis pré-nupciais e conteúdos referentes à educação sexual.⁴⁰⁵

A queda do governo ditatorial no início da década de 1930 não poderia ser melhor para o movimento eugênico. Com o advento do republicanismo na Espanha, a eugenia recebeu um novo

⁴⁰² Idem.

⁴⁰³ Ibidem, p.20.

⁴⁰⁴ No original: "regodeo pornográfico". ⁴⁰⁴FERRÁNDIZ, Alejandra; LAFUENTE, Enrique. El pensamiento Eugénico de Marañon. *Asclepio*, Vol. LI- 2, 1999. p. 133, 134; Para acompanhar a discussão sobre a homossexualidade na Espanha, durante o século XX, ver mais em: GARCÍA, Francisco Vásquez. El discurso médico y la invención del homosexual - España 1840-1915-, *Asclepio*, vol: LIII, 2, 2001.p.135.

⁴⁰⁵ Ibidem.

impulso, o que pode ser auferido com as Primeiras Jornadas Eugênicas realizadas em Madrid, entre abril e maio de 1933, sob o crivo das autoridades republicanas. E foi no bojo dessa atmosfera de engajamento com o debate público da eugenia, que Gregório Marañoñ iniciou suas primeiras incursões no tema, ainda que não tivesse ainda publicado sobre o assunto. Durante a década de 1920, Marañoñ refletira sobre a eugenia em um ensaio chamado *Biologia e feminismo*, e sua participação nos debates sobre eugenia esteve associado à sua atuação como divulgador dos postulados eugênicos. Marañoñ, por volta dessa época, era um dos personagens de significativa influência na sociedade espanhola, posto que além de ter legado diversos escritos médicos, igualmente emitia, sempre que possível, apontamentos sobre a vida econômica e política pela qual a Espanha estava passando nos últimos anos. Marcado por seu estilo direto e irônico, aliado a sua personalidade e enorme prestígio social, seus escritos ganharam impacto e persuasão incalculáveis. Para Lafuente e Fernandiz, sua defesa do ideal eugênico sobre a sociedade espanhola é algo que não pode ser ignorado. Seus poucos escritos sobre o tema estão reunidos na obra *Amor e Eugenesia*, coletânea de artigos que, quando colocadas em sincronia com seus discursos pontuais sobre a eugenia, auxiliam a entender sua "autêntica doutrina eugênica".⁴⁰⁶

Em seus primeiros escritos sobre as altas taxas de mortalidade infantil, encontradas em famílias proletárias da Espanha, Marañoñ assinalava que a razão destas crianças morrerem antes de se tornarem homens e mulheres úteis à nação seria o fato de que as mães não puderam gerá-los para serem fortes, e não podiam cuidar das enfermidades que acometiam aos infantes, pois careciam de recursos. Os pais também eram culpabilizados por possuírem baixa instrução e não discutirem questões relacionadas ao sexo com seus filhos. Além disso, o Estado, por seu turno, não oferecia subsídios para remediar a mortalidade infantil. Por esses motivos, Marañoñ advogou em prol do controle da natalidade como único meio de intervir positivamente na sociedade espanhola. No entanto, sua postura não era a de evitar a reprodução de proles indesejadas. Pelo contrário, defendia a criação de mecanismos que garantissem uma boa reprodução e o desenvolvimento populacional espanhol. Seus conselhos apontavam para a importância de se evitar uma vida sexual precoce, na qual os jovens poderiam perder-se com os impulsos, o que fatalmente ocasionaria na contaminação de doenças venéreas e outros males.⁴⁰⁷

Marañoñ estimulou uma lógica peculiar no trato das questões matrimoniais. Para o médico espanhol, o casamento deveria ser realizado pela conveniência, hierarquicamente superior ao casamento por amor. Em ambos os casos, o amor não poderia faltar, sendo sua presença

⁴⁰⁶ Ibidem, p.136.

⁴⁰⁷ Ibidem, p.137.

interpretada como atração instintiva entre os sexos. Para Marañon, o homem teria a função de escolher a mulher com a qual iria procriar, levando em consideração para isso sua capacidade de cuidar e criar das crianças. Já a mulher deveria escolher o mais capacitado para vencer na luta pela vida, preferindo, assim, o homem mais robusto, poderoso e rico. Com frequência, surge em seus escritos uma espécie de proteção ao Estado como principal ferramenta, onde o direito de famílias pobres podia ser assegurado por meio do assistencialismo estatal, pois em sua visão, a pobreza não podia ser um obstáculo à reprodução humana. Devido a sua profunda desconfiança frente a instrumentos como atestados pré-nupciais, Marañon via na educação a principal aliada na conscientização da juventude, sobretudo para que entendessem que quem não tinha saúde, não deveria ter o direito de se reproduzir.⁴⁰⁸

Além da influência espanhola de Marañon, o rol de referências teóricas de Leonídio esteve inscrito numa tradição de estudos que remonta ao século XIX. Seguindo autores como Westphal, Tardieu, Charcot, Magnan, Lacassagne, Raffalovich, Ribeiro buscou demonstrar ser um leitor ávido dos principais textos que circularam a partir da segunda metade do século XIX e que serviam de baliza para suas conclusões a respeito da homossexualidade. Seu apreço pelos autores pode ser sentido quando adjetivos são acoplados aos seus nomes: Richard Von Krafft-Ebing,⁴⁰⁹ é apresentado como o “grande psiquiatra alemão”, para quem a homossexualidade era reflexo de comportamentos degenerativos, que afetavam “a harmonia que deve existir normalmente entre os caracteres somáticos e psíquicos”.⁴¹⁰ Na lógica Krafft-ebiniana, as taras hereditárias poderiam ser medidas em graus de expressão, sendo “casos leves” aqueles onde o indivíduo apresentava sinais de hermafroditismo psíquico. Aqueles que praticavam relações sexuais homossexuais e que revestiam estas de sentimentos, possuiriam maior grau de degeneração. Nessa escala, os “casos graves” seriam representados por homossexuais cujas sensações e expressão corporal “eram modificados e transformados em consequência de suas perversões sexuais”.⁴¹¹ É com essa base teórica que Leonídio guiou suas pesquisas, utilizando conceitos como: “*perversões sexuais*”, “*degeneração*”, “*hermafroditismo mental*” e *psicopatias*”⁴¹². Vale ressaltar que há espaço nessa conceitualização para o trabalho de Karl Ulrich⁴¹³, magistrado assumidamente homossexual, que afirmava que os

⁴⁰⁸Ibidem, p.142.

⁴⁰⁹ Ver dados biográfica do autor, na nota 311.

⁴¹⁰ RIBEIRO, Leonídio. Homossexualismo e Endocrinologia, op.cit.,p.29.

⁴¹¹ Idem.

⁴¹² Ibidem, p.129-p.135-

⁴¹³ Ver dados biográficos do autor, na nota 313.

homossexuais guardavam, em si, a forma da alma feminina no corpo masculino. Ulrich sintetizou o comportamento homossexual através da palavra “uranistas”.⁴¹⁴

Outrossim, é através da exposição de textos em línguas estrangeiras que Leonídio elabora seu percurso de pesquisa sobre a questão homossexual, demonstrando estar em sintonia com textos de acadêmicos de Turim, bem como com autores germânicos e russos. Nesse ponto, Cunha oferece uma chave interpretativa valiosa para pensar a produção bibliográfica do médico-legista, segundo a qual Leonídio apropriou-se frequentemente de teorias estrangeiras, adaptando-as para a realidade local. No que diz respeito ao discurso lombrosiano, ele se destacou como um dos médicos-legistas mais engajados em fazê-lo circular por terras brasileiras.⁴¹⁵ De fato, ao historicizar o processo de construção do conceito de *homossexualismo*, Leonídio Ribeiro faz uma analogia de seu trabalho no Brasil com os estudos de Pinel e Esquirol. Segundo o autor, “a medicina havia libertado os loucos das prisões”⁴¹⁶ e, novamente, seria a condutora responsável por retirar os homossexuais, “esses pobres indivíduos”⁴¹⁷, do comportamento permeado por “taras e anomalias, pelas quais não podiam ser responsáveis”.⁴¹⁸

Um aspecto curioso acerca da maneira como Leonídio traça seu balanço bibliográfico reside no fato de que os estudos com os quais ele fundamenta sua proposta de cura da homossexualidade, escritos por europeus, em sua maioria, versam sobre a presença da homossexualidade na elite e classe média. Assim, ainda no primeiro capítulo, Leonídio reúne um rol impressionante de nomes da alta classe artística e intelectual extraído de suas referências bibliográficas. A lista serve como exemplo do público variado que praticava a *inversão sexual*. Clubes como a Sociedade dos Uranistas, Sociedade dos Platônicos, cabarets, hotéis, casas de banho e regiões próximas a quartéis, fábricas e usinas eram indicados como os principais ambientes frequentados pela população homossexual com apoio em Hirschfeld⁴¹⁹. Com seu apoio, ele também assinalou que, por volta de 1904, cerca de 750 diretores e professores de escolas secundárias e 2.800 médicos teriam encaminhado ao Parlamento alemão uma petição solicitando a retirada do parágrafo 175 do Código Penal alemão, que regulamentava a criminalização da homossexualidade. Leonídio retoma esses

⁴¹⁴ É de sua autoria o termo uranista, para designar o indivíduo homossexual, que para Ulrichs seria mais benéfico pois tiraria a primazia da experiência sexual como base das relações homossexuais. No mito da Afrodite Urânia, evocado por Platão, a deusa representava o amor entre pessoas do mesmo sexo. Para Ulrichs, os uranistas não poderiam ser tratados sob o escopo da patologia, muito menos pelo peso do Direito Penal.

⁴¹⁵ CUNHA, Olívia Maria Gomes da. Livros de memória do decifrador: medicina e crímenes estudos de Leonídio Ribeiro. In: *Psicologização no Brasil: atores e autores*. Luiz Fernando Dias; Jane Russo; Ana Teresa A. Venancio (orgs.) Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2005, 224 p.

⁴¹⁶ RIBEIRO, Leonídio. *Homossexualismo e Endocrinologia*, *op.cit.*, p.27.

⁴¹⁷ *Ibidem*.

⁴¹⁸ *Idem*.

⁴¹⁹ Ver nota 281.

dados para dar maior apoio ao argumento em defesa da patologização da homossexualidade. Como exemplo do aspecto “escandaloso” do processo, cita o processo e posterior condenação, em forma de exílio, do literato inglês, Oscar Wilde.⁴²⁰ Devido ao alcance internacional do caso e ao medo que ele provocou, a questão da medicalização do comportamento *invertido* ganhou força:

[...] recrudesciu o número de casos públicos e conhecidos de perversões sexuais, em todas as camadas da sociedade tanto no campo como na cidade, mesmo nos países civilizados, mostrando que se tratava de uma questão do maior interesse médico-social, merecedora da atenção dos que se ocupam do estudo dos problemas coletivos, afim de procurar conhecer as suas causas e apontar seus remédios.⁴²¹

Assim, para o legista, a homossexualidade deveria ser entendida sob o prisma da medicina, com base nos princípios da medicina-legal somada aos instrumentos técnicos e conceituais do campo da endocrinologia. Nesse processo, o tema, considerado de relevância *médico-social*, deixava de ser encarado sob o espectro moral, para ser inserido nas lentes científicas. Ribeiro elenca dois caminhos teóricos necessários para abordar a homossexualidade enquanto patologia.

O primeiro roteiro interpretativo teria sido fornecido por Freud, através da sua teoria psicogenética, segundo a qual os traumatismos sexuais seriam os responsáveis por fixar a sexualidade numa etapa infantil, mormente nas primeiras incursões amorosas, em sua grande maioria, sucedidas de sensações de fracasso e desilusões. Além dessa perspectiva, seria necessário considerar, segundo Ribeiro, “os graves defeitos e falhas da educação sexual, favorecidos por ambientes escolares”, haja vista que a separação dos ambientes escolares, de acordo com critérios sexuais, pois distanciavam os jovens da vida heterossexual, justamente no período crítico que era a puberdade. Finalmente, Ribeiro acresce a essa série de fatores que contribuiriam para a formação da pessoa homossexual, o excesso de carinho e proteção, “sobretudo do sexo feminino”, destinado aos filhos únicos.⁴²²

Em que pese a avaliação positiva de Leonídio acerca da explicação psicanalítica para a questão da homossexualidade, é por meio da compilação de obras da endocrinologia que Leonídio reúne um leque de experiências científicas que lhe permitem apontar a opoterapia enquanto tratamento para a questão das *inversões sexuais*. Essa compreensão foi possível em face “das recentes conquistas da ciência da constituição”, através da qual foi possível entender questões

⁴²⁰ RIBEIRO, Leonídio. Homossexualismo e Endocrinologia, *op.cit.*, p.33.

⁴²¹ *Ibidem*, p.34.

⁴²² RIBEIRO, Leonídio. Homossexualismo e Endocrinologia, *op.cit.*, p.35.

desconhecidas com o apoio da endocrinologia “que se encaminhou para encontrar a verdadeira solução do problema tão complexo como esse dos desvios patológicos da sexualidade humana”.⁴²³

De acordo com Ribeiro, o fisiologista Eugène Gley⁴²⁴, em 1884, estabelecera a hipótese de que o cérebro dos *invertidos* era de tipo feminino, ainda que possuíssem glândulas masculinas. Mais adiante, Serieux, em 1888, afirmou que os homossexuais apresentavam atrasos na formação de pelos no corpo, ginecomastia e ancas de tipo feminino, mesmo não sendo possível, estabelecer, segundo o autor, se a inversão era resultado de erro de crescimento ou de “vício de conformação psíquica, como tantos outros que são comuns nos indivíduos degenerados”. A explicação hereditária ganhava mais reforço com pesquisas que apontavam para a presença da bissexualidade em animais inferiores, sob os pressupostos da teoria filogenética.

No entanto, a endocrinologia era, para Ribeiro, a principal responsável por estudos que davam explicações sobre “*as anomalias do instinto sexual*”. Por isso, pesquisas com o objetivo de produzir hermafroditas em laboratórios, como aquelas conduzidas por Steinach (1916) e Sand (1917) assumiam, para o médico legista, o lugar de maior sustentáculo para a realização dos experimentos científicos do Laboratório de Antropologia Criminal do Rio de Janeiro. Não apenas para o laboratório. Segundo o autor, a abordagem se tornava hegemônica, atraindo pesquisadores diversos, que Leonídio tratou de citar: Caridroit, Foges, Goodale, Moore, Minoura, Zawadowsky, Lipschütz, Krause, Voss, Matsuyama e Goto.

Steinach e Sand, por exemplo, afirmavam que suas experiências com enxertos, castrações e transplantes em animais permitiam a eles concluir que modificações psicosssexuais em animais eram possíveis. No caso de humanos, Steinach indicava, em 1919, que o testículo de um homossexual analisado possuía amplo número de células epiteliais, similares às células luteinizantes do ovário feminino, levando-a concluir ser possível explicar a inversão sexual também em seres humanos. Nas primeiras décadas do século XX, para os cientistas interessados na correlação entre causas orgânicas e endocrínicas, a homossexualidade poderia ser justificada com base nos aspectos morfológico e funcional das gônadas. Contudo, os fisiologistas e, sobretudo, os bioquímicos vinham contribuindo de forma decisiva na desconstrução desses pressupostos, ao demonstrarem experimentalmente que os hormônios atuavam como mensageiros químicos, regulando os mais diversos processos fisiológicos dos indivíduos e não apenas a sexualidade.

⁴²³ Ibidem, p.36.

⁴²⁴ Eugène Gley (1857-1930) , Fisiologista e endocrinologista francês, responsável por elaborar importantes pesquisas sobre a função das para-tiróides.

A metodologia utilizada por Leonídio Ribeiro com o fim de capturar a essência dos indivíduos e de deduzir seus comportamentos foi informada pelos postulados da Biotipologia⁴²⁵, como bem expressos em sua concepção sobre os sinais corporais:

Os caracteres sexuais secundários são os que nos interessam aqui mais de perto, visto que é por meio deles que se pode individualizar mais fácil e objetivamente os tipos humanos, de um e de outro sexo. Em regra, todo o aparelho locomotor, esqueleto, articulações, tendões e músculos, é mais forte e mais bem desenvolvido no homem que na mulher. A distribuição da gordura é também diversa nos dois sexos, predominando na mulher normal, sobre o sistema muscular, e distribuindo-se na região retro-mamaria, baixo ventre, púbis, região glútea, enquanto no homem localiza-se, de hábito, na metade superior do ventre e do tórax, pescoço e rosto. A pele do sexo feminino é mais lisa e delgada, sendo muito raras as glândulas sebáceas e, por isso, menos comum o aparecimento nas mulheres de furúnculos e antrazes.⁴²⁶

No trecho acima fica bem nítida a orientação teórica com a qual Leonídio trabalhou e, mais ainda, ressalta a preocupação do legista diante dos caracteres secundários sexuais alheios. Nesse quadro informado por *biótipos*, i.e, por traços morfológicos que marcavam os tipos/personalidades dos indivíduos, havia um esforço tipificador de compreender as diferenças pela exteriorização de características sexuais secundárias. Assim, por exemplo, os pelos pubianos parecem informar sobre a sexualidade, visto que, “no púbis masculino, os pelos são mais abundantes, estendendo-se para os umbigos, coxas e períneo, em forma hexagonal, enquanto nas mulheres é triangular, de base delineada e superior”.⁴²⁷ Os membros superiores e o tronco dos homens, via de regra, deveriam ser repletos de pelos e sua ausência o aproximaria do corpo feminino, levando à suspeita de problemas hormonais.⁴²⁸

No tocante à contribuição dos psiquiatras para a fundamentação teórica e conceitual do estudo de Leonídio Ribeiro, destaca-se também a influência do professor de sexologia e psiquiatra da Universidade de Zurich, Forel, para quem a sexualidade homossexual era ordinariamente patológica, sendo os invertidos, “em grau mais ou menos acentuado, psicopatas ou nevróticos cujo desejo sexual é tão anormal como ainda ordinariamente exaltado”. Para Forel, as contribuições do psiquiatra Ernest Rüdin eram úteis e assinalavam, que a inversão sexual era a manifestação de sentimentos primitivos com base na hereditariedade, quando o cérebro assumia a forma do sexo

⁴²⁵ Abordamos o contexto histórico e os usos da Biotipologia em terra brasileira, no capítulo primeiro (item 1.4) dessa dissertação.

⁴²⁶ RIBEIRO, Leonídio. Homossexualismo e Endocrinologia, op.cit.,p.40.

⁴²⁷ Ibidem,p.41.

⁴²⁸ Auguste- Henri Forel (1848-1931), psiquiatra e entomologista suíço. Autor de *A Questão Sexual* (1905).

contrário, num mister de glândulas sexuais diferenciadas, no entanto, imersas num hermafroditismo parcial.⁴²⁹

Ao colocar em pauta a discussão sobre os estudos que apontam para a hipotética participação de outras glândulas na formação de *invertidos sexuais*, o referencial do legista provém dos postulados de Nicola Pende⁴³⁰, segundo o qual, os casos de acromegalia - o aumento peniano e do clitóris e notável atrofia dos órgãos genitais internos – seriam causados por adenoma eosinófilo da hipófise. É de Pende também a referência ao fato de que a existência de tumores localizados na glândula pineal, em adultos, produz a atrofia dos testículos, resultando, na impotência total. Ribeiro enfatiza que Pende entendia a síndrome psíquica e somática, vivida pelos invertidos sexuais, como resultado do mau funcionamento dessas e de outras glândulas endócrinas e, não somente, ocasionada pela má-formação dos órgãos genitais. Propõe então que a hiperfunção patológica do timo, após a puberdade, sobremaneira quando concatenada ao hipertiroidismo constitucional, produziria a homossexualidade.⁴³¹ Além dessas, Ribeiro buscava confirmar o papel das suprarrenais como fator explicativo para os “distúrbios de natureza sexual”, considerando-a como produtora de duas substâncias definidas, a medular e a cortical. Segundo o Dr. Leonídio, uma atuaria através do seu sistema cromafino, por meio da adrenalina e, a outra, teria ação direta na formação dos órgãos genitais.

3.2. Do crime à doença- Leonídio e a defesa da patologização da homossexualidade

Para expor o olhar sobre os diferentes códigos penais existentes⁴³², que tratavam sobre a questão da homossexualidade, Leonídio Ribeiro, delineou em seu capítulo sobre *A Inversão sexual*

⁴²⁹ Muñoz observou como a trajetória da psiquiatria genética de Ernst Rüdín esteve relacionada a higiene racial alemã, representando, assim, uma postura radical da medicina mental, cujos traços mais marcantes foram a defesa da prevenção e da gestão dos corpos, da raça e da nação. De acordo com Muñoz, no Brasil, as recepções do trabalho de Rüdín deram-se por meio da atuação do médico Ignácio da Cunha Lopes, durante a década de 1930. Entretanto, o autor salienta que, em terras brasileiras, políticas eugênicas junto ao governo Vargas não obtiveram a mesma adesão como teria ocorrido durante o Terceiro Reich. Para acompanhar as diferentes concepções sobre os temas da hereditariedade, eugenia e políticas públicas radicais, com base nesses preceitos teóricos, ver mais em: MUÑOZ, Pedro Felipe Neves de. *À luz do biológico: psiquiatria, neurologia e eugenia nas relações Brasil-Alemanha (1900-1942)*. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro, 2015.

⁴³⁰ Ver nota 89, Introdução.

⁴³¹ RIBEIRO, Leonídio. *Homossexualismo e Endocrinologia*, op.cit.,p.49.

⁴³² Quando estudamos a patologização dos comportamentos homoeróticos no Brasil, devemos, concomitantemente, reconhecer a historicidade do legado sociocultural e simbólico, recebido dos tempos coloniais, nos levando ao quadro da regulação das condutas sociais sob o prisma da norma judaico-cristã e dos concílios católicos, cada um a sua maneira, construindo normas com o fim de regular a vida alheia, de alguma maneira. Como exemplo, podemos lembrar dos tempos de Dom Sebastião e Dom Manuel, sob os quais a sodomia era equiparada ao crime de lesa-majestade, tendo como pena o trabalho forçado em galés, degredo, confisco de bens e perseguição pública de filhos, família e descendentes. Essa história é longuíssima e seria um pecado, literalmente, nefando, não comentar sobre ela. Mas

diante dos Códigos, um panorama sobre as diferentes técnicas penais e legislativas atuantes, em diferentes países, nas primeiras décadas do século XX. Por isso, quando o diretor do gabinete de antropologia criminal elencou os principais fatos que conduziram à mudança de visão ante a homossexualidade, isto é, do olhar que criminalizava para o olhar que patologizava, podemos perceber como Leonídio compartilhava e era um entusiasta da escola positiva de direito penal. No que se refere à influência da cultura penal na Alemanha, Leonídio buscava a orientação dos criminologistas:

Von Listz refere-se ao esforço feito no sentido de eliminar, na moderna legislação penal de seu país, a inversão sexual, ou pelo menos, restringir a sua importância como delito, mas, ainda assim, havia nos antigos códigos alemães vários artigos considerando como crime o amor entre pessoas do sexo masculino.⁴³³

Não surpreende, então, o motivo pelo qual Leonídio expôs a presença de movimentos sociais engajados na luta contra a criminalização do comportamento homossexual, como bem o demonstra a transcrição completa, inserida na obra *Homossexualismo e Endocrinologia*, do *Manifesto dos Homossexuais* contra o artigo 296 do Código Penal alemão, responsável pela pena de privação da liberdade dos pederastas. Hirschfeld⁴³⁴, em sua campanha pela não regulamentação do dispositivo, buscou através de seus estudos no ramo da psicologia, fornecer dados quantitativos e qualitativos acerca dos homossexuais alemães.

Por sua forma, a Inglaterra Vitoriana é utilizada por Leonídio como o melhor exemplo de repressão aos invertidos: “ainda hoje as leis penais punem as práticas homossexuais com castigos e trabalhos forçados”.⁴³⁵ A “antiga legislação” anglo-saxã que o autor alude é, num sentido mais amplo, o legado das tradições vitorianas ante aos questões das sexualidades. Por isso, a prisão e condenação pública do célebre Oscar Wilde trouxe para o debate criminológico internacional um exemplo clássico de punição sobre a qual muitas revisões teóricas foram feitas, utilizada tanto por

reconhecendo meus limites nesse texto, faço referências a alguns estudos que considero dignos de nota, através dos quais é possível acompanhar a história da criminalização dos comportamentos homossexuais e suas respectivas penalidades, em tempos coloniais. A história complexa da perseguição aos homossexuais durante o período colonial foi examinada em alguns estudos como o de RODRIGUES, Matheus. *Reconstruindo as muralhas de Sodoma: homossexualidade no mundo luso-brasileiro no século XVII*. Dissertação (Mestrado em História Moderna). Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, 2015; ver também o fundamental estudo de VAINFAS, Ronaldo. *Trópico dos Pecados: moral, sexualidade e Inquisição no Brasil Colônia*. Rio de Janeiro: Campus, 1988; Para acompanhar expressiva lista bibliográfica sobre o tema das homossexualidades no Brasil, conferir: ARNEY, Lance; FERNANDES, Marisa; GREEN, James N. *Homossexualidade no Brasil: uma bibliografia anotada*. *Cad. AEL*, v.10, n.18/19, 2003.

⁴³³ RIBEIRO, Leonídio. *Homossexualismo e Endocrinologia*, op.cit., p.62.

⁴³⁴ Ver nota 281.

⁴³⁵ RIBEIRO, Leonídio. *Homossexualismo e Endocrinologia*, op.cit., p.66.

criminologistas favoráveis à patologização do comportamento quanto pelos mais aguerridos e confiantes na liberalização de costumes sobre o sexo. Marañon e o professor de medicina legal, Ciampolini elaboraram observações médicas, com o fito de entender o distúrbio orgânico de Wilde. No seu *Sensualidade e Medicina Legal*, publicado em 1936, Ciampolini afirmava que Wilde era portador de timocentrismo linfático, com deficiência da glândula pituitária.⁴³⁶

Mais do que isso, a maneira como conta a história da criminalização da homossexualidade, tem por objetivo narrar como diferentes países tratavam tais comportamentos, recorrendo a exposição de como portugueses, espanhóis e franceses lidavam com o tema. Naquela época, a Inglaterra havia mudado sua postura penal frente ao tratamento dispensado aos pederastas, “menos os preconceitos contra esses pobres doentes”.⁴³⁷ Marañon, por sua vez, argumentava dizendo que a policia espanhola não honrava os compromissos com o ofício, disparatando as piores mortificações e castigos graves aos homossexuais que caíam nas mãos da polícia espanhola.⁴³⁸

Para compor a justificativa do estudo, Leonídio procurou enfatizar o pioneirismo da Espanha na condução do processo de patologização do comportamento homossexual, numa clara referência à contribuição do Marañon sobre o tema no território ibérico. Paralelamente, a psiquiatria emerge por meio de enunciados teóricos de Krafft-Ebing, sobretudo, em seu apoio a posição dos magistrados e médico-legistas na condução de exames antropoclínicos:

A ideia de incluir a homossexualidade entre os estados intersexuais constitui, segundo Marañon, um enorme progresso na compreensão de tal anomalia do instinto, não só do ponto de vista científico, como social e moral. Em toda a história da humanidade, o homossexualismo foi sempre considerado como um crime torpe, punido com as penas mais severas. O fogo foi o castigo de Deus para Sodoma e Gomorra. Na Idade Média continuaram sendo queimados vivos os réus do chamado pecado nefando. O papel da sociedade, acrescenta o mestre de Madrid, diante do problema da inversão do instinto sexual, é o de estudar as suas causas e cuidar de retificar e corrigir os seus erros.⁴³⁹

Embora o Código Penal brasileiro de 1891 versasse, em seu artigo 266, sobre os crimes de atentado ao pudor, prevendo pena de detenção de 1 a 8 anos, Leonídio fez questão de apoiar e inserir na sua obra o “projeto recente da Comissão Legislativa” segundo o qual:

Os atos libidinosos entre indivíduos do sexo masculino serão reprimidos quando causarem escândalo público, impondo-se a ambos os participantes detenção até um ano. Punir-se-á somente o sujeito ativo e a pena será de prisão: (I) – por 1 a 3 anos,

⁴³⁶RIBEIRO, Leonídio. *Homossexualismo e Endocrinologia*, op.cit.,p.75.

⁴³⁷ *Ibidem*,p.145.

⁴³⁸ *Idem*.

⁴³⁹*Ibidem*,p.169.

quando por violência ou ameaça grave, tiver constrangido o outro participante a tolerar o ato, ou este, por deficiência física, permanente ou transitória, acidental ou congênita, for incapaz de resistir a esta situação; (II) – por 2 a 6 anos, quando a vítima for menor de 14 anos, caso em que, para punição se prescinde do escândalo público. Paragrafo único: Tratando-se de anormais por causa patológica ou degenerativa, poderá o Juiz, baseado em perícia médica, substituir a pena por medida de segurança, adequada às circunstâncias.⁴⁴⁰

O trecho acima reflete bem a maneira como o debate sobre a criminalização da homossexualidade⁴⁴¹ era pensado em tempos de reformulação do Código Penal naquela época. Como se sabe, neste não foi inserido a criminalização do comportamento sexual, sendo, desde então, a homossexualidade indicada para o tratamento médico. Daí podemos interpretar, a prisão e detenção dos *pederastas passivos* como um elemento diferenciador, uma vez que para estes seria indicado o tratamento opoterápico. Nesse sentido, o projeto acima aponta ainda para a criminalização somente do pederasta ativo⁴⁴² e, com isso, delimita o espaço de atuação do poder judiciário, em oposição, ao médico, “pois prevê a hipótese da perícia médica afim de permitir ao Juiz, em certos casos, a substituição da prisão pela internação, mostrando assim o grão de cultura de seus autores”⁴⁴³. Convém ressaltar, que o projeto – não vitorioso no Código de 1940 – não anuncia nenhuma cláusula sobre a homossexualidade feminina “que existe, si bem que mais rara ou mais difícil de ser demonstrada, ficaria o problema encarado por uma face unilateral”.⁴⁴⁴

A tarefa legislativa de repressão da sexualidade recebia revisões críticas durante a década de 1940 e 1950. É o que demonstra a defesa do Deputado Federal Antônio Bógea, em seu artigo “Crime contra os Costumes”, publicado na *Revista de Direito Penal*⁴⁴⁵. De acordo com Bógea, a leitura do Estatuto Penal de 1942, permitia chegar à conclusão de que os legisladores brasileiros tiveram como objetivo a simplificação de dispositivos penais quando o tema era os *crimes contra os costumes*. Nessa exposição de motivos, o parlamentar tinha como objetivo propor a discussão e,

⁴⁴⁰ RIBEIRO, Leonídio. *Homossexualismo e Endocrinologia*, op.cit.,p.81-82..

⁴⁴¹ Para acompanhar um amplo panorama da história da criminalização da homossexualidade no Brasil, ver mais em: PRETES, Érika Aparecida; VIANNA, Túlio. *História da criminalização da homossexualidade no Brasil: da sodomia ao homossexualismo*. Iniciação científica: destaques 2007. Volume 1/Wolney Lobato, Cláudia de Vilhena Schayer Sabino, João Francisco de Abreu (Org.). - Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2008.

⁴⁴² No decorrer da obra, a menção feita à vida social dos pederastas ativos é feita pelo Dr. Pires de Almeida, através de transcrição de texto de sua tese, de 1906. Ainda assim, não há, na fala do médico carioca, um projeto de tratamento específico para os pederastas ativos. Pelo contrário, há o reconhecimento de “tipo de reputação notória”, caindo sobre os “heroes do vício” as vestes da “*perversão moral*”. Para acompanhar o célebre caso do pederasta Traviata, conhecido por ser dotado das virtudes ativas e passivas da relação, ver mais em: TREVISAN, João Silvério. *Devassos no Paraíso: A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2000.

⁴⁴³ RIBEIRO, Leonídio. *Homossexualismo e Endocrinologia*, op.cit.,p.82.

⁴⁴⁴ Idem.

⁴⁴⁵ BÓGEA, Antenor. Crimes contra os costumes. *Revista Brasileira de Criminologia*. RJ, abr./jun., ano II, nº3, 1948, pp.26-33.

posterior modificação, de artigos e incisos do Código Penal, haja vista que neste não havia sido inserido a locução *crimes contra a moral sexual*. Atitudes que pudessem ser caracterizadas enquanto uso de violência para obter um proveito sexual de menores sexuais estariam contempladas pelos criminólogos. No entanto, além dos crimes contra a pessoa do menor:

Queremos expressar que certos delitos de Eros, que não atentam contra a liberdade sexual (porque nalguns casos essa liberdade está presente), colidem, mesmo assim, com a moral sexual.

Se a liberdade sexual não sofre nenhuma ofensa em certas hipóteses de incesto e atos libidinosos contra natura (itálico) - porque houve pleno consenso na sua prática - a "moral sexual" opõe-lhes veemente veto.⁴⁴⁶

Para exemplificar as classes sociais sobre as quais os elementos repressivos deveriam persuadir, o deputado Antônio Bógea expôs aos leitores os principais códigos legislativos internacionais, como o Colombiano e Alemão, exímios em controlar comportamentos considerados como um atentado a moral:

Por essa forma, o indivíduo, homem ou mulher, que se habitua à perversão da pederastia, do tribadismo, da *fellatio* e outras degradações de igual tomo, não mais contará com o acumplicimento da lei penal brasileira, acumplicimento que reside, bem se entenda, na ausência de qualquer providência repressiva.⁴⁴⁷

Olmo⁴⁴⁸ observou como a Criminologia, nasceu como resultado da interação de três campos autônomos de conhecimento, quais sejam: o Direito Penal, a Penalogia e a Antropologia Criminal. A Criminologia ganhou forma, a partir da década de 1870, no contexto europeu e norte-americano e, por meio de congressos internacionais, deu início a sua recepção em diferentes contextos globais. Como ciência, propunha estabelecer a ordem e a estabilidade social, coadunando esforços com fins de coibir posturas que atentassem contra a moral da sociedade. Nessa conjunção, perpassou diferentes áreas de conhecimento que também estavam vivendo seus respectivos processos de especialização de conhecimentos, como a Penalogia, Direito Penal, a Eugenia, a Medicina Legal, a Psicologia, a Endocrinologia e a Psiquiatria. Em resumo, a Criminologia, para a autora, foi considerada a ‘base científica’ sobre a qual apoiou-se a “política criminal e a elaboração das leis”. Nessa correlação de influências, podemos perceber como a Endocrinologia revestiu a Antropologia Criminal com uma roupagem sedutora – a linguagem dos efeitos dos hormônios sobre o corpo e o

⁴⁴⁶*Ibidem*, p.27.

⁴⁴⁷*Ibidem*, p.28.

⁴⁴⁸OLMO, Rosa del. *A América Latina e sua Criminologia*. RJ: Revan: ICC, 2004. p.73 *apud* OLIVEIRA JÚNIOR, Alcidésio. “*Penas especiais para homens especiais*”: as teorias biodeterministas na Criminologia Brasileira na década de 1940. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro, 2005. p. p.42.

comportamento dos indivíduos - e convincente para os olhos de muitos médicos biotipologistas que almejavam, a sua maneira, estabelecer o grau de normalidade humana almejado, já que: “com o auxílio da endocrinologia a antropologia criminal pode afanar-se de ser uma ciência. Até então não o era, porque não se pode considerar ciência positiva o ramo do conhecimento humano, em cujo seio vivem dúvidas, medram indecisões e moram incertezas.”⁴⁴⁹

Oliveira Júnior, por sua vez, em sua investigação sobre a produção de estudos sobre criminologia, em vista das questões ligadas aos assuntos hormonais, nos mostrou diferentes percursos, cujas rotas exibem os usos dos saberes da endocrinologia sobre conteúdos comportamentais, relacionados a questões criminológicas. No exame de artigos publicados na *Revista de Direito Penal (RSBC)*, o autor sinalizou para o perfil da publicação:

A RSBC pode ser interpretada como um campo onde diversos pesquisadores travaram disputas intelectuais, políticas, científicas e jurídicas. As temáticas destas disputas foram variadas, desde tentativas de impor conceitos técnicos filiados a alguma corrente de pensamento como sendo a forma mais adequada de tratar o criminoso e o crime, até a formação de identidade de grupos a partir de memórias e homenagens póstumas. No entanto, havia um consenso: o criminoso era portador de uma “predisposição” orgânica, mas, aí também residia intensos debates. Se havia consenso na “predisposição”, não havia em como ela se dava: era congênita (conatural)? Era hereditária (tanto os caracteres físicos como, e principalmente, os morais aos descendentes)? Qual a influência do meio geossocial? Como se dava? Qual o espaço do livre-arbítrio? Também foi palco das disputas sobre a possibilidade de diálogo entre o direito penal e outras disciplinas ou saberes (sociologia, biotipologia, psiquiatria), mas, independente desta disputa, havia no interior da RSBC uma aceitação unânime da “evidência” da influência orgânica sobre o crime, advindo desta assertiva uma outra concorrência: como se dá, e qual é a intensidade desta influência?⁴⁵⁰

A revista durante seu período editorial mudou de nome diversas vezes e era publicada numa periodicidade que oscilava, entre o mensal, o trimestral e o semestral. Ali reuniram-se textos de profissionais da psicologia, da psiquiatria, da biologia, medicina e, nas mesmas páginas, juristas, policiais, políticos, de sorte que ensinaram e registraram suas falas, no âmbito das discussões sobre os temas da medicina legal, da biotipologia, da antropometria e, não menos importante, da endocrinologia.

O resultado parcial da pesquisa com os homossexuais foi publicado na *Revista de Direito Penal*, veículo através do qual podemos encontrar vestígios das comunicações apresentadas a Sociedade Brasileira de Criminologia. Na comunicação apresentada a Sociedade, Leonídio utilizou

⁴⁴⁹BITTENCOURT, C. A. Lucio. Endocrinismo e criminologia. *Revista de Direito Penal*, 1933, ano I, jun., vol1, fasc.3, p. 353.

⁴⁵⁰ OLIVEIRA JÚNIOR, De monstros a anormais, *op.cit.*,p.229-230.

ilustrações e projeções luminosas para a ocasião. De acordo com a relatoria, a discussão foi iniciada pela arguição do Dr. Bulhões Pedreira, então membro do conselho técnico da revista:

Reservando-me para, em próxima sessão, defender a elaboração do projeto que, quando a comissão elaboradora cuidou da hipótese, previu a face patológica; e quando diferenciou em particular a posição daquele que executa o ato contra a natureza, fez atendendo aos efeitos sociais, ao interesse coletivo de reduzir a sugestão, ao exemplo, sobremodo prejudicial aos anormais e aos menores, sobre criaturas de responsabilidade reduzida; e nunca pela simples razão de ser o invertido sexual um indivíduo imoral, visto ser, antes de tudo, um doente a tratar⁴⁵¹

Com essa ressalva, o jurista visava também registrar o legado da pesquisa de Leonídio, "senão de louvor, pelo extraordinário mérito de trabalho", posto que "é uma contribuição baseada em dados experimentais". No Brasil, não havia pesquisas nesse formato – detenções centenas de homossexuais, seguidas análises biotipológicas- para Pedreira, a discussão ainda habitava somente as questões teóricas. Outro caminho acenava no horizonte, pois:

Hoje se procura rumar um pouco para os laboratórios, para os objetos, para os dados estatísticos; toda esta extraordinária orientação positiva que o núcleo cientista que é esta célula formidável representada hoje pelo Instituto de Identificação, que vem trazendo uma colaboração brilhantíssima, que merece o nosso apoio mais ardoroso. Porque, como digo, se não é original, no Brasil, é raríssima tal orientação, tal verificação positiva no estudo de questões que, até agora, figuravam no recesso dos gabinetes, á distância da vista, sem outros elementos que não fossem da lógica e da imaginação.⁴⁵²

Outro membro presente na Reunião da Sociedade Brasileira de Criminologia, o juiz Dr. Narcélio de Queiroz fez questão de pontuar a relevância que tais prisões poderiam ter quando visto os dados da árvore genealógica dos detidos, de modo a nuançar o escopo patológico da família em questão. Acima de tudo, o médico reiterava que em sua pergunta não havia "signal de incontentamento". Pelo contrário, as pesquisas do legista estavam coerentes com os postulados do professor de Madrid. Na resposta, Leonídio aproveitou para registrar como a gestão do tempo e dos recursos nas dependências do Instituto de Identificação, serviam como obstáculos à produção de pesquisas comparativas.

No Brasil, porém, não podemos fazer milagres. Quem conhece o Instituto de Identificação, compreende que não é em uma hora ou duas, (que é o tempo que eles passam lá, para serem identificados), que se poderiam fazer tais observações, eu já exorbito, no interesse científico, retendo esses homens durante 3 a 4 horas por dia, arriscando-me a um protesto. Sei bem que o meu estudo sobre esses doentes não é

⁴⁵¹PEDREIRA, Mário Bulhões. *apud*, RIBEIRO, Leonídio. Homossexualismo e Endocrinologia. *Revista de Direito Penal*, Rio de Janeiro, v. IX, Fasc. III, junho, 1935, p. 148.

⁴⁵²*Ibidem*, p.149.

uma contribuição completa, pois esta contribuição não pode ser feita senão com os recursos de trabalho de que eu desejaria poder dispor;[...] A crítica mais séria e mais justa que se poderia, porém, fazer, é a de que os nossos estudos não apresentam a colaboração dos laboratórios, afim de controlar e completar as nossas observações.⁴⁵³

A questão que se coloca, a partir da infra-estrutura do Laboratório de Antropologia Criminal, é que os recursos disponíveis no Instituto eram escassos e, com isso, as pesquisas acabavam por assumir um tom mais do que irregular, posto que suas ferramentas não permitiam sequer produzir informações sobre os dados dos pacientes, quando correlacionados com outras experiências, já que ‘retendo esses homens durante 3 a 4 horas por dia’, o resultado das pesquisas podiam, segundo Leonídio, serem vistos como incompletos, o que nos auxilia a entender ainda mais a fonte aqui em análise, isto é, a incipiente estrutura laboratorial e médica do Laboratório de Antropologia Criminal para conduzir os experimentos aos quais recomendava, ou seja: os enxertos e transplantes de testículos.

Nesse ponto, Leonídio esbarra-se diante da própria necessidade de elaborar um método científico mais embasado, cujos dados com os quais está trabalhando teria de ser colocado em disposição com aquilo que os biólogos costumam chamar de *provas de controle*. Fleck analisou como as provas de comparação foram importantes na construção dos estudos da reação de Wasserman e registrou:

O noviço deve ter notícias o mais rápido possível da importancia dos <<controles>>. Estas provas de comparação especificamente biológicas, que são realizadas paralelamente as provas principais, foram mencionadas anteriormente. A biología, e especialmente a serología, não dispõem de nenhum sistema de medida universalmente aceito. Os resultados das provas quantitativas são lidos milimetricamente com diluições até o limite da capacidade de reação e comparação com reativos padrões e suas combinações. Também se compara a ação de uma combinação de reativos com combinações incompletas nas quais se omite intencionalmente *um* reativo. Todas estas comparações controlam a conclusão e se denominam por isso, <<controles>>. Certamente, não é o melhor método epistemológico, mais não possuímos até agora nenhum outro.⁴⁵⁴

Ademais, o próprio legista reconhece os limites de sua investigação, uma vez que ‘nossos estudos não apresentam a colaboração de laboratórios, afim de controlar e completar as nossas observações’, dando mais subsídios para minhas inquietações, a saber: da necessidade de encarar a

⁴⁵³ RIBEIRO, Leonídio. Homossexualismo e Endocrinologia. *Revista de Direito Penal*, Rio de Janeiro, v. IX, Fasc. III, junho, 1935, p. 150.

⁴⁵⁴ FLECK, Ludwick. La génesis y el desarrollo de um hecho científico. Introducción del estilo de pensamiento y del colectivo de pensamento. Alianza Editorial, Madrid, 1986. (Tradução livre)

obra *Homossexualismo e Endocrinologia*, tendo em vista que seu estilo narrativo, em forma de ensaio, permite o próprio Ribeiro reconhecer a incompletude de sua pesquisa, mas que não o impede de dedicar comentários acerca de experimentos que considerava, bem sucedidos, quando o caso era transplantes de glândulas em homossexuais.

O Dr. Bulhões Pedreira aproveitou o espaço entre algumas falas para lançar uma questão instigante: afinal, "a detenção desses indivíduos não teria sido uma violência"? .⁴⁵⁵ Leonídio saiu em disparada, advogando em prol da singularidade de seu arranjo de pesquisa, cujo caráter quantitativo poderia sobrepor a algumas pesquisas feitas para o cenário urbano e social de Berlim. Em seguida, o legista lançou a seguinte questão: Como foi possível deter tais homossexuais?

É que me chegou a notícia de que um delegado auxiliar tinha a preocupação, talvez uma mania, de prender os invertidos, com o fito de fazer uma estatística dos homossexuais do Rio de Janeiro. Sabendo que ele se limitava a fazer um inquérito policial nesse sentido, prendendo esses indivíduos em casas de prostituição masculina, obtive a sua colaboração para realizar um estudo biotipológico de todos eles, bastando para isso que me deixasse por algumas horas esses indivíduos, que afinal não tinham sido presos por qualquer delito. Estimarei por isso qualquer auxílio em tais pesquisas. E muito me anima ver que o assunto despertou interesse nesta Casa, e assim possam outros, com suas luzes, não só levar por diante as observações por mim iniciadas, como tirar delas conclusões proveitosas à Justiça e ao Direito, ou desbravar aspectos novos, dos quais a Ciência possa se beneficiar.⁴⁵⁶

É assim, deixando para pesquisadores de outras gerações, que o legista se despediu de seus ouvintes. Vale ressaltar, que essas breves linhas nos trazem informações valiosas a respeito do tempo de permanência dos detidos no Laboratório de Antropologia Criminal, bem como do próprio reconhecimento de Leonídio frente às lacunas metodológicas de seu empreendimento investigativo sobre os homossexuais, não informadas na publicação de 1938. Assim, essa fonte cumpre uma tarefa exemplar: mostra a postura instigante de Bulhões durante a sessão, bem como expressa a vontade de Leonídio em ser um exemplo para outros cientistas que desejassem participar dos projetos de cura para as homossexualidades.

Contudo, estas "idéas dominantes"⁴⁵⁷ diziam respeito, principalmente, ao corpo do pederasta passivo. Contraditoriamente, Leonídio não esboçou nenhum tipo de comentário sobre como tratar os pederastas ativos, aliás, destes, em sua participação nas relações homossexuais nada se falou. James Green fez importante observação sobre os aspectos subjacentes à perseguição aos *pederastas passivos*:

⁴⁵⁵ RIBEIRO, Leonídio. *Homossexualismo e Endocrinologia*. *Revista de Direito Penal*. *op.cit.*, p.151.

⁴⁵⁶ *Idem*.

⁴⁵⁷ RIBEIRO, Leonídio. *Homossexualismo e Endocrinologia*, *op.cit.*, p.82.

Desde o século XIX, ou mesmo antes, a construção predominante em termos de gênero, da homossexualidade no Brasil havia sido (e assim permanece, de certa forma) hierarquizada e calcada nos papéis. O *homem* – ou na gíria, o *bofe* – assume o papel “ativo” no ato sexual e pratica a penetração anal do seu parceiro. O afeminado (*bicha*) é o “passivo”, o que é penetrado. A “passividade” sexual desse último atribui-lhe a posição social inferior da “mulher”. Enquanto o homem “passivo”, sexualmente penetrado, é estigmatizado, aquele que assume o papel público (e supostamente privado) do *homem*, que penetra, não o é. Desde que ele mantenha o papel sexual atribuído ao homem “verdadeiro”, pode ter relações sexuais com outros homens sem perder seu *status* social de homem.⁴⁵⁸

A tarefa de Leonídio, ao acionar a opoterapia, levou em consideração somente a passividade homoerótica e, dessa forma, não houve pederastas ativos registrados na fonte, isto é, detidos e fichados, bem como nenhum estudo diretamente dedicado a esse par das relações. Afinal, tratar o pederasta ativo e oferecer tratamento para este poderia ser uma forma de reconhecer a masculinidade pederasta. Por isso, Leonídio enfatizou sua proposta de cura da homossexualidade, levando em consideração os corpos dos *pederastas passivos*, posto que sua passividade era associada a uma vida submissa, ‘próxima a posição social inferior da mulher’, como lembrou Green, e, daí, elaborou um projeto de revitalização da virilidade ambicionada para os homens. Em essência, a anormalidade desses indivíduos não poderia parecer com a normalidade almejada. Por isso, os pederastas passivos foram o grande alvo do projeto mais amplo, de repressão e controle das homossexualidades, executado nas dependências do Laboratório de Antropologia Criminal, durante a década de 1930.

3.3 A ameaça do biótipo homossexual

Dedicada a esmiuçar os aspectos que compunham a *persona* do homossexual, Leonídio buscou, em sua narrativa, demonstrar como os pederastas relacionavam-se com as mulheres, seja negando-as em sua face libidinosa ou buscando, inconscientemente, introjetar seus trejeitos, através dos quais se tornariam afeminados, cuidadosos com seus cabelos e portadores de maneiras de andar peculiares. No plano profissional, estes “irão comprazer-se nas tarefas domésticas, partilhando, com característica naturalidade, das ocupações e preocupações, que enchem habitualmente a vida das mulheres”.⁴⁵⁹ É sob essa “naturalidade”⁴⁶⁰, que Leonídio buscou enraizar a biologização dos papéis

⁴⁵⁸GREEN, James. O Pasquim e Madame Satã, a "rainha" negra da boemia brasileira. *TOPOI*, vol. 4, n. 7, jul.-dez. 2003, p.209.

⁴⁵⁹RIBEIRO, Leonídio. Homossexualismo e Endocrinologia, op.cit.,p.151.

⁴⁶⁰Idem.

sociais, haja visto que, para ele, as funções domésticas deveriam ser exercidas por mulheres, não havendo a possibilidade dos homens exercerem as mesmas funções que estas.

Mesmo admitindo ser “temerário pretender fixar características próprias e constantes da homossexualidade” e entendendo a fluidez da diversidade de casos, o projeto de recondução dos pederastas passivos, ‘a formula normal masculina’ deveria continuar. Para realizar essa tarefa, a endocrinologia oferecia a técnica e o convencimento:

Daí a impossibilidade de generalizar. Certos traços do caráter, da afetividade, das maneiras reconhecíveis em grande número de homossexuais, poderão ser encontradas em indivíduos normais. Em compensação, existem alguns de imponente estatura, musculatura atlética, voz de mando e órgãos genitais bem desenvolvidos e, na vida social, enérgicos, bravos e combativos. Entretanto, em muitos dos casos estudados por nós, no Instituto de Identificação, em número de 195, o conjunto da morfologia exteriorizava em maior ou menor grau, um desequilíbrio endocrínico, no sentido de um desvio da formula normal masculina.⁴⁶¹

Pelo exposto, fica evidente que o modelo de masculinidade almejado por Leonídio e por aqueles que endossavam suas concepções, seria o de homens viris, cujo tom da voz e da aparência não denotasse nenhum sinal de feminilidade, qualquer “afetação na voz, uma languidez no olhar, ou uma estilização do andar”. O cuidado com os trejeitos dos *pederastas passivos* foi tão intenso que suscitou uma “documentação cinematográfica da marcha de alguns homossexuais”⁴⁶², capturada no ambiente do Laboratório de Antropologia Criminal, do Instituto de Identificação do Rio de Janeiro, “afim de fixar alguns aspectos dessa preocupação de reproduzir o dinamismo plástico da mulher.”⁴⁶³

Para compor o cenário homoerótico brasileiro, Leonídio utilizou o famoso estudo do Dr José Pires de Almeida⁴⁶⁴, *Higiene Moral – Homossexualismo (A libertinagem no Rio de Janeiro)*, publicado em 1906, na qual o *médico carioca* enfatizava a herança da cultura pederasta indígena somada à própria experiência homossexual com a qual os colonizadores já estavam acostumados, seja em ambientes clericais ou da cultura do alto-mar. Outrossim, o legista aponta a presença duma carta enviada ao Rei de Portugal, escrita pelo então governador José Fernando, inserida no anexo do ofício nº 19.341, enviada para D. Rodrigo de Souza Coutinho e datada de 9 de abril de 1799.⁴⁶⁵ O

⁴⁶¹Ibidem,p.153.

⁴⁶² Ibidem,p.154.

⁴⁶³ Idem.

⁴⁶⁴ José Pires de Almeida (1843-1913) . Médico formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, também atuou como médico adjunto na Inspetoria Geral de Higiene.

⁴⁶⁵*Annaes da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, 1914, volº 36, p.134 *apud Ribeiro, op.cit*, p.89.

documento foi localizado nos *Annaes da Biblioteca Nacional* e versava sobre a prática da pederastia em presídios coloniais, especialmente no caso da Ilha Fernando de Noronha:

Para aquela Ilha se não consentem passar mulheres e nem nela existe uma só. Da falta deste sexo nascem horrorosos crimes, a sodomia, a bestialidade e a molice, são tão freqüentes como o simples coito nos países de dissolução. A corrupção faz com que se façam publicidade e pompa para casamentos entre pessoas do mesmo sexo e que estes infelizes se denominem por maridos e mulheres: os ciúmes dos ganimedes causam freqüentes desordens; este mal ataca desde o comandante do Presídio até o ultimo dos degredados e habitados nele, quando voltam à Ilha o conservam e introduzem; e por isso jamais pode ser remediado, sem alterar ou inteiramente mudar a ordem do Governo da Ilha.⁴⁶⁶

Nessa paisagem homoerótica brasileira, Leonídio Ribeiro também traz a literatura para endossar o argumento lírico da *persona* homossexual. Trata-se da referência que o legista fez à obra de Adolpho Caminha, o *Bom Criolo*, romance publicado em 1895, onde o amor entre marinheiros foi abordado em seus pormenores. Ribeiro, entusiasmado, com a leitura do livro realizada na Biblioteca Nacional, aponta para um comentário, escrito à lápis no livro, onde o leitor anônimo escrevera: “O mesmo que se passou comigo. Que coincidência”.⁴⁶⁷ Quando questionado sobre aquele comentário, o diretor da Biblioteca informou que *Bom Criolo* era livro mui consultado pelo público, daí o aspecto já desgastado da publicação consultada pelo legista.⁴⁶⁸ Outra referência de estudos sobre a questão das homossexualidades, tomadas sob o prisma conceitual das *inversões sexuais*, foi fornecido pelo médico legista baiano Estácio de Lima⁴⁶⁹. Leonídio Ribeiro utilizou o livro *A Inversão dos sexos* (1935) do professor da Faculdade de Medicina da Bahia com o fito de expor a presença dos pederastas em terras baianas.

Outrossim, é no tópico *Biotipologia Criminal*, inserido na obra *Homossexualismo e Endocrinologia*, que podemos encontrar parte das experiências científicas executadas no Laboratório de Antropologia Criminal, anexo ao Instituto de Identificação do Rio de Janeiro. Nesta seção, está situada a vinculação teórica de Leonídio Ribeiro, ou seja: sua aproximação com os estudos sobre biotipologia, em voga, por volta daquela época.

⁴⁶⁶ Idem.

⁴⁶⁷ Ibidem, p.95.

⁴⁶⁸ Idem.

⁴⁶⁹ Estácio Luiz Valente de Lima (1897-1984), professor e médico baiano. Formado em Direito pela Faculdade de Direito do Recife. Chegou a Bahia em 1916, onde fez matrícula no curso de Medicina, obtendo o doutorado na Faculdade de Medicina da Bahia, com a tese *Agonia*. Foi professor emérito das Faculdades de Medicina e Direito da Universidade Federal da Bahia, ocupou a cátedra de Medicina Legal da Escola Baiana de Medicina e Saúde Pública da Universidade Católica de Salvador. Foi presidente da Academia de Letras da Bahia e ex-diretor do Instituto Médico Legal Nina Rodrigues. São conhecidas as suas obras, *O mundo estranho dos cangaceiros* (1965) e *O mundo místico dos negros* (1975).

Para Ribeiro, as relações entre crime e biótipo já vinham sendo discutidas por estudiosos italianos e espanhóis, como Pende, Carrara, Landogna-Cassone, Vidoni, Di Tullio, Barbara, Boxich, Marañon, Saldanha, Ruiz Funes, Jimenez de Asúa e outros⁴⁷⁰. Com estes referenciais seria possível correlacionar a vida delitiva com alterações na tiróide, bem como apontar a relação entre o tipo hipertuitário com os ladrões. O timo problemático poderia desencadear problemas sexuais e conduzir o indivíduo ao crime. Ademais, tais pesquisas buscavam enfatizar para a relação entre morfologias corporais, como aquela que apontava a preponderância dos indivíduos brevilíneos e longilíneos como criminosos em potencial.⁴⁷¹

Uma breve explanação das pesquisas que buscavam associar atos delitivos influenciados a partir da questão racial foi assim comunicada:

Trabalhos realizados, nesse sentido, no Laboratório de Antropologia Criminal do Instituto de Identificação do Rio de Janeiro, por mim e por Berardinelli, Roiter e Alves, deram resultados dos mais interessantes. Foram estudados 33 negros e mestiços, autores de homicídios, e sua classificação biotipológica mostrou que 72% eram do tipo longilíneo, 21% brevilíneos e apenas 6 % normolíneos. Analisando melhor os diversos tipos, verificou-se que havia predominância acentuada dos longilíneos puros, isto é, 45%, enquanto os brevilíneos puros eram apenas 3%. Em relação com a estatura, eram excedentes 60%, normais 18%, deficientes 21%. A excedência média de estatura foi de 4º grau e a deficiência média de 2º grau. A tendência as estaturas elevadas já foi observada por Vervaeck, na Bélgica.⁴⁷²

O fragmento acima permite aos leitores visualizar alguns resultados da metodologia biotipológica empregada perante a análise dos corpos e, a partir dessa base teórica, fomentar diagnósticos sobre personalidades, temperamentos e aspectos constitucionais do indivíduo que informam seus possíveis graus de periculosidade. Com esse olhar em curso, Leonídio aproveitou para extrair desta pesquisa com a população negra, por ele e sua equipe examinada, argumentos que buscavam explicar o motivo pelo qual os membros inferiores dos negros excediam a média das proporções corporais extraídas de “negros e mulatos normais, anteriormente estudados no Brasil por outros autores”.⁴⁷³ As medidas corporais permitiram ao legista entender a variação de medidas entre os negros como “alterações ligadas a distúrbios das glândulas endócrinas, sobretudo em consequência de doenças infecciosas da infância ou da adolescência.”⁴⁷⁴

⁴⁷⁰ RIBEIRO, Leonídio. Homossexualismo e Endocrinologia, op.cit,p.103.

⁴⁷¹ Ibidem,p.103-104.

⁴⁷² Idem.

⁴⁷³ Idem.

⁴⁷⁴ Idem.

Coloca-se então a questão de quais seriam os fatores que teriam influenciado a prisão dos 195 homossexuais e, *a posteriori*, o que determinou sua inserção nas experiências científicas biotipológicas e vinculadas a propaganda da opoterapia, durante a década de 1930? De acordo com Green, fatores como o crescimento urbano dos grandes centros industriais do país, como Rio de Janeiro e São Paulo, nas primeiras décadas do século XX, tiveram como resultado, uma maior visibilidade da cultura homossexual nas cidades. Deslocamentos em busca de melhores oportunidades de trabalhos e condições de vida mais atraentes contribuíram para que o crescimento da visibilidade homossexual nas cidades fosse vista como elemento preocupante, posto que havia uma desmontagem dos papéis de gênero – leia-se heteronormativos – quando em contato com a agitada vida homossexual das classes populares.⁴⁷⁵

Outra possível causa para o crescimento da preocupação dos médicos, criminologistas e juristas face às homossexualidades, vinculou-se ao contexto do pós primeira guerra mundial, quando assistimos a um incentivo notável, por parte de médicos, juristas e criminologistas com preocupações sociais, com base em preceitos morais. A medicalização dos costumes e da moral seriam resultados expressivos de uma elite que vivia imersa num contexto político marcado pela instabilidade política e, sobremaneira, dos gêneros, em sua dinâmica binária e dual. Os constantes levantes liderados por anarquistas e socialistas deixavam a atmosfera social e política tensionada no plano das relações interpessoais.

Assim, nesse contexto de transformações profundas na estrutura política e social brasileira, nas três primeiras décadas do século XX, a homossexualidade representou para as elites dirigentes uma das personificações do sujeito indesejável, sob o qual não havia controle e tratamento. Como pontuou Green, “assim como o corpo social estaria fora do controle, o mesmo se dava com o corpo físico do homossexual, cujo mau funcionamento do sistema hormonal seria a causa da comportamento degenerado e imoral.”⁴⁷⁶

O método biotipológico utilizado na mensuração dos corpos dos 195 *pederastas passivos* presos foi fornecido por Viola⁴⁷⁷ e, com reajustes classificatórios fornecidos pelo esquema conceitual Bárbara-Berardinelli ficou assim distribuída:

⁴⁷⁵ GREEN, James. Homosexuality, Eugenics, and Race: Controlling and Curing "Inverts" in Rio de Janeiro in the 1920s and '30. *The Body and Body Politics in Latin America*, University of Maryland, Abril 18-19, 2003.p.7-8.

⁴⁷⁶Ibidem,p.9. (Tradução livre)

⁴⁷⁷ Giacinto Viola (1870-1930), médico italiano, um dos precursores da medicina constitucionalista. Suas contribuições para a Biotipologia estiveram relacionadas a vinculação de dados estatísticos, unindo a antropometria ao estudo das constituições individuais. Formulou a concepção de que existia duas variações possíveis, em relação a morfologia humana, ou seja: os biótipos *longilíneos* e *brevilíneos* que, com o apoio dos métodos estatísticos seria possível extrair o tipo médio, isto é, o *normolíneo*. Sobre as elaborações dos biotipologistas italianos e suas especificidades, ver mais em:

Normolíneo	45	23,07
Micronormolíneo	27	13,80
Macronormolíneo	3	1,53
Brevilíneo	1	0,51
Microbrevilíneo	0	0
Macrobrevilíneo	0	0
Brevilíneo normomélico	2	1,02
Brevilíneo normocrômico	7	3,58
Longilíneo	10	5,12
Microlongilíneo	10	5,12
Macrolongilíneo	0	0
Longilíneo normomélico	78	40
Longilíneo normocrômico	12	6,15

RIBEIRO, Leonídio. Homossexualismo e Endocrinologia, op.cit.,p.105.

75 do grupo normolíneo	38,46
10 do grupo brevilíneo	5,12
110 do grupo longilíneo	56,41

RIBEIRO, Leonídio. Homossexualismo e Endocrinologia, op.cit.,p.106.

O resultado das análises permitiu que Leonídio constatasse que, dos 195 homossexuais estudados, 56,41% eram longilíneos, seguido de 38,46% de normolíneos e, na última posição, uma pequena quantidade de indivíduos brevilíneos, isto é, 5,12%. Com algumas ressalvas sobre os subtipos, Ribeiro menciona que dentro do grupo dos longilíneos, cerca de 40 seriam da forma longilínea normomélica, ou seja, “indivíduos cuja longitipia é constituída à custa da deficiência do tronco, pois os membros são normais”⁴⁷⁸. Com efeito, em seguida assiste-se à existência de 6,15% de longilíneos normocrômicos, 5,12% de microlongilíneos e 5,12% de longilíneos típicos. Por outro lado, dentro do grupo normolíneo constatou-se que 23,07% eram normolíneos típicos e, em menor escala, 1,53% eram micronormolíneos. Por fim, dentro dos brevilíneos presenciou-se o predomínio de brevilíneos normocrômicos, com 3,58% e os brevilíneos normomélicos perfizeram apenas 1,02% do grupo total analisado. Não obstante, Leonídio e sua equipe notaram que os brevilíneos típicos alcançaram somente 0,51% do total mensurado. Em síntese, não havia nenhum macrobrevilíneo e microbrevilíneo dentre os 195 *pederastas passivos* examinados.

THOMAZ, Luciana Costa Lima. Martiny: Neo-hipocratismo, Eugenia e Biotipologia. *Anais do 13º Simpósio Nacional de História das Ciências e da Tecnologia*. São Paulo, 2012. Disponível em: < http://www.13snhct.sbhc.org.br/resources/anais/10/1345071853_ARQUIVO_ARTIGOSBHCfinal.pdf >

⁴⁷⁸ RIBEIRO, Leonídio. Homossexualismo e Endocrinologia, op.cit.,p.106.

As conexões, entre os tipos morfológicos e os comportamentos humanos, foram as principais contribuições da biotipologia, fornecidas por Nicola Pende, médico italiano, entusiasta da medicina constitucional e responsável por cunhar parte dos conceitos biotipológicos com os quais Leonídio analisou os detidos no Laboratório de Antropologia Criminal. De acordo com Pende, os portadores do tipo brevilineo e hipervegetativo, seriam conhecidos por serem "criminosos habituais, sanguinários e cínicos"⁴⁷⁹. Já os longilineos, seriam conhecidos por sua alta estatura, peitos largos, musculoso, bacia estreita e membros inferiores finos, também conhecido como tipo atlético. Nessas condições, “a chave da interpretação do comportamento humano e de suas tendências anômalas e perigosas estaria acessível ao saber médico, e somente a ele, daí o entusiasmo com que a endocrinologia criminal fora acolhida”.⁴⁸⁰

A análise cotejou aspectos sobre a vida social dos indivíduos detidos:

Confessos	183 isto é 93,84
Não confessos	12 isto é 6,15
Solteiros	103 isto é 98,97
Casados	2 isto é 1,02
Branços	119 isto é 61,05
Mestiços	67 isto é 34,35
Pretos	9 isto é 4,61
De idade até os 20 anos	74 isto é 37,94
De 21 a 30	99 isto é 50,76
De 31 a 40	20 isto é 10,25
De mais de 40	2 isto é 1,02
De profissões domesticas	84 isto é 43,07
Commercio	34 isto é 17,43
Operarios	16 isto é 8,20
Alfaiates	17 isto é 8,71
Outras profissões	44 isto é 22,56

RIBEIRO, Leonídio. Homossexualismo e Endocrinologia, op.cit.,p.107-108.

Com essa distribuição, o médico legista pretendia capturar uma estimativa, de modo a viabilizar o enquadramento dos pederastas passivos, no quadro classificatório dos tipos de homossexuais, fornecido por Marañon e aqui descrito anteriormente. Como vimos, para Marañon a classe mais problemática seria aquela composta pelos prostitutos. Provavelmente, estes foram inseridos no grupo de *outras profissões*. Embora o autor afirme, posteriormente, que o conjunto de homossexuais ali detidos era de *homossexuais profissionais*, o que nos leva a pensar que o conjunto

⁴⁷⁹ PENDE, 1932 *apud* OLIVEIRA JÚNIOR, Alcidesio. *De monstros a anormais*, op.cit.,p.173.

⁴⁸⁰ OLIVEIRA JÚNIOR, Alcidesio. *De monstros a anormais*, op.cit., p.309.

dos 195 pederastas eram oriundos deste grupo profissional. Leonídio prefere não nomear esse grupo, como vimos na lista acima. Evidenciar as profissões dos detidos foi uma opção útil para Leonídio, visto que serviu como prova de seu argumento de que os pederastas assumiam profissões que deveriam ser executadas por mulheres. Nesse quesito, pensar o exercício dessas profissões, por homens homossexuais, era considerar a própria fluidez – incômoda para os padrões de gênero da época – da masculinidade, posto que a atuação de pederastas em funções femininas era considerada como contrárias ao comportamento esperado para os homens. Comentando essa questão operária, Green destacou:

As donas de bórdeis, em geral, contratavam jovens homossexuais para trabalhar como garçons, cozinheiros, camareiros e inclusive como eventuais prostitutas, caso um cliente assim o desejasse. Já que muitos desses jovens haviam adquirido certos maneirismos tradicionalmente femininos, supunha-se que eles podiam desempenhar tarefas domésticas com facilidade e eficiência e viver entre as prostitutas sem criar uma tensão sexual. Sua identidade marginalizada, generizada de forma anômala, coexistia confortavelmente com as francesas, polacas e mulatas que trabalhavam nos vários bordéis que funcionavam na Lapa.⁴⁸¹

Os dados arrolados sobre os aspectos morfológicos corporais dos detidos, bem como das observações sobre os caracteres secundários sexuais são expostos, sendo, por exemplo, os cabelos com distribuição masculina encontrado em 177 dos detidos e 18 com distribuição feminina. Na seção de pelos de púbis, 91 pederastas possuíam a composição pilar masculina e 36 possuíam a distribuição feminina. 58 dos 195 possuíam distribuição intermediária dos pelos. A soma dos dados conduziu Leonídio Ribeiro e sua equipe a formular a tese de que “em dois terços dos casos por nós estudados havia ao menos um sinal de distúrbios de natureza endócrina, revelando principalmente alterações das glândulas genitais e supra-renais.”⁴⁸²

Com esse diagnóstico, Leonídio Ribeiro inseriu o grupo de 195 *pederastas passivos* presos no Instituto de Identificação, “dentro do grupo dos indivíduos de homossexualidade declarada, completa e permanente”, cuja libido seria “francamente invertida”, desde os tempos de iniciação da vida sexual. Interessante notar, que o autor insere todos os indivíduos estudados numa única classificação, assim sintetizada por Maraion:

A atividade sexual deste primeiro grupo de homossexuais que estamos examinando, de categoria espiritual geralmente alta com respeito aos que formam os demais grupos, costuma adotar principalmente a forma da amizade amorosa carregada de elementos afetivos de “proteção”, de sacrifício, de idealização dos

⁴⁸¹ GREEN, James. O Pasquim e Madame Satã, a "rainha" negra da boemia brasileira. *TOPOI*, v. 4, n. 7, jul.-dez. 2003.p.205.

⁴⁸² RIBEIRO, Leonídio. Homossexualismo e Endocrinologia, op.cit.,p.108.

afetos. Talvez livre de relações sexuais diretas, e em consequência estão estes anormais pelo comum, a margem dos aspectos médicos legais do problema.⁴⁸³

A inserção destes 195 homossexuais estudados por Leonídio dentro do grupo de homossexualidade declarada, completa e permanente, chama a atenção para a ausência de vínculo destes homossexuais com outras categorias fornecidas por Marañon, sobretudo a da homossexualidade dos prostitutos. Na introdução desse capítulo, abordamos como o próprio médico espanhol apontou que caso os prostitutos não aceitassem o processo de opoterapia, esta seria neles ineficiente. Mais instigante pensar, como a citação acima permite, que Marañon conceitua a homossexualidade declarada, afirmando que esse grupo não seria adequado como objeto do estudo médico-legal.

Em outro texto publicado sobre suas experiências no Laboratório de Antropologia Criminal, Leonídio fez menção da origem social dos detidos:

Em menos de seis meses, examinei 196 pederastas detidos pelo delegado Dulcídio Goncalves em suas diligências policiais, nas zonas do baixo meretrício da cidade, onde exerciam a prostituição masculina, num atentado à moral e aos bons costumes.

[...] Tendo em vista o que pude observar examinando quase duzentos homossexuais, acredito na possibilidade de se realizar a prevenção de suas mais graves consequências, por meio de um tratamento médico precoce, conjugado com a educação adequada, de cada caso concreto.⁴⁸⁴

Pela primeira vez encontramos um Leonídio disposto a nos contar aspectos sociais da vida dos detidos, dentre elas, sua profissão, isto é a *prostituição masculina*. Esse dado não entra na sua classificação dos detidos ali examinados, visto que poderia prejudicar as intenções de seu projeto. Portanto, Leonídio inseriu todos os 195 detidos na categoria de homossexualidade declarada, segundo a qual esta seria um efeito de distúrbios sexuais originados desde a infância, reforçando, por essa manobra classificatória, suas premissas de que a homossexualidade deveria ser tratada desde a mais tenra idade, isto é, assim que os primeiros traços morfológicos e comportamentais surgissem nos indivíduos, numa nítida inclusão do tema da homossexualidade nos assuntos da educação, higiene social e eugenia. Por esse motivo, reconhecer a própria diversidade dos subtipos

⁴⁸³ RIBEIRO, Leonídio. *Homossexualismo e Endocrinologia*, op.cit.,p.13.

⁴⁸⁴ RIBEIRO, Leonídio. O problema médico-social do homossexualismo. *Arquivos de Medicina Legal e Identificação*, , Rio de Janeiro, nº14, 1937, p.158. Cumpre registrar que referência à detenção de homossexuais "profissionais" também pode ser encontrada em: RIBEIRO, Leonídio. Etiologia e tratamento da homossexualidade. *Arquivos de Medicina Legal e Identificação*, Rio de Janeiro, Ano VIII, nº. 15, Jan., 1938.p.LXXI.

ali estudados, bem como enquadrá-los na categoria de prostitutas foi evitado, já que daria margem para questionar se os detidos realmente concordavam com a aplicação de “hormônios”, através do processo opoterápico. Sua tentativa através da publicação da obra foi incentivar *inibições sociais* à prática da homossexualidade e, as prisões cumpriam parte desse empreendimento:

Sabemos que são homossexuais e adotam, diante de si próprios e da sociedade, uma atitude com plena consciência de sua inversão. A vida humilhante com que a moral social marca esses indivíduos, afirma o mestre espanhol, é anulada por esta consciência profunda da normalidade e até da excelência de seus desvios. *Não existem, por isso, as inibições sociais que em outros invertidos mantem a anormalidade praticamente inexistente*, ou soterrada na consciência. E assim atuam na vida dos instintos com natural liberdade.⁴⁸⁵(grifos meus)

Comentando a falta de estudos comparativos na análise biotipológica executada por Ribeiro e sua equipe, Green sublinhou:

Ribeiro nunca descreveu o protótipo homossexual baseado nos resultados de seus esforços de análises, mas pareceria ter sido um jovem homem abaixo do peso e altura normal com braços e pernas mais largos que o normal e um tórax encurtado. Ribeiro também nunca explicou a verdadeira relação entre essas características e a homossexualidade. Presumivelmente, o desenvolvimento ósseo estava ligado ao sistema hormonal. Ainda assim, se Ribeiro falhou em tornar esta relação explícita, a razão científica de Ribeiro, em si mesma, era mais circular do que linear. Sua lógica era simples: essas eram as características físicas de quase duzentos homossexuais declarados; o mais comum fenótipo notado, portanto, representa o atributo físico do homossexual típico.⁴⁸⁶

Green faz questão de captar as contradições da pesquisa realizada no Instituto de Identificação por Leonídio, argumentando para as imprecisões dos dados e, sobretudo, enfatizando a estreita associação entre os caracteres sexuais secundários e o diagnóstico de homossexualidade. Aliás, podemos afirmar que os dados não passam por um processo comparativo de análise com outros grupos, sejam eles pederastas ativos ou até mesmo com heterossexuais, de modo a proporcionar uma antítese de seus próprios enunciados. Sobre isso, Green é pontual:

Resumidamente, diferente da constatação de que 56% dos homens examinados tinham braços e pernas mais longos do que o normal, a investigação de Ribeiro

⁴⁸⁵ RIBEIRO, Leonídio. Homossexualismo e Endocrinologia, op.cit.,p.109.

⁴⁸⁶ GREEN, James. Homosexuality, Eugenics, and Race: Controlling and Curing "Inverts" in Rio de Janeiro, op.cit., p.19.

possibilitou pouca evidência morfológica de qualquer ligação entre os hormônios e a homossexualidade. De fato, seu modelo de pesquisa foi seriamente falho, porque ele não conduziu um estudo de controle sobre duzentos heterossexuais declarados para verificar seus resultados. Ribeiro também não providenciou uma explicação adequada sobre o porquê de 34% dos homens que ele mediu, não apresentarem manifestações fisiológicas observáveis da homossexualidade. Apesar disso, na próxima década, mais de uma dúzia de médicos e criminologistas citaram o estudo de Ribeiro, sem mesmo questionar os seus achados estatísticos dúbios, lógica inconsistente e procedimentos não científicos. Suas teorias, métodos de pesquisa e análise, passaram a ser o modelo para outros pequenos projetos de pesquisa conduzidos no Brasil, especialmente em São Paulo, que por sua vez, influenciou o pensamento e a escrita sobre o tema.⁴⁸⁷

A cartada retórica final foi utilizar o argumento pedagógico, enquanto importante atenuante na formação da pessoa homossexual durante o seu desenvolvimento educacional. Com esse critério, a biotipologia alcançaria seus objetivos, posto que levaria em conta a dinâmica psicológica e pedagógica do indivíduo homossexual. Trata-se aqui de colocar em evidência “a influência do meio familiar, da escola ou de internatos” como catalisadores da harmonia homoerótica.

Como se não bastasse a própria campanha pedagógica em curso, em forma de prisões compulsórias da população homossexual, de classes sociais vulnerabilizadas – leia-se pobres – Leonídio ainda ensaiou a possibilidade de acionar a censura da imprensa:

Outro ponto fundamental do problema, que precisa ser também encarado aqui, é a preocupação dominante entre os invertidos de conquistar, por todos os meios, novos adeptos de suas tendências sexuais anormais. E como é nos meio artísticos e literários que é mais frequente essa anomalia, ha sérios perigos nesse proselitismo, especialmente para a mocidade desprevenida, sobretudo em relação com os livros e romances que exploram os desvios do amor, contaminando-se, por essa forma, os jovens com ideias e hábitos prejudiciais ao desenvolvimento normal de suas funções sexuais.⁴⁸⁸

Pelo que foi exposto, podemos observar como a obra *Homossexualismo e Endocrinologia* está ancorada nos preceitos da Biotipologia e, com o auxílio de conceitos teóricos oriundos da Endocrinologia, o médico legista Leonídio Ribeiro ensaiou um projeto de cura para as homossexualidades. Convém, por ora, acompanharmos, ainda que brevemente, o momento onde a fala do paciente emerge e nos possibilita apreendermos um pouco da ambiência dos homossexuais detidos e que passaram pela detenção e mensuração biotipológica de seus corpos.

⁴⁸⁷ Ibidem,p.23.

⁴⁸⁸ RIBEIRO, Leonídio. *Homossexualismo e Endocrinologia*, op.cit.,p.178.

3.3 - O espaço de fala dos detidos: precauções, vestígios e lacunas

Ao realizarmos um estudo sobre os principais aspectos que nortearam o horizonte das pesquisas empreendidas pelo médico-legista Leonídio Ribeiro e sua equipe, no ambiente do Instituto do Gabinete de Identificação da Polícia Civil do Rio de Janeiro e seu anexo, o Laboratório de Antropologia Criminal, torna-se necessário pontuarmos algumas questões. A primeira é a de que esta obra é parte de um trabalho mais amplo e que fora laureado com o Prêmio Lombroso de Pesquisa em 1933. “*A Identificação no Rio de Janeiro*” enviada para a Itália, era o título principal do tomo de artigos científicos e contava com pesquisas e dados sobre a pureza de sangue nos índios guaranis, a questão dos crimes e os negros, e por fim, a detenção dos 195 homossexuais que foram fichados na Polícia Civil como “pederastas passivos”. Ademais, outro apontamento vital reside no fato da ausência de registros documentais que nos possibilite analisar a trajetória de cada homossexual que foi detido na instituição. Vale lembrar, que durante o Estado Novo⁴⁸⁹ ocorreu um investimento significativo no que se refere a produção de mecanismos de censura a veículos de comunicação e a imprensa, tal como exemplifica a instituição do Departamento de Imprensa e Propaganda, (DIP), de modo que é preciso reconhecer como muitos desses vestígios podem ter desaparecido a partir de intenções bem direcionadas, de controle e políticas de acesso a arquivos.

Resta-nos trabalharmos nesse momento com as ausências, resultado sensível do crescimento de uma polícia política que nos subtraiu de documentos oficiais, mas que não pode impedir o trabalho histórico. Como bem advertiu Carneiro, “cabe ao historiador (des)construir esta versão, ciente de que ali existem silêncios propositais. E, como num quebra-cabeça, nem todas as peças se encaixam. Registros comprometedores certamente foram eliminados e, possivelmente transformados em pó.”⁴⁹⁰ No entanto, mesmo com essa lacuna documental, podemos acompanhar uma brevíssima exposição do perfil de um paciente, detido e que passou pela análise biotipológica.

⁴⁸⁹ Getúlio implementou o Estado Novo, em 10 de novembro de 1937, sendo instituído, desde então, a supressão da federação e as bandeiras dos respectivos estados brasileiros, bem como foi extinguido o cargo de vice-presidente da república, os partidos políticos, o Congresso Nacional, as câmaras municipais e estaduais e as eleições gerais. Ademais, foi implementada e oficializada a pena de morte, o controle das informações através de órgãos de censura, como o Departamento de Imprensa e Propaganda. Com a ditadura do Estado Novo, os poderes de Vargas foram ampliados e o Poder Judiciário tornou-se tutela do Presidente da República. Para acompanhar maiores informações sobre as repercussões da política brasileira, durante o governo estado-novista, ver mais em: CANCELLI, Elizabeth. Entre prerrogativas e regras: justiça criminal e o controle político no Regime Vargas (1930-1945). *Cadernos do Tempo Presente*, n.15, mar./abr., p. 02-35. 2004.

⁴⁹⁰ CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Os arquivos da polícia política brasileira: Uma alternativa para os estudos de História do Brasil Contemporâneo*. Projeto Integrado - Arquivo Público do Estado e Universidade de São Paulo. Disponível em: <<http://www.usp.br/proin/publicacoes/artigos.php>> Acesso em 9/7/2016.; Para visualizar como foram concebidas as relações entre as massas e o poder estatal a partir do pensamento de ideólogos autoritários, como Francisco Campos e Azevedo Amaral, em prol da instituição do Estado Novo, ver mais em: PARANHOS, Adalberto.

Essa falta de preocupação de Leonídio em expor os depoimentos dos detidos, revela muito de sua postura investigativa, isto é, ancorada no modo de diagnosticar o que ocorria com os corpos, através da Biotipologia e, desse modo, não havia o que perguntar a estes 195 homossexuais detidos. Especialmente, a ausência de laudos médicos sobre os detidos, expõe o processo experimentalista que estava ocorrendo ali. Vale ressaltar, que não constava no Código Penal de 1890, vigente naquele momento, de dispositivos que versassem sobre a recomendação da opoterapia em indivíduos homossexuais, ainda que fossem detidos em práticas de atentado ao pudor e daí, possamos entender um pouco mais da tentativa do médico-legista em defender amplamente a técnica opoterápica como tratamento endocrinológico para os homossexuais, o que nos permite interpretar a ação de Leonídio, como uma nítida campanha de defesa do projeto opoterápico como medida de segurança, em casos de prisões desses indivíduos, denotando, dessa forma, uma relação tênue entre a criminalização e a patologização dos comportamentos homoeróticos.

Através da leitura de *Homossexualismo e Endocrinologia* podemos entrar em contato com o caso de H. de O., que com 20 anos de idade, natural do Espírito Santo, viera ao Rio de Janeiro em busca de “serviço”.⁴⁹¹ Enviado para o Laboratório de Antropologia Criminal, pela 1ª Delegacia Auxiliar, H. de O. chamou de “operação policial” o que vinha ocorrendo na Capital Federal. Encaminhado para a realização de exames no Laboratório de Antropologia Criminal através da 1ª Delegacia Auxiliar, após sair do Teatro Olimpia, acompanhado de “um companheiro”. H. de O. contou aos médicos que “passava o carro da polícia e nos pegou. De lá eles nos mandaram para aqui, para sermos examinados”. O detido não sabia o motivo pelo qual havia sido preso, por não terem “nada feito que merecesse essa atitude da Polícia”.⁴⁹²

H. de O. nos conta, também, que não era sua primeira prisão. A primeira havia ocorrido meses antes, na Lapa, por volta da meia noite, mas o motivo também lhe era desconhecido. Quando questionado do motivo de estar na rua por volta daquele horário, H. de O., dissera que gostava de passear durante a noite, trabalhava numa pensão, localizada na rua 7 de setembro, na qual recebia 100\$ (réis) mensais, de onde ia andando até o Largo da Lapa andar. No laudo de H. de O., O Dr. Lemes⁴⁹³ e Leonídio também fizeram questão de registrar que o detido, “gostava também de

“O Coro da Unanimidade Nacional. O Culto ao Estado Novo” In: *Revista de Sociologia e Política*, n.(9), Curitiba, Universidade Federal do Paraná, 1997. p. 29.

⁴⁹¹H.O., *apud* RIBEIRO, Leonídio. *Homossexualismo e Endocrinologia*, 1938, p.109-112.

⁴⁹²Idem.

⁴⁹³ José Leme Lopes (1904-1990), médico psiquiatra, formado pela Faculdade de Medicina da Praia Vermelha em 1926. Foi encarregado do setor de Neuropsiquiatria Infantil, em 1937. Escreveu diversos trabalhos na área da psiquiatria, como *A psiquiatria e o velho hospício* (1965) *Pour un diagnostic en psychiatrie* (1977), Jaspers e Heidegger (1983), *Delírio:*

cozinhar”, em letras destacadas no relatório.⁴⁹⁴ No relato, os médicos registram a maneira pela qual as respostas são fornecidas pelo paciente\detido. Nestas, constata-se a “afetação”, um tom de “exagerado maneirismo, tiques e trejeitos”. Sobre o seu comportamento sexual, H. de O., comenta que nunca teve relações sexuais com mulheres. É possível também acompanharmos no laudo que o mesmo mantinha o costume de onanizar-se frequentemente e costumava andar com “companheiros que têm a mesma inclinação”.⁴⁹⁵ Quando era seduzido por cavalheiros, fazia uso de hospedarias, onde costumava “receber, de cada vez 10\$” réis. Mas H. de O. advertia ao médico que não fazia disso profissão, pois tinha emprego e não costumava sair com mais de um homem por noite. Por outro lado, dizia conhecer homens que faziam disso profissão, chegando a deitar com quatro, cinco homens, por noite. O Dr. Leme Lopes relatou:

Antes da Policia iniciar a campanha de repressão, contra eles, o ano passado, ficavam na calçada da rua S. Pedro onde se localizam as hospedarias que visitam, bastando andar um pouco, para fazer logo uma conquista, com a maior facilidade. Na pensão em que mora já falaram que essa sua vida é uma doença e que poderia curar-se. Mas não sabe como. Tem tristeza de andar metido nessa vida. De sua família evita falar. Tem uma irmã que pretende visitar breve. Não bebe. Não fuma. Depila as sobrancelhas. Somaticamente não apresena anomalia alguma. Atenção instável. Inteligência medíocre. Atraso pedagógico.⁴⁹⁶

H. de O., em tom denunciativo, afirmava então que antes da polícia “iniciar a campanha de repressão, contra eles, no ano passado”, costumava ficar na calçada da rua São Pedro, onde localizavam-se as hospedarias - ambiente no qual era possível conhecer outros rapazes. Afirmava também, que na pensão onde residia, foi informado que está doente e que era possível se curar, mas não sabia como. Por fim, “tem tristeza de andar metido nessa vida”.⁴⁹⁷

Após a aplicação de exames somáticos e testes psicológicos de Rorschach e Woodworth-Mathews, pelo Dr. Leme Lopes, o médico constatou que o paciente possuía uma mente “povoada de pensamentos sexuais”, e que sua personalidade seria marcada por elementos de “fabulação”. Assim, de acordo com as análises dos resultados psicológicos, sua “afetividade é lábil, egocêntrica, egoísta. A inteligência fraca, estereotipada. Toda a vida intelectual está perturbada por esse forte

perspectivas. Tratamento (1982). Sobre outros aspectos de sua trajetória, contada sob uma ótica memorialista, ver mais em: BASTOS, Othon. Professor José Leme Lopes: mestre exemplar. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, São Paulo, vol. 23, n. 1, mar., 2001, p. 36-37.

⁴⁹⁴ H.O., *apud* RIBEIRO, Leonídio. Homossexualismo e Endocrinologia, 1938, p.110.

⁴⁹⁵ *Idem*.

⁴⁹⁶ *Ibidem*, p.111.

⁴⁹⁷ *Idem*.

predomínio da fantasia sexual”.⁴⁹⁸ Em consequência, apontava o diagnóstico de “nevrose sexual”. As conclusões do laudo, afirmam que o paciente\detido, possuía “manifestações fóbicas e obsessivas”, “depressão intensa, acompanhadas de ideias de suicídio” e “instabilidade”.⁴⁹⁹

O empreendimento desta “operação policial” evidencia uma intervenção urbana de tom autoritário, onde se mesclam questões médicas e eugênicas, conforme tenho demonstrado ao longo da pesquisa. Segundo Ferla, a tese central de Maraño, apropriada por Leonídio, é a de que os dois sexos não seriam absolutamente opostos e completamente antagônicos, visto que a conformação sexual de cada indivíduo seria um misto de caracteres sexuais masculinos e femininos.⁵⁰⁰ De modo que, a “dosagem” de cada elemento seria o resultado do balanço hormonal. O masculino e o feminino são, portanto, “tipos ideais” e, entre estes, habitam os estados intermediários por onde a humanidade se distribui. Nas palavras de Maraño:

(...) O “tipo-macho” e o “tipo-fêmea” são entes quase totalmente fantásticos e que, pelo contrário, os estados de confusão sexual em uma escala de infinitas gradações que se estendem desde o hermafroditismo escandaloso até aquelas formas tão atenuadas que se confundem com a normalidade mesma, são tão numerosos, que dificilmente há ser humano cujo sexo não esteja permeado por uma dúvida ou por uma sombra de dúvida.⁵⁰¹

Nessa perspectiva, Ferla argumenta que essa identidade, entre homem e mulher, pertenceria a um passado longínquo, sexualmente indiferenciado. Dessa maneira, localizada nas gônadas, de origem bissexual, a humanidade caminharia rumo a um progresso onde a diferenciação sexual seria uma constante.⁵⁰² Nesse caso, tendo em vista uma mudança gradativa que levaria a fêmea-tipo ao macho-tipo, as patologias seriam encontradas em algum ponto desta rota onde a prevalência de um dos sexos passasse a ser menos perceptível. Em outros termos, a patologia surgiria quando a “falta de um predomínio seguro e bem definido de um sexo sobre outro”.⁵⁰³

Para realizar essa operação de maneira metodológica, Maraño desenvolveu aquilo que entendia como as propriedades biológicas inerentes e típicas de cada sexo, sendo a primeira, os traços morfológicos adequados a condição genital do indivíduo. Cumpre observar aqui, que para

⁴⁹⁸ RIBEIRO, Leonídio. *Homossexualismo e Endocrinologia*, op.cit.,p.111.

⁴⁹⁹ *Ibidem*, p.112.

⁵⁰⁰ FERLA, Luis. Gregorio Maraño y la apropiación de la homosexualidad por la medicina legal brasileña. *Frenia*, Vol.IV-1, 2004. p.56. Acesso on-line. Disponível em: <http://www.revistaaen.es/index.php/frenia/article/view/16401>

⁵⁰¹ Maraño, 1929, *apud* Ferla, 2004, p.56.

⁵⁰² , Luis. Gregorio Maraño y la apropiación de la homosexualidad por la medicina legal brasileña, *op.cit.*,p.56.

⁵⁰³ *Idem*.

Marañon, sexo e sexualidade eram a mesma coisa. Metodologicamente, bastaria encontrar os elementos das características masculinas e femininas e mensurar suas proporções. Para o médico espanhol, o que devia ser “medido” era a presença daquilo de ele chamou de “caracteres sexuais” que poderiam ser “anatômicos” e “funcionais”.

Os anatômicos primários seriam aqueles ligados aos órgãos genitais e os secundários, seriam sinais ligados ao corpo, não ligados à reprodução, isto é, a distribuição de pelos, de gordura e a largura da bacia.⁵⁰⁴ Ferla chamou a atenção para o fato de que os “caracteres funcionais” denunciam com mais transparência a atribuição de ações sociais aos sexos que Marañon realiza. As características essencialmente femininas seriam, para o médico espanhol, a presença do instinto de maternidade, o cuidado da prole, a sensibilidade e os estímulos afetivos, a voz aguda, a resistência passiva. Já a masculinidade, corresponderia com comportamentos como a defesa do lar e a maior presença de atuação social, configurando, assim, “uma infinidade de clichês acerca da diferença entre os sexos, como a associação da racionalidade e da atitude ativa com o homem e da emoção e passividade com a mulher”.⁵⁰⁵

Não obstante, Ferla encontra na teoria da intersexualidade de Marañon – além “da biologização dos papéis sociais tradicionais” – uma intrigante projeção de ideias de cunho evolucionista, de modo que existiria um aprimoramento biológico, onde o feminino iria em direção ao masculino, seu aspecto evoluído. Assim, para Marañon, a mulher “estaciona” sua evolução estrutural na adolescência, onde desenvolve um aspecto diferenciado, que prepara seu corpo para a maternidade.⁵⁰⁶

Doravante, Ferla adverte para uma contradição presente na teoria de Marañon, visto que, conforme postula o médico espanhol, a tese de que a evolução biológica apontaria para uma diferenciação sexual crescente. Sendo assim, o “homem” evoluiria, rumo a qual forma? Segundo, Marañon, a mulher desejaria se tornar homem, mais viril, e o homem buscaria a imortalidade. Marañon vai em defesa de sua teoria:

À imortalidade ou, pelo menos à prolongação da vida, que é uma forma mais modesta da mesma aspiração. Lembre-se da resposta de Mr. Bergeret quando uma senhora lhe perguntava se não desejaria ser imortal: “- não senhora, me contentarei em ser eterno”. Não é um azar que fizesse a pergunta uma mulher a um homem e não o contrário. É interessante fazer notar que as tentativas de prolongação da vida,

⁵⁰⁴ A ginecomastia e as ancas largas, configuravam como os principais sinais de sintoma e comprovação dos homossexuais presos no instituto de identificação. Na obra “Homossexualismo e Endocrinologia”, dispomos de várias fotos de comprovam essa assertiva. Ver mais no Anexo de Imagens.

⁵⁰⁵ , Luis. Gregorio Marañon y la apropiación de la homosexualidad por la medicina legal brasileña, *op.cit.*, p.57.

⁵⁰⁶ Idem.

de tão pródiga que é a história da medicina, sempre foram suscitados por homens e não por mulheres, tentadas repetidamente neles e não nelas. O equivalente na mulher, respeitamos, é “a emancipação”, isto é, a aspiração viril, a superação da feminilidade.⁵⁰⁷

Dito isto, Ferla afirma que os níveis de normalidade estavam, para Marañon, condicionados à “inferioridade biológica da mulher”. Entretanto, a normalidade presente em cada indivíduo poderia ser abalada pelo “*sexo ilícito*” oculto dentro do próprio corpo. O conflito estava dentro de cada um. A missão do ser humano seria subjugar este “subsexo”, termo utilizado por Marañon, para se referir ao sexo contrário a genitália, presente em todos nós e que era resultado do balanço hormonal de cada um. O “subsexo” não podia ser esquecido, estava ali, internalizado, constituindo-se, como uma ameaça constante ao tipo idealizado e homogêneo, polarizado na noção binária, masculino e feminino.⁵⁰⁸

Como o “subsexo” poderia se tornar preponderante no balanço hormonal e, por conseguinte, influir na sexualidade do indivíduo? A resposta para esta questão em Marañon era de claro conteúdo neolamarckista, já que o médico espanhol acreditava que o meio poderia influenciar nessa questão, alterando, assim, o comportamento do lado obscuro do sexo que todos possuem. Para evitar a sublevação catártica deste inimigo oculto, seria necessário utilizar uma vigilância médica e educacional constante. Ferla diz que essa maneira introjetada de um mal que habitava no ser humano e insuspeita, e que tinha a capacidade, de por a normalidade em risco, era oriunda do imaginário herdado do decadentismo do século XIX.⁵⁰⁹ Um bom exemplo dessa referência é o caso de Césare Lombroso, que buscou associar a linguagem médica à criminologia, numa busca onde o criminoso revelaria manifestações atávicas, típicas de fases arcaicas, anteriores a evolução humana, a ideia do “homem primitivo”, o homem animal, dentro de nós e sempre vigilante, pronto para dominar nossas incertezas e desequilíbrios.

Ferla comenta:

Marañon, por meio da teoria da intersexualidade, vai participar deste paradigma, possibilitando com isso reforçar a aceitação da legitimidade científica de suas ideias. Pela teoria da intersexualidade, a fronteira patológica passa a ser pertinente também para as questões da sexualidade. O reconhecimento de uma homogeneidade fundamental entre o normal e o patológico, aplicado para o universo dos problemas da sexualidade, por sua vez permitirá o aprofundamento da apropriação médica dos casos de “confusão sexual”, ou mesmo o alargamento deste conceito. Marañon chama a atenção para todo um universo de casos

⁵⁰⁷ Luis. Gregorio Marañon y la apropiación de la homosexualidad por la medicina legal brasileña, *op.cit.*, 59.

⁵⁰⁸ *Idem.*

⁵⁰⁹ *Ibidem*, p.60.

patológicos insuspeitados, de “desvios” silenciosos à percepção do homem comum, mas não ao especialista treinado para tal.⁵¹⁰

Recorrendo a Foucault, para entender essa questão, Ferla conclui que esse apagamento das fronteiras visíveis entre o normal e o patológico também foi utilizado fartamente pela medicina legal. A necessidade de construir uma “gradação que vai do normal ao patológico” era compartilhada tanto pelo pensamento médico espanhol, como pela medicina legal, igualmente estendida, à endocrinologia, cuja teoria da intersexualidade, ganhou, a partir de então, uma visibilidade notável no campo das ciências biomédicas. Como tenho argumentado, por meio da opoterapia, isto é, através do conselho em aplicar tais técnicas em homossexuais, buscou-se garantir o predomínio dos caracteres secundários do corpo de acordo com o sexo, diga-se, com a genitália do paciente, com o fito de enquadrar o ‘*anormal*’ numa lógica aparentemente normal.⁵¹¹

Assim, há que se considerar também, conforme apontou Oliveira Júnior, que nos trabalhos endocrinológicos desenvolvidos por Leonídio Ribeiro para o tratamento dos homossexuais, "uma busca por espaço, tentando desbancar o direito em prol da medicina, no trato da homossexualidade".⁵¹² Além disso, conforme salienta Ferla, as teorias de Marañón serviram como renovador do fôlego dos médicos legistas brasileiros, pois, permitiu fazer oposição às teorias psicológicas e sociológicas, que buscavam entender tais comportamentos desviantes sob outras lentes de observação. Ao colocar o comportamento homossexual como perigo, passível de prisão, Leonídio – e a “boa vontade” do delegado Dulcídio Gonçalves – durante sua gestão no Instituto de Identificação, produziram evidências de que tais práticas consideradas “anormais” deveriam e seriam tratadas e as prisões dão prova suficiente disso. Em tempos de endurecimento do regime varguista, sob o manto do Estado Novo, - quando da publicação da obra aqui em análise, no ano de 1938- mesmo que Leonídio não tenha conseguido prender todos os homossexuais daquela época, o esforço interpretativo histórico que podemos fazer aqui é o da mensagem pedagógica endereçada à sociedade que estava sendo transmitida, através da prisão dos homossexuais, especialmente aos *pederastas passivos*, de que suas vivências políticas e sociais, com base em suas expressões sexuais não seriam admitidas.

Confrontados com apenas um depoimento registrado na obra *Homossexualismo e Endocrinologia* e, com este, guardemos algumas restrições. Como bem observou Foucault, em sua

⁵¹⁰ Luis. Gregorio Marañón y la apropiación de la homosexualidad por la medicina legal brasileña, *op.cit.*, p.61-62.

⁵¹¹ *Ibidem*, p.62

⁵¹² OLIVEIRA JÚNIOR, Alcidesio. De monstros a anormais, *op.cit.*, p.276.

História da Sexualidade⁵¹³, a vontade de saber daqueles que registram os depoimentos colhidos, de pacientes, possui a peculiaridade de ser obtida pela autoridade daquele que colhe as informações e, além disso, possui a possibilidade de filtrar as informações emitidas pelos pacientes. Por isso, torna-se vital entendermos esse depoimento com as devidas precauções, afinal, seria genuína tais informações, concedidas pelo detido ou, mesmo que sejam originais, teriam estes recebidos acréscimos do tradutor que recolhia os dados do paciente e, adequava estes de acordo com suas intenções e, eliminava quando oportuno, informações concedidas pelo paciente que poderiam ser prejudiciais para a pesquisa ali em curso? Infelizmente tivemos que trabalhar com poucos indícios e, sem dúvidas, a pista mais significativa desse depoimento de H.de O. refere-se a indicação da “operação policial” em curso, naquelas ruas e vielas, onde constituiu-se a expressão mais simbólica da cultura homossexual carioca, durante as décadas de 1920 e 1930, cuja “topografia homoerótica do Rio de Janeiro estendia-se num semicírculo que começava na praça Floriano Peixoto e no Passeio Público, na Cinelândia, passando pelo bairro boêmio e operário da Lapa, até a praça Tiradentes”,⁵¹⁴ naquele momento, febril, modernista, capoeirista e sexualmente explosiva.⁵¹⁵

⁵¹³ FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1984.p.66.

⁵¹⁴ GREEN, James. *O Pasquim e Madame Satã*, *op.cit.*,p. 205.

⁵¹⁵ Para acompanhar uma interessante história social da Lapa e observar como foi construído o imaginário social e político, com fins de impor padrões moralistas em seus territórios, durante as décadas de 1920 e 1930. Ver o estudo de SILVA, Alessa Patrícia Dias da. *O imaginário da Lapa: Apogeu, decadência e reconstrução*. Dissertação de Mestrado em Literatura, Cultura e Contemporaneidade. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2014.

3.4 “Tratamento Médico-Pedagógico”: a opoterapia como recomendação terapêutica

Mas se o costume desapareceu, persistiu, entretanto, a homossexualidade involuntária, a nervosa, diz Marcel Proust, um conhecedor, e que se esconde aos outros e que se esconde a si mesmo, o amor que não ousa dizer seu nome, de Oscar Wilde. Dessa homossexualidade, que existiu em todos os seus tempos e que existirá, por muitos ainda, até ser corrigida pela higiene, opoterápica ou endócrina, dessa é causa a desarmonia, causa íntima, da qual as formas de inversão e perversão são apenas aparências sociais, e morais, de bissexualidade.⁵¹⁶

No item da obra, *Homossexualismo e Endocrinologia*, intitulado “*Tratamento médico-pedagógico*”, deparamos com as principais diretrizes teóricas que informaram a recomendação opoterápica realizada no âmbito do Instituto de Identificação do Rio de Janeiro, e em especial, no seu anexo: o Laboratório de Antropologia Criminal.⁵¹⁷ Nesta seção, a trama é delineada de modo a ressaltar que, seja pela teoria psicogenética, seja pela vertente endocrinológica, o tema das homossexualidades propõe que o leitor (a) mude suas atitudes “diante dessa classe de indivíduos, cada vez mais numerosa, em todos os países civilizados”. Por esse caminho argumentativo, o leitor (a) é convidado a trocar as lentes da observação criminal sobre o tema das *inversões sexuais*, pelas da análise de base endocrinológica.⁵¹⁸

⁵¹⁶ RIBEIRO, Leonídio, *Homossexualismo e Endocrinologia*, op.cit, p.53.

⁵¹⁷ Antes de expor o quadro teórico que permitiu Leonídio estabelecer seu programa de cura dos homossexuais com base na endocrinologia, o médico-legista dedicou um capítulo às relações entre a homossexualidade e o sadismo. Nesse caso, toma como exemplo o caso de Febrônio, famoso criminoso da capital federal nas primeiras décadas do século XX. Também conhecido como Índio do Brasil, Febrônio praticou diversos crimes, como falsidade ideológica, prática ilegal de odontologia, ofício para o qual não possuía formação e foi responsável pelo assassinato de jovens rapazes, com os quais havia praticado relações homossexuais, num mister de abuso sexual entrelaçado com questões religiosas, imersas em conteúdos proféticos elaborados pelo próprio Febrônio. Nesse capítulo, o leitor pode encontrar o laudo pericial, assinado pelos doutores Murillo Campos, Heitor Carrilho e o próprio Leonídio Ribeiro. Não há dúvida de que os crimes cometidos por Febrônio contribuíram, em grande medida, para criar sentimento de repulsa, revolta e intolerância ante a presença – já reconhecida – de homossexuais na capital federal, quando da ocasião da derradeira prisão e posterior internação, no Manicômio Judiciário de Febrônio, em 1927. O capítulo serve como fonte primária para aqueles interessados nessa trágica passagem da história brasileira e que, é considerada pelos especialistas na história da homossexualidade, no Brasil, como episódio marcante e polêmico, cuja catarse foi o acirramento da repressão à população homossexual vindoura, como se em sua essência, os homossexuais tivessem como destino a mesma volição criminógena sob a qual Febrônio vivia. Para entender mais sobre essa temática, sugiro as vitais observações sobre o caso, realizadas por: FRY, Peter. Febrônio Índio do Brasil: onde cruzam a psiquiatria, a profecia, a homossexualidade e a lei. In: *Caminhos cruzados. Linguagem, antropologia e ciências naturais*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982. ; GREEN, James Naylor. Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: UNESP, 2000; TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. 7. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

⁵¹⁸ RIBEIRO, Leonídio. *Homossexualismo e Endocrinologia*, op.cit.,p.167.

Antes de elencarmos a exposição das técnicas em curso daquela época indicadas ao tratamento de glândulas específicas, ressalto que Leonídio fala somente de possíveis práticas opoterápicas em curso e que poderiam ser acionadas, com o auxílio de citações de cientistas brasileiros e internacionais, não entrando, assim, em digressões sobre por quais motivos não teria utilizado tais técnicas nos 195 detidos para coleta de análises biotipológicas. Nós, leitores (as) somos, literalmente, convidados, a entender as entrelinhas e signos ali contidos.

Vêm à cena, então, autores como Steinach, Pezard, Sand e Lipschultz. Estes produziram diversas experiências, como extração e implantação de órgãos genitais em sucessivos estudos experimentais, ancorados na técnica opoterápica, de modo a entender as reverberações dos efeitos hormonais na produção dos caracteres sexuais. Cumpre ressaltar que, Steinach, por seu turno, não restringiu suas experimentações ao mundo dos animais, visto que, entre 1916 e 1921, iniciou operações cirúrgicas, dentre as quais, destacou-se a transferência de tecidos testiculares de um homem heterossexual para um homossexual.⁵¹⁹

Para sustentar a relevância social do argumento, Leonídio tratou de expor experiências de implantações de testículos em acidentados e egressos da guerra, com o fito de demonstrar que os pacientes, eficientemente, retomavam sua capacidade sexual normal. Neste capítulo, sobre o tratamento médico opoterápico, a palavra que mais se destacou nas argumentações de Leonídio foi *transplantações*. Como se segue:

Há uma observação recente de Dartigues, de Paris, de um nevrospata de 33 anos, cujas antigas tendências homossexuais foram logo melhoradas, aparecendo mesmo o desejo sexual e a vontade de casar, dois meses depois da operação de transplantação. Os enxertos ovarianos são hoje, aliás, muito comuns na prática cirúrgica, com excelentes resultados. Há outras observações publicadas, nas quais se obteve o mesmo êxito. *Marañon refere três casos em que aconselhou o enxerto, de acordo com a teoria de Voronoff*, sendo que em dois deles as melhoras foram bastante significativas.⁵²⁰(*Grifo meu*)

Sua observação sobre as possibilidades dos enxertos enquanto método profilático preferido encontrava reservas dentro da própria comunidade científica, a qual Leonídio fez questão de ponderar, tendo em conta que a “opoterapia, não é, porém, uma questão definitivamente resolvida, havendo ainda alguns autores duvidam de suas possibilidades”.⁵²¹ Havia uma série de cuidados técnicos que dificultavam o êxito da proposta opoterápica e, assim, também seria necessário chamar

⁵¹⁹ OUDSHOORN, Nelly. *Beyond the natural body, op.cit.*, p.57.

⁵²⁰ RIBEIRO, Leonídio. *Homossexualismo e Endocrinologia, op.cit.*, p.171.

⁵²¹ *Ibidem*, p.171-172.

atenção para outros fatores, “muitos dos quaes não estão ainda suficientemente esclarecidos”.⁵²² Marañon, por seu turno, aconselhava o método duplo, qual seja: associação de enxertos com a opoterapia.

Diante das críticas em função dos insucessos oriundos das técnicas opoterápicas – dada a ausência de grandes quantidades de extratos hormonais purificados e os processos de rejeição inflamatória – em função de técnicas rudimentares como enxertos e transplantações, a direção dos médicos endocrinologistas voltou-se para a elaboração de testes padronizados, com o fito de compreender através de quais matérias-primas seria possível extrair a quintessência das substâncias químicas, que compunham o rol dos hormônios sexuais, como a testosterona, a progesterona e a estrina.

Para suplantar essas dúvidas e controvérsias ante a eficiência dos extratos, melhor seria complementá-los com ingestão de testículos, se possível fresco, de modo a revitalizar as funções sexuais. Ou então, também seria o caso de utilizar “injeções de soro sanguíneo, extraído de animais novos da mesma espécie e, por isso, rico em hormônios testiculares.”⁵²³ O objetivo do tratamento precoce seria diagnosticar a presença de hipogenitalismo, isto é, o subdesenvolvimento dos genitais, como prova de que a sexualidade estava também vinculada, ao desenvolvimento do órgão sexual. Numa demonstração de apreço as técnicas de Voronoff, Leonídio prescreveu:

Os enxertos feitos no homem com a técnica de Voronoff, de glândulas extraídas de macacos superiores, si bem que ainda não completamente eficientes, em todos os casos, demonstram já a possibilidade de resultados favoráveis, em certos individuos, especialmente quando realizados precocemente. O próprio Bauer, que assinalou os insucessos de vários autores, nesse sentido, reconhece sua eficácia indiscutível, quando realizados antes da puberdade.⁵²⁴

Outro vestígio das técnicas recomendadas por Leonídio, foi indicada através da fala de Afrânio Peixoto, inserida no livro, por meio de alguns trechos de seus trabalhos como a obra *Missexualismo* (1933) e *Novos rumos da Medicina Legal* (1924). Nesta última, o médico-legista e mentor de Leonídio Ribeiro afirmou:

As experiências feitas com transplante de órgãos, ablação deles, transformam os Faustos modernos na escandalosa ciência dos Steinach, Voronoffs, que foi, antes, a ciência discreta dos Gley, Pezard, Athias, Lipschutz, etc. Chegamos á noção

⁵²² Idem.

⁵²³ RIBEIRO, Leonídio. *Homossexualismo e Endocrinologia*, op.cit.,p.174.

⁵²⁴ Idem.

precisa dos fatos, dos quais bastam menções rápidas. Por exemplo: um homossexual tem tuberculose dupla dos tecidos, que é preciso castrar; faz-se-lhe o enxerto de um dos testículo ectópico de um jovem; perde os seus gestos invertidos e casa-se⁵²⁵

Afrânio Peixoto exhibe acima um pragmatismo notável, isento mesmo de qualquer menção e exame histórico-crítico ao que chama de ‘escandalosa ciência’, vinculada aos métodos de enxertos de Voronoff que, como vimos, foi responsável por enxertar testículos de primatas africanos em idosos, com fins de restaurar-lhes a jovialidade e virilidade perdida para o desgaste do metabolismo natural da vida. Além disso, tenta justificar essas mesmas técnicas, ao compará-las a ‘ciência discreta’ de fisiologistas do século XIX que, como sabemos, colocaram em práticas diversas técnicas de enxertos e castrações, com o fito de entender os mecanismos de atuação do sistema endócrino. Peixoto tratou de ser pontual, diagnosticando que o homossexual carecia de produção testicular saudável, logo a recomendação de enxertos seria o caminho mais rápido e facilitador da cura de seus ‘gestos invertidos’, estando o casamento, assegurado após o tratamento opoterápico.

Outro indício de procedimento adequado foi fornecido pelo criminologista Jimenez de Ásua:

Nada mais absurdo do que castigar os atos de sexualidade desviada. Se se enjeitar a concepção de que o homossexual o seja por sua própria vontade e hoje se interpretam endocrinologicamente essas inversões; se o homossexualismo se pode curar, segundo afirma Steinach e Lichtenstern, mediante a transplantação de glândulas genitais, é improcedente que se continue a aplicar castigos. Um tratamento médico opoterápico bem dirigido, prudentes operações cirúrgicas em certos casos, em suma, quando o indivíduo tenha demonstrado ser perigoso para a sociedade e particulares, medidas asseguradoras de guarda e proteção constituem o único procedimento eficaz contra os homossexuais.⁵²⁶

Nesses dois fragmentos podemos ter uma ligeira sensação de quais seriam as técnicas cirúrgicas opoterápicas, pelas quais Leonídio Ribeiro possuía considerável estima. De modo que, é com base nesse contexto, que um programa eugênico poderia ser elaborado e seu sucesso dependeria do olhar dos educadores e, quem o expressou, foi Marañon, pelo recurso das aspas:

a eficiência destes métodos deve ser procurada no período em que se instalam e constituem grande parte das perturbações intersexuais, isto é, no início da puberdade. Por isso, tanto insistimos junto aos educadores, e sobretudo, dos pais e das mães, para que observem seus filhos nesta idade, com o maior empenho e cuidado, especialmente em relação com sua morfologia e conduta sexual, pois mais tarde, quando o jovem tiver suas perversões estabelecidas e ao chegar às mãos dos médicos, ou talvez, quem sabe dos juízes, as coisas já tenham pouco remédio.⁵²⁷

⁵²⁵ PEIXOTO, *Novos Rumos da Medicina Legal*, 1924, *apud* Ribeiro, p.93.

⁵²⁶ Ásua *apud* Ribeiro, Leonídio. *Homossexualismo e Endocrinologia*, 1938, p.55

⁵²⁷ MARAÑON *apud* RIBEIRO, Leonídio. *Homossexualismo e Endocrinologia*, 1938, p.172.

Similarmente, um projeto para os meninos poderia ser então esboçado:

Nos casos patológicos de maturação precoce das glândulas sexuais, pode começar a produção de hormônios até mesmo aos quatro e cinco anos. Nota-se então o seu poder extraordinário sobre a morfogênese do corpo. O menino sob a influência da injeção exagerada adquire as formas do adulto. A pele cobre-se de pêlos, crescem o bigode e a barba, a voz torna-se grossa.⁵²⁸

Com efeito, vale salientar que são essas poucas informações sobre os procedimentos opoterápicos disponíveis, a forma pela qual Leonídio busca ensinar aos leitores (as) de *Homossexualismo e Endocrinologia*, os possíveis caminhos cirúrgicos acessíveis para o tratamento da *pederastia passiva*. Por isso, o estudo sobre a aplicação de hormônios sexuais em homossexuais masculinos, numa perspectiva comparativa, torna-se vital para discutirmos a problemática em torno da obra de Leonídio aqui em exame. Conforme demonstrou Meyer-Bahlburg, pesquisas com animais eram utilizadas para demonstrar a possível modificação do comportamento e dimorfismo sexual, com base na aplicação de hormônios sexuais e na manipulação cerebral, especialmente de animais subprimatas que, incentivou, uma série de tratamentos radicais rumo ao controle das homossexualidades, seja pela via das psicocirurgias, bem como da sugestão, colocada por médicos, de prevenir o comportamento homossexual através da aplicação de hormônios no período pré-natal.⁵²⁹

Desse modo, a autora realiza uma extensa verificação dos estudos de vertente psico-endócrina diante do tratamento da homossexualidade humana, com o fito de observar os efeitos do tratamento hormonal na orientação sexual dos indivíduos, na associação da endocrinologia clínica ao produzir síndromes orgânicas, correlatas à homossexualidade, bem como na padronização dos hormônios sexuais enquanto medida profilática para o recrudescimento da homossexualidade. Por fim, chama a atenção para a questão dos usos da endocrinologia no regime pré-natal, para entender

⁵²⁸ BITTENCOURT, C. A. Lucio. Endocrinismo e criminologia. *Revista de Direito Penal*, 1933, ano I, jun., vol.1, fasc.3, p. 351-352.

⁵²⁹ Nesse estudo é possível acompanhar o fractal de instabilidades explicativas ante a associação do comportamento homossexual com desordens endócrinas. Ademais, com base em amplo material empírico, Meyer acompanhou as principais pesquisas produzidas, entre as décadas de 1940 e 1970, que buscavam desconstruir a ideia de que o comportamento homossexual teria como causa questões hormonais. Tendo em vista o amplo rol teórico utilizado pelo autor, optei por apresentar as principais diretrizes e ilações fornecidas no estudo, de modo a evitar sínteses que prejudicassem a interpretação geral do texto. Por isso, para acompanhar mais dessa continuidade investigativa, colocada por psiquiatras e especialistas no comportamento animal e humano vis-à-vis a questões sexuais, ver mais em: MEYER-BAHLBURG, Heino F. L. Sex Hormones and Male Homosexuality in Comparative Perspective. *Archives of Sexual Behavior*, Vol.6, No.4, 1977, p.297-325.

como foi articulada a questão da gestação e as implicações hormonais desse período, na determinação da orientação sexual humana.⁵³⁰

Meyer-Bahlburg assinala que tais pesquisas eram caracterizadas por uma metodologia problemática e, por conseguinte, produziram resultados negativos e conflitantes, enquanto propostas teóricas, de base hormonal para a homossexualidade humana. De acordo com Meyer, no âmbito das pesquisas psico-endócrinas frente à homossexualidade humana, podemos elencar três questões relacionadas ao impacto dos hormônios no sistema cerebral que, a sua maneira, eram relacionadas à regulação do comportamento sexual, quais sejam: 1) Homossexuais exibem características endócrinas anormais, especialmente no sistema gonadal hipotalâmico-pituitário? 2) Os pacientes com aparentes síndromes endócrinas apresentam atitudes que incidem na homossexualidade? 3) O tratamento sexual hormônico estimula mudanças na orientação sexual?⁵³¹

Nesse sentido, a autora enfatiza que, historicamente, mais precisamente, durante as décadas de 1930 e 1940, inúmeros tratamentos hormonais foram indicados para homossexuais, com base na aplicação de substâncias androgênicas. Essa vertente acreditava que o comportamento homossexual era equivalente a um desequilíbrio hormonal entre as taxas de androgênio e estrogênio no organismo. Para Meyer-Bahlburg, com base nos escassos documentos fornecidos por essas mesmas pesquisas, os efeitos da aplicação de androgênios no tratamento da orientação sexual eram amplamente desapontadores e tais procedimentos, entraram em completo desuso, por volta daquela época. Em contrapartida, era possível reduzir os níveis de androgênios por meio de castrações cirúrgicas, proporcionando, de modo coercitivo, um recuo da atividade sexual, da libido e da potência sexual do indivíduo castrado. No entanto, tais técnicas não garantiram um decréscimo da homossexualidade.

A respeito dos casos de pacientes com hipogonadismo, isto é, uma perceptível deficiência dos hormônios sexuais no organismo, pesquisas conduzidas por Heller, na década de 1940, constataram a presença de um único homossexual num conjunto de 300 pacientes portadores da disfunção hipogonadal. Nos primeiros estudos que associavam a homossexualidade com disfunções endócrinas, os resultados eram em sua maioria insatisfatórios para comprovar seus postulados. Por volta da década de 1970, alguns estudos com metodologia e investigações sistematizadas sobre a orientação sexual, em pacientes com desordens na glândula hipotâmica-pituitária, vinham de encontro aos estudos iniciais, já que apontavam para a não correlação de disfunção endócrina enquanto causa do comportamento homossexual. Além disso, Meyer enfatiza que baixos níveis de

⁵³⁰ Ibidem, p.298.

⁵³¹ Ibidem, p.298.

testosterona no organismo e, posteriormente, da aplicação de terapias de reposição deste hormônio, com efeito, tendia mais a estimular a volição sexual e a libido, do que uma mudança de orientação sexual fixa e estável.⁵³²

Assim, quando tentamos realizar comparações abrangentes entre as diferenças fisiológicas e bioquímicas entre homossexuais com base nos estudos psico-endócrinos, em homossexuais masculinos, conforme sugere Meyer-Bahlburg, podemos concluir que a evidência em favor da endocrinologia como base para a homossexualidade era muito fraca. Nesse sentido, a justificativa de baixa produção hormonal, como causa de comportamentos sexuais divergentes da heterossexualidade tem sido praticamente colocada fora de contexto. Como exemplo, Meyer indica que seus estudos com pacientes portadores de criptorquidismo⁵³³ bilateral, cujo hormônio deficiente pré-natal tardio, a (gonadotropina⁵³⁴) – segundo a lógica biodeterminista, poderia favorecer a homossexualidade, já que estaria dependente do desenvolvimento dos órgãos sexuais - demonstrou, pelo contrário, que todos os pacientes eram heterossexuais.⁵³⁵

Como exemplo, Meyer enfatiza:

Existem três relatos sobre várias formas de hipogonadismo e outros três sobre síndromes de deficiência do hormônio do crescimento com ou sem deficiência de gonadropina.[...] De um total de 49 pacientes, apenas cinco (10%) desenvolveram uma orientação predominantemente homossexual ou bissexual. A partir de resultados como estes, deve-se concluir que as deficiências hormonais graves na adolescência e na idade adulta geralmente não conduzem a uma orientação sexual.

Convém frisar, que Leonídio em sua obra não traz a nós leitores (as) nenhuma informação acerca das próprias taxas hormonais de cada pederasta detido, já que o argumento central de que a homossexualidade era causada pelo desequilíbrio orgânico. No entanto, esta omissão pode não ter

⁵³²MEYER-BAHLBURG, Heino F. L. Sex Hormones and Male Homosexuality in Comparative Perspective. *Archives of Sexual Behavior*, Vol.6, No.4, 1977.p.317.

⁵³³ A etimologia da palavra criptorquidia remete ao prefixo 'criptos' de origem grega, que significa oculto e, o sufixo 'orqui' significando testículo. O criptorquidismo, refere-se a ausência dos testículos em seu local de costume, que é a bolsa escrotal. Nesse caso, pacientes que apresentam esse fenômeno, possuem os testículos retidos na cavidade abdominal. Cf.: <<http://www.infoescola.com/doencas/criptorquidia/>>

⁵³⁴ A gonadotropina (GRH) é um hormônio produzido na área do hipotálamo no cérebro. Após sua formação, o GnRH é liberado para a corrente sanguínea e direciona-se para a hipófise (glândula pituitária). Chegando na hipófise, o GnRH conecta-se a alguns receptores, os quais enviam a hipófise a mensagem para produzir mais dois hormônios, ou seja: o LH e o hormônio folículo-estimulante (FSH). Nas mulheres a substância luteinizante, estimula o crescimento dos óvulos nos ovários e enseja um ciclo de mensagens sucessivas para a hipófise, resultando na ovulação e na queda das taxas de LH e FSH. Já nos homens, o GnRH incentiva a liberação de LH pela hipófise. Por sua vez, o LH conecta-se com as células receptoras do testículo para estimular a produção de espermatozoides. Cf.: <<http://pt.healthline.com/health/resposta-do-hormonio-luteinizante-ao-hormonio-liberador-de-gonadotropina#Panoramageral1>>

⁵³⁵ MEYER-BAHLBURG, Heino F. L. Sex Hormones and Male Homosexuality in Comparative Perspective. *Archives of Sexual Behavior*, Vol.6, No.4, 1977..p.316.

sido proposital e, sim, devido à própria falta de estrutura laboratorial do Instituto de Identificação, de modo a proporcionar tais dados e daí à ênfase no olhar, e posterior diagnóstico, a partir dos conceitos da biotipologia atrelados aos dados da endocrinologia.

Meyer sinalizou, igualmente, que algumas pesquisas realizadas durante a década de 70, preocupadas em entender se havia correlação entre a quantidade de testosterona no organismo e a preferência sexual dos homossexuais estudados (ativos, passivos, ou alternativos, isto é, versáteis), bem como na relação entre a presença da testosterona e o grau de feminilidade no comportamento do gênero, mostraram-se sem sucesso, já que as taxas de testosterona eram uniformes entre tais grupos. Não obstante, as estatísticas produzidas com base na mensuração de testosterona no organismo de homossexuais, haviam permitido chegar a duas linhas gerais de interpretação, quais sejam: a primeira apontou para o fato de que a majoritária quantidade de homossexuais investigados tinham níveis de testosterona em escala normal, “*range of reported samples unselected for sexual orientation*”.⁵³⁶ Por outro lado, taxas expressivas de deficiência de testosterona eram, conspicuamente raras, mesmo em estudos que reportavam estatisticamente baixos valores para homossexuais quando comparados com heterossexuais. Já a segunda linha interpretativa, permitia concluir que não havia uma linha uniforme nos resultados obtidos.⁵³⁷

Essas considerações são úteis na medida em que nos possibilita, ainda mais, perscrutar o silêncio da fonte aqui em análise, isto é, a obra *Homossexualismo e Endocrinologia*, publicada em 1938, pelo diretor do Instituto de Identificação, o médico legista, Leonídio Ribeiro. Uma outra questão, ainda, me parece problemática. Como vimos até aqui, mesmo que Leonídio reconheça algumas críticas – vale frisar- endereçadas à técnica opoterápica, seu estudo não parece buscar uma sintonia crítica, com as pesquisas realizados no âmbito da endocrinologia e fisiologia experimental por volta daquela época, sobretudo, quando observamos a ausência de reflexões na obra no que tange a complexa face fisiológica dos *anti-hormônios*, o que aponta para um embate e demonstra assim, o seu afastamento de cientistas, que viam no desenvolvimento de estudos sobre a condição fisiológica dos hormônios, uma forma possível de reunir argumentos contrários a práticas bio-deterministas.

De acordo com Martins, os anti-hormônios eram substâncias antagônicas dos hormônios, cumprindo, no organismo, a produção de reações fisiológicas cujo sinal mais evidente residia em produzir reações imunológicas à aplicação de hormônios no organismo, especialmente, quando o

⁵³⁶ Ibidem, p.302.

⁵³⁷ Idem.

espaço de duração do tratamento era evidentemente longo. Trata-se de uma discussão complexa e que, em 1936 era assim esmiuçada pelo fisiologista, então alocado no Instituto Butantan:

Ora, pela injeção de extratos de lobo anterior foi visto pelos A.A anteriormente citados que já a partir de 3 semanas de tratamento os ovários não reagem mais. Como harmonizar esses resultados aparentemente contraditórios? Na parabióse estamos em condições mais fisiológicas. Os hormônios que passam de um parceiro para o outro são produtos realmente secretados pela glândula normal, ao passo que com os extratos injetam-se vários componentes do órgão, proteínas, etc., que embora constituintes normais da glândula, não fazem parte da secreção lançada na torrente circulatória, nas condições fisiológicas. Esses elementos anormais seriam os responsáveis por essa espécie de "imunização" do animal, obtida mesmo quando doador e receptor pertencem a mesma espécie zoológica.⁵³⁸

Essa discussão acerca dos anti-hormônios é útil para ilustrar que, havia múltiplas incertezas sobre a dinâmica da atuação dos hormônios no organismo, naquele período. Talvez, esse seja um dos motivos teóricos que afastou o *estilo de pensamento* do endocrinologista, Thales Martins, da direção dada à ciência dos hormônios, como o fazia o médico legista Leonídio, durante a década de 1930 e, daí, entendemos um pouco, da falta de diálogo entre estes dois cientistas, conterrâneos e contemporâneos um do outro.

A guisa de conclusão, Leonídio Ribeiro, “jovem multiplicador da medicina legal”⁵³⁹, enquanto seguidor explícito das ideias de Lombroso e de seus pares revisionistas, fez de sua obra um produto notável dessas ideias em circulação. A originalidade de seu empreendimento foi reconhecida com o Prêmio Lombroso em 1933, haja vista a implementação de tais saberes, em terras brasileiras, justamente num momento onde os próprios enunciados lombrosianos, passavam a experimentar descréditos e críticas eloquentes, no período do entre-guerras.⁵⁴⁰

Seu escudo foi o autoritarismo advindo da polícia, cujo apoio para suas medidas provinha de pessoas de extrema-direita, como bem expressa sua amizade sólida com Baptista Luzardo, então chefe da polícia civil nos primeiros anos do Governo Vargas. O legista utilizou da face simbólica e pedagógica das prisões compulsórias dos homossexuais, para em seguida, aconselhar ao público mais amplo, a opoterapia, em suas formas diversas, tais como o transplante e enxertos de testículos, as quais mencionou como caminhos úteis para “curar” os homossexuais. Entretanto, legou para a

⁵³⁸MARTINS, Thales. Os Anti-hormônios, *Brazil Médico*, vol.2, 1936. p. 575.

⁵³⁹Expressão cunhada por RAMOS, Arthur. Afrânio Peixoto e a Escola de Nina Rodrigues. In. Ramos, Arthur. *Loucura e Crime. Questões de psiquiatria, medicina forense e psicologia social*. Porto Alegre: Globo, 1937, p.199 *apud* DIAS, Allister. Arquivos de Ciências, Crimes e Loucuras: Heitor Carrilho e o debate criminológico do Rio de Janeiro entre as décadas de 1920 e 1940. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde), Casa de Oswaldo Cruz, Fiocruz, Rio de Janeiro, 2015.

⁵⁴⁰ALVAREZ, Marcos César. O homem delinqüente e o social naturalizado: apontamentos para uma história da criminologia no Brasil. *Teoria & Pesquisa*, São Carlos, nº47, 2005, pp. 71- 92.

história, exemplo trágico, de como o processo de patologização da homossexualidade na sociedade brasileira foi acompanhado de intensa vinculação aos preceitos da eugenia, posto que suas recomendações para a prática da opoterapia deveriam ser iniciadas desde a ‘mais tenra idade’, num exemplo de como a campanha de repressão policial operada, naquele período, buscou servir como “*Tratamento Médico-Pedagógico*”, cujos corpos indesejados eram destinados ao cárcere com fins de expor suas medidas não consideradas saudáveis. Dali em diante, aliada ao olhar biotipológico, esteve à valorização de sentimentos repulsivos, e que não nos abandonou, até hoje, sendo inserida no inventário de nossas gerações, isto é, a violência contra as liberdades individuais dos grupos homossexuais, hoje chamada por nós de crimes de homofobia e similares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em fisiologia e patologia, a situação era muito confusa; discussão sobre quase todos os pontos, e ignorância, ou não reconhecimento unânime, da chave de abóboda do sistema - o lobo anterior da hipófise.

Em contraste com esta penúria de conhecimentos e recursos, a bibliografia era imensa. Pura literatura de ficção. Não havia hormônio nos extratos, mas ninguém se apercebia disto. O método de Brown Sequard, de injeção inicial no homem, sem tento no que se quer obter, nem certeza da presença do agente em dose bastante, e por via adequada, não levou até hoje a qualquer descoberta; mas firmou a atitude incrítica, axiomática, supersticiosa. A endocrinologia ficou sendo a terra de ninguém; ou a terra de todo o mundo. Trabalhos de valor perdiam o realce, envolvidos pela massa dominante de publicações perturbadoras.⁵⁴¹

O trecho acima faz parte do ensaio elaborado pelo endocrinologista Thales César de Pádua Martins, publicado no primeiro número dos *Arquivos Brasileiros de Endocrinologia e Metabologia*, que veio a público no ano de 1951. Nesse texto, Martins realiza um histórico dos estudos sobre as secreções internas, anteriores às propostas de cura da senilidade, elaboradas pelo médico francês Brown-Séguard, por nós esboçadas no capítulo item 2.2. Com efeito, esse texto traz a lume o embate presente, na primeira metade do século XX, entre os adeptos da endocrinologia experimental, dedicados em se intitular como os responsáveis por elevar a endocrinologia a uma “ciência” com credibilidade, em oposição a uma espécie de “paraendocrinologia, com ramificações na morfologia, na antropologia e na psicologia.”⁵⁴²

O primeiro ponto para o qual gostaria de chamar a atenção, baseia-se nessa articulação entre a figura de Waldemar Berardinelli⁵⁴³, e o endocrinologista Thales Martins, que, a meu ver, não foi por acaso. Tampouco a escolha para que no primeiro número do artigo o tema tratado fosse a “evolução do conceito de hormônios”, acompanhado duma análise extensa sobre a prática da opoterapia, numa perspectiva crítica, às vezes, ácida, ante a esta terapêutica. Nesse caso, como

⁵⁴¹ MARTINS, Thales. (1951) Evolução do conceito de hormônio e opoterapia- exame crítico da influência de Brown-Séguard - trabalho pioneiro dos portugueses Bettencourt Rodrigues e Serrano. *Arquivos Brasileiros de Endocrinologia e Metabologia*, vol, 45, nº 5, (Suplemento: 2), Novembro, 2001. (Trabalho apresentado ao I Congresso Brasileiro de História da Medicina, em 20/07/1951 e Originalmente publicado em 1951, no mesmo *Arquivo*).

⁵⁴² *Ibidem*, p.658.

⁵⁴³ Lembremos que além de ser o diretor e fundador dos *Arquivos Brasileiros de Endocrinologia*, Berardinelli foi membro participante das pesquisas realizadas nas dependências do Laboratório de Antropologia Criminal, na década de 1930.

tenho tentado demonstrar até aqui, a opoterapia enquanto prática clínica e método terapêutico, apresentado como tratamento para a correção da homossexualidade, bem como era aconselhada como terapêutica para um variado conjunto de doenças, como vimos através das pistas iniciais que guiaram o levantamento de fontes dessa pesquisa.

Essa breve digressão a respeito da contenda existente entre os trabalhos de Brown-Séquard, no âmbito da produção de estudos experimentalistas, no terreno da Endocrinologia, são vitais para a discussão que aqui pretendo tensionar, quando o tema é orientação e exortação a prática de aplicação de “hormônios”, em homossexuais, durante o governo Vargas. Em parte, essa campanha de divulgação de intervenções contra os homossexuais, foi possível em virtude do gênero da obra *Homossexualismo e Endocrinologia*, onde a elaboração da narrativa em forma de *ensaio*, possibilitou o médico-legista, acionar conceitos da endocrinologia, refletindo, assim, seu espírito *bacharelesco*, típico de alguns intelectuais das primeiras décadas do século XX.⁵⁴⁴ Jayme Paviani ao examinar as funções deste estilo literário e, com base nas concepções de Theodor Adorno sobre o tema afirmou:

O ensaio, ao contrário, do tratado e do artigo científico, desenvolve os argumentos ensaisticamente, isto é, experimentando, questionando, refletindo, criticando o próprio objeto de estudo. É um gênero textual essencialmente crítico e interpretativo. Esquiva-se da descrição e da explicação para eliminar qualquer traço de ingenuidade e de doutrina. Sua função é mostrar as mediações. Embora seu parentesco com a retórica, nada nele é sofisticado no sentido da pura persuasão, pois, o ensaio cultiva o novo, aquilo que não é comum e tradicional.⁵⁴⁵

De acordo com Paviani, o ensaio possui inúmeras características, dentre as quais podemos destacar a sua dimensão provisória de seus enunciados, bem como o auto-reconhecimento de que não pretende encerrar o tema ensaiado. Por ser um estudo "*formalmente desenvolvido*", torna-se mais flexível do que os tratados científicos. Por possuir uma aparência fluída, o ensaio transita de maneira muito simbólica, entre as arenas filosóficas, científica e crítica, emitindo, assim, seu rigor argumentativo. Para Paviani, "o rigor, que não se confunde com a exatidão, é característica indispensável do verdadeiro ensaio".⁵⁴⁶ Especialmente, é preciso destacar que "o rigor, a interpretação e o julgamento pessoal do autor pressupõe que haja *maior liberdade de expressão*,

⁵⁴⁴ Para acompanhar o perfil dos homens de ciências e suas correlações com a atividade dos bacharéis e homens de letras, ver o estudo de SÁ, Domonichi Miranda de. *A ciência como profissão: médicos, bacharéis e cientistas no Brasil (1895-1935)*, Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.

⁵⁴⁵ PAVIANI, Jayme. O ensaio como gênero textual. *Anais do V Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais*. Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, Agosto de 2009, p.5.

⁵⁴⁶ *Ibidem*, p.4.

liberdade que a maioria dos gêneros não possuem. A liberdade consiste em poder defender uma posição sem o apoio empírico, documentos ou outros recursos metodológicos".⁵⁴⁷

Portanto, creio que os escritos de Leonídio em relação às questões envolvendo a homossexualidade e as práticas opoterápicas, assumiram um tom ensaístico, já que o próprio legista faz questão de expor que seu estudo busca ser uma exposição incompleta do tema, buscando deixar nos leitores a impressão de que o legista era nada mais, nada menos do que um interessado sobre o tema, ora com prescrições científicas, outras com a exposição de limites e obstáculos criados por suas dúvidas, faltas de materiais de pesquisas e condições estruturais para a comparação de seus experimentos com outros semelhantes. E, desse modo, nos deixou numa linha tênue, mas nem por isso menos atenta. Leonídio sabia até onde podia ir, pois o ensaio lhe permite, em alguns momentos, ocupar as lacunas de seus objetivos com um tom de escritor generalista, que lê referências inúmeras, compilando-as e costurando suas imprecisões com silêncio destemido.

Para encaminhar as conclusões da pesquisa, o papel das contribuições teóricas de Ludwick Fleck foram vitais. É imprescindível considerarmos a coexistência de discursos favoráveis e contrários a prática da opoterapia, durante a década de 1930, no Rio de Janeiro. Nas falas de Thales Martins, parte expressiva de suas advertências à técnica opoterápica, tal qual era praticada por cientistas como Brown-Sécquard, Leo Stanley e outros, podem ser interpretadas como ondulações do *estilo de pensamento* emitido por endocrinologistas vinculados a uma endocrinologia de caráter experimental e, aqui matizados, historicamente, enquanto paralela à utilização da endocrinologia por médicos-legistas, como Leonídio Ribeiro. Nesse caso, configura-se, diante de nós, uma possibilidade fértil de investigação histórica, frente as diferentes adaptações nas quais as técnicas da organoterapia foram acionadas, bem como nos arranjos discursivos e teóricos aos quais suscitou dilemas, elaboração de programas de pesquisas e produção de produtos biológicos opoterápicos.

Levando em consideração os possíveis deslizes creditados a tais técnicas, que para alguns cientistas poderiam ser considerados como ‘erro’, mas não nos afastariam da possibilidade em compreendermos a construção social de conhecimentos científicos, já que permite-nos aproximarmos das assertivas de Fleck, segundo a qual o processo cognitivo dos *atos* científicos, tende a acatar os insucessos surgidos no caminho de produção de conhecimento, uma vez que “o descobrimento está entrelaçado inseparavelmente com o erro. Para reconhecer uma relação temos que mal-interpretar, negar e passar por alto de muitas outras”.⁵⁴⁸ De fato, mesmo reconhecendo que

⁵⁴⁷ Ibidem.p.4.

⁵⁴⁸ FLECK, Ludwick. *La génesis y el desarrollo de un hecho científico*. Introducción a La teoría Del estilo de pensamiento y del colectivo de pensamiento. Alianza Editorial, Madrid, 1986. p.77. “el descubrimiento está

havia inúmeras críticas em relação a opoterapia, a postura de Leonídio Ribeiro foi a de sugerir as cirurgias opoterápicas, através da publicação de sua obra *Homossexualismo e Endocrinologia*, como um profícuo recurso frente ao tratamento dos homossexuais. No entanto, constatamos que a ênfase na coleta de dados quantitativos, acerca da composição morfológica dos corpos dos *pederastas passivos*, vinculou-se mais às concepções da Biotipologia, do que a querela em torno das controvérsias colocadas a estas cirurgias opoterápicas - como transplantes e enxertos- cotejadas no projeto do Laboratório de Antropologia Criminal, como método terapêutico proposto a correção dos caracteres sexuais secundários destes indivíduos. Para Leonídio, o Brasil compartilhava com os países europeus, da mesma ‘doença’, isto é, a presença de homossexuais em ambientes urbanos. No entanto, faltava aos brasileiros desenvolver um olhar especializado, com fins de que pudessem reconhecer, desde a mais tenra idade, os elementos corporais que poderiam delatar o próprio indivíduo. Para Leonídio, os homossexuais eram doentes, e a medicina, especialmente, a endocrinologia, apoiada na técnica opoterápica, oferecia a melhor solução para o problema.

Implica salientar, portanto, como o fez Fleck, que o *estilo de pensamento* não é o tom particular dos conceitos, nem mesmo uma via peculiar de uní-los. Ao contrário, Fleck demonstrou ser o *estilo de pensamento*, uma coerção determinada de pensamento e, compete “a totalidade da preparação e disponibilidade intelectual orientada a ver e atuar de uma forma e não de outra. A dependência de qualquer fato científico do estilo de pensamento é evidente”.⁵⁴⁹ A fonte aqui analisada trouxe alguns desafios, tendo em vista que estamos analisando conceitos oriundos da endocrinologia, evocados por um médico-legista. Por isso, houve momentos onde o estilo ensaístico, exibiu a personalidade do cientista plástico, que dominava diversos tipos de conhecimentos, com intenções que poderiam ser diferentes de outros *coletivos de pensamento*. Portanto, convém frisar, que não busquei creditar aos participantes deste embate, os portadores de uma verdade científica, isenta de controvérsias. Pelo contrário, evidenciar o embate, as falas contrárias foi o recurso principal da narrativa aqui adotada.

Novamente Fleck permite situarmos as intenções de Leonídio aqui investigadas:

Toda tentativa de legitimação de uma proposição concreta como a única correta tem só um valor limitado, pois está indissolavelmente ligada à um coletivo de pensamento. Não se podem formular em termos lógicos nem o estilo das concepções, nem as destrezas técnicas para cada pesquisa científica. Portanto uma legitimação só se faz possível onde já não é necessária, ou seja, entre pessoas que

entremezclado inseparavelmente com el error. Para reconocer una relación se tienen que mal-interpretar, negar y pasar por alto muchas otras.” Original no texto.

⁵⁴⁹ Ibidem, p.111.

compartilham das mesmas concepções intelectuais e, especialmente, a mesma formação moldada conforme à um determinado estilo.⁵⁵⁰

Para compor esse estudo, foi vital estudarmos a opoterapia, minuciosamente e, reconhecendo que ainda há muito que se fazer, uma vez que dar voz a pluralidade de visões sobre métodos como a opoterapia, podia assumir, para alguns endocrinologistas, um território caro, sobretudo, no tocante a própria credibilidade de que este procedimento biomédico poderia oferecer, em termos de saúde, para os seus pacientes. Como vimos, queda sobre estas técnicas de enxertos, a hipótese ainda que remota, de que tais experiências possam ter contribuído para o contágio do vírus SIV e HIV, com a população humana, visto que as glândulas para enxertos, em alguns casos, eram extraídas de primatas africanos, hospedeiros desses patógenos. De acordo com o rastreamento, realizado por especialistas em biologia molecular, uma possível contaminação do vírus da síndrome de imunodeficiência, em humanos teria ocorrido, entre 1910 e 1941⁵⁵¹, período sobre o qual a endocrinologia ficou sendo a ‘terra de ninguém ou a terra de todo mundo’ e, espaço de experiência onde atuaram Voronoffs, Stanley, Vaernet, Leonídio Ribeiro, dentre tantos outros.

Ao comentar o estado da arte da ciência dos hormônios, Martins estimulou o embate entre endocrinologistas e criminólogos, ao ponderar que “só por volta de 1920 começou a dissipar-se a névoa, e aí chegamos a um decênio onde a densidade de aquisições não teve paralelo nos anteriores. Então pode falar-se em aumento impetuoso no interesse pela endocrinologia, e não pela “endocriminologia”, como costumava dizer o fisiologista Carlson”.⁵⁵²

Não à toa o termo “endocriminologia” emerge na fala do fisiologista nesse momento, bem como a enunciação crítica da expressão “paraendocrinologia”, como vimos anteriormente. Para Martins, muitos estudos buscavam correlacionar aspectos morfológicos, antropológicos e psicológicos visando obter informações acerca das causas dos comportamentos criminais. Por sua vez, médicos legistas e criminologistas fizeram uso dos saberes endocrinológicos, para sustentar suas hipóteses bio-deterministas.

Paradoxalmente, sua presença como membro editor dos *Arquivos Brasileiros de Endocrinologia*, junto à figura de um dos maiores paladinos dos saberes biodeterministas é mais interessante ainda para a pesquisa histórica. Afinal, não podemos esquecer que Berardinelli esteve presente no Laboratório de Antropologia Criminal- e fazia questão de estampar em suas obras que

⁵⁵⁰ FLECK, Ludwick. La génesis y el desarrollo de um hecho científico. *Op.cit.*,p.81.

⁵⁵¹CUPERSCHMID, Ethel Mizrahy; CAMPOS,Tarcisio Passos Ribeiro de. Os curiosos xenoimplantes glandulares do doutor Voronoff. *História, Ciências, Saúde –Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.14, n.3, p.737-760, jul.-set. 2007.

⁵⁵² MARTINS, Thales. Evolução do conceito de hormônio e opoterapia- exame crítico da influência de Brown-Séquard.*op.cit.*,p.660.

fora membro vencedor do prêmio Lombroso de 1933- acompanhando e executando as experiências biotipológicas que ali foram desenvolvidas. Não obstante, essa imersão laboratorial, permitiu a Berardinelli obter um farto material ilustrativo, estimulando, no autor, muitas produções científicas com base nos princípios da biotipologia do indivíduo criminoso, bem como em suas instigantes concepções sobre os biótipos de cientistas e artistas.⁵⁵³

Com essa perspectiva, creio ser possível afirmar, que a utilização do termo *endocriminologia*, evocado por Martins, tinha como objetivo criar um afastamento dos criminologistas, com fins de angariar credibilidade à ciência endocrinológica, que naquele momento fundava seus *Arquivos*, e que logo em seu primeiro volume também fazia questão de agradecer as indústrias farmacêuticas que teriam ajudado na publicação do seu volume de estréia. Mais do que isso, urgia restabelecer a imagem da opoterapia, enquanto técnica terapêutica, válida e eficiente ante o tratamento de doenças como diabetes, mixedema, bóciós e quadros clínicos ligados a funções ovarianas.

Nesse momento, estamos inseridos no contexto do pós-guerra e, daí em diante, qualquer notícia, ou espécie de vínculo que pudesse ser visto com aquele passado tenebroso, do que foi colocado em prática na Itália fascista e Alemanha nazista, mormente, seus crimes bárbaros com pesquisas eugênicas cruéis, passaram a ser evitados. Relatórios do que ocorrera nesse período de totalitarismo exacerbado, vinham ganhando cada vez mais repercussão em ambientes internacionais. Um bom exemplo disso foi o Tribunal de Nuremberg, que condenou diversos psiquiatras e médicos envolvidos em práticas de esterilização compulsória durante o Reich alemão.⁵⁵⁴

Além disso, com a entrada do Brasil, na Segunda Guerra atrelado a campanha dos aliados, tomou forma à adesão de setores da sociedade brasileira, em manifestações contra os seguidores de ideologias nazistas, totalitárias e integralistas. Com o fim do segundo conflito bélico global, as perspectivas de combate as ações de caráter eugênico, dedicaram-se em expor as associações de teorias de superioridade com base nos critérios etnocêntricos somados a ambições de seleção de indivíduos reprodutíveis e *bem-nascidos*. Como bem salientou Filho, “a temática do

⁵⁵³BERARDINELLI, Waldemar. *Os tipos humanos na vida e na arte: antropologia diferencial aplicada*. Rio de Janeiro, Organizações Simões, 1954.

⁵⁵⁴Para acompanhar parte da história sobre os processos jurídicos, envolvendo médicos que participaram dos procedimentos eugênicos durante o nazismo, ver mais em: WEINDLING, Paul. *Nazi Medicine and the Nuremberg Trials: from medical war crimes to informed consent*. New York: Palgrave MacMillan, 2004; No que se refere à atuação da psiquiatria, nesse contexto eugênico, ver o estudo de: MUÑOZ, Pedro Felipe Neves de. *À luz do biológico: psiquiatria, neurologia e eugenia nas relações Brasil-Alemanha (1900-1942)*. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro, 2015.

racismo/eugenia e de suas práticas no Brasil foi transformada em tabu e o mito da “nação sem preconceitos” e da “democracia racial” se consolidou. A política do esquecimento tornou-se padrão e as memórias ficaram contidas. Essa narrativa contrariou essa tendência ao esquecimento e por uma conjunção de fatores veio à tona.”⁵⁵⁵

As fontes lembram que sobre a imagem pública de Leonídio Ribeiro, recaía uma perceptível adesão a política fascista, mormente quando colocamos em evidência suas constantes visitas à Itália, nas quais Leonídio aproveitava para elogiar a experiência política que Mussolini vinha realizando em terras ítalas, ocasião na qual, recebia do próprio Mussolini palavras de reconhecimento, devido a aplicação de modelos fascistas em terras brasileiras.⁵⁵⁶ Não esqueçamos, também, que Leonídio engajou-se na luta a favor da esterilização compulsória no país, bem como defendeu abertamente muitas das ações nazistas conduzidas por Hitler. Lembram daquele enaltecimento feito pelo médico legista, em apoio a prática esterilizatória que vinha sendo realizada na Alemanha, exibida em nosso capítulo sobre eugenia?

Entretanto, essa visão de que Thales Martins esteve totalmente ausente das relações bio-deterministas, pode ser questionável e, não pretendo aqui, fazer nenhuma hagiografia sobre este cientista. Oliveira Júnior informa que em 1934, foi enviado ao Instituto Butantan um material orgânico colhido de uma lésbica, presa no Rio de Janeiro. De modo que, o objetivo da investigação, encaminhada ao laboratório de endocrinologia paulista, então liderado por Thales Martins, era a de

⁵⁵⁵ Recentemente, foi abordado no filme *Menino 23*, a história de um grupo de 50 meninos, órfãos, oriundos da do Educandário Romão de Mattos Duarte, da Irmandade de Misericórdia do Rio de Janeiro que foram levados para uma propriedade privada, de um dos núcleos da oligárquica família dos Rocha Miranda, em Campina do Monte Alegre-SP. De acordo com Filho, a mudança dessas crianças de nove a onze anos de idade foi respaldada pelo Código do Menor de 1927. Em sua pesquisa, o autor exhibe a década eugênica, na qual estas crianças estavam imersas e estiveram submetidas a uma escolaridade precária, a uma educação atrelada as rotinas de trabalho baseada em longas jornadas de trabalho agrícola e pecuário sem remuneração. Os meninos eram chamados pela sua numeração inserida na lista dos 50 transferidos para o regime de cárcere, onde conviveram com castigos físicos e constrangimentos morais em fazendas de membros da cúpula da Ação Integralista Brasileira, também adeptos declarados do nazismo. O alentado estudo de Filho demonstra com nitidez, as correspondências entre projetos de educação eugênica para a nação – como definia o artigo 138 da Constituição de 1934, instituiu regimes de segregação de jovens e crianças. Mais desse estudo pode ser encontrado na tese de FILHO, Sidney Aguiar. Educação, Autoritarismo e eugenia: exploração do trabalho e violência à infância desamparada no Brasil (1930-1945). Tese (Doutorado em Educação), Universidade Estadual de Campinas, 2011, p. 20-21.

⁵⁵⁶ Em dezesseis de janeiro de 1935, o jornal A República noticiava que " o Dr. Leonídio Ribeiro foi recebido pelo Presidente Mussolini". No dia 14, Ribeiro teria visitado Roma e teria sido recebido por Benito Mussolini. Na ocasião, recordou sua primeira viagem a cidade itálica (1926), e a recente visita que fizera aos países da Europa, " em missão official do governo brasileiro, " e , além disso, aproveitou o encontro para elogiar a "obra do fascismo no domínio da proteção á maternidade e á infância". Em sua visita a capital italiana, Ribeiro visitou o Centro de Observação e o Tribunal Criminal da Infância. Na palestra, o legista teria dividido a fala com Mussolini, e declarou que " as ideias gerais italianas tinham sido seguidas nos trabalhos realizados no Gabinete de Identificação da Polícia da capital brasileira" e, que teria rendido ao grupo do Instituto de Identificação da Polícia Civil do Rio de Janeiro, o Prêmio Lombroso de 1933⁵⁵⁶. Na réplica de Mussolini, o presidente italiano "expressou a satisfação que sentia ao saber como o professor brasileiro continuava no seu país as tradições da ciencia italiana". A República- 14/01/1935.

verificar a quantidade de foliculina presente no sangue da paciente, com fins de averiguar o grau de substância hormonal feminina presente em seu sangue. Esse é o único vestígio – até o momento – indicando que, de certa forma, Thales Martins esteve em algum momento, conectado com essa rede biodeterminista, quando o assunto era comportamento sexual, mesmo que no conjunto de seus estudos científicos, não dedicasse atenção aos temas da eugenia e da *endocrinologia*.⁵⁵⁷

Doravante, se atentarmos para o fato de que estes cientistas se encontravam e compartilhavam redes de sociabilidade em comum, como atesta a fala de Berardinelli, em 1951, na inauguração do Laboratório de Endocrinologia da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro. Em sua *Breviloquência*, Berardinelli afirma que, na ocasião, estavam ali reunidos Leonídio Ribeiro que doara um elevador para a instituição, momento onde também fez parte o então, professor de fisiologia da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, o endocrinologista Thales Martins.⁵⁵⁸

Dessa maneira, o que fica patente é que essa aproximação com uma linha teórica portuguesa, acionada por Martins durante a década de 1950, tinha como objetivo suplantar a perspectiva ‘axiomática’ de Brown-Séguard, sob o qual quedava o mérito de estimular procedimentos cirúrgicos e experimentais, considerados, por Martins, como “pura literatura de ficção”.⁵⁵⁹ Para criar um novo marco, de pesquisa no ramo da endocrinologia, mais precisamente, em relação à opoterapia, Martins tratou de rebuscar lá no século XIX, uma espécie de ‘novo marco’, para o que ele considerava como uma “verdadeira opoterapia”. É notável, que Maraño não aparece aqui na década de 50, como referencial para o endocrinologista, bem como não há espaço para o vínculo da prática opoterápica como proposta de tratamento médico para questões morais ou, do comportamento sexual mais precisamente. Ou seja, a *endocrinologia* aparece como totem conceitual para fixar uma fronteira onde o embate entre posturas científicas divergentes ocorria. O pioneirismo não podia ser atrelado somente a personalidades, como Brown-Séguard ou Maraño, e sim, estendido a médicos como os portugueses Bittencourt e Serrano.

Numa sociedade que não temia suportar o “escândalo” de um ente que vivia uma sexualidade considerada como “doença”, caberia então, ao ambiente das clínicas, hospícios e Colônias de tratamento, auxiliar na condução do tratamento opoterápico. Um arsenal de possibilidades interpretativas se abre diante de nós, e é sobre eles que gostaria de provocar a

⁵⁵⁷ OLIVEIRA JÚNIOR, *De Monstros a anormais, op.cit.* p.213.

⁵⁵⁸BERARDINELLI, Waldemar. *Breviloquência*. Organizações Simões, São Paulo, 1954.

⁵⁵⁹MARTINS, Thales. *Evolução do conceito de hormônio e opoterapia- exame crítico da influência de Brown-Séguard.op.cit.,p.660.*

discussão. Assim, quando depararmos com fontes de hospitais, cujos pacientes foram submetidos à opoterapia, creio que muitas histórias poderão ser contadas.

A intenção da campanha de repressão aos homossexuais, durante a década de 1930 foi médico- pedagógica, isto é, almejou inculcar no conjunto das mentalidades, uma espécie de formação de como olhar os corpos, diferentes em suas morfologias, como sinais indicativos de presença da homossexualidade e, por conseguinte, precisavam ser evitados. Por fim, não podemos deixar de levar em consideração, que censuras e críticas ao empreendimento de Leonídio poderiam ser gentilmente reguladas e controladas, com o apoio estatal, cada vez mais, coercitivo nos aspectos da comunicação brasileira durante o governo Vargas.⁵⁶⁰

Com base nas idéias acima esboçadas, podemos depreender que os elogios as práticas de enxertos e transplantes de testículos, eram devidos a sua relativa praticidade técnica, cuja matéria-prima poderia ser encontrada com facilidade, seja extraída de cobaias animais, ou, através de cadáveres disponíveis em dependências de ambientes médico legais, como bem o fez Stanley na Califórnia.⁵⁶¹

Como observou Martins, por volta daquela época, "tentava-se a descoberta de princípios ativos, e não a aplicação antecipada de princípios de existência desconhecida ou problemática".⁵⁶² A testosterona, havia sido purificada, em 1931 e, mesmo assim, muitos testes sobre os efeitos dessa substância no organismo de humanos e animais foram colocados em prática, com o fito de entender a quantidade e as doses suficientes para o tratamento opoterápico e, mormente, para quais patologias específicas essa quintessência hormonal seria indicada. Vale ressaltar, no que se refere a obtenção de produtos farmacológicos, a partir da extração de produtos hormonais, a tiróide permaneceu sendo a mais usual até a década de 1920. Desde então, somente duas preparações sintéticas haviam sido elaboradas, até a década de 1950, ou seja: a adrenalina e a pituitrina. Até esse momento, segundo Martins, nenhum clínico podia ter em mãos extratos, com a capacidade de produzir os efeitos, "ainda que leves", de glândulas como: hipófise anterior, paratiróides, cortex suprarenal, pâncreas, testículos, ovários.⁵⁶³ Por isso, ainda durante a década de 1940, assistimos

⁵⁶⁰ Essa hipótese adquire mais sustentabilidade quando pensamos na aura coercitiva, em tempos de DIP. Sobre o comportamento da censura, durante o Estado Novo de Vargas, ver mais em: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/DIP>

⁵⁶¹ Citar o texto das covas.

⁵⁶² MARTINS, Thales. Evolução do conceito de hormônio e opoterapia- exame crítico da influência de Brown-Séquard. *op.cit.*, p.654.

⁵⁶³ *Ibidem*, p.659.

cientistas buscando observar o comportamento de animais após a aplicação de hormônios sexuais.⁵⁶⁴

A atmosfera daqueles (as) que viveram expressões sexuais avessas à sociedade heterossexual, norma para a época, foi vivida em meio a disputas de poderes científicos – psiquiátricos, endocrinológicos e psicológicos - que a sua maneira, desejavam contribuir para o ideal de normalidade para os indivíduos sociais. Como vimos ao longo do estudo, a perseguição colocada como meta na pauta política ante a presença dos indesejáveis, - ilustrada por Lená Medeiro de Menezes⁵⁶⁵ – fez da vida de muitos comunistas, imigrantes, homossexuais, prostitutas e prostitutos uma trama quase que cinematográfica. As paisagens sociais e culturais, como bem sabemos, mudaram consideravelmente no período Vargas. Durante a década de 1920, assistiu-se a movimentação de feministas⁵⁶⁶ na arena política e social, reivindicando a consolidação de direitos políticos. Por outro lado, como bem pontuou Oliveira Júnior, "a homossexualidade aparecia como ato anti-social paradigmático quando se tratava de influências hormonais no comportamento".⁵⁶⁷ De acordo com o historiador, a década de 1930 pode ser considerada como o ápice das ações biomédicas frente às homossexualidades, tendo, tal medicalização permanecido até a década de 1950.

Estudos recentes vêm demonstrando a continuidade das atrocidades cometidas contra a população LGBT sob o regime da ditadura civil-militar, implementada no Brasil, entre 1964 e 1985.⁵⁶⁸ O legado desses anos de acirramento contra as liberdades individuais continua vivo, em nossos dias. Adeptos de correntes de pensamento fascistas e anti-democráticas tem crescido vertiginosamente no cenário brasileiro e internacional, nos últimos anos. Somos o país que figura

⁵⁶⁴ PORTO, ANANIAS; FERRAZ, Manoel; MARTINS, Thales. Efeitos do tratamento prolongado de cadelas com o propionato de testosterona. Memórias do Instituto Butantan. Tomo XVI, 1942; MARTINS, Thales; VALLE, J.r. A atitude do cão na micção e os hormônios sexuais. *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, 44 (2):, jun. 1946, p. 342-361.

⁵⁶⁵ MENEZES, Lená Medeiros de. Os indesejáveis: desclassificados da modernidade. Protesto, crime e expulsão na Capital federal (1890-1930), Rio de Janeiro, EdUERJ, 1996.

⁵⁶⁶ Sobre esse ponto observações instigantes que buscam traçar a presença da eugenia, nas primeiras décadas do século XX, bem como das próprias pautas reivindicadas pelas feministas nesse período que antecede a revolução sexual dos anos 60, podem ser acessadas em: RAMOS, Maria Bernardete. Ao Brasil dos meus sonhos: feminismo e modernismo na utopia de Adalzir Bittencourt. *Estudos Feministas*, 2002. ; Outra abordagem comparativa foi feita por VÁZQUEZ, Maria Laura Osta. Feminismo, Eugenia e Maternalismo nos discursos de duas feministas sufragistas Uruguaia e Brasileira. *Fronteiras*, Dourados, MS, v.14, n.25, p.55-68, 2012. Sobre a construção de ficções científicas, com base na utopia eugênica, presente no cenário brasileiro ver mais em: SMANIOTTO, Edgar Indalecio. *Eugenia e Literatura no Brasil: apropriação da ciência e do pensamento social dos eugenistas pelos escritores brasileiros de ficção científica - (1922-1949)*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Universidade Estadual Paulista, 2012; Sobre os usos da eugenia por feministas, nas primeiras décadas do século XX, ver mais em: ZIEGLER, Mary. Eugenic Feminism: Mental hygiene, the women's movement, and the campaign for eugenic legal reform, 1900-1935. *Harvard Journal of Law & Gender*, nº211, 2008.

⁵⁶⁷ OLIVEIRA JÚNIOR, Alcidesio. *De monstros a anormais, op.cit.*, p.206.

⁵⁶⁸ GREEN, James; QUINALHA, Renan. (orgs). Ditadura e homossexualidades. Repressão, Resistência e a Busca da Verdade. EdUFSCar, 2015.

no topo de *rankings* internacionais, quando o assunto é regiões que lideram em crimes de homofobia e feminicídio.

Entre 2008 e 2014, aproximadamente 604 travestis e transexuais foram assassinadas no Brasil, atualmente, considerado o país mais transfóbico do mundo. No relatório sobre Violência Homofóbica no Brasil, publicado em 2012, pela Secretaria de Direitos Humanos, constam registrados 3.084 denúncias de violações relacionadas à população LGBTT's, onde foram contabilizadas 4.851 vítimas.⁵⁶⁹ Recentemente, matéria publicada no *New York Times*, divulgou que o Brasil vive uma nítida epidemia contra as populações LGBTT's, visto que nos últimos quatro anos, cerca de 1.600 pessoas foram assassinadas por crimes de homofobia. Além disso, também foi destacado a contribuição do quadro conservador, machista e incentivado por religiosos de vertente neo-pentecostal, cujos representantes políticos têm contribuído, ainda mais, para o desenvolvimento dos discursos de ódio, incitação a violência no país e elaboração de obstáculos a implementação de projetos de lei que visam contribuir para a criminalização dos crimes de homofobia. Por fim, o Brasil passa a ser reconhecido, internacionalmente, por ser um dos países mais perigosos para as pessoas LGBTT'S.⁵⁷⁰

As taxas de assassinatos contra a população transgênero cresceram no país em escala geométrica. Segundo o levantamento da Rede Trans, cerca de 70 assassinatos foram registrados, até junho de 2016.⁵⁷¹ A Rede Nacional de Pessoas Trans do Brasil (RedeTrans), apontou que 82% das mulheres transexuais e travestis abandonam o ensino médio, por volta dos 14 e 18 anos, resultados da discriminação vivida nas escolas e, pela própria ausência de apoio familiar. Muitas destas, 90% tendem a optar pela prostituição. No caso dos homens trans, muitos se deparam com o desemprego e sub-emprego, resultados evidentes da transfobia.

Vale frisar que qualquer instrumento que verse sobre a criminalização de atos homofóbicos, terá de ser acoplado a políticas públicas de conscientização intensivas, sobre a importância de discutirmos, amplamente, que falar de gênero é estar apto a compreender as demandas evocadas pelas populações de mulheres transexuais, das travestis, dos homens trans, das lésbicas, das pessoas intersexuais, das pessoas não-binárias, das pessoas assexuais, das pessoas intersexuais e, sobretudo, das discussões em prol da luta contra a cultura do estupro, bem como na defesa da voz e do direito das mulheres sobre os seus corpos. O problema maior será desconstruir, nos próximos

⁵⁶⁹ Para acessar o relatório na íntegra, consultar: <http://www.sdh.gov.br/assuntos/lgbt/pdf/relatorio-violencia-homofobica-ano-2012>.

⁵⁷⁰ O artigo "Brazil is Confronting an epidemic of anti-gay violence" pode ser acessado no link: http://www.nytimes.com/2016/07/06/world/americas/brazil-anti-gay-violence.html?_r=1

⁵⁷¹ Ver mais em: <http://redetransbrasil.org/assassinatos.html>

anos, essa celeuma, personificada nos discursos de ódio que incentivam a proliferação de atos contra a diversidade e a alteridade.

A tarefa foi lançada, e não tive aqui a mínima pretensão em oferecer uma resposta final para o problema. Saio desse estudo com mais perguntas do que antes, sobretudo quando deparei-me com essa prolífica rede de parcerias, realizada, entre institutos de pesquisa experimental – seja da fisiologia ou da endocrinologia – com indústrias farmacêuticas internacionais. Ademais, acredito ser possível, através dos *Arquivos de Medicina Legal e Identificação*, contar outras histórias, que levem em consideração o diálogo de Leonídio⁵⁷² com outros estados da federação, o que possibilitaria, observarmos, até que ponto, tais procedimentos, em curso, no Instituto de Identificação no Rio de Janeiro, foram reutilizados em outros contextos, em outras regionalidades. Com efeito, esses *Arquivos* podem trazer pistas e vestígios da atuação de Leonídio, em escala transnacional, mormente, quando cotejarmos suas atuações como tradutor de estudos estrangeiros, resenhista de obras internacionais que circulavam na capital federal e divulgador de inúmeras teorias no âmbito da criminologia, medicina legal e endocrinologia. Há muitas histórias para serem contadas sobre esses personagens e, Oxalá queira que, no porvir, estudantes possam aproveitar as pistas aqui fornecidas.

Por fim, mediante ao crescimento de discursos de ódio e incitação à violência, contra as diferenças que constituem a diversidade das experiências de gênero, cumpre ressaltar que a escolha em deixarmos os registros ou não de nossas intenções, não escapam ao olhar sedento de Clio, a preferida das Musas.

⁵⁷² É possível acompanhar através da imprensa carioca, um engajamento de Leonídio Ribeiro na defesa da produção de farmacêuticos nacionais, em detrimento da importação de produtos estrangeiros. Em palestra realizada no Club Rotary, Leonídio comunicou: "" Entretanto, não devo esquecer de referir o caso dos soros, vaccinas e productos opoterápicos, que são tanto mais eficientes quanto mais recentemente preparados e ainda de acordo com o material e técnica utilizados e nos países onde vão ser utilizados, não se justificando, pois, de forma alguma, que ainda importemos esses medicamentos, hoje fabricados no Brasil, com todos os requisitos technicos." *O Cruzeiro* - 14-11-1931.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

I-FONTES PRIMÁRIAS

BARBÁRA, Mário. “Prefácio”. In: BERARDINELLI, Waldemar. *Biotipologia: constituição, temperamento, carácter*. Rio de Janeiro: Francisco Alves. 1933.

BERARDINELLI, Waldemar. *Tratado de Biotipologia e Patologia Constitucional*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1ª Edição.1942.

_____. *Os tipo humanos na vida e na arte: antropologia diferencial aplicada*. Rio de Janeiro, Organizações Simões, 1954.

_____. *Biotipologia: constituição, temperamento, carácter*. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Francisco Alves.1936.

_____. *Tratado de Biotipologia e Patologia Constitucional*. 1ª Edição, Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1942.

BITTENCOURT, C.A, Lucio. Endocrinismo e criminologia. *Revista de Direito Penal*, ano I, jun.,vol:11, fasc.3, 1933,pp.347-353.

BRASIL. *Decreto n.17.805, de 23 de maio de 1927*. Aprova o regulamento para execução dos serviços da Assistência a Psicopatas no Distrito Federal. 23 maio 1927.

BRASIL. *Decreto de 2 de janeiro de 1891* - Regulamentação das Instituições de Ensino Jurídico. 2 de janeiro de 1891.

BRASIL. *Decreto de n.º 3.640, de abril de 1900*, responsável pela reorganização do serviço policial no Distrito Federal.

BRASIL. *Anais da Assembleia Nacional Constituinte*. Debates sobre a lei do divórcio. 1935.p.217

BRAZIL MÉDICO, *Organoterapia no Oriente- 1923 - folheto de Regnault*), 1923, p.336

_____. Seção Bibliographia. Resenha do Dr. Scheffer sobre a obra *L'Opothérapie en vingt leçons*. 1929. p.1414.

_____.Seção Associações Cientificas. Reunião da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro. 1915. p. 236-237-238

CARRILHO, Heitor. Loucura moral: homossexualismo com impulsões sádicas, delírio de imaginação de carácter mystico, estudo clínico e médico-legal, incapacidade de imputação, temibilidade, defesa social, necessidade de internação. *Archivos do Manicômio Judiciário do Rio de Janeiro*, ano:1, nº, 1930,p.77-101.

FUNES, Mariano Ruiz. *Endocrinologia e criminalidade*. Madri: Javier Morata, 1929.

FOUQUÉ, Charles. *Homossexualismo o amor que não ousa dizer seu nome*). Coleção Estudos Psico-Sexuais. Editora Civilização Brasileira, 1953.

LUZARDO, Baptista. Relatório encaminhado o Ministro da Justiça e Negócios Interiores.Arquivos do Instituto Médico Legal e do Gabinete de Identificação. Publicação Oficial do DF. N.2. 1931. p.7

MACHADO, Eugenio. A endocrinologia e a sua contribuição à antropologia criminal. *Arquivos da Polícia Civil de São Paulo*, São Paulo, v.4, 2º sem., 1942.

MARAÑON, Gregório. *Los estados intersexuales em La especie humana*. Madrid: Javier Morata, 1929.

MARTINS, Thales; MACEDO, Dorival. Acção dos saes biliare sobre o tracto genital das cobayas. *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*; 21(s3), 1928. p. 114-116.

- _____. O ciclo estral dos ratos em parabiose, e os hormônios do lobo anterior da hipófise. *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, 22(s11), 1929, p.265-269.
- _____. On the reproductive capacity of mice after hypophyseal implants. *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, 22(s10), 1929, p.233-241.
- _____. ROCHA, Arnaldo. A regulação do lobo anterior da hipófise por um hormônio testicular, especialmente sob o ponto de vista morfológico. *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*; 25(1), fev., 1931, p.73-80.
- _____. ROCHA, Arnaldo. The seminal vesicles of the castrated mouse, test for the testicular hormones. *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, 22(s9), 1929.
- _____. *Glandulas Sexuales e Hypophyse Anterior : Tratado de Endocrinologia*. SP: Companhia Editora Nacional, 1936.p. 29
- _____. Os Anti-hormônios, *Brazil Médico*, vol.2, 1936. p.575
- _____. VALLE, José Ribeiro do. A attitude do cão na micção e os hormônios sexuais. *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, 44(2); jun.1946, p.343-361.
- _____.Evolução do conceito de hormônio e opoterapia – Exame crítico da influência de Brown- Séquard- Trabalho Pioneiro dos portugueses Bittencourt e Serrano. *Arquivos Brasileiros de Endocrinologia e Metabologia*, vol.45, nº:5, (Suplemento 2), Novembro, 2001. **Originalmente publicado em 1951, no mesmo Arquivos.**
- MEIRA, Clovis. Endocrinologia e criminalidade. *Revista Brasileira de Criminologia e Direito Penal*, ano XXIV, nº 1 e 2, pp. 42-53, jan.- jun., 1954
- MONTE, Luiz. Hormônio e crime. *Revista Brasileira de Criminologia*. RJ, jul. /set.,ano II, nº4, 1948, pp.16-18.
- PEIXOTO, Afrânio. Atualidade e futuro da Medicina-Legal. *Arquivos da Policia Civil de São Paulo*, SP, v. 3, 1942,p.263-268.
- RIBEIRO, Leonídio. *Homossexualismo e Endocrinologia*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1938.
- MACHADO, Eugenio S. As modernas idéias em Biologia, a Endocrinologia e a Antropologia Criminal. *Revista de Direito Penal*, Rio de Janeiro: vol. 28, fasc II, p. 211-233, 1940. p. 213.
- MONCAU JÚNIOR, Pedro. "Pesquisas endocrinológicas em criminosos". *Arquivos de Polícia e Identificação*, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 92-101, 1939.
- PEIXOTO, Afrânio. *Criminologia* (2ªed.) Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1933.
- PENDE, Nicola. *Trabajos recientes sobre endocrinologia y psicologia criminal*. Madrid: Javier Morata, 1932.
- RIBEIRO, Leonídio. Ciência homossexualismo e endocrinologia. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental* 13.3 (2010): 498-511.
- _____. Homossexualismo e endocrinologia. *Archivos da Sociedade de Medicina Legal e Criminologia de São Paulo*, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 64-65, 1935.
- _____. Homossexualidade. *Revista de Direito Penal*, RJ, ano IV, jul. - set., vol. XIV, fasc.1, pp.91-92, 1950.
- _____. Homossexualismo e endocrinologia. *Revista de Direito Penal*, RJ, ano IX, jun., vol. I, fasc.3, pp. 135-151, 1935
- _____. O problema médico-legal do homossexualismo, *Revista Jurídica: Órgão Cultural da Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro*, v. 3, p. 185-203, 1º semestre de 1935.
- _____. "O papel da medicina na prevenção do crime". *Revista de Direito Penal*, ano IV, Abril, vol. XIII, fasc.1, 1936, p.55-61.
- _____. "Debate sobre a lei de esterilização. *Arquivos de Medicina Legal e Identificação*, Rio de Janeiro, 1939, p. 168.

- _____. "Institutos de Criminologia". *Revista Penal e Penitenciária*, São Paulo, v. 1 n. 2, 1940. p. 383-394,
- _____. "O Instituto de Identificação do Rio de Janeiro". *Revista de Direito Penal*, ano I, jun., vol.1, fasc.3, pp.337-346.1933,
- _____. *De Médico a Criminalista: depoimentos e reminiscências*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1967.
- SINISGALLI, Aldo. Considerações gerais sobre o homossexualismo. *Arquivos de Polícia e Identificação*, São Paulo, v.3, 1938-1940, p.282-303.
- _____. Observações sobre os hábitos, costumes e condições de vida dos homossexuais (pederastas passivos) de São Paulo. *Arquivos de Polícia de Identificação de São Paulo*, vol.3, 1938-1940, p.304-309.
- VALLE, José Ribeiro do. Thales Martins: pioneiro da endocrinologia experimental. *Arquivos Brasileiros de Endocrinologia e Metabologia*, v. 45, n. 5, supl. 2, nov. 2001, p.786-790.
- VASCONCELLOS, Manuel de. A ophotherapia hepatica n'um caso de cirrhose do figado. *Brazil Medico*. Volume 1, Ano XXVII, n.6, 1913, p.116
- WERNECK, Carlos. Do enxerto ovariano em cirurgia. *Brazil Médico*. Volume 1, Ano XXVII, n 6, 1913, p.53.
- WHITAKER, Edmur de A. Contribuição ao estudos dos homossexuais, *Archivos da Sociedade de Medicina Legal e Criminologia de São Paulo*, São Paulo, vol.8, Suplemento. Annaes da Primeira Semana Paulista de Medicina Legal, 1937, São Paulo. 1938. P.217-222.
- _____. Edmur de Aguiar et al. Estudo biográfico dos homossexuais (pederastas passivos) da Capital de São Paulo. Aspectos da sua atividade social, costumes, hábitos, "apelidos", "gíria". *Arquivos de Polícia e Identificação, São Paulo*, v. 2, n. 1, 1938-1939, p. 244-260.
- VAZ, Juvenil da Rocha. "Endocrinologia: synthese clínica". Rio de Janeiro: Editora Guanabara Waissan-Koogan, Ltda, 1933.

Jornais (Consultados pela Plataforma digital da Hemeroteca Nacional)

- *O Cruzeiro* - 14-11-1931
- *Correio da Manhã*. 11/12/1931
- *A Notícia*, 12/09/1932
- *Revista Careta* - 17/12/1938
- *O Cruzeiro*- 27/07/1946
- *Revista Careta*- 20/09/1947

FONTES SECUNDÁRIAS.(livros, capítulos de livros, teses, dissertações, artigos e textos em anais de simpósios)

- ABADÍA, Oscar Moro. Ensayos: La nueva historia de la ciencia y la sociología del conocimiento científico: un ensayo historiográfico. *Asclepio*, vol. LVII-2-2005, p. 255-280.
- ACUAVIVA, Antonio Orozco. *Historia de la endocrinología española*. Ediciones Díaz de Santos, 1999.
- ALVAREZ, Marcos César. *A criminologia no Brasil ou como tratar desigualmente os desiguais*. Rio de Janeiro: Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, 2002.
- _____. O homem delinqüente e o social naturalizado: apontamentos para uma história da criminologia no Brasil. *Teoria & Pesquisa*, São Carlos 47 (2005): 71- 92.

ALTMANN, Werner. "" Vício repugnante em lo social, aberración en lo sexual, perversión en lo psicológico y defecto en lo endocrino". Un ensayo bibliográfico sobre la homosexualidad y los homosexuales bajo la dictadura franquista." *Iberoamericana* (2001) (2006): 193-210.

BANNER, Lois W. "Mannish women, passive men, and constitutional types: Margaret mead's sex and temperament in three primitive societies as a response to Ruth Benedict's patterns of culture." *Signs*, 40.1 (2014).

BASHFORD, Alisson & LEVINE, Philippa. *The Oxford handbook of the history of eugenics*. Oxford, University Press, 2010.

BELMONTE, Pilar Rodriguez. *História da Homossexualidade: ciência e contra-ciência no Rio de Janeiro (1970-2000)*. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro, 2009.p.44

BENCHIMOL, Jaime Larry; TEIXEIRA, Luiz Antonio. *Cobras, lagartos e outros bichos: uma história comparada dos institutos Oswaldo Cruz e Butantan*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1993

BIRN, Anne. Emanuele. O nexo nacional-internacional na saúde pública: o Uruguai e a circulação das políticas e ideologias de saúde infantil, 1890-1940. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, vol. 13, n. 3, p. 675-708, jul.-set. 2006.

BLUE, Ethan. The Strange Carrer of Leo Stanley: Remaking Manhood and Medicine at San Quentin State Penitentiary. 1913-1951. *Pacific Historical Review*, Vol.78, no2, Maio, 2009. pp.210-241

BOLEA, Ramón Castejón. "Marañón y la identidad sexual: biología, sexualidad y género en la España de la década de 1920." *Arbor*, 189.759 (2013): a005.

BRETAS, Marcos. *Ordem na cidade. O exercício cotidiano da autoridade policial no Rio de Janeiro. 1907-1930*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997

BUENO, Cristiane Brandão. Medicina Brasileira e crime no século XIX:o caso de D. Francisca, “A torturadora de Botafogo”. *Revista de Criminologia e Ciências Penitenciárias*. São Paulo, ano 3, nº, 2014.

BUENO, Maria de Fátima Guimarães. *Corpos Violados: Fotografias em processos do Judiciário. Boletim. CDAPH*, Bragança Paulista, v.3, n.1,p.9-29,jan/jun.2002.

CANCELLI, Elizabeth. Mal estar de escrever: memórias de cárcere em tempos de ditadura e de Guerra Fria. *Arquivo Público do Estado e Universidade de São Paulo* Disponível em:<<http://www.usp.br/proin/publicacoes/artigos.php>> Acesso em: 8/jul.2016

_____. Entre prerrogativas e regras: justiça criminal e o controle político no Regime Vargas (1930-1945). *Cadernos do Tempo Presente*, n.15, mar./abr., p. 02-35.2004.

CAPONI, Sandra. *Loucos e degenerados: uma genealogia da psiquiatria ampliada*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2012.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. Os arquivos da polícia política brasileira: Uma alternativa para os estudos de História do Brasil Contemporâneo. Projeto Integrado - Arquivo Público do Estado e Universidade de São Paulo. Disponível em: <<http://www.usp.br/proin/publicacoes/artigos.php>> . Acesso em: 8/jul.2016.

CARRARA, Sérgio. *Crime e loucura: o aparecimento do manicômio judiciário na passagem do século*. Rio de Janeiro/ São Paulo, Editora da UERJ/Edusp,1998.

_____. Estratégias Anticoloniais: sífilis, raça e identidade nacional no Brasil do entre-guerras. In: HOCHMAN, Gilberto.; ARMUS, Diego. (Orgs.). *Cuidar, Controlar, Curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004 (Coleção História e Saúde), pp. 427-453.

CARVALHO, André Luis de Lima. *Além dos confins do homem: Frances Power Cobbe contra o darwinismo na controvérsia sobre a vivisseção no Reino Unido (1863-1904)*. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro, 2010.

CERQUEIRA, Ede Conceição Bispo. *A Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal: Debates sobre ciência e assistência psiquiátrica (1907-1933)*. Dissertação de Mestrado em História das Ciências e da Saúde - Casa de Oswaldo Cruz/ Fiocruz, Rio de Janeiro: 2014.

CÔRREA, Marisa, *As ilusões da liberdade: Nina Rodrigues e a antropologia no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.

COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELO, Georges. Identificar: traços, indícios, suspeitas. In CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELO, Georges (orgs). *História do Corpo (v.3): as mutações o olhar. O século XX*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009, p.355

CUNHA, Maria Olívia Gomes da. 1933, o ano em que fizemos contato. *Revista USP*. São Paulo: n.26, p142-163,1996.

_____, "Os domínios da experiência, da ciência e da lei: os manuais da polícia civil do Distrito Federal,1939-1942". *Estudos Históricos*, n.12, p.235-264,1998.

_____. Sua alma e sua palma: identificando a "raça" e inventando a nação. In: PANDOLFI, D. (org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, p.257-288,1999.

_____. *Intenção e Gesto: pessoa, cor e a produção cotidiana da (in) diferença no Rio de Janeiro,1927-1942*. Prêmio Arquivo Nacional de Pesquisa, Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2002.

_____. Livros de memória do decifrador: medicina e crime nos estudos de Leonídio Ribeiro. In: DUARTE, Luiz Fernando Dias. (et al). *Psicologização no Brasil: atores e autores. Luiz Fernando Dias; Jane Russo; Ana Teresa A. Venâncio (orgs.)*, Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2005.

CUPERSCHMID, Ethel Mizrahy;CAMPOS,Tarcisio Passos Ribeiro de. Os curiosos xenoinplantados glandulares do doutor Voronoff. *História, Ciências, Saúde –Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.14, n.3, p.737-760, jul.-set. 2007.

D'AVILA, Jerry. *Diploma de Brancura: política social e racial no Brasil – 1917-1945*. São Paulo, Editora da UNESP, 2006.

DARMON, Pierre. *Médicos e Assassinos na Belle Époque*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

DIAS, Allister. Arquivos de Ciências, Crimes e Loucuras: Heitor Carrilho e o debate criminológico do Rio de Janeiro entre as décadas de 1920 e 1940. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde), Casa de Oswaldo Cruz, Fiocruz, Rio de Janeiro, 2015.

DOVIO, Mariana Angela. "Medicina legal en Buenos Aires entre 1924-1934: Proyectos legales sobre pelogrosidad en la Revista de Ciminología, Psiquiatria y Medicina Legal." *Cuadernos de historia*, Santiago, 40, 2014, p.95-114.,

ENGEL, Magali Gouveia. Sexualidades interdidas: loucura e gênero masculino. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.15, Suplemento, jun. 2008.p.173-190,

ERASO, Yolanda. "Biotypology, Endocrinology, and Sterilization: the practice of eugenics in the treatment of Argentinian women during the 1930s." *Bulletin of the History of Medicine*, 81.4 (2007): 793.

EVANS, Bonnie, and Edgar Jones. "Organ extracts and the development of psychiatry: hormonal treatments at the Maudsley Hospital – 1923-1938-", *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, 48.3, 2012, p.251-276.

FACHINETTI, Cristiana. A doença do prazer. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, v. 93, 2013. p.32-34.

FELICIO, Leandro Alves. *A moralização do sexo: os debates sobre a educação sexual para o projeto de nação brasileira na I Conferência Nacional de Educação- 1927-* Dissertação de Mestrado em História das Ciências e da Saúde- Casa de Oswaldo Cruz- Fiocruz, Rio de Janeiro, 2012.

FERLA, Luis. "Gregorio Marañón y la apropiación de la homosexualidad por la medicina legal brasileña." *Frenia. Revista de Historia de la Psiquiatría*, 2004, p.53-76. Disponível em: <<http://www.revistaaen.es/index.php/frenia/article/view/16401>>. Acesso em: 8/jul.2016.

_____. *Feios, sujos e malvados sob medida: a utopia médica do biodeterminismo, São Paulo (1920-1945)*. São Paulo: Alameda, 2009.

_____. El determinismo biotipológico y su red de sustentación a través de eugenistas españoles, brasileños y argentinos. IN: MIRANDA, Marisa y VALLEJO, GUSTAVO. (dirs.). *Una historia de la eugenesia. Argentina y las redes biopolíticas internacionales (1912-1945)*, Biblos, Buenos Aires, 2012.

FERRÁNDIZ, Alejandra; LAFUENTE, Enrique. El pensamiento Eugénico de Marañón. *Asclepio*, Vol. LI- 2, 1999. p. 133, 134;

FERRARI, Mercedes Garcia. El rol de Juan Vucetich em el surgimiento transnacional de tecnologías de identificación biométricas a principios del siglo XX, *Nuevo Mundo, Mundos Nuevos*, Debates 2014. Disponível em: <<https://nuevomundo.revues.org/66277?lang=pt>>. Acesso em: 8/jul.2016.

FILHO, Sidney Aguilar. Educação, Autoritarismo e eugenia: exploração do trabalho e violência à infância desamparada no Brasil (1930-1945). Tese (Doutorado em Educação) , Universidade Estadual de Campinas, 2011.

FLECK, Ludwick. *La génesis y el desarrollo de un hecho científico. Introducción del estilo de pensamiento y del colectivo de pensamiento*. Alianza Editorial, Madrid, 1986.

FONSECA, Cristina. M. Oliveira. Saúde no Governo Vargas. (1930-1945). Dualidade institucional de um bem público, Rio de Janeiro, Editora Fiocruz, 2007.

FRY, Peter. Febrônio Índio do Brasil: onde cruzam a psiquiatria, a profecia, a homossexualidade e a lei. In: *Caminhos cruzados. Linguagem, antropologia e ciências naturais*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982. ;

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1984.

_____. *A arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. *O Poder psiquiátrico*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2006.

_____. *Os anormais*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. *Segurança, território e população*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GALEANO, Diego. Identidade cifrada no corpo: o *bertillonage* e o Gabinete Antropométrico na Polícia do Rio de Janeiro – 1894-1930-. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*. Ciências Humanas, vol.7, n°3, set-dez., 2012, p.721-742.

_____. *Criminosos viajantes: Circulações transnacionais entre Rio de Janeiro e Buenos Aires- (1890-1930)- Prêmio Arquivo Nacional de Pesquisa*, 2013, no prelo.

GARCÍA, Francisco Vásquez. El discurso médico y la invención del homosexual - España 1840-1915-, *Asclepio*, vol: LIII, 2, 2001.

GREEN, James Naylor. *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: UNESP, 2000

_____. CÉSPEDES, Carlos Manuel; QUINALHA, Renan. Ditadura e Homossexualidades. BRASIL. *Comissão Nacional da Verdade. Textos temáticos- Volume II*, Brasília: CNV, 2014.

_____. O Pasquim e Madame Satã, a "rainha" negra da boemia brasileira. *TOPOI*, v. 4, n. 7, jul.-dez. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/topoi/v4n7/2237-101X-topoi-4-07-00201.pdf>> Acesso em: 8/jul.2016.

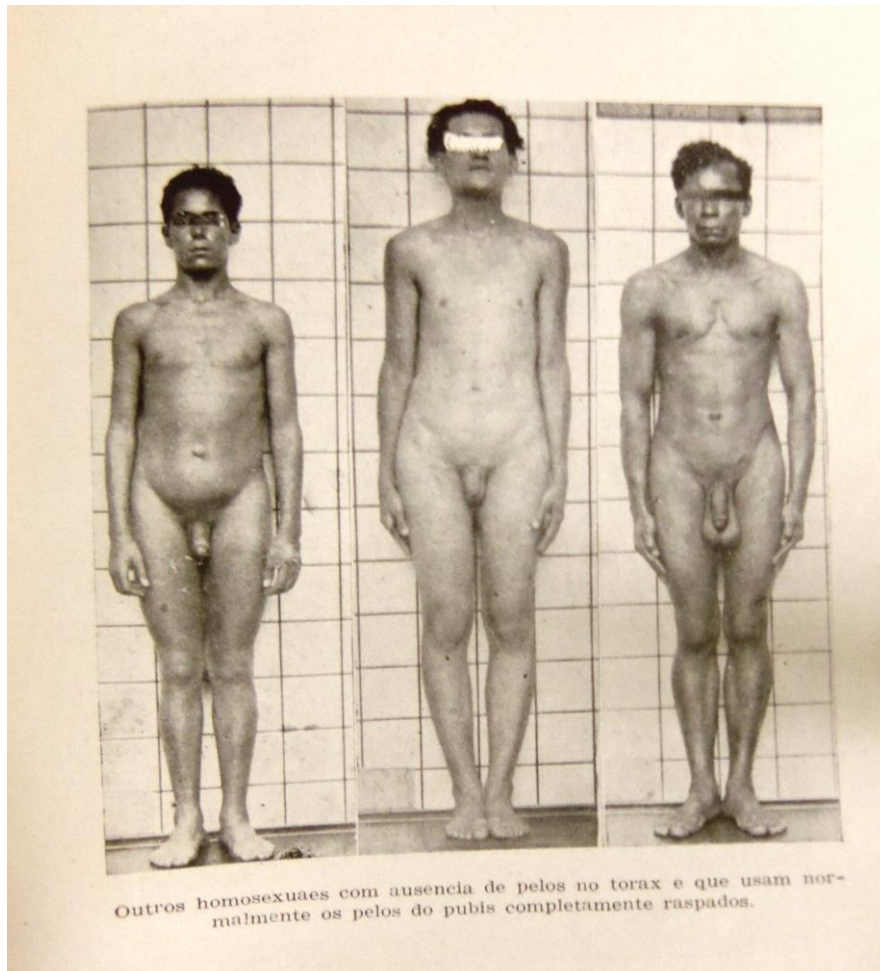
- _____. Homosexuality, Eugenics, and Race: Controlling and Curing "Inverts" in Rio de Janeiro in the 1920s and '30. *The Body and Body Politics in Latin America*, University of Maryland, Abril 18-19, 2003.
- GAMA, Elizabeth C. *Mulato, homossexual e macumbeiro: que rei é este? Trajetória de João da Goméia (1914-1971)*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal Fluminense, Niteroi, 2012, p. 118-120.
- GINZBURG, Carlo. *Mitos, Emblemas, Sinais: Morfologia e História*. São Paulo.
- GUTMAN, Guilherme. Febrônio, Blaise & Heitor - Pathos, violência e poder. *Rev. Latino Americana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v.13, n.2, junho, 2010, p.175- 189.
- GUTMAN, Guilherme. Criminologia, Antropologia e Medicina Legal. Um personagem central: Leonídio Ribeiro. *Rev. Latino Americana de Psicopatologia Fundamental*, v.13, n.3, setembro, 2010. p.482-497.
- HERRN, Rainer. "On the history of biological theories of homosexuality." *Journal of Homosexuality*, 28.1-2, 1995, p.31-56.
- HOCHMAN, Gilberto; MAIO, Marcos Chor; LIMA, Nísia Trindade, The Path of Eugenics in Brazil: The dilemmas of miscegenation, In: *The Oxford Handbook of The History of Eugenics*, Oxford University Press, Oxford, 2010, p.495
- _____. A ciência entre a comunidade e o mercado: leituras de Kuhn, Bourdieu, Knorr-Cetina, Latour, 1994. In PORTOCARRERO, Vera. *Filosofia, História e Sociologia das Ciências: abordagens contemporâneas*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1994.
- KUHN, T. *A Estrutura das Revoluções Científicas*. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- LAQUEUR, Thomas W. *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- LATOUR, Bruno. Centrais de Cálculo. In: *Ciência em Ação*. São Paulo, P.349-420. Unesp, 2000.
- LEVINE, Philippa, BASHFORD, Alisson, The Eugenic and the Modern World, In: *The Oxford Handbook of The History of Eugenics*, Oxford University Press, Oxford, 2010. p.4-5
- MACHADO, Paula Sandrine. *O sexo dos anjos: representações e práticas em torno do gerenciamento sociomédico e cotidiano da intersexualidade*. Tese (Doutorado em Antropologia Social) , Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.
- MACHADO, Ubiratan Fabres. Evolução do conceito de Hormônio e Opoterapia - Análise Crítica do Conhecimento em 2001- "Uma homenagem a Thales Martins nos 50 anos de ABE&M e 100 anos de Endocrinologia". *Arquivos Brasileiros de Endocrinologia e Metabologia*, 2001, n45/5, suplemento 2, p.685.
- MARTINS, Hildeberto Vieira. O discurso médico psicológico e a garantia dos "efeitos salutares e elevados da defesa social": o caso Febrônio". *Anais do XV Encontro Regional de História da ANPUH-RIO*, junho, 2012.
- MARTINS, Luiz Alberto Moreira, PEIXOTO JÚNIOR, Carlos Augusto. Genealogia do Biopoder. *Psicologia & Sociedade*; 21 (2), 2009, p.157-165.
- MEDVEI, Victor. Cornelius. "The Troubled and Exciting Years of the First Four Decades of the 20th Century—Part I." *A History of Endocrinology*. Springer Netherlands, 1982. p. 385-435.
- _____. The history of clinical endocrinology: a comprehensive account of endocrinology from earliest times to the present day. CRC Press, 1993.
- MENEZES, Lená Medeiros de. *Os indesejáveis: desclassificados da modernidade. Protesto, crime e expulsão na Capital federal (1890-1930)*, Rio de Janeiro, EdUERJ, 1996, p.54-55.

- MEYER-BAHLBURG, Heino F. L. Sex Hormones and Male Homosexuality in Comparative Perspective. *Archives of Sexual Behavior*, Vol.6, No.4, 1977.
- MOTA, André. *Quem é bom já nasce feito: sanitarismo e eugenia no Brasil*. Rio de Janeiro, DP&A, 2003
- MUCHEMBLED, Robert. *O orgasmo e o ocidente: Uma história do prazer do século XVI a nossos dias*. Martins Fontes, São Paulo, 2007.p.94.
- MUÑOZ, Pedro Felipe Neves de. *À luz do biológico: psiquiatria, neurologia e eugenia nas relações Brasil-Alemanha (1900-1942)*. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro, 2015.
- NORDLUND, Christer. "Endocrinology and expectations in 1930s America: Louis Berman's ideas on new creations in human beings." *The British Journal for the History of Science*, 40.01, 2007, p. 83-104.
- NUNES, Sílvia Alexim. Histeria e psiquiatria no Brasil da Primeira República. *História, Ciências e Saúde- Manguinhos*, vol.17, suplemento 2, 2010. pp.373-389.
- OLIVEIRA, Cristiane. Libertar o brasileiro de seu prisioneiro moral: identidade nacional, educação sexual e família no Brasil da década de 1930. *Psicologia & Sociedade*, 24.3,2012, p. 507-516.
- OLIVEIRA JÚNIOR, Alcidésio de. "*Penas especiais para homens especiais*": as teorias biodeterministas na *Criminologia Brasileira na década de 1940*". Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – PPGHCS- Casa de Oswaldo Cruz- Fiocruz, Rio de Janeiro, 2005.
- _____. *De monstros a Anormais: A construção da Endocrinologia Criminal no Brasil*, (1930 - 1950), Tese (Doutorado em História Cultural), UFSC,2012.
- OUDESHOORN, Nelly. *Beyond the natural body: an archeology of sex hormones*.London, Routledge, 1995.
- PAVIANI, Jayme. O ensaio como gênero textual. *Anais do V Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais*. Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, Agosto, 2009. p.5
- PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. O direito de curar: homossexualidade e medicina legal no Brasil dos anos 30. In: HERSCHMANN, Michael M.; PEREIRA, Carlos Alberto Messeder (Org). *A invenção do Brasil moderno: medicina, educação e engenharia nos anos 20-30*. Rio de Janeiro, Rocco, 1994. P.88-129.
- PERES, Maria Fernanda Tourinho e NERY FILHO, Antonio. A doença mental no direito penal brasileiro: inimputabilidade, irresponsabilidade, periculosidade e medida de segurança. *História, Ciências, Saúde. Manguinhos*, Rio de Janeiro, vol. 9(2), maio-ago. 2002.p.335-355.
- PESTRE, Dominique. Por uma nova história social e cultural das ciências: novas definições, novos objetos, novas abordagens. *Cadernos IG/Unicamp*, 6 (1), 1996, p. 9
- PINTO, Pedro; NOGUEIRA, Conceição; OLIVEIRA, João. Minding the body, sexing the brain: Hormonal truth and the post-feminist hermeneutics of adolescence. *Feminist Theory*. Vol.13(3), p.305-323. 2012.
- POLLAK, Michel. A homossexualidade masculina, ou: a felicidade no gueto?, In: ARIÈS, Philippe e BÉJIN, André (orgs.). *Sexualidades ocidentais: contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade*. São Paulo: Brasiliense, 1985, p.54-76.
- PÓVOA, Luiz César. A Endocrinologia. In: PÓVOA, Luiz César; BITTAR, Thalita. (orgs) *História da Endocrinologia no Brasil*. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia , 2008, p.23
- PRETES, Érika Aparecida; VIANNA, Túlio. *História da criminalização da homossexualidade no Brasil: da sodomia ao homossexualismo*. Iniciação científica: destaques 2007 Volume 1/Wolney

- Lobato, Cláudia de Vilhena Schayer Sabino, João Francisco de Abreu (Org.). - Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2008, 572p.
- PROCTOR, Robert N. *Racial Hygiene: medicine under the nazis*. London; Harvard University Press, 1998.
- QUEIROZ, Rafael Mafei Rabelo. *A Teoria Penal de P. J. A. Feuerbach e os juristas brasileiros do século XIX: a construção do direito penal contemporâneo na obra de P.J.A. Feuerbach e sua consolidação entre os penalistas do Brasil*. Tese (Doutorado em Direito), USP, 2011.
- RAMOS, Maria Bernardete. Ao Brasil dos meus sonhos: feminismo e modernismo na utopia de Adalzir Bittencourt. *Estudos Feministas*, 2002.
- ROBERTS, Celia. A matter of embodied fact. Sex hormones and the history of bodies. *Feminist Theory*, London. Vol.3(1), 2002, p.7-26.
- RODRIGUES, Matheus. *Reconstruindo as muralhas de Sodoma: homossexualidade no mundo luso-brasileiro no século XVII*. Dissertação Mestrado em História Moderna). Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, 2015.
- ROHDEN, Fabíola. *Uma ciência da diferença: sexo e gênero na medicina da mulher*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2009.
- _____. O império dos hormônios e a construção da diferença entre os sexos. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 15, supl., 2008, p. 133-152.
- SALIH, Sara. *Judith Butler e a teoria queer*. Belo Horizonte, Editora Autêntica, 2012.
- SANTOS, Ana Lucia. Para lá do binarismo? O intersexo como desafio epistemológico e político. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 102, 2013.
- SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul. /dez. 1995. SECORD, James A. Knowledge in transit. *Isis*, 95 (04), 2004, p.654-672.
- SIEBEN, Anna. Heteronormative pheromones? A feminist approach to human chemical communication. *Feminist Theory*, vol 12(3), p.263-280. 2011.
- SILVA, Alessa Patrícia Dias da. *O imaginário da Lapa: Apogeu, decadência e reconstrução*. Dissertação de Mestrado em Literatura, Cultura e Contemporaneidade. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2014.
- SILVA, Renata Prudêncio da. *As ciências de Afrânio Peixoto: higiene, psiquiatria e medicina legal (1892-1935)*. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) – PPGHCS - Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro, 2014.
- SILVA, Renato da. O Laboratório de Biologia Infantil, 1935-1941: da medicina legal à assistência social. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro*, v.18, n.4, out-dez. 2011, p.1111-1130.
- SMANIOTTO, Edgar Indalecio. Eugenia e Literatura no Brasil: apropriação da ciência e do pensamento social dos eugenistas pelos escritores brasileiros de ficção científica -(1922-1949). Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Universidade Estadual Paulista, 2012.
- SOUZA, Vanderlei Sebastião de. *A Política Biológica Como Projeto: a “Eugenia Negativa” e a construção da nacionalidade na Trajetória de Renato Kehl (1917-1932)*. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro, 2006.
- STEPAN, Nancy Lens. *A hora da eugenia: raça, gênero e nação na América Latina*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.
- _____. Eugenia no Brasil: 1917-1940. In: HOCHMAN, Gilberto; ARMUS, Diego (Orgs). *Cuidar, Controlar, Curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz (Coleção História e Saúde), 2004. p. 331-391.
- STERN, Alexandra. Gender and Sexuality: a global tour and compass. In: *The Oxford Handbook of The History of Eugenics*, Oxford University Press, Oxford, 2010, p.175

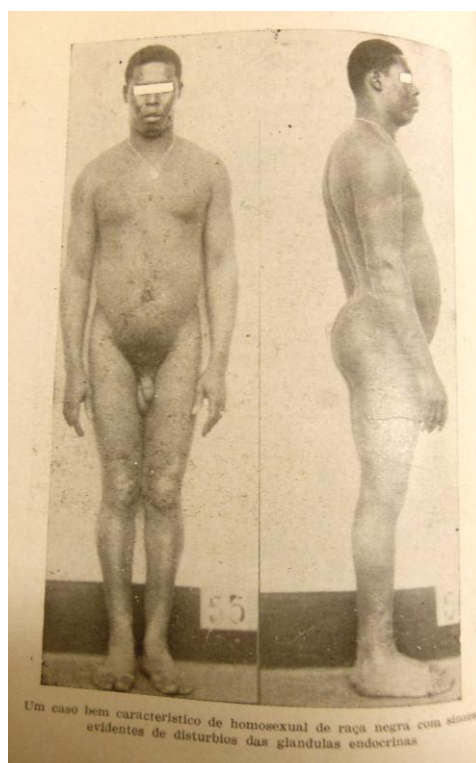
- THOMAZ, Luciana Costa Lima. Martiny: Neo-hipocratism, Eugenia e Biotipologia. Anais do 13º Simpósio Nacional de História das Ciências e da Tecnologia. São Paulo, 2012. Disponível em: <http://www.13snhct.sbhc.org.br/resources/anais/10/1345071853_ARQUIVO_ARTIGOSBHCfinal.pdf> Acesso em: 8/jul.2016.
- TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. 7. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- VALLEJO, Gustavo, and Marisa Miranda. "'Civilizar la libido': estrategias ambientales de la eugenesia en la Argentina." *Iberoamericana* (2001-)(2011), p.57- 75.
- VÁZQUEZ, Maria Laura Osta. Feminismo, Eugenia e Maternalismo nos discursos de duas feministas sufragistas Uruguaia e Brasileira. *Fronteiras*, Dourados, MS, v.14, n.25, p.55-68.
- VERRESCHI, Ieda. T. N. José Ribeiro do Valle e a endocrinologia paulista. *Arquivos Brasileiros de Endocrinologia e Metabologia*, São Paulo, 2001, vol.45, n.2, pp.202-205. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S000427302001000200013 > Acesso em Junho/2016.
- VIMIEIRO- GOMES, Ana Carolina.; SILVA, André Luiz dos Santos; VAZ, Alexandre Fernandez. O Gabinete Biométrico da Escola de Educação Física do Exército: medir e classificar para produzir corpos ideais, 1930-1940. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro , v. 20, n. 4, p. 1551-1569, Dezembro, 2013.
- _____. A emergência da biotipologia no Brasil: medir e classificar a morfologia, a fisiologia e o temperamento do brasileiro na década de 1930. *Boletim Museu Paraense Emílio Goeldi Ciências humanas*, Belém , v. 7, n. 3, p. 705-719, Dezembro, 2012, p.706.
- WEGNER, Robert; SOUZA, Vanderlei Sebastião de. Eugenia ‘negativa’, psiquiatria e catolicismo: embates em torno da esterilização eugênica no Brasil. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro. v.20, n.1, jan.-mar. 2013, p.263-288.
- WEINDLING, Paul. *Nazi Medicine and the Nuremberg Trials: from medical war crimes to informed consent*. New York: Palgrave MacMillan, 2004.
- ZIEGLER, Mary. Eugenic Feminism: Mental hygiene, the women's movement, and the campaign for eugenic legal reform, 1900-1935. *Harvard Journal of Law & Gender*, 2008.

ANEXO 1



Outros homossexuais com ausência de pelos no torax e que usam normalmente os pelos do pubis completamente raspados.

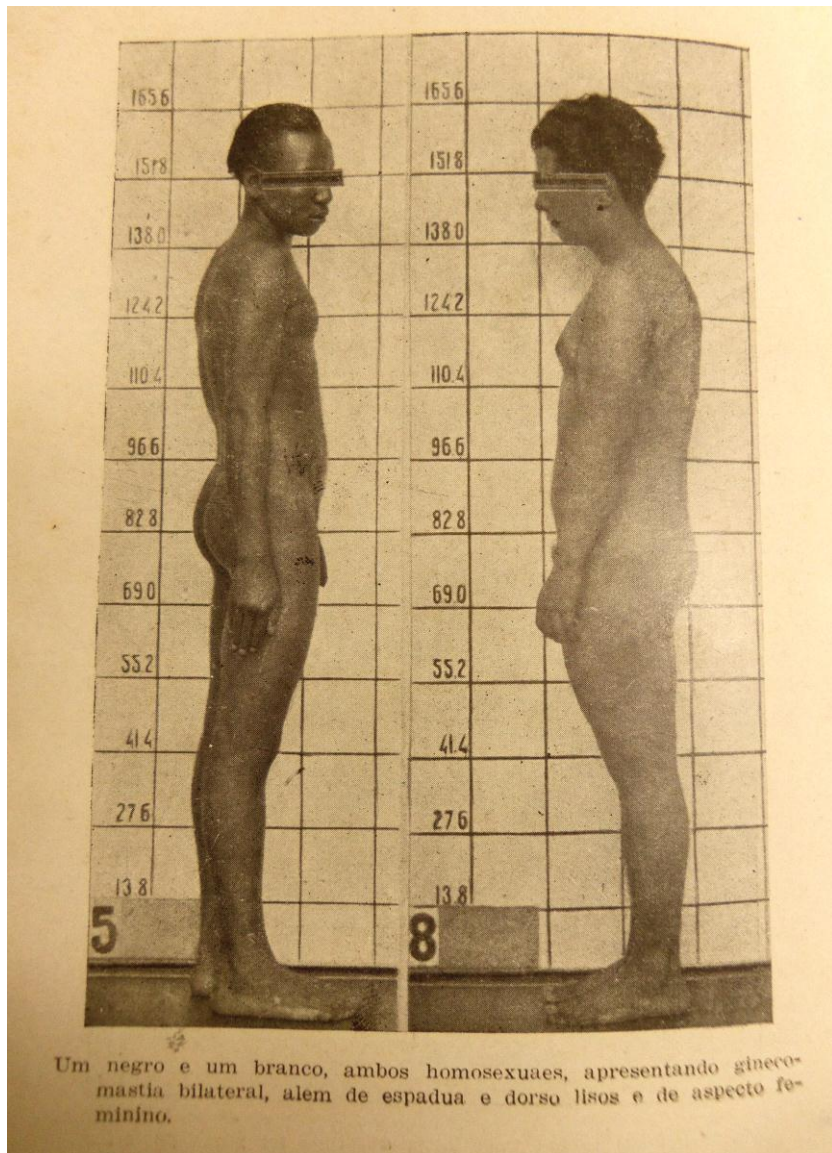
Fonte: RIBEIRO, Leonídio. Homossexualismo e Endocrinologia, Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1938.



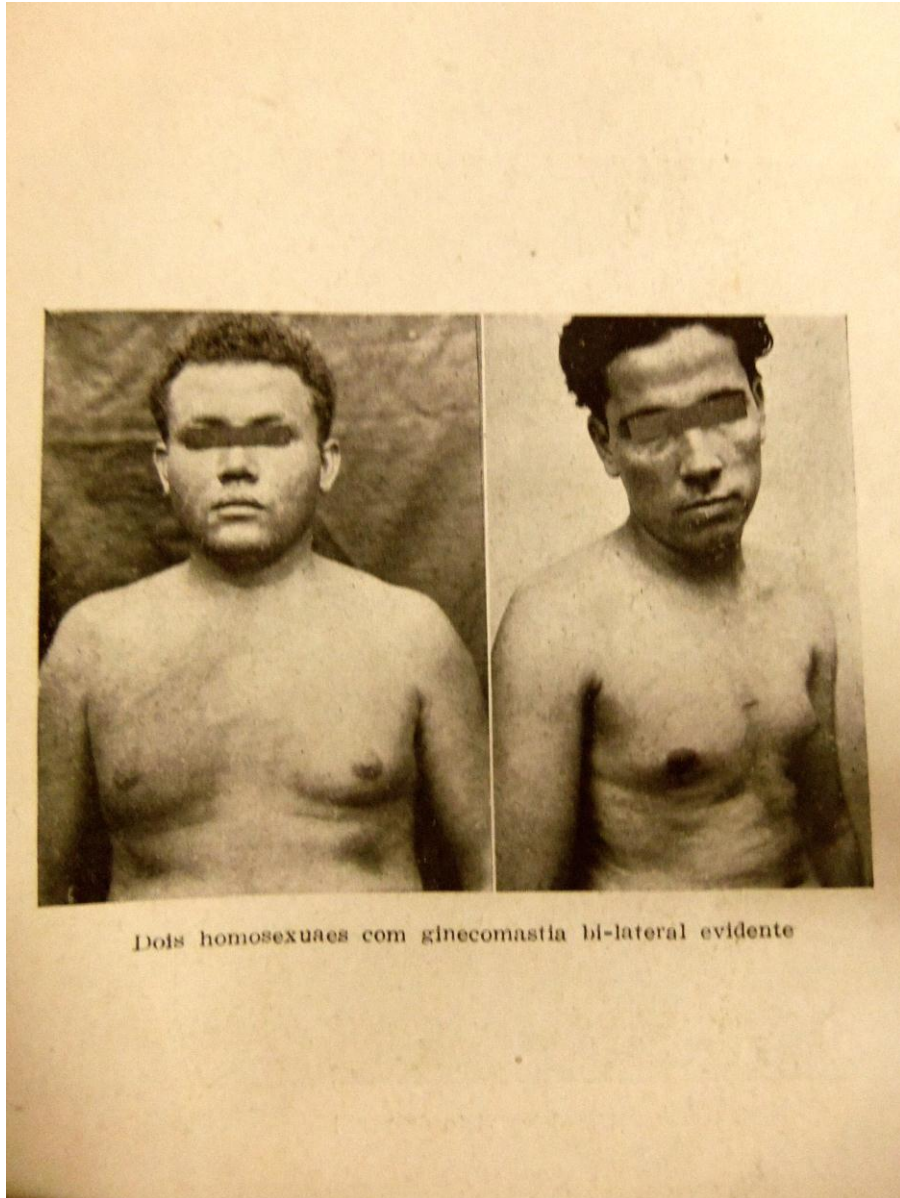
Um caso bem característico de homossexual de raça negra com sinais evidentes de distúrbios das glândulas endócrinas



Fonte: RIBEIRO, Leonídio. Homossexualismo e Endocrinologia, Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1938.



Fonte: RIBEIRO, Leonídio. *Homossexualismo e Endocrinologia*, Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1938.



Dois homossexuais com ginecomastia bi-lateral evidente

Fonte: RIBEIRO, Leonídio. Homossexualismo e Endocrinologia, Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1938.

A VIDA PREHISTORICA E A VIDA MODERNA

A História nos revela que o homem primitivo praticava, por instinto, certos atos do mais benéfico efeito para a sua saúde, atos que a ciência hoje adota como arma poderosa para combater muitos males físicos e psíquicos. O homem da caverna, após abater o seu terrível inimigo — o rei das selvas — abria-o e, enquanto ainda quente, bebia-lhe o sangue e comia-lhe o coração, visando herdar do leão a sua formidável valentia. Ora, é claro que aquela prática dava ao nosso ancestral bom resultado, tanto que ele a transmitia á sua extensa descendencia. Pois não é isso a base da moderna **opoterapia**? Com efeito, a Endocrinologia trouxe para o homem civilizado, sob uma fórmula acessível e higienica, o precioso, quiçá poderosissimo recurso de transplantar para o seu organismo a energia que porventura lhe falta, extraíndo-a de seletos animaes jovens e sadios.

Foi dentro desta escola moderna que notaveis pesquisadores conseguiram produzir o seu já famoso específico denominado Perolas Titus. Os hormonios em estado vital, que se encontram nessas perolas, valem para o organismo humano, de ambos os sexos, como o mais seguro regenerador. Todos os estados de depressão nervosa, as tristezas injustificadas, que por vezes atormentam o cerebro do individuo enfraquecido, as indisposições para a atividade, a astenia ou frieza sexual, corrigem-se, como por encanto, fazendo um tratamento metódico com as Perolas Titus. Nas principaes drogarias da praça se distribue agradável literatura elucidativa a respeito e nelas se póde adquirir este produto, bem como no Departamento de Produtos Científicos, á rua Alcindo Guanabara 17-9º andar — Rio de Janeiro, onde se prestam, mediante correspondencia ou verbalmente, todas as informações pedidas. Perolas Titus é específico da força e do valor do homem moderno.



gentes que não costumam ser de-
tentos foi uma delas. Muitas outras
foram compaginadas em volumes,
hoje compulsados sempre com pro-
veito: "Notas de um reporter" e
"Rascunhos e Perfis".

Nesse mesmo capítulo, às páginas
77 e 81, encontramos, certamente
como engano tipográfico, o nome do
eminente militar e autorizado biogra-
fo de Osório, coronel J. B. de Ma-
galhães, como autor dos "Suspiros
Poéticos" quando toda gente sabe
que esses maviosos suspiros saíram
do peito romântico do visconde de

Virilidade! Fôrça! Vigor!

Com o tratamento pelo reputado produto
Okasa. A base de Hormônios (extratos glan-
dulares) e Vitaminas selecionadas, Okasa é
uma medicação de escolha pela sua efica-
cia terapêutica comprovada, em todos os
casos ligados diretamente a perturbações
das glândulas genitais. Okasa combate
vigorosamente: debilidade sexual, fraqueza
masculina, velhice prematura, frígida, perda
de memória e energia, neurastenia no ho-
mem; frigidéz, perturbações ovarianas, idade
crítica, obesidade ou magreza excessivas,
flacidez da pele e rugosidade da cutis, na
mulher. Okasa, importado diretamente de
Londres, proporellosa Juventude, Saúde,
Fôrça, Vigor e Atração. Nas boas Drog. e
Farm. — Informações e pedidos ao: Distr.
Produtos Arna, Av. Rio Branco, 109, Rio. —
Peça fórmulas: drágoas "prata" para homens
e "ouro" para mulheres, só em embalagem
original de Londres.

referencia...

Tratando da antropofagia dos nos-
sos selvicolas, limitou-se o autor a
invocar o testemunho de Varnhagen
(estranhamente grafado Warnagen) e
ao depoimento de Hans Staden, a
quem o proprio autor dá o "descon-
to da sua fantasia e proposito de
ganhar celebridade a custa dos bron-
cos habitantes dêste trecho da Ame-
rica" (p. 203). Cita, ainda, outros au-
tores estrangeiros sem grande autori-
dade no delicado assunto.

Sabe-se que Varnhagen sempre te-
ve para com os ameríndios acentua-
da má vontade. O seu testemunho,
em relação a eles, será sempre sus-
peito. Tudo que o visconde de Porto
Seguro disse deles já foi corrigido
pelos nossos indianólogos ou pelos
cuidadosos comentadores da sua "His-
tória Geral do Brasil".

Qualquer compendio elementar de
História Patria já nos diz que os
nossos selvicolas não eram todos ca-
nibais e truculentos como se pensa-
va... Muitos comiam o cerebro hu-
mano por aí ser a séde da intelligen-
cia, o braço e as pernas para adqui-
rirem fôrça e destreza... Era, assim,
uma especie de opoterapia da medi-
cina moderna... Além disso, esses
mesmos compendios já distinguem
antropofagia de androfagia totemica
dos nossos tupis... Aquela era o
hábito de comer carne humana, tan-
to do homem quanto da mulher, ao
passo que a androfagia poupava a
carne feminina...

das ruas, atrevidas diatribes contra a
igreja, e, principalmente, contra o
celibato clerical...

Contra a igreja catolica muita coi-

LOÇÃO
QUINO-OLEOSA
PETROLADA
FIXADORA

MAC BIR

EVITA A CASPA
A QUÊDA E O
EMBRANQUECIMENTO
DOS
CABELOS
DEVOLVENDO-LHES
A COR NATURAL

Peça uma aplicação
ao seu barbeiro

TUDO na natureza é pura vibração que varia de confor-
evolução do ser que a expressa. Os próprios minerais vibram, revelando
fenômenos de afinidade, repulsão, fadiga, etc. Ora, havendo vibração ha
consumo de energia, ha carencia e apelos á fonte da vida a quem cabe
o reajustamento. A Opoterapia é baseada nesta imprescindível circulação da
energia vital e a confiança que os seus medicamentos podem merecer, de-
pende da técnica ou do método empregado na sua preparação. Não basta
fazer-se apenas a seleção dos animais cujos hormônios e estratos glandu-
lares devam ser utilizados, importa que os hormônios conservem toda a
sua prodigiosa vitalidade, pelo que é de mistér que a operação extrativa
se realize imediatamente após o sacrificio do animal, isto é, enquanto existir
no seu corpo o calor da vida ou, como em alguns casos, antes mesmo da
sua morte, quando é possível extrair-se-lhe o necessario órgão sob o estado
de anestesia. Este é o processo adotado nos laboratorios das Perolas Titus,
produto cuja eficiencia já se tornou de fama mundial. Assim, para os casos
de neurastenia por esgotamento, distúrbios endócrinos, astenia ou fraqueza
sexual, o emprego das Perolas Titus dá os mais satisfatórios resultados. Elas
valem por uma nova sementeira de vitalidade em todo o organismo. O rea-
justamento da vida é, pois, um dever de todas as pessoas que padecem de
astenia sexual.

Distribue-se literatura elucidativa a respeito e vende-se este produto nas
principais drogarias, bem como no Departamento de Produtos Científicos, á
rua Alcindo Guanabara, 17-9.º andar, Rio de Janeiro, onde se prestam escla-
recimentos mediante correspondencia e verbalmente.

Removendo infalivelmente as causas da astenia sexual e das demais
consequencias da velhice precoce, tanto no homem como na mulher, pois
são preparadas com separação de sexos, as famosas Perolas Titus se reco-
mendam e provam, na pratica, o seu valor.

FON-FON 8-4-1939

Un numero speciale Cost. 60
PER GLI ABBONAMENTI individuali negli uffici
Amministrativi in Torino, presso Valfredo, R. 2
Mila e Genova, Anno L. 15, Numero 5, 10
Estr. Anno L. 45 - Numero L. 20 10

ILLUSTRAZIONE DEL POPOLO

Venti pagine - Costo 40
PER GLI ABBONAMENTI individuali
al Numero 5, Estr. 10, Anno L. 45 e
nel loco a Parigi, 15, Rue de la Harpe,
opere di Amministrazione del Governo - Torino,
anno L. 45, 2



Una scena tragicomica in un ospedale di Fraga: l'energica ribellione d'uno scimmione che non vuol saperne di cedere
le proprie glandole all'uomo. (L'uscire in notizia a pagina 17) (Disegno di Aldo Baccarelli)

A pagina 15 il romanzo poliziesco "La perla del mandarino", di R. Austin Freeman

A ironia frente aos experimentos do Dr. Serge Voronoff

E isso não fica sem influência ao resto da família. O marido prefere porisso muitas vezes de procurar a roda de amigos no café ou no club, em vez de passar a noite no lar.

Nã o b a f e n o M e n i n o ! ! !

Pois ele pôde estar doente. Não é bem doenças, mas é um estado similar. —

E' a depauperação de minerais no sangue!

E' a assim chamada DESMINERALISAÇÃO!

Quatro comprimidos de RENASCiM por dia, dois de manhã ao café e dois pela tarde, durante o almoço, terão um efeito magico!!

O menino cria côr, fica vivo, brinca e não chora mais. —

A mãe não é mais nervosa — tudo em casa é alegre e ri — e o marido não precisa mais sair de noite, pois agora o lar é «doce» mesmo. —

RENASCiM é um tonico remineralisante a base do CALCIO, FOSFATOS, FLUOR, MAGNESIO, FERRO e MAGANEZ, todos associados á O p o t e r a p i a T i m i c a.

Em tubos de 20 comprimidos Rs. 3\$500

Em vidros de 120 » 12\$000

Renascim tem o gosto de pastilhas de chocolate, os meninos gostam dele como se fosse bala!



Mães, filhos e glândulas de secreção interna
DR. LADEIRA MARQUES

Conselhos e regimes

Toda correspondência para esta seção deve ser dirigida ao Dr. LADEIRA MARQUES — "Página das Mães" — Largo da Carioca, 3 — "Edifício Carioca" — sala 815. Devem indicar a idade e o peso da criança e as respostas serão dadas de acordo com o interesse geral e a necessária urgência.

Está muito bem o peso de 8 kg aos 7 meses de idade.

É necessário, sempre que se referir ao regime da criança, que nos informe como estão sendo preparadas as refeições.

Pode continuar com o emprego do Ninho nos mingaus.

Para que a meninina passe a aceitar a sopinha de legumes, é necessário que persista e continue a oferecer-lhe diariamente. Poderá, para facilitar a tolerância, juntar à sopinha algumas colheres das de sopa do mingau de Ninho, pelo qual vem tendo grande preferência, a fim de favorecer a aceitação. Reduzir a 3 o número de refeições assim distribuídas.

As 7 — 10 1/2 — 14 — 17 1/2 e 21 horas.

As 7 — 14 — 17 1/2 e 21 horas dar o mingau de Ninho.

As 10 1/2 — sopa de legumes com sobremesa de frutas cruas. A sopa deverá ser dada com colher.

Todas as vezes que recusar a sopinha deve ficar sem outro alimento. Até o horário da refeição imediata, sendo-lhe novamente oferecida a sopinha. Por dias a fio deverá ser esta a conduta até que passe a receber, com agrado, a refeição de lá.

Está dentro da média o peso de 9 070 g aos 19 meses de idade.

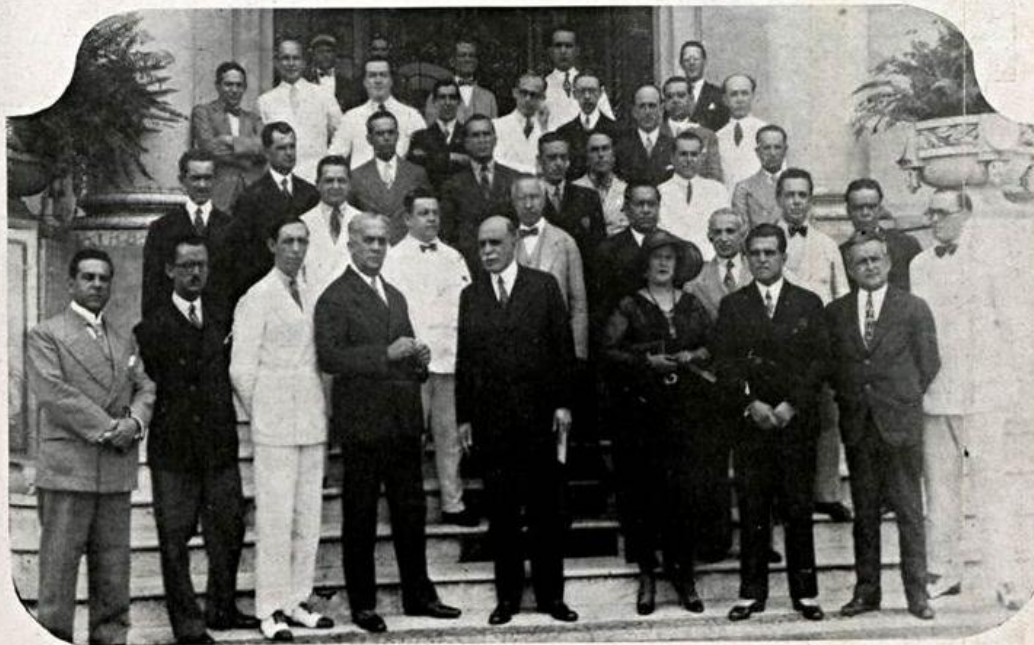
O regime do seu menino está bem conduzido. Não tem importância o fato de recusar alimentação depois das 18 horas, desde que venha recebendo bem os alimentos nas outras refeições. Decorrem, certamente, o sono agitado e a excitabilidade do Vilão Hugo do excesso de estímulos e casinhos que lhe estão sendo dispensados.

Para acalmá-lo deverá dar-lhe, à noite, banho morno demorado. Está bem orientada a medicação que vem recebendo.

Está bem o peso de 5,150 g aos 32 dias de idade. Tivemos satisfação em saber que a leitura no O CRUZEIRO, do artigo sobre crianças, lhe tem sido útil.

digo de posturas aos nossos ba-
nhistas. Começam as exigências

dias. E' o que a experiencia ca-
rioca ensina.



Ao seu antigo collega dr. Baptista Luzardo, que é o actual chefe de policia do Districto Federal, os medicos que pertenceram á turma de 1916, da Faculdade do Rio de Janeiro, offereceram um almoço, domingo passado, no Beira-Mar Casino. Essa homenagem de cordialidade realizou-se sob a presidencia do professor Miguel Couto, e com a presenca tambem da sra. Baptista Luzardo e dos drs. Fernando de Magalhães e Osorio de Almeida. Fez o discurso de agradecimento ao dr. Luzardo o dr. **Leonidio Ribeiro** Filho, que foi o orador official daquela turma.

FON-FON – 17-01-1931.

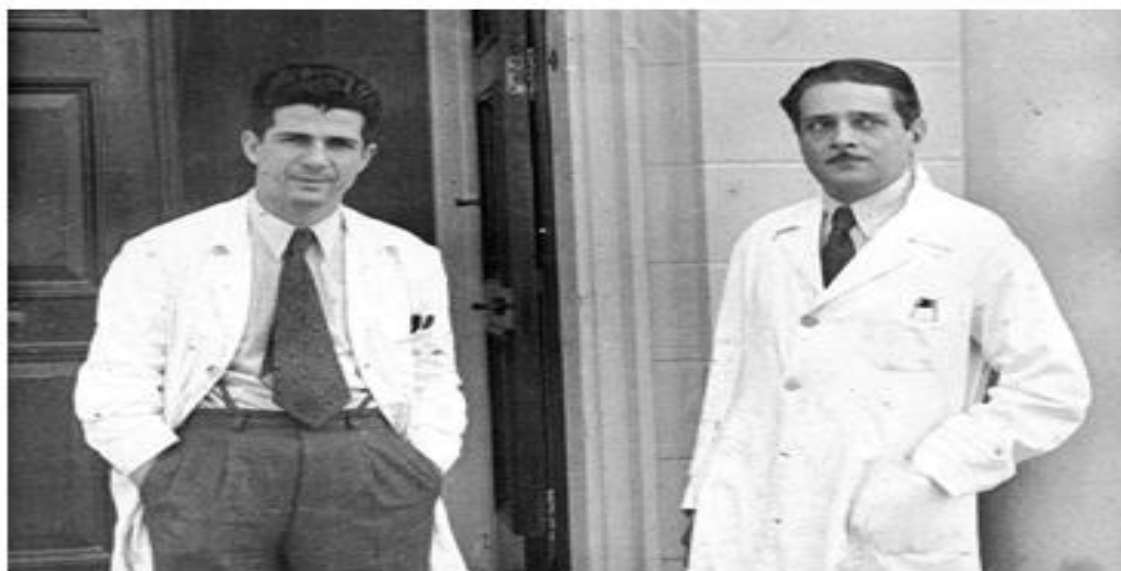
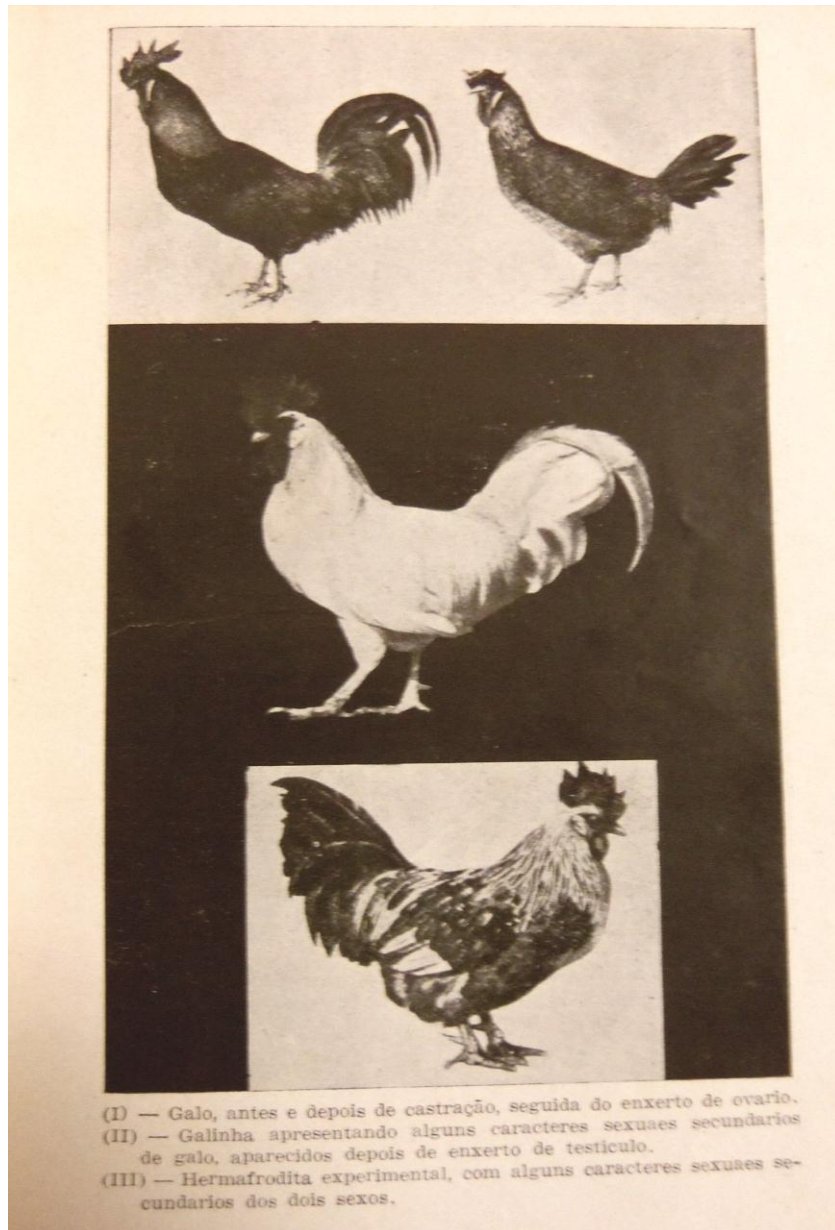


Figura 3. José Ribeiro do Valle e Thales César de Pádua Martins, em 1941, no Instituto Butantan.

Fonte: VERRESCHI, Ieda. T. N. José Ribeiro do Valle e a endocrinologia paulista. *Arquivos Brasileiros de Endocrinologia e Metabologia*, São Paulo, 2001, vol.45, n.2, pp.202-205. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S000427302001000200013 > Acesso em Junho/2016.



Fonte: RIBEIRO, Leonídio. Homossexualismo e Endocrinologia, Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1938.